

MARIA VIRGÍNIA FILOMENA CREMASCO GRASSI

**A SEXUALIDADE E O SER:
Uma Compreensão do Vivenciar Masculino**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1996



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

G769s Grassi, Maria Virgínia Filomena Cremasco
A sexualidade e o ser: uma compreensão do vivenciar masculino/
Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi. -- Campinas, SP : [s.n.],
1996.

Orientador: Carlos Alberto Vidal França.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Sexualidade Masculina. 2. Identidade. 3. Masculinidade
(Psicologia). 4. Sexo (Psicologia). 5. Fenomenologia. 6.
Psicanálise. I. França, Carlos Alberto Vidal. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

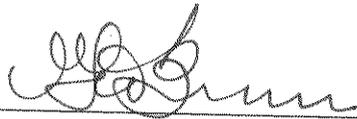
Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Maria Virgínia
Filomena Cremasco Grassi e aprovada pela
Comissão Julgadora.

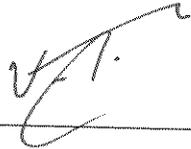
Data: 6 de dezembro de 1996

Assinatura: 

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do Título de MESTRE em
EDUCAÇÃO na Área de Concentração
Psicologia Educacional à Comissão Julgadora da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof.
Dr. Carlos Alberto Vidal França.

Comissão Julgadora:

A cursive handwritten signature, possibly reading "A. G. Silva", written above a horizontal line.

A cursive handwritten signature, possibly reading "V. T.", written above a horizontal line.

A cursive handwritten signature, possibly reading "D. M. Silva", written above a horizontal line.

À minha mãe, companheira, amiga sempre presente, que me mostrou a poesia e a beleza de viver e de ser mulher.

Ao meu pai, que me ensinou que a felicidade se conquista como a flor do deserto. Apesar da aridez.

Ao Walter, pelo amor, companheirismo e dedicação que me ensinam e me motivam, a cada dia, querer ser uma pessoa melhor. Obrigada por todos os momentos, os quais tive o privilégio de tê-lo ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Aos homens que se dispuseram a dar depoimentos para esse estudo, pela compreensão, tempo e atenção dispensados. Sinto-me profundamente grata pela oportunidade de compartilhar um pouco de suas experiências.

À Profa. Maria Alves de Toledo Bruns pelas possibilidades de trocas tão ricas de sentidos e significações, pela amizade sincera, meu eterno agradecimento e admiração.

Ao Prof. Carlos Alberto Vidal França pela orientação desse trabalho e acima de tudo, pela amizade e carinho que sempre me reservou.

Ao Prof. Zeljko Loparic do IFCH pelos momentos de dedicação e atenção e acima de tudo pela amizade que me despertou para a importância de acreditar em mim mesma.

Ao Prof. Sigrist da FE pelas conversas e sabedoria que me ajudaram a amadurecer como pesquisadora.

À minha família pela compreensão e apoio principalmente nos momentos finais da redação quando tão ausente estive fisicamente. Aos meus sogros, *Salame* e *Cidinha* meu reconhecimento eterno por tudo que, direta e indiretamente, tanto me auxiliam.

Aos colegas da Sociedade Campineira de Estudos em Sexualidade Humana pelas alegrias, debates, lutas e motivações em continuarmos acreditando na importância da “Sexualidade e o Ser”.

Aos funcionários da Faculdade de Educação, especialmente da Secretaria de Pós-Graduação, pela atenção, paciência e amizade compartilhadas.

Aos colegas e professores da UNICAMP pela rica oportunidade de partilharmos idéias e vidas durante este período.

Ao CNPq pelo apoio financeiro da Bolsa de Mestrado, indispensável para a realização desse estudo

A todos que, de alguma forma, estiveram presentes neste meu caminhar pessoal e profissional durante esses anos.

*Dizem que finjo ou minto
Tudo o que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.*

*Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é lida.*

*Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta que lê!*

Isto - Fernando Pessoa

SUMÁRIO:

RESUMO:	01
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO:	03
CAPÍTULO II: PRÉ-REFLEXIVO;	13
CAPÍTULO III: METODOLOGIA:	28
-A Postura Fenomenológica:	28
-A Trajetória Fenomenológica:	31
-Os Sujeitos e o Instrumento de Pesquisa:	31
-Os Discursos e a Análise:	33
CAPÍTULO IV: AS DIFICULDADES:	38
CAPÍTULO V: AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS:	45
1- Ser homem Hoje:	47
2- A Sexualidade da Mulher Hoje:	55
3- Sexualidade na Família e Primeiras Informações Sexuais	62
4- Primeiras Experiências Sexuais:	68
5- Relacionamentos Significativos:	76
6- Homossexualidade:	86
7- Fantasias Sexuais e Excitação:	94
8- Dificuldades Sexuais e Afetivas:	100
9- Casamento e Filhos:	112
10- Fidelidade:	117
11- Realização Afetiva:	124
12- Auto-Percepção:	128
CAPÍTULO VI: DISCUSSÃO	134
ANEXO I - ENTREVISTA SUJEITO	150
BIBLIOGRAFIA	168

RESUMO

Sobre a sexualidade masculina e seus aspectos psicológicos, pouco se tem estudado diante da pluralidade de valores e papéis vivenciados em nossa sociedade nesses últimos anos. A necessidade de aprofundarmos o tema torna-se cada vez mais urgente diante das diversas possibilidades, dificuldades e conflitos, explícitos ou não, sobre o ser homem e seu relacionamento sexual e afetivo.

O objetivo dessa pesquisa é compreender os aspectos da sexualidade masculina descritos como mais significativos nas vivências de alguns sujeitos. A metodologia tem a perspectiva fenomenológica e é apresentada segundo os momentos: realização de 3 entrevistas abertas sobre o que os sujeitos vivenciaram como mais significativo em suas experiências afetivo-sexuais; leitura e identificação de convergências nas entrevistas; estruturação de entrevistas temáticas sobre temas convergentes; realização de 4 entrevistas temáticas; análise e interpretação das unidades de significado; discussão. A análise e a discussão seguem a abordagem psicanalítica.

As unidades significativas apresentadas são: Ser Homem Hoje; A Sexualidade da Mulher Hoje; A Sexualidade na Família e Primeiras Informações Sexuais; Primeiras Experiências Sexuais; Relacionamentos Significativos; Homossexualidade; Fantasias e Excitação; Dificuldades Sexuais e Afetivas; Casamento e Filhos; Fidelidade; Realização Afetiva e Auto-Percepção.

A maior dificuldade dessa pesquisa foi a realização das entrevistas. Os sujeitos não compareciam e não avisavam. Essas decorrências foram analisadas no contexto de todo o trabalho, demonstrando as dificuldades masculinas de expor suas vivências sobre a sexualidade. A questão transferencial foi um aspecto importante a ser considerado. A imagem feminina da entrevistadora, como avaliadora, parece ter despertado resistências intransponíveis para determinados sujeitos.

A análise das unidades significativas apontaram: uma pluralidade e indeterminação do papel masculino e do que é ser homem hoje; a organização subjetiva da identidade masculina é construída com o referencial de heterossexualidade e de atividade, onde o paradoxo proximidade-afastamento

das mulheres está comumente presente; o homoerotismo é tema silenciado e/ou conflitivo na constituição do “ser homem”; os aspectos mais significativos legitimam a castração simbólica; as fantasias e excitação apontam para o caráter visual constituinte do imaginário masculino e para a transgressão do proibido; o amor e aceitação femininos, referenciados na sexualidade e na intimidade, apresentaram-se como primordiais para a realização afetiva e segurança emocional; relacionar-se com as mulheres, os limites e as exigências cotidianas reeditam inseguranças e temores primitivos não-verbais (castração materna), e apontam para os aspectos simbióticos e fusionais ameaçadores (feminino *identificante*).

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Este trabalho se inicia após indagações que há muito permeiam o meu caminhar acadêmico. Em 1992, como bolsista de Aperfeiçoamento pelo CNPq, realizei uma pesquisa sobre a sexualidade feminina, na qual jovens universitárias deram depoimentos sobre suas vivências e experiências afetivas e sexuais (BRUNS e GRASSI, 1993a).

Nos depoimentos, as garotas se referiram à compreensão e à cumplicidade como aspectos significativos nos seus relacionamentos afetivos e sexuais. Embora a troca de parceiros sexuais apareça comumente, “o aspecto carinhoso mostra-se como crucial para o momento de entrega sexual. A ternura e a doçura inserem-se no erotismo.”¹. Na diversidade de parceiros, parecem buscar algo comum, essencial, que se revela pelo desejo de continuidade afetiva.

Essa estrutura comum, revelada nesses depoimentos, levou-me a indagar sobre os significados dos envolvimento sexuais para os homens. Como se revelaria a sexualidade masculina? O que era mais significativo nos envolvimento afetivos e sexuais dos homens?

Através desses questionamentos, realizei uma pesquisa sobre a sexualidade masculina no meu segundo ano como bolsista de Aperfeiçoamento pelo CNPq. (BRUNS e GRASSI, 1994 ; GRASSI e BRUNS, 1995)

Deparei-me com algumas dificuldades, como a falta de estudos qualitativos sobre a sexualidade masculina. Ao participar de Congressos e Encontros Científicos, raros eram os trabalhos sobre como os homens se sentiam sexualmente, suas dúvidas e seus anseios. Comecei a perceber a urgência de se estudar mais profundamente o ser homem e sua sexualidade. Assim, ao terminar essa pesquisa sobre a sexualidade masculina, percebi que aqueles questionamentos

¹ Id. Ibid., p. 95.

estavam apenas começando; necessitavam de aprofundamentos, de mais oportunidades de expressão, de mais trabalhos que se propusessem a esclarecê-los.

Foi assim que se iniciou o trajeto dessa pesquisa de Mestrado, buscando atender ao apelo de algo que tem sido muito silenciado em nossos meios acadêmicos. Nesse momento de minha exposição, passo a me referir a um caminhar em conjunto que se iniciou com muitas discussões, reflexões e questionamentos com muitos professores e colegas dessa Universidade. As idéias e reflexões aqui apresentadas passam a pertencer não só ao *meu* trilhar como aluna de pós-graduação, mas a um *nós* que representa as contribuições de meus orientadores e colegas. A narrativa assim, passa a ser em terceira pessoa.

Com esse trabalho de dissertação, partimos, então, em direção ao fenômeno sexualidade masculina buscando descobrir os seus significados. Inseridos num contexto de descoberta, que busca a compreensão do fenômeno pesquisado, e não mera verificação, percebemos que o modo mais rico de acessar a experiência dos sujeitos é através de seus depoimentos sobre as suas vivências afetivas e sexuais. Oferecemos um espaço para que os próprios homens nos dissessem o que foi mais significativo para eles nas suas experiências sexuais.

Inicialmente, realizamos um estudo com três sujeitos que se dispuseram a nos dar depoimentos. Após a análise das categorias abertas convergentes, estruturamos uma entrevista sobre os pontos considerados significativos do fenômeno sexualidade masculina. Essa entrevista estruturada (temática), foi utilizada como suporte para as posteriores entrevistas que foram realizadas no decorrer de nosso estudo.

Esse procedimento se mostrou mais adequado durante a análise das primeiras descrições dos sujeitos, visto essas terem se apresentado muito longas e dispersivas quando norteadas apenas por uma questão orientadora.

Além disso, durante a realização de duas das três entrevistas iniciais, percebemos que quando não há um nível de introspecção maior por parte do sujeito, ele tem dificuldade de relatar suas experiências mais significativas de forma clara. Não podemos, também, deixar de atentar para o fato culturalmente e popularmente tão conhecido de que os homens parecem ter dificuldades para expressar claramente o que sentem, principalmente sentimentos mais profundos.

Optamos por realizar entrevistas, e não questionários escritos, por acreditarmos que, frente a frente com a entrevistadora, questões obscuras e/ou confusas para os próprios sujeitos poderiam ser esclarecidas num ambiente facilitador de diálogo, dentro da própria relação sujeito-entrevistadora. Com isso, obtivemos uma riqueza muito grande nas descrições, embora outras dificuldades surgissem. Apresentamos no capítulo V o que acreditamos essencial para a compreensão do fenômeno indagado e que pode clarificar essas dificuldades, procurando uma compreensão dos aspectos psicológicos nelas envolvidos.

Como metodologia apresentamos o modo como fizemos a leitura e a análise das descrições dos sujeitos dentro de uma perspectiva fenomenológica. Demos primazia ao tema de nossa pesquisa que se volta para uma compreensão da sexualidade masculina.

A trajetória metodológica (Capítulos III e IV) foi longa e criteriosa. Procuramos conhecer as bases históricas e filosóficas da Fenomenologia para que nos embasássemos o melhor possível da metodologia utilizada. Esse caminhar longo e árduo não é totalmente explicitado durante a dissertação por se apresentar como um trajeto necessário, mas comum entre os pesquisadores que trabalham com a Fenomenologia. Existem muitos trabalhos sobre a trajetória fenomenológica, cito para os que se interessam em aprofundar o tema, os livros de França (1989), Valle e Halling (1989) e Giorgi (1971, 1978 e 1985). Todos apresentam o caminhar da Psicologia dentro da abordagem Fenomenológica, seus fundamentos e perspectivas.

As bases históricas da sexualidade aparecem como fundamentação do Pré-Reflexivo (Capítulo II) e sustentam a necessidade, antes colocada, de pesquisas nessa área de conhecimento.

Durante nosso caminhar em direção ao fenômeno sexualidade masculina, freqüentemente nos indagamos sobre sua importância para a Psicologia Educacional. Estudar a sexualidade dos homens tem algum valor científico para a Psicologia? E para a Educação?

Colocamo-nos numa perspectiva que visualiza a sexualidade como transcendente ao ato sexual e que a coloca como fonte de prazer e desprazer, que se relaciona e se confunde com a história pessoal de cada ser humano (BRUNS, GRASSI e FRANÇA, 1995).

Sexualidade, assim, é a forma pela qual nos relacionamos: com o nosso corpo, que é o espaço de nossa existência, pois a abriga; com o outro, que é aquele que me dá a referência de como estou e sou na relação; com a cultura e a sociedade, pois inseridos em um grupo, dele apreendemos valores e formas de ser. É pela sexualidade que se revela aquilo que somos. É o que nos possibilita ir além de nós mesmos, ao descobrir o outro. É no encontro com o outro que existe a possibilidade de descoberta e de ampliação do que somos. Buber (1974: 88-89) nos diz do encontro:

Quando, seguindo nosso caminho, encontramos um homem que, seguindo o seu caminho, vem ao nosso encontro, temos conhecimento somente de nossa parte do caminho, e não da sua, pois esta nós vivenciamos somente no encontro.

Do evento perfeito da relação conhecemos, por tê-la vivido, a nossa saída, a nossa parte do caminho. A outra nos acontece, nós não a conhecemos. Ela acontece para nós no encontro.(...)

O Tu se apresenta a mim. Eu, porém entro em relação imediata com ele. Assim, a relação é, ao mesmo tempo, escolher e ser escolhido, passividade e atividade.(...)

Nessa filosofia do encontro, o eu só existe como a relação entre Eu e Tu. Portanto, no encontro que se realiza o conhecer, a relação, onde escolhemos e somos escolhidos, ativos e passivos, onde mudamos de papel para participarmos do encontro.

Partimos para a relação com aquilo que somos, que tem sua residência na nossa sexualidade e que se expressa pelos nossos atos, em nossas vivências. Para Kundera (1984) entre as pessoas

deve haver muito mais semelhanças do que diferenças; é na sexualidade que o milionésimo de diferença aparece como uma coisa preciosa, visto que não se oferece em público e que é preciso conquistar.

Conhecer a sexualidade, portanto, é conhecer algo que abriga aquilo que somos: o nosso ser, único, que se relaciona com o outro, por intermédio de nosso corpo. É conhecer a nossa história, nossa cultura e educação. Educação essa que só se realiza em relação, em contato com o outro.

Estudar a sexualidade masculina pode, então, revelar-nos mais do que algo que pertence aos homens, sua sexualidade. Traz em si um significado como possibilidade de abertura para conhecermos o outro e nós mesmos em relação. Ilumina em nós um espaço relacional possível de diálogo e compreensão.

Somos únicos não por sermos desconhecidos, quando somos apenas *mais um*, mas porque alguém nos conhece e nos diferencia da multidão desconhecida. Só ao conhecermos o outro, ele poderá se revelar único, em cada aparição inédita, em presença, em relação. Disso tiramos uma importância crucial para nossas vidas: a unicidade se dá no encontro.

É de fundamental importância para as Ciências, ditas Humanas, voltar-se para esses significados. Como nos diz Hite (1991:13): “A sexualidade masculina é fundamental para a definição de masculinidade, e a masculinidade é fundamental para a visão de mundo de toda uma cultura - em certo sentido, *é a cultura.*” Assim essa autora nos diz que ao estudar sexualidade masculina examina-se muito mais que o fenômeno em si, mas um modo de vida, o mundo, a cultura em microcosmo. Ela acrescenta ainda mais:

Discutir sexo é discutir nossas idéias mais básicas sobre quem somos, o que esperamos da vida e em que tipo de sociedade acreditamos. A reavaliação do significado da sexualidade e dos relacionamentos tem conseqüências imensas sobre a forma como estruturamos nossa sociedade, como vivemos com os outros e com nós mesmos.²

²Ibid., p. 14

Conhecer a sexualidade dos homens com os seus anseios, temores, sonhos, fantasias, desejos, dificuldades, etc., possivelmente nos auxilie a lidar melhor com esses sentidos, pessoais e culturais, abrindo trilhas a novas propostas de intervenções sejam terapêuticas, educacionais, sociais.

Como educadores, compreender mais sobre a sexualidade masculina, tão silenciada, é entrar em contato mais profundo com *nossa* própria sexualidade que se revela pelo outro, aquele mesmo que buscamos compreender. É buscar vivenciar nossas relações de modo mais satisfatório, mais compreensivo. É possibilitar, assim, um diálogo mais verdadeiro com nós mesmos e com os educandos.

Nas escolas, recebemos diversas informações, muitas das quais, nem sabemos qual o valor para nossas vidas. Contudo, somos carentes de uma formação para nos relacionarmos melhor. Somos carentes não só de uma educação sexual, mas também de uma *educação para o outro*. No entanto, crescemos em relação e desejamos, por toda a vida, construir relacionamentos satisfatórios.

Com a adolescência e o turbilhão de emoções e desejos emergentes, as dificuldades dos jovens de se relacionarem, principalmente com o sexo oposto, são temas constantes no próprio processo de escolhas emocionais e sexuais que estão sujeitos. Os conceitos são formulados e reformulados com a mesma intensidade emocional. É uma época rica de descobertas, difíceis de serem elaboradas frente a tantas incertezas.

Como expressam os próprios adolescentes³, eles têm dificuldades de se expressar, de traduzir em palavras as profundas modificações que sentem e as suas ambivalências. Sentem-se

³O Grupo de Estudos Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH) da Faculdade de Educação - UNICAMP, promoveu o III Seminário "Sexualidade Humana e Educação: O Imaginário Sexual Moderno" no dia 19 de outubro de 1996. Realizou-se uma mesa redonda: "Diálogo com adolescentes" na qual o mediador Ricardo de Castro e Silva promoveu um espaço para que diversos adolescentes, representantes dos grupos de adolescentes que trabalham como voluntários em orientação sexual em várias regiões, expusessem suas idéias.

pouco compreendidos muitas vezes por não possuírem um espaço, uma abertura para que suas idéias sejam expostas sem as cobranças de certezas e congruências, tão freqüentes nas famílias e escolas. Se é difícil falar de si mesmos, imagine sobre sua sexualidade, tema tão delicado ainda na maior parte das famílias que preferem silenciá-lo ao ter que enfrentá-lo.

Para os garotos isso parece ser mais complicado ainda, já que dificilmente possuem grupos de amizades onde conversam e discutem angústias e desejos como é mais comum nos grupos de garotas⁴. Desde cedo a criança aprende que as conversas “masculinas” são restritas a desempenhos e que normalmente os homens se reúnem para jogos violentos, competições, manifestações viris de identidade. Ribeiro (1991:36) assim se refere:

Se pararmos para pensar, veremos que o homem goza mais com os amigos do que com a própria mulher. Isso porque quando encontra-se com o(s) amigo(s) no bar, fala de sexo muito mais como prestígio pessoal do que como puro prazer. O bom não é o contato, é o contar...

Poder-se-ia dizer que o bom é mostrar ou provar, de alguma forma, que se cumpriu, que se desempenhou a missão de “ser homem” e então pode-se por isso ter a admiração e reconhecimento tão necessários a todos, desde crianças quando perseguíamos formas de chamar a atenção de nossos pais e sermos reconhecidos e amados. Farrell (1991)⁵ coloca um desenho em seu livro no qual um menino diz para o pai que está lendo jornal: “*Você tem que me ouvir com os olhos, pai. Não só com os ouvidos*”. A fala do menino esclarece bem o desejo, que a Psicanálise tanto se refere, de sermos desejados também, de sermos admirados e aprovados como pessoas - o olhar atento é o que melhor expressa esta atenção zelosa, é o olhar que “abençoa”.

⁴Mesmo as revistas dirigidas às adolescentes, como *Carícia*, *Capricho*, entre outras, dedicam seu maior número de páginas às dúvidas e desejos das garotas com relação à atividade sexual, virgindade, paquera, o “ficar”, como se relacionar melhor com os garotos, como conseguir o que desejam num relacionamento, como lidar com as diferenças, etc. A literatura correspondente para os garotos refere-se à nudez feminina, carros, motos e música.

⁵FARRELL, Warren. *Por Que os Homens São Como São*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. O desenho referido tem o título de “o circo familiar” de Bil Keane e foi publicado no Los Angeles Times em 28 de abril de 1985.

É por meio do que fazem e são aprovados, reconhecidos e amados, que os meninos aprendem algo culturalmente difundido de como serem “machos”. A sexualidade que possibilita o encontro com o outro e a descoberta de si mesmo, é um caminho que terão que percorrer sozinhos, se quiserem.

A sociedade fala muito pouco da sexualidade masculina, como se fosse algo resolvido (ou defensivo?) que não é dito por não se ter o que dizer. Existe um tabu social quanto a se falar do desejo masculino. É como se, ao falar, fôssemos libertar a grande fera (adormecida a duras custas). É perigoso. É tocar em algo explícito, intempestivo, visível, como a ereção. Como falar em sexualidade dos homens sem despertar o desejo deles que é concreto, palpável, que clama por satisfação?

Talvez, por isso, permanecemos por tantos anos falando das dificuldades sexuais das mulheres, de seus desejos que parecem sempre se voltar para as relações, para o amor, para a família. O mundo feminino, profundo como o próprio útero que é o simbolismo máximo da feminilidade procriadora, não desperta receios de agressividade, impulsos incontroláveis, violência, perversões, estupros, etc. Tudo aquilo que é socialmente constituído como imaginário da sexualidade masculina descontrolada.

Falando do prazer feminino, vivemos, atualmente, uma era do império do orgasmo. As mulheres passaram não só a querer o orgasmo mas a proclamar o *direito* a ele. Do homem, pouco se falou. A reportagem da Folha de São Paulo no caderno Teen (para adolescentes) de 27 de maio de 1996 diz na capa: “Não existe garota fria, existe garota mal-esquentada”. O papel do homem aparece claramente, como aquele que deve se preocupar com o prazer da mulher e também promovê-lo. Existe uma dupla mensagem: uma que luta contra o machismo e coloca a mulher lado a lado com o homem (tido como egoísta em outros tempos quando a ejaculação rápida não era

abominável - a mulher que demorava muito⁶) e outra que coloca a responsabilidade do prazer da mulher nas mãos do homem. Essa segunda, uma espécie de machismo às avessas, onde o homem tem o dever e o poder de “esquentar” a mulher que nunca é “fria” por causa dela, mas *dele*.

Claro que ambos, homem e mulher, participam da relação com igual teor, mas a necessidade, imperiosa atualmente, é clarificarmos esse lado tão pouco falado como é o masculino, já que buscarmos igualdade não é simplesmente sermos iguais. A aproximação dos sexos e dos gêneros é algo a ser alcançada sem desconsiderarmos ou eliminarmos as diferenças, mas conhecendo-as e assimilando-as, já que é na diferença, e não na semelhança, que nos deparamos e descobrimos nossos limites internos, que brigamos e discutimos com o outro e que podemos descobrir possibilidades de ser.

É aí que estudar a sexualidade masculina pode mostrar caminhos a serem testados, possibilidades de mais encontros significativos e relacionamentos mais satisfatórios. Podemos, assim, ter o compromisso de facilitar uma educação mais verdadeira e adequada para a vida social, a nós mesmos e aos nossos educandos.

⁶Do ponto de vista fisiológico, o homem que ejacula rápido, mais rapidamente está apto a uma nova ereção e ejaculação, consequentemente, poderia fecundar mais mulheres. Isto estaria biologicamente adaptado ao instinto de preservação da espécie. Os higienistas consideravam assim o homem viril. Esta idéia foi apresentada pelo Dr. Elsimar Coutinho no XVI Congresso Brasileiro de Reprodução Humana realizado em Guarujá - SP de 16 a 19 de novembro de 1994. A necessidade do prazer feminino, portanto, é uma construção cultural posterior e somente retomada muito recentemente.

*“Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter.
Que nada...
Minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É a que me faz viver.
Quem dera, pudesse todo homem compreender
Oh, mãe, quem dera,
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser...
Quem sabe, o Super Homem
Venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher.”*

Super Homem (A Canção) - Gilberto Gil

CAPÍTULO II - O PRÉ - REFLEXIVO

O pré-reflexivo indica o momento inicial da pesquisa que caminhará para a reflexão durante a trajetória de desvelamento do fenômeno. Isto significa que como pesquisadores, dentro de uma perspectiva fenomenológica, ao nos abstermos de preconceitos, juízos, respostas prévias sobre o fenômeno investigado, não negamos a nossa experiência e conhecimentos na área de estudos nem nos pretendemos tornar neutros como investigadores. Não excluiremos o nosso pensar, pois, ao interrogarmos o fenômeno já estaremos nos dirigindo a uma compreensão pré-reflexiva dele.

O pré-reflexivo é o que nos leva a indagar o fenômeno, que nos inquieta a querer conhecê-lo, que volta o nosso olhar atento a ele.

Quando explicamos algo confirmamos o discurso pré-estabelecido que possuíamos sobre o fato. O movimento explicativo é de fora para dentro em direção ao pesquisado. A explicação tem a pretensão de fechar o sentido, dando-nos a ilusão de completude onde o simbólico se esgota.

O movimento compreensivo é inverso, isto é, descreve como as coisas se dão no mundo, buscando apreender os significados e os sentidos que nunca se esgotam em si, mesmo porque as coisas sensíveis não se expõem de uma só vez, é preciso dar voltas, olhar os seus lados antes encobertos. Buscar uma compreensão interna, que podemos chamar da “coisa-mesma” que se revela no momento, é nunca esgotar as possibilidades simbólicas de compreensão.

Dispomos de poucas obras que debatam o ser homem e a sua intimidade sob um prisma de descoberta e compreensão e não explicativo. No entanto, essa ausência literária não reflete a demanda real. Não responde as queixas referentes à atuação masculina diante da mulher independente ou não, que proclama e deseja um homem mais sensível, presente, carinhoso e participativo no relacionamento (BRUNS e GRASSI, 1993b). A realidade, concretizada nas relações homem-mulher, delata as dificuldades e desencontros entre os gêneros. Radice (1982: 9)

parece ilustrar isso nas primeiras páginas de seu livro:

Sejamos sinceros, nestes últimos anos, as mulheres vêm nos submetendo a tormentos refinados e cruéis. Abusam de todas as violências, enquanto nos doutrinam com os movimentos de emancipação. Recusaram-se terminantemente a nos iluminar o caminho, nos deixando sem rumo, embora estivéssemos dispostos a nos submeter às suas determinações e aceitar seus conselhos.

Parece se tratar de uma frase de crítica ao movimento feminista dos anos sessenta. Contudo, não podemos deixar de olhar para o dito acima e pararmos para refletir um pouco no que o autor, enquanto homem, quis nos dizer com essas palavras. Revela-se, nesse instante, pelo dito (e não-dito e/ou implícito), homens sem rumo, que clamam por ajuda ao se verem inseridos num contexto no qual as mulheres, tornando-se emancipadas, “recusaram-se” a iluminar os seus caminhos.

É como se o homem se sentisse nesses “últimos anos”, abandonado, rejeitado daquele mundo de afeto e compreensão que a mãe e as mulheres de sua vida, de uma forma ou de outra, vinham reeditando⁷. Com a emancipação e restrições a esse “zelo”, o autor se coloca sem rumo, sentindo-se violentado.

Ruben, antropólogo da UNICAMP, em um artigo para o Jornal Correio Popular de 28 de agosto de 1993, refere-se a essa mudança de papel feminino e a uma crise na identidade masculina:

A primeira crise de identidade que o homem está vivendo hoje, tem sua origem na presença de mulheres em lugares tradicionalmente masculinos. No campo de trabalho, na família, na vida social e política...Há uma perda de poder, desse poder tradicional.

O homem, perdendo o poder tradicionalmente lhe conferido, vivencia uma crise de identidade. Não há o *ser homem*, mas o *ser de poder* que é denominado *masculino* e, portanto, ao

⁷No casamento tradicional, a mulher assume o papel que pertencia originalmente à mãe do marido - ou seja, satisfazer suas necessidades físicas, cuidar da casa, cozinhar, criar os filhos. Ela torna-se uma ‘mãe’.” (HITE, op. cit., p. 278)

lhe faltar o instrumento de denominação social, o poder, perde também o sentido de sua própria identidade, baseada em referenciais externos (de ações) e não internos.⁸

Podemos pensar que se esse conflito de identidade e poder está instaurado internamente para alguns homens, não é o que percebemos abertamente na maioria deles e em suas projeções externas de bom desempenho profissional, sucesso entre os amigos, dominação e violências sobre as mulheres e família. Enfim, o homem parece que, socialmente, têm realizado da mesma forma, ou de forma semelhante, os seus tão arraigados papéis dominantes.

Atentamos a algumas mudanças, ainda confusas, apregoadas pela mídia sob a denominação de um “novo homem”. Não sabemos ainda ao certo como esse “novo homem”, mais “participativo” de atividades domésticas que lava roupas e troca fraldas, tem lidado internamente e afetivamente com essas “mudanças”. Fogel (1989:12) faz uma longa reflexão sobre essas mudanças:

Alguns foram influenciados pelo feminismo e outras correntes culturais de anos recentes e cultivaram aspectos mais sensíveis, ternos e reflexivos de si próprios; alteraram suas opiniões sobre o trabalho, competição, agressão, sentimentos, papéis sexuais, paternidade e maternidade, e os relacionamentos deles com ambos os sexos. E muitos ficaram sendo homens melhores por causa disso. Mas o poeta Robert Bly (1982)⁹ vê faltar algo nesses machos modelos melhorados. Muitos desses homens, diz ele, perderam contato com um aspecto essencial de sua natureza mais profunda, com um “selvagem” mítico, ou seja, uma quintessência peluda e arquetípica de algo que definitivamente não é o que a maioria de nossas avós imaginaria ser um bom rapaz. Argumenta Bly que esta feroz, terrível e atemorizante essência primeva da masculinidade tem de ser enfrentada, trabalhada e integrada para que um homem se realize totalmente.

O que podemos atentar por hora, é que algo essencial nesses “machos modelos melhorados” foi perdido. Podemos questionar: Essa perda se deu pela integração de características mais sensíveis nesse homem atual? Essa “essência primeva” existia nos machos *não melhorados*? O que até então conhecíamos como *machismo* possuía esse aspecto perdido?

⁸Podemos lembrar aqui o quão crucial é a preocupação masculina com o pênis, não só sua potência e desempenho, mas quanto ao seu aspecto externo e tamanho.

⁹BLY, Robert. What men really want, *New Age Magazine*, (entrevista), maio, 1982 Apud FOGEL. *Ibid.*, p.12

Temos de ser cuidadosos na leitura desse “novo homem” para não incorreremos no risco de um “novo machismo”, apregoando mesmo a sua necessidade para recuperarmos a “identidade masculina perdida”. Se existe um conflito entre os papéis e identidade masculinos, devemos procurar compreendê-lo em sua plenitude.

Farrell¹⁰ questiona essas mudanças em alguns homens. Acredita que a maior parte deles se modificou porque as mulheres os queriam diferentes, isto é, de forma defensiva. Ele diz que com o passar do tempo as mulheres se afastavam desses homens e o relacionamento se tornava assexual. Eles eram tachados de tímidos, inseguros, fracos. Agindo como mulheres por atitudes de defesa, não eram mais atraentes. A distinção que faz o autor é entre os homens que são sensíveis por defesa e os que são sensíveis em decorrência de sua própria segurança. Só os seguros são atraentes e despertam o desejo das mulheres.

Estamos, então, diante de novos problemas quanto à reformulação do ser homem. Não basta que se modifiquem, mas que sejam seguros de suas mudanças e que acreditem em si mesmos. E como se dá isso? Parece que o conflito da identidade masculina é mais complexo do que modificações de papéis de gênero.

Se podemos falar de um conflito, como o dito acima, podemos pensar que é na sexualidade, “a energia erótica criadora e impulsionadora da própria vida” (GRASSI, 1996:13) que abriga o que existe de mais profundo e primitivo do Ser, e em suas expressões de sentimentos e emoções, que esse conflito poderá emergir mais realisticamente. Onde desempenhos exteriores não escondem angústias e medos internos que afloram emocionalmente.

A sexualidade é a chave do existir, é o que nos remete a algo muito profundo do ser humano, que fala de sua essência, sua história, seu corpo, suas buscas e realizações. E é no íntimo que a

¹⁰Op. cit.

angústia, os conflitos, os medos, se instauram onde não podemos esconder de nós mesmos nem mentirmos.

Para Merleau-Ponty (1971:168), a sexualidade, “é o que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem dá a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem se projeta sua maneira de ser com relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens.”

O homem, portanto, não se constrói e não vivencia a sua sexualidade senão inserido em sua história pessoal, que é a sua situacionalidade como ser. Nos dizeres de Beaini (1981:34-35):

A história é a presença do homem no mundo, a condição de possibilidade do ser histórico que ele é (...). A historicidade caracteriza-se pelo homem encontrar-se em situação no mundo, de assumir suas possibilidades; fazendo história o homem faz-se a si mesmo.

A sexualidade humana é a fala, a expressão da relação de homens e mulheres com seus corpos e que se relacionam entre si. Essa relação sempre esteve, dentro da história, submetida a regras. A história do homem e de sua sexualidade, é a história da repressão. Chauí (1984) traz à luz como os valores morais, reafirmando a repressão através da história, permeiam nossos relacionamentos e nosso modo de expressão no mundo.

Enquanto o autor de sua existência socializada, o homem encontrou na repressão um modo eficaz, do ponto de vista econômico, para conter os impulsos agressivos e sexuais que o aproximavam de sua natureza animal. Para a Psicanálise, a sociedade, como a conhecemos, surgiu com a regulação dos instintos pela repressão. Constituiu-se, então, o ser social.

Para o homem, ser o senhor de seus instintos lhe constituiu uma meta desde há muito tempo. A convivência social e sua dinâmica, exigiram do homem a instauração de algumas regras e normas que asseguravam a contenção do sexo e da agressividade.

Desde a Antigüidade Clássica (séc V a.C.), os gregos preocupavam-se com o indivíduo à mercê de seus instintos, pois isto o levaria ao fim, para a morte. A vivacidade natural dos prazeres que suscitam mais desejos como num círculo vicioso, leva a atividade sexual a transbordar sua necessidade natural e a colocar esses apetites e sua satisfação em primeiro lugar o que, para os pensadores da época, poderia lhes dar poder absoluto sobre a alma. Tratava-se de uma força sempre pronta a exceder o objetivo que lhe foi fixado ou a sua própria satisfação. A questão que se impõe aos gregos é saber de que maneira dominar essa força. Foucault (1984: 36) nos coloca:

Existiram pensadores, moralistas, filósofos e médicos para estimar que o que as leis da cidade prescreviam ou interditavam, o que o costume geral tolerava ou refutava, não podia ser suficiente para regular devidamente a conduta sexual de um homem cuidadoso de si; eles reconheciam, na maneira de ter essa espécie de prazer, um problema moral.

A problematização do prazer sexual foi necessária para o pensamento da época.

Porque ele é o mais violento dentre todos os prazeres, porque é mais custoso que a maior parte das atividades físicas, porque ele diz respeito ao jogo da vida e da morte, ele constitui um domínio privilegiado para a formação ética do sujeito: de um sujeito que deve se caracterizar por sua capacidade de dominar as forças que nele se desencadeiam, de guardar a livre disposição de sua energia, e de fazer de sua vida uma obra que sobreviverá além de sua existência passageira. O regime físico dos prazeres e a economia que ele impõe faz parte de toda uma arte em si.¹¹

A problematização dos prazeres para a cultura grega estava relacionada a um conjunto de práticas que se poderia chamar “artes da existência”. Entende-se com isso práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens se fixam regras de conduta e procuram modificar-se e fazer de sua vida uma obra portadora de valores estéticos. Esta “técnica de vida”, que se constituiu uma “estética da existência” era ensinada aos jovens (através de um tutor), e constituíam modos de como o homem poderia ser o mestre de sua própria conduta.

¹¹ Id. Ibid., p. 125-126.

A questão moral dos prazeres procurava definir uma forma de moderação. Para isso os gregos desenvolveram artes de viver, de conduzir e usufruir dos prazeres segundo princípios exigentes e austeros.

O objetivo de normas tão rígidas impostas às crianças do sexo masculino era a busca de um corpo saudável. Fala-se de meninos, pois para o homem tais regras deviam ser respeitadas e seguidas. A ele cabia o governo de si e dos outros, que eram as mulheres e escravos. Já existia uma regulamentação ética da sexualidade que visava ao Estado.

As normatizações austeras para as mulheres, virão com o Império Romano (séc IV e V), de modo a garantir o poder e a ordem masculinas, o que significava reproduzir seres perfeitos (força e virilidade para os exércitos), de preferência homens. Para eles é colocado seguir as regras da medicina com relação aos prazeres sexuais e alimentação. Essas regras, segundo Roussele (1984:20): “Ordenam em torno de dois temas: não abusar do coito, e como se preparar para fazer um filho.”

Não há menções à mulher, a não ser ao que se refere à sua fecundidade. Toda a questão, para os homens, reside no papel da mulher em engendrar um filho: eles estão seguros de sua faculdade reprodutora. Além disso, tanto mulheres gregas quanto romanas, não se deixam examinar pelos médicos. Essa tarefa cabia às parteiras, que tinham acesso ao corpo feminino, tão misterioso aos homens da época. Roussele¹² fala sobre isso:

Todavia, a teoria médica - que acolhe as descrições pelas mulheres de suas próprias sensações, assim como a sua certeza de participarem na concepção do filho através de um esperma emitido por elas - orienta os comportamentos dos casais no sentido de uma prática sexual onde cada um encontra o gozo no corpo do outro.¹³

¹²Ibid.,

¹³Ibid., p. 40

Essa mesma autora coloca que com Aristóteles, as fêmeas no cio são observadas e então o desejo feminino quase desaparece em obras posteriores, pois é expresso que as mulheres concebem, como as fêmeas no cio, mesmo sem prazer. Isto levou ao desaparecimento das bases tradicionais do prazer recíproco, antes visto como necessário à reprodução. Somente o prazer masculino poderia garantir a fecundação, o que levou os médicos a desenvolverem uma medicina toda voltada para os homens, que possuíam o sêmen, a semente responsável pela vida.

Contudo, a sexualidade e os prazeres nela contidos, no homem, estão além da dimensão biológica de manifestação instintiva e reprodutiva, traduzindo-se em atividade erótica. Aranha e Martins (1987:360) assim expressam: “Só no homem ela é busca psicológica, independente do fim natural dado pela reprodução, e se traduz em infinita riqueza de formas que o espírito empresta à sexualidade.”

A sexualidade, contida pela repressão (cultural e médica), tem sua representação psicológica através da atividade erótica conflitiva entre o permitido e o proibido. A família e a religião tornam-se então as instituições responsáveis pela perpetuação da moral e dos costumes. A partir da Idade Média, é a Igreja que vai impor uma série de regras e normas cristãs ao casamento. Ela se apropria dos ritos de purificação (inicialmente pagãos) para a regulação da sexualidade. O casamento passa então a ser um compromisso religioso (Sétimo Sacramento) para se ordenar a família.

É principalmente com a burguesia e a necessidade de um local seguro para a guarda dos bens, que o espaço privado passa a se configurar segundo uma ordem familiar. Surgem as divisões do castelo em cômodos, onde o quarto passa a ser o local de acúmulo de riquezas e dos contatos íntimos. Passa a se delinear o que conhecemos como *privacidade*. Os lugares privados

(regulamentados) são os apropriados para os contatos íntimos que remetem à lascívia. A intimidade passa a ser regradada por lugares e horários dentro do seio familiar¹⁴.

Para a organização social, a família é uma miniatura da sociedade e tende a imprimir no indivíduo uma estrutura de personalidade aprovada socialmente, pois isto lhe assegura a aceitação coletiva e o domínio perante os inferiores.

Com a função de controlar a sexualidade dos filhos, a família representada pelos adultos, através da educação, tenta se apresentar como modelo ideal de comportamento sexual. A sexualidade passa, portanto, a ter seu valor inserida dentro do casamento e reduzida a fins procriativos, onde a culpa pelo prazer ou desejo, é amenizada pela procriação dos filhos como a continuação simbólica dos pais, através do nome da família.

Não recebemos portanto, uma educação para a realização e expressão de nossa sexualidade, ou seja, uma educação sexual, mas recebemos sim, uma educação para o matrimônio. Nos dizeres de Bernardi (1985:16): “Trata-se, em essência, de uma propedêutica voltada para a construção de um núcleo fechado, estático, indissolúvel e procriador, freqüentemente condenado à mais completa falência afetiva e sexual.”

Sabemos também que as informações ou a chamada “educação sexual” é mais conservadora para as moças e mais “flexível” para os rapazes, que são mais expostos a informações desse tipo. Embora essas diferenças tenham sido minimizadas através desses anos todos, elas ainda persistem e determinam, muitas vezes, a própria visão diferenciada dos homens e das mulheres no que se refere ao erotismo (BRUNS e GRASSI, 1991).

Essa visão diferenciada gerou, durante muitos e muitos anos, concessões aos homens e proibições às mulheres, que deveriam se manter “respeitáveis”. O casamento para as mulheres não

¹⁴ ARIÈS, Phillipe, DUBY, Georges (Coord) *História da Vida Privada. Da Europa Feudal à Renascença. Vol. 2*, São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

só lhes dava um nome, um lar, como também um dono. Realização pessoal e prazer faziam parte do vocabulário reservado aos homens, como vimos acima, desde a Antigüidade Clássica. Os prazeres masculinos e suas buscas eram assuntos de “conversa de homem”.

Por que os homens veemente excluíam as mulheres de seu “mundo” é algo a ser refletido e analisado. Para Highwater (1992), baseada em mitos, rituais, ideações, formas religiosas primitivas, tudo nos leva a pensar que a origem da sexualidade humana se desenvolveu com base na condição feminina. Várias circunstâncias apearam as mulheres de uma posição de ascendente universal para um estado de submissão e impotência.

Os antigos poderes da Deusa-Mãe estão simbolizados no primeiro mito da criação do mundo, anterior ao mundo olímpico de deuses masculinos e suas deusas subalternas. Nessa estória matrilinear da criação, Gaia, simbolizando a terra e as suas potestades, era a fonte de todas as coisas. Highwater diz: “Gaia era a fonte da vida e da morte, do alimento e do conhecimento, aquela que sustentava todos os seres, a mãe de largos seios de todos os mortais”¹⁵ Necessário se faz refletir o quão ameaçadora se perpetuou para os homens, essa imagem do feminino poderoso.

O temor pelas mulheres impregnou os fundamentos da cultura popular, a tal ponto que a fobia, resultando num sério conflito de identidade entre os sexos, acabou se expressando em uma forma de sociabilização masculina que fez do homem objeto de adoração dos homens. Por decorrência, a idealização dos homens, ao se expandir, redundou de maneira inevitável na camaradagem e no homoerotismo que caracterizava a sociedade helênica.¹⁶

Com isso, podemos nos voltar para a questão de como a ênfase na diferença dos sexos e a degradação do poder das mulheres eram questões inseridas na forma de homoerotismo da Grécia Antiga. As mulheres eram rejeitadas politicamente de forma que sua diversidade não ameaçasse do ponto de vista mitológico e político. Daí, a passividade, identificada como papel feminino, era

¹⁵Ibid., p. 38

¹⁶Id. Ibid., p. 78

abominada entre os gregos, considerada mesmo imoral. A efeminação dos adultos era escarnejada entre os homens que deviam se mostrar sempre viris e temperantes e não frágeis, submissos e imoderados como eram vistas as mulheres.

Entendermos o homoerotismo helênico e suas raízes, pode nos auxiliar a focalizarmos hoje o que se propaga em muitas de nossas sociedades machistas, onde continuam a se perpetuar uma atitude antagônica às mulheres, semelhante ao universo homoerótico grego. Há uma barreira entre homens e mulheres, alimentada com valores morais e religiosos de condutas para ambos os sexos. O que Highwater¹⁷ nos diz:

O que estou querendo dizer aqui é que uma mentalidade masculina, nascida do medo e do desprezo pelas mulheres, se manifesta tanto na masculinidade idealizada, que se associa ao machismo, como no fascínio dos homens pela virilidade - pela nossa masculinidade sob a forma de narcisismo, tanto quanto pela virilidade dos outros homens, sob a forma de homoerotismo.

As atitudes homoeróticas de discriminação e degradação de um e outro sexo presentes no que chamamos de sexismo e alimentadas socialmente, parecem ter suas raízes desde há muito tempo entre nós. Contudo, a homossexualidade hoje, o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, parece ainda ser algo dificilmente incorporado na vida social.

Em nossos tempos, a AIDS se mostra como a materialidade negativa de algo ocultado durante tantos anos: a vivência da sexualidade e dos prazeres. Aparece presentificada uma idéia inicial (e preconceituosa) de “grupos de risco”, estigma internalizado contra a ameaça do *outro* diferente, **desregrado** e que carrega a **morte**. Hoje sabemos que não existem “grupos de risco” e que todos nós estamos vulneráveis à contaminação diante de *atitudes* de riscos. No entanto, o modo pelo qual uma pessoa se contamina é até hoje meio de julgamento moral: se for homossexual (“bicha”), um hemofílico de má sorte (“coitado”), uma esposa (“inocente”) com um marido

¹⁷Ibid., p. 79

promíscuo ou bissexual, uma prostituta, um viciado, etc. Recentemente, vemos divulgado na TV, pelo SUS e uma atriz famosa portadora do vírus, que os doentes de AIDS têm direitos como qualquer outro paciente e que essa discriminação estigmatizante é crime.

Como um grito de terror pelo silêncio preconceituoso e dissimulado da bissexualidade e homossexualidade, temas tão silenciados por todos vêm hoje se mostrar.

O antropólogo americano Richard Parker tem uma entrevista sobre a sexualidade brasileira publicada na revista Marie Claire de abril de 1994. Ele diz que o brasileiro que faz o papel ativo numa relação com sujeito de mesmo sexo, acha que está desempenhando papel de macho, “porque machão mostra sua virilidade conquistando e penetrando outros. O fato de que o outro, eventualmente, seja do sexo masculino, não prejudica sua identidade de homem.”¹⁸ Essas pessoas não se identificam como homo ou bissexuais (grupos visados inicialmente pelas campanhas), não se identificam como pessoas em situação de risco e acabam tendo relações sem se protegerem, sem preservativos. Muitas vezes acabam transmitindo o vírus para as suas mulheres. Ele relata que o comportamento bissexual teve um papel importante na propagação do vírus, principalmente entre as mulheres. Daí a importância de trabalharmos com *comportamentos de risco* e não *grupos de risco*.

É importante, nesse momento, entendermos o que se constituía o homoerotismo da Grécia Antiga dentro do universo de separação sexista. O que chamamos hoje de bi ou homossexualidade são conceituações temáticas atuais, não presentes naquela época. Podemos tomar suas raízes para clarificarmos o que presenciamos hoje (como Highwater¹⁹ arrisca), contudo, simples deslocamentos nos levariam a erros temáticos. Foucault²⁰ refere-se àquela época:

Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto.(...) Podemos falar de uma 'bissexualidade' ao pensarmos na livre

¹⁸PARKER, Richard. A Sexualidade do Brasileiro é Ambígua. *Revista Marie Claire*. Rio de Janeiro: Globo, nº 37, 64-65, ab./ 94

¹⁹Op. cit.

²⁰Op. cit., p. 167-168

escolha que eles se davam entre os sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente, e 'bissexual' do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são 'belos', qualquer que seja o seu sexo.

O modo pelo qual esse homens gregos realizavam seus desejos, não configurava ameaça contra o casamento, unidade sólida desejável ao cidadão grego depois de uma certa idade. A mulher casada tinha certos “privilégios” concedidos oficialmente que não convinha ao homem abalá-los por suas paixões. Foucault²¹ diz: “O marido fiel não é aquele que ligaria o estado de casamento à renúncia a qualquer prazer sexual obtido com uma outra; é aquele que sustenta até o fim os privilégios reconhecidos à mulher pelo casamento.”

Privilégios esses como o status do nome do marido, um lar com criados que a obedeciam, filhos e um dono. Ao homem deveria manter esse ordem pois a esposa era a única que lhe concedia filhos legítimos que governariam mais tarde ao lado de outros (legítimos).

Com a chamada “Revolução Sexual” e com a emancipação feminina, os chamados relacionamentos heterossexuais parecem ter se configurado de outro modo, embora a submissão feminina em troca dos “privilégios”, citada acima, faça sentido em muitos lares. As mudanças são lentas sobre as diferenças sedimentadas por tantos anos. Como Alberoni (1988: 11) nos diz: “Certamente, as diferenças entre homens e mulheres são o sedimento de milênios de história e de opressão e faz apenas alguns decênios que isto está mudando.”

Mas as mudanças são evidentes, em revistas, músicas, novelas. O próprio modo de ser e aparecer das pessoas materializam outras práticas sociais: o crescente número de separações, o “ficar”, o morar juntos.

²¹ Op. cit., p. 147

Vaitsman (1994) nos fala de um outro tipo de família que substitui a conhecida família moderna tradicional. A autora argumenta o desaparecimento da família moderna e a institucionalização de novas formas de relações. Isto estaria dentro de todo um processo de modificações históricas que estamos passando, situada pela autora como a “pós-modernidade”.

As formas e conteúdos de casamento e família que há cerca de duas décadas vêm se difundindo e ganhando legitimidade entre segmentos das classes médias urbanas compartilham muitos dos traços que em diferentes áreas do pensamento, da arte e da cultura conformaram-se como uma tendência pós-moderna. Na literatura, na arquitetura, na arte e no discurso filosófico, nas práticas econômicas e políticas, assim como no casamento e na família, a heterogeneidade, a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se a regra.²²

O que as mulheres encontraram ao saírem de casa para trabalhar e o que passaram a buscar, tem levado muitas famílias a repensarem seus papéis sociais e sexuais. Tem levado, também, muitos homens a se sentirem ameaçados, com medo, rancorosos, apaixonados, felizes, confusos, perdidos, realizados,... diante dessa mulher que discute e elabora sua existência de forma mais livre e aberta.

Parece-nos que eles sentem quando se relacionam entre si e com as mulheres permanece ocultado na simplicidade simplória das conversas de bar. E a angústia, os segredos íntimos, a vontade de chorar e gritar? Como diz Radice: “No mundo como um todo, os homens falam livremente; em sua vida particular, tornam-se estranhamente mudos.”²³

Os conselhos das revistas masculinas, as dicas de bom desempenho sexual dos manuais de auto-ajuda tão divulgados recentemente, os encontros furtivos, as conversas de bar, dão conta de suas indagações mais profundas e seus segredos mais íntimos? O que tem os homens hoje para falarem de si mesmos? Como se sentem em seus relacionamentos afetivos e sexuais?

²²Id. Ibid., p. 18.

²³Op. cit., p. 11.

- É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...

Saint-Exupéry, Antoine de, **O Pequeno Príncipe**. 29 ed., Rio de Janeiro: Agir, 1985.

CAPÍTULO III - A METODOLOGIA

A POSTURA FENOMENOLÓGICA:

Husserl pretendia dar à Fenomenologia o caráter de ciência única, a verdadeira ciência “positiva”, enquanto aquela que, através do rigor do pensar filosófico, revelaria as “essências” dos fenômenos. Fixou o caráter não-explicativo da Fenomenologia, não recorrendo a pressupostos que indicassem conclusões assertivas ao pesquisador. A explicação, instrumento primoroso das ciências naturais, estabelecia as relações causais dos fatos pesquisados. Os por quês, que se seguiam às cadeias explicativas, de nada revelavam o modo do objeto existir.

Do homem, explicações em nada lhe revelam de seu ser no mundo, de seu existir com os outros. Necessário se faz uma metodologia que o compreenda, que lhe possibilite mostrar-se como é, que o descreva tão claramente possível para que se revele, mostre-se, apareça à uma consciência que lhe doará sentido.

A Fenomenologia surge, então, como a ciência dos verdadeiros começos, das raízes. Pretende alcançar uma compreensão dos fenômenos que se mostram, que se doam à consciência, no seu modo de existir no mundo, na sua facticidade. O contexto pelo qual se realiza a pesquisa, nessa perspectiva, é o de descoberta, diferentemente do contexto de verificação das ciências naturais, onde se verifica e prova a validade de hipóteses.

Tratava-se exatamente, de voltar “às próprias coisas”, suprimindo toda opção metafísica e psicologista, nas quais sujeito do conhecimento e sujeito psicológico se identificam.

Segundo Lyotard (1967) para Husserl, cada objeto possui uma objetividade ideal sendo sujeito de um conjunto de predicados, “inalienáveis” (poderíamos dizer invariantes) que lhe dão o sentido de coisa designada como tal. Referindo-se a um triângulo retângulo, Lyotard diz: “Para evitar o equívoco da palavra ‘idéia’, diremos que ele possui uma *essência*, constituída por todos os

predicados cuja supressão imaginária acarretaria a supressão do triângulo em pessoa”²⁴ Essa definição de “essência” consideramos como fundamental para a compreensão do que buscamos ao indagar qualquer fenômeno.

Para Nunes (1986), esse radicalismo logicizante do pensamento de Husserl, pretende a Filosofia como *Filosofia Transcendental do Sentido*, unindo um método de natureza intuitivista à investigação específica das vivências. Isto derivou da interpretação peculiar da intencionalidade - a intencionalidade dos escolásticos - isto é, da existência dos objetos na consciência. Esse conceito foi reformulado por Franz Brentano, que “viu na intencionalidade tanto a relação a um conteúdo quanto a direção para um objeto, o que impõe à vivência o caráter de ato, ressaltada, porém, a objetividade imanente dos fatos ou fenômenos reais”.²⁵ Pela intencionalidade, **o sentido que se dá às coisas é o sentido que o sujeito dá às coisas**, é o que o liga ao próprio sentido que se dá a ele, que se lhe revela (fenômeno) e que é percebido como objetivo.

O **fenômeno situado** é o objeto de estudo para Husserl. É aquilo que se mostra e sobre o qual temos dúvidas; os questionamentos e as inquietações são o que nos levam a indagá-lo e querer conhecê-lo em sua essência. Assim, para a Fenomenologia, não há um *problema* a ser investigado, pois ao “problematizar” algo, já nos referimos a um saber problematizante sobre ele, a um saber que dirige o modo de focalizá-lo na pesquisa. A *verdade* do fenômeno, ou sua essência, nunca se revela por uma conclusão fixa, mas por uma dimensão aberta pela compreensão que irá esclarecer, tornar claro, o obscuro, o que se deseja conhecer.

O caminho pelo qual nos debruçamos sobre o fenômeno indagado, não parte, portanto, de pressupostos ou hipóteses (problemas), mas de uma atitude de suspensão de preconceitos ou concepções “a priori” do fenômeno. É através de uma perspectiva pré-científica, isto é, não

²⁴ Ibid. p. 15.

²⁵ Id. Ibid. p.47.

explicativa, não tematizada teoricamente, a qual dá-se o nome de *redução* ou *epoché*, que nos movemos em direção ao fenômeno. Para Dichtchekenian (1984: 124):

É que a redução propicia o afastamento de uma maneira de conviver com as coisas que pode ser considerada viciada, no sentido em que nos instalamos nessa maneira de conviver e aderimos de tal modo a ela que a determinação é recíproca.

A *redução fenomenológica* é, então, a atitude de indagar o fenômeno, de se voltar atentivamente a ele, *suspendendo* crenças e valores. O termo *suspendere* aqui, a meu ver, tem a estrita acepção que o utilizamos coloquialmente como “interromper por algum tempo; fazer cessar; impedir; adiar; interromper a ação de; privar; despojar; ficar suspenso” (Dicionário Aurélio). *Suspendere*, portanto, não se trata de negar, tornar não existentes ou mesmo neutralizar crenças e valores. Trata-se de reconhecê-los presentes, tematizá-los reflexivamente, e a partir dessa atitude auto-reflexiva, afastá-los conscientemente para voltar-se ao fenômeno que se mostra, que é inédito em sua aparição. É oferecer-se e oferecer ao fenômeno novas possibilidades de significação, novas aberturas e dimensões a serem interpretadas. Para Dartigues (1973: 34), “para alcançar a essência, não se trata de comparar e de concluir, mas de reduzir, isto é, de purificar o fenômeno de tudo o que comporta de inessencial, de ‘fático’ para, fazer aparecer o que lhe é essencial.”

Passa-se, assim, da atitude natural²⁶, da convivência ingênua consigo mesmo e com a realidade para a atitude transcendental. A consciência transcendental ou o eu puro aparece, assim, como espectador ‘imparcial’, apto a apreender tudo o que se lhe apresenta como ‘fenômeno’ da consciência.²⁷

O **método descritivo dos fenômenos** combina reflexão e intuição e alcança a unidade dos dados e dos objetos intencionalizados. Eis a estrutura da consciência de que o próprio conhecimento objetivo das ciências, fundado sobre as significações, é apenas um dos modos e sem dúvida, o mais

²⁶A atitude natural é aquela que consideramos como existente em si, independente da consciência. O eu cotidiano, na atitude natural, é determinado, encobre o sentido de uma consciência originária, transcendental.

²⁷ Id. Ibid. p. 125

iminente para Husserl. Por meio das significações, a linguagem se liga aos conhecimentos, e a experiência à razão.

A TRAJETÓRIA DA PESQUISA:

Como dissemos anteriormente, o “retorno-às-coisas-mesmas”, às essências, é o tema principal da Fenomenologia apresentada por Husserl. Para Giorgi²⁸, o ir-às-coisas-mesmas significa para o psicólogo fenomenólogo, ir ao mundo cotidiano, do dia-a-dia, onde as pessoas estão vivendo. É o contato com as situações atuais dos vários fenômenos experienciados. Em Dartigues:

As essências, às quais se referem pois as ciências eidéticas²⁹, não podem ser concluídas a partir dos fatos, já que elas são, por definição, o objeto de uma intuição. Para alcançar a essência, não se trata de comparar e concluir, mas de reduzir isto é, de purificar o fenômeno de tudo o que comporta de inessencial, de 'fático', para fazer aparecer o que lhe é essencial. O que Husserl chama 'redução eidética' (...).³⁰

Em nossa pesquisa, nossa busca da experiência vivida da sexualidade masculina, levou-nos a interrogar esse fenômeno. Dirigiu-nos para os seus significados que são as expressões e percepções que cada sujeito têm da sua sexualidade e que foram expressas por eles mesmos que a vivenciaram.

OS SUJEITOS E O INSTRUMENTO DE PESQUISA:

Os sujeitos de nossa pesquisa compuseram um grupo de sete homens, sendo 3 estudantes universitários e 4 de nível universitário, na faixa etária de 20 a 37 anos, todos pertencentes à classe

²⁸Op. cit., 1985.

²⁹“Eidético refere-se à essência do fenômeno. A essência (*eidōs*) é um objeto de um novo tipo se comparada ao objeto individual que originou a primeira intuição empírica a partir da qual se tornou possível a intuição essencial.” (MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani.,1989:77)

³⁰Op. cit., p. 34.

média. Todos os sujeitos tiveram conhecimento do teor da pesquisa com antecedência e se dispuseram voluntariamente como candidatos.

Após contato inicial onde os objetivos, a importância e a metodologia de análise foram esclarecidos, a pesquisadora realizou entrevistas, com hora marcada. Quatro delas foram realizadas em um consultório psicológico e três numa sala de professor da Faculdade de Educação. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos.

As características dos sujeitos são:

SUJEITO	IDADE	PROFISSÃO
1	28	Editor Gráfico
2	26	Professor/Psicólogo
3	27	Engenheiro Eletrônico
4	20	Estudante Educação Física
5	37	Químico e Pedagogo
6	22	Estudante Educação Física
7	21	Estudante Educação Física

Foram realizadas 3 entrevistas iniciais, norteadas por uma questão aberta sobre os aspectos significativos dos relacionamentos afetivos e sexuais dos sujeitos. Em seguida, essas entrevistas foram analisadas com o intuito de apreender os aspectos mais representativos do fenômeno sexualidade masculina. Uma nova entrevista foi então estruturada com temas. Essa entrevista temática foi aplicada nos outros 4 sujeitos e, posteriormente, as unidades temáticas dos 7 sujeitos foram analisadas em conjunto.

Os sujeitos tiveram tempo livre para falar dos temas propostos e a pesquisadora, durante a entrevista, introduziu algumas perguntas com o intuito de esclarecer o tema abordado. A perspectiva que orientou tais intervenções seguiu a linha psicanalítica. O esclarecimento da abordagem seguida pela pesquisadora não contradiz o ideal metodológico de Husserl, exposto até aqui. A “redução”,

apresentada anteriormente, caminha para uma *possibilidade* de realização do caminhar fenomenológico e não para sua ambigüidade ou impossibilitação. O ideal pode parecer uma atitude sem pressupostos, algo, contudo, impossível de se alcançar. Para Giorgi:

É, contudo, impossível atingir-se esse ideal completamente, e, conseqüentemente, os fenomenólogos afirmam que todo conhecimento está em perspectiva. Isto é, se não se pode nunca ser sem pressuposições, a segunda melhor coisa é esclarecer aquelas que se tem. A constelação de pressuposições define então a perspectiva em que se está. (...)

(...)O estabelecimento do fato da perspectividade elimina assim qualquer posição que possa ser conhecedora de tudo, e, com efeito, isso elimina a possibilidade de uma posição absoluta - e isso aplica-se também a uma perspectiva fenomenológica.³¹

OS DISCURSOS E A ANÁLISE:

Os discursos dos sujeitos é o que nos possibilita o acesso às suas experiências vividas, é o que nos mostrará o fenômeno a ser desvelado, a sexualidade masculina. As descrições dos sujeitos, seus depoimentos, após obtidos, são então submetidos ao rigor do método fenomenológico, apresentados a seguir por quatro passos essenciais (GIORGI³²).

Os 3 sujeitos iniciais foram submetidos aos 2 primeiros passos do método a ser apresentado. Após delineadas as unidades de significado desses sujeitos, estruturou-se uma entrevista baseada nos temas para os outros 4 sujeitos.

- 1- Leitura de toda a descrição para apreender o sentido geral, o sentido do todo. Esse passo serve de solo para o passo posterior.
- 2- Uma vez apreendido o sentido do todo, o pesquisador volta ao início da descrição e a lê com o objetivo específico de discriminar “unidades de significado” através de uma perspectiva psicológica e com foco no fenômeno pesquisado. As “unidades de significado” são notadas diretamente na descrição sempre que o pesquisador, na releitura do texto, percebe, toma

³¹1978, op. cit., p. 154

³²1985, op. cit., p. 10-22

consciência, de uma mudança de sentido, psicologicamente sensível. As “unidades de significado” não existem nas descrições como tal. Elas existem apenas em relação à atitude e direção do pesquisador que enfoca o fenômeno pesquisado. Elas são construídas pelo pesquisador, que é orientado por um significado que ele interiormente detecta e que melhor esclarece o fenômeno em consideração.

De posse de todas as 7 descrições, as unidades temáticas foram agrupadas. Apresentaremos, no próximo capítulo, um tema e todas as falas dos sujeitos referentes a esse tema. Em seguida aplicou-se os 2 últimos passos propostos na análise fenomenológica.

- 3- Tendo sido delineadas as “unidades de significado”, o pesquisador pode agrupá-las por temas, como categorias abertas e expressar o insight psicológico contido nelas. A técnica utilizada envolve um processo reflexivo e o que denominamos **variação imaginativa**. É o momento de se adotar o esquema referencial do outro que se está querendo compreender, através de uma *imaginação disciplinada*. Para Martins (1984:138):

Transpor-se para o mundo do outro quer dizer sair de si mesmo e adotar imaginativamente o esquema de mente de outra pessoa. Os índices para esta adoção derivam-se de uma percepção direta que se possa ter do outro, assim como do conhecimento que disponho de sua vida. Isto não é tarefa fácil e simples. Entretanto, esta capacidade de variar-se na própria imaginação é uma das capacidades notáveis do self humano(...).

A reflexão e imaginação, mostram-se como os instrumentos mais adequados para a transformação da linguagem corriqueira, coloquial, das descrições do sujeito em uma linguagem psicológica do pesquisador. Giorgi³³ diz que o maior obstáculo para esse processo é o fato de que não existe ainda uma linguagem psicológica regulamentada que seja consenso de todos. A linguagem em psicologia é ligada à sua perspectiva psicológica (behaviorista, analítica, etc.).

³³1985, op. cit.

Nesse momento de nosso trabalho, que apresentaremos como Compreensão da Unidade de Significado, realizaremos, também, uma análise e interpretação das falas dos sujeitos sob a perspectiva psicanalítica. Assim, ao longo das compreensões, estaremos utilizando o nosso referencial teórico de análise e expondo nossos questionamentos sobre o fenômeno. Consideramos que deste modo, o processo interpretativo se inicia logo na primeira compreensão da unidade de significado oferecendo embasamento para a interpretação final, nosso quarto passo.

- 4- Finalmente, o pesquisador sintetiza e integra os insights contidos em todas as unidades de significado já transformadas no terceiro passo e faz uma consistente descrição da estrutura psicológica do evento, com relação às experiências dos sujeitos.

Analisar as 3 entrevistas iniciais baseados nos dois primeiros passos da trajetória metodológica foi algo complexo e moroso. Reconhecemos que as unidades selecionadas não esgotam os significados abertos do fenômeno sexualidade masculina. Não tínhamos a pretensão de fecharmos os sentidos do fenômeno, mesmo porque consideramos ilusória a posição totalizadora de revelar todos os sentidos. Há uma incompletude constitutiva da linguagem pela abertura de muitos sentidos simbólicos. Esta abertura do simbólico nos coloca numa posição interpretativa mediadora, em perspectiva, no qual a “essência”³⁴, o invariante, é alcançado por determinada abordagem, no caso, a psicanalítica. Nesta abordagem, o dito que não é evidente e nem inequívoco, visto ser simbólico, reclama interpretação, que é realizada nos passos 3 e 4 da trajetória.

Apresentamos no anexo 1 a íntegra da entrevista do sujeito 2. Nosso intuito é colocar o leitor em contato com a rica descrição do sujeito e ao mesmo tempo, explicitar: a impossibilidade de trabalharmos com todos os significados; as dificuldades para discriminarmos temas e unidades significativas em um discurso tão longo e denso; a necessidade de recolhermos descrições mais

³⁴Ver nota de rodapé 29

temáticas para viabilização do trabalho e, acima de tudo, explicitar as imensas possibilidades interpretativas dos conteúdos simbólicos abertos.

*Subia na montanha
Não como anda um corpo
Mas um sentimento.
Eu surpreendia o sol
Antes do sol rair
Saltava as noites
Sem me refazer
E pela porta de trás
Da casa vazia
Eu ingressaria
E te veria confusa por me ver
Chegando assim
Mil dias antes de te conhecer.*

Valsa Brasileira - Chico Buarque

CAPÍTULO IV- AS DIFICULDADES

“Eu não sou de falar. Coisas muito, muito pessoais eu não gosto. Eu não falo.”

Depoimento de um sujeito de 29 anos que após fazer a entrevista, não consentiu que ela fosse publicada na pesquisa.

“Eu fiquei imaginando como seria essa entrevista. Eu falei: ‘pô, uma mulher que trabalha com isso, ela deve viver também uma sexualidade toda, assim... mais liberada, mais completa e tal, eu sou tão careta, sou tão... as coisas que a gente vive são tão reprimidas, né. E dá uma puta insegurança de te ver, de se ver e mostrar o homem que você é, que nem sempre é o homem que as pessoas imaginam que você é, tá. E perante alguém que não vai estar se mostrando também, né, que faz parte. É uma coisa assim de ficar nu mesmo. É uma coisa que te deixa assim, tenso. Mas no decorrer foi muito bem, no fim eu acho que as coisas que eu tenho pra dizer tem alguma coisa pra contribuir, que faz bem. E de eu crescer. Até esse negócio de eu te enfrentar (ri), né? Porque de repente tem uma figura de mulher que você representa pra mim, não é uma figura qualquer, é uma figura importante de mulher, e isso me faz bem como homem.”

Sujeito 2, 26 anos.

Durante a trajetória dessa pesquisa tivemos muitas dificuldades com relação à realização das entrevistas com os sujeitos. Muitas entrevistas eram agendadas com antecedência, confirmadas e, no entanto, os sujeitos não compareciam. Chegamos ao ponto de calcular que apenas 20% dos sujeitos que marcavam entrevistas, efetivamente a realizavam. Embora este número de nada esclareça as dificuldades, pode nos auxiliar no sentido elucidar que realmente eram poucos os sujeitos que compareciam à situação de entrevista.

Tivemos ainda um caso no qual o sujeito, após relatar por uma hora suas opiniões e experiências, ao final não concordou que a entrevista fosse publicada neste trabalho. Deparamo-nos com tal nível de resistência que, a partir daí, começamos a considerar cada ausência como crucial para a nossa compreensão do fenômeno sexualidade masculina.

Essa dificuldade foi, desde o início, detectada com as primeiras ausências. Procuramos contorná-la tentando constituir um grupo de estudantes de Educação Física, pois considerávamos

que, por terem um maior contato com as questões corporais e sexuais através das matérias curriculares, teriam maior facilidade para exporem suas experiências sexuais. Realizamos então uma exposição sobre a pesquisa para um grupo de alunos daquela Faculdade. Esclarecemos todas as dúvidas num ambiente bastante facilitador de diálogo. Nesse mesmo dia foram agendadas 15 entrevistas. Dessas, apenas 3 foram realizadas. Dos ausentes, apenas um desmarcou e todos os outros faltaram sem avisar. Nova tentativa foi feita, através de contato por telefone, com os sujeitos que tinham faltado. Das 10 entrevistas agendadas pela segunda vez, apenas uma se realizou, contudo, esse depoimento não pôde ser publicado por interdição do próprio sujeito.

Esta oportuna exposição das dificuldades encontradas revela o quanto trabalhar com sexualidade masculina é mais complexo do que apenas a falta de literatura sobre o assunto. Com certeza poderíamos relacionar vários fatores, inclusive os pessoais de cada um, que poderiam ajudar a desvelar as ausências e o silêncio desses sujeitos. Contudo, apenas vamos nos ater às falas e comportamentos dos sujeitos que nos deram depoimentos e buscaremos assim uma compreensão desse fenômeno (re)velador da sexualidade masculina.

Durante a realização de uma das entrevistas, no final do depoimento do sujeito, ele tirou uma camisinha de seu bolso e disse à entrevistadora, como uma confissão, que não imaginava como seria uma entrevista sobre sexualidade com uma mulher, mas que pensou, ao sair de casa, em estar prevenido se pintasse "*algum clima*" (nesse momento o gravador já tinha sido desligado). Neste caso o sujeito não teve nenhum contato anterior, senão telefônico, com a entrevistadora. A fantasia relacionada à situação de falar sobre sexualidade com uma mulher vincula-se ao imaginário sexual do sujeito. Poderíamos dizer, ao imaginário sexual masculino que, frente à oportunidade sexual não pode nunca recuar (se "pintasse o clima" ele já estaria prevenido).

Consideramos importante relatar essa situação. Primeiro porque reflete uma realidade do imaginário masculino, que vamos tentar compreender mais tarde. Depois porque revela que o

pesquisador de sexualidade humana não pode se abster de sua própria sexualidade. Bernardi faz uma crítica a se refletir:

*A antilógica do educador sexual esbarra freqüentemente no absurdo. Constata-se diariamente que quem se dedica à educação sexual preocupa-se, sobretudo, em negar a sexualidade, tanto a sua como a dos outros. O educador não deve, por exemplo, envolver-se afetivamente em seu trabalho, não deve deixar que sua fraqueza frente às tentações da carne suscite dúvidas, deve permanecer distante e invulnerável. Seus costumes devem ser íntegros, bem como severos, de forma a poder conseguir a aprovação de todos. O educador deve manter-se acima de qualquer suspeita, portanto, espoliado de pretensões eróticas. Deve permanecer macroscopicamente casto. Deve, em última análise, preparar os outros para alguma coisa que ele não pode conhecer nem experimentar. Deve resolver problemas que não são seus em uma matéria que lhe é obrigatoriamente estranha.*³⁵

Urge, portanto, que desmistifiquemos essa imagem “asséptica” do pesquisador e educador sexual. Trabalhar com a sexualidade é estar de frente com situações reais como essa mencionada, tão rica para elucidar o fenômeno pesquisado. O que os educadores e profissionais da área têm feito para questionarem ou mesmo trabalharem a sua própria sexualidade?

Retornemos então à questão do imaginário masculino. Refletindo sobre a atitude do sujeito frente à entrevistadora, poderíamos levantar muitos questionamentos: uma mulher que trabalha com sexualidade masculina é vista como mais liberal e/ou disponível sexualmente? (É o que sujeito 2 nos diz acima.) A conversa entre um homem e uma mulher é sugestiva de “clima” erótico? Se a mulher está disponível o homem não deve negar? O homem sempre deve estar preparado para o sexo? A fantasia masculina de ter sexo está sempre presente frente uma mulher? Um homem espera ter uma recompensa sexual por expor seus sentimentos a uma mulher?

Com certeza esses questionamentos não esgotam, e não poderiam esgotar; os sentidos e as motivações subjacentes nessa experiência, podem nos ajudar começarmos a refletir sobre a

³⁵Op. cit., p. 23

masculinidade. Analisaremos sob o enfoque psicanalítico e buscaremos uma compreensão mais profunda desses sentidos.

A fantasia sexual do sujeito despertada por uma imagem desconhecida (ou voz) de mulher, faz-nos pensar que nesse momento o sujeito *transfere* para a entrevistadora, mesmo antes de conhecê-la, seus desejos e sentimentos sexuais já vivenciados em outras situações eróticas. Como Freud (1912: 134) coloca: “Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontre com idéias libidinais antecipadas.” Para Freud essas idéias podem ser tanto conscientes quanto inconscientes (reprimidas). O papel da transferência aqui pode nos auxiliar a compreensão ao entrarmos na consideração de suas relações com a resistência. Freud³⁶ nos diz:

Como é possível que a transferência sirva tão admiravelmente de meio de resistência? Poder-se-ia pensar que a resposta possa ser fornecida sem dificuldade, pois é claro que se torna particularmente difícil admitir qualquer impulso proscrito de desejo, se ele tem de ser revelado diante da própria pessoa com quem se relaciona.

Podemos então pensar que o fenômeno da transferência, ao mesmo tempo que pode ser facilitador, criando um ambiente (até mesmo a priori) “confortável” e seguro para as confissões do sujeito, pode criar resistências que dificultam a pesquisa. Vemos na fala do sujeito 2 a importância da figura representada pela entrevistadora: “*porque de repente tem uma figura de mulher que você representa pra mim, não é uma figura qualquer, é uma figura importante de mulher, e isso me faz bem como homem.*” Por outro lado, as resistências de outro sujeito: “*eu não sou de falar. Coisas muito, muito pessoais eu não gosto. Eu não falo.*” Parece nesse momento que algo muito, muito pessoal que o sujeito não gosta ameaça mostrar-se, daí não se pode falar.

³⁶Ibid., p. 139.

Não podemos deixar de atentar para os papéis de masculinidade socialmente construídos e que acabam por isolar os homens de seus sentimentos e dos aspectos íntimos de suas experiências. Hite³⁷ diz que os parâmetros da sexualidade masculina estão profundamente gravados pela cultura, na cabeça de quase todos os homens:

Comporte-se como um homem, seja dominador, nunca deixe que outro homem veja que você é fraco ou que você está sob a influência de uma mulher, defina o amor como sexo e o sexo como penetração e ejaculação dentro de uma mulher, tenha sexo o máximo possível - e fazendo isso, prove que você é um Homem.”³⁸

Poderíamos dizer que a cultura produz homens que *devem* saber como *fazer* sexo e que o façam o máximo possível. Contudo, pensar, falar ou refletir sobre o que e como se sentem ao fazê-lo é outro assunto (mais relacionado às mulheres). O sujeito 6, fala de sua dificuldade: “Olha, eu tava pensando quando vim pra cá que preferiria que fosse perguntas e respostas do que falar sobre um tema, é mais difícil. Você pega assim despreparado, você não vai saber. Agora se for um tema já trabalhado... porque é difícil as pessoas pararem pra pensar nesse lance de como se relaciona com outra pessoa sexualmente. Tipo parar pra pensar se eu me relaciono bem ou mal, né.”

Poderíamos dizer que o próprio sujeito vive algo que não é transparente para ele e que existem coisas aí que estão significando algo mais do que aprendeu a lidar. Assim as “*coisas pessoais*” que o sujeito se refere acima não são ditas, não podem ser ditas.

Este mostrar-se que o sujeito 2 refere-se como “*ficar nu mesmo*” e que ainda por cima pode não ser o que “*as pessoas imaginam*” desperta muita insegurança e tensão. Podemos estar mais próximos dos sujeitos que estiveram ausentes nessa pesquisa se aproximarmos nossa compreensão das dificuldades: em mostrarem-se, em despirem-se, das expectativas e ansiedades despertadas pelo imaginário e por suas fantasias sexuais e dos receios de conversarem sobre sexualidade com uma mulher que não vai se mostrar porque “*faz parte*” do papel de entrevistadora.

³⁷Op. cit.

³⁸Id. Ibid., p. 13

Contudo, os 7 entrevistados que participaram dessa pesquisa, ao final dos depoimentos relatavam que estavam se sentindo muito bem e que esperavam que suas experiências tivessem alguma contribuição para o estudo. Essa expectativa foi geral. Alguns comentaram que consideravam muito importante estudos desse tipo.

“A partir daí, e talvez até hoje, o prazer masculino fique restrito, ou resumido, puramente à ejaculação. Seria isso suficiente para ser classificado como prazer? Ou melhor, seria isso suficiente para que um homem se sinta satisfeito? Talvez seja essa uma das razões pela busca pelo prazer em muitas mulheres diferentes. Seria por isso que o homem se encontra perdido até hoje em sua eterna busca? Quando se fala de mulheres que nunca conheceram o orgasmo, penso que também é possível que a maioria dos homens não tenha realmente sentido um prazer maior, além da simples eliminação momentânea de esperma. Sem terem realmente ativado ou explorado uma série de pontos sensíveis e incrivelmente prazerosos de seu corpo. Afinal, o que é realmente o prazer?”

Walter

CAPÍTULO V - AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS

Apresentaremos os temas que foram selecionados das 3 primeiras entrevistas e que foram utilizados na realização das outras 4 entrevistas. Os 12 temas escolhidos foram os que melhor representaram as falas dos sujeitos sobre suas experiências afetivas e sexuais, visto estarem presentes nas descrições da maioria dos sujeitos. O tema fidelidade não havia sido inicialmente selecionado, contudo, os discursos revelaram ser algo significativo nas experiências dos sujeitos e foi então acrescentado. Procuraremos explicitar nossa compreensão de cada tema pois consideramos que implícita ou explicitamente ela esteve presente durante a realização de cada entrevista. Além disso, todos esclarecimentos solicitados ou intervenções realizadas, basearam-se nessa compreensão subjacente:

- 1. SER HOMEM HOJE: Como conceituam o que é ser homem hoje. O que significa ser homem? Existe algo no ser que o identifica ou diferencia, como homem? Como vivenciam seus papéis de homem? O que aprenderam? Como vivem?
- 2. A SEXUALIDADE DA MULHER HOJE: Sexualmente a mulher se modificou? Houve uma liberação feminina? Como se sentem atualmente frente às mulheres? Como são as mulheres que se relacionam com eles?
- 3. A SEXUALIDADE NO AMBIENTE FAMILIAR E PRIMEIRAS INFORMAÇÕES SEXUAIS: Como era o ambiente na família com relação à sexualidade? Os pais comentavam ou conversavam com os filhos? Eles perguntavam? Com quem tiveram as primeiras informações sexuais? Como era/é o casamento dos pais? Como eram/são as expressões de carinho e afeto?
- 4. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS: Como foram as primeiras experiências sexuais? Como foi descobrir a masturbação e praticá-la? Com quem e quando aconteceu a primeira transa? Como se sentiram? Quais as dificuldades?

- 5. RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS: Quais foram os relacionamentos mais significativos que tiveram? Com quem? Como se sentiram? Por que acabou? Por que foram importantes? (Citaremos aqui as relações com mulheres e consideraremos as relações com o mesmo sexo na unidade seguinte)
- 6. HOMOSSEXUALIDADE: Tiveram contatos homossexuais? E na infância e adolescência? Como se sentiram? Como se sentem atualmente? Têm curiosidades? Como vêem os homossexuais?
- 7. FANTASIAS E EXCITAÇÃO SEXUAL: Quais são as fantasias sexuais? Já realizaram algumas? Como se sentiram? O que mais os excita sexualmente?
- 8. DIFICULDADES SEXUAIS E AFETIVAS: Quais as dificuldades sexuais e afetivas que já tiveram ou possuem? O que mais foi/é difícil de lidar? Como resolveram as dificuldades? Quais dificuldades existem hoje? Como visualizam resolvê-las?
- 9. CASAMENTO E FILHOS: Como vêem o casamento? Casariam? Quando casariam? Como vêem ter filhos? Têm planos? Como foi o casamento (se casados)? Quais as dificuldades?
- 10. FIDELIDADE: Já mantiveram casos quando se relacionavam com namoradas ou esposas? Como foram? Como se sentiram? Por que procuravam ter casos? Fidelidade é importante? E a da mulher? Já tiveram namoradas infiéis? Como se sentiram ao saber?
- 11. REALIZAÇÃO AFETIVA: Como se sentiriam realizados afetivamente? O que os realizaria? Sentem-se realizados? O que buscam?
- 12. AUTO-PERCEPÇÃO: Como se vêem fisicamente e como um todo? Modificariam algo em si mesmo? O que não aceitam ou não gostam em si? Como são com outras pessoas?

1 - SER HOMEM HOJE:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Acho que tá difícil encontrar homem hoje por 2 fatores. Um é a pseudo-liberação sexual. O cara tá explodindo por dentro, se ele é homo ou bi, é o que tá aí saindo do mercado. Outro, sou eu. Eu não vou com qualquer uma. Se eu sei que você tem um namorado 'junking', droga nas veias, eu só vou com você se você fizer um teste. É legal quando você pode reduzir o risco, fica sabendo que a menina é virgem ou tem namorado há muitos anos. E reduzo a 100% com o uso de camisinha.

"Outro lado eu assumo dizer que o cara que sai com todas, não assume ninguém, só tem amiguinhas, tem todas, come todas, eu acho que esse cara age assim pra tentar esconder inconscientemente, dele mesmo, que não tem nada a ver os sonhos que ele tem. E nesses sonhos, ele nunca é ativo, ele é passivo. O buraco mais apertado é o dele. Esse cara que canta todas, que come todas, é pra provar pra ele que o sonho dele de dar a bunda não existe. Essa é a ação. A reação é comer as menininhas. Acho que se uma dia eles fizerem sexo com um outro homem, ele é passivo. Eles são enrustidos."

Sujeito 2 - 26 anos:

"Bastante inseguro, veja eu me perdi como imagem de homem, né. Foi a única pessoa que tive, que eu não consegui fazer ter prazer comigo."

"Uma vez ela chegou em casa às cinco da manhã que ela tinha ficado conversando com o cara até às cinco, daí ela foi pra casa porque ela achava que podia estar melhor acolhida comigo do que se ela fosse pra casa da mãe dela, que não ia entender ela chegar e eu ia entender. Eu me senti muito homem por isso também. Pode alguém me falar: 'pô, você se auto-agrediu' pode eu ter me auto-agredido, mas por outro eu tava querendo provar quão homem eu era também.(...)"

Sujeito 3 - 27 anos:

"(...) A gente saía, ia na sauna, tomar uma bebida, aí alguém falava: ' vamos no Fazendinha', por exemplo. "Vamo, vamo, vamo, vamo", eu acabava indo junto. E depois eu mesmo fiquei ... no lance de prostituta não era muito legal. Porque no fundo nenhum homem gosta disso. (Silêncio)

Por que?

"Porque se sente usado. (Silêncio) Não tem aquele lance de você usar ou ser usado. Se a gente tá a fim de fazer um negócio, tem que ser bom pros dois, né? E o lance de você pagar, de você saber que é porque você tá pagando, é um lance muito ruim."

Por que os homens voltam lá (prostíbulo)?

(Silêncio). "É uma boa pergunta... Vão algumas vezes pra mostrar que é homem. Que eu já fiquei com pessoas, já transei com pessoas que eu falei: 'vou transar senão vão falar que eu...', entendeu? Pensando no que os outros vão pensar. É difícil você ir sozinho num lugar desses. Muito. Eu nunca fui sozinho. E não iria. Então você vai com várias pessoas, com amigos, pra curtir, tirar um barato."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Ser homem é... definição de homem? Sexo masculino. Ah...valores e idéias assim...ah, valores machistas da sociedade mas eu não me considero machista. Acho que tanto o homem quanto a mulher deixa a sociedade machista, né. Quando você por exemplo, é...em casa por exemplo, eu e meus irmãos assim, nós, eu faço serviço assim, eu vou em banco, eu sou o motorista da casa, mas serviço doméstico assim eu não faço muito e minha mãe nunca... também não insiste, deixa para as minhas irmãs, minhas irmãs aceitam isso e fazem."

Ser homem nesse sentido está relacionado às tarefas que desempenha na sociedade?

“Eu acho. Mas eu não penso assim, eu faço todas as minhas tarefas na minha república com a maior naturalidade. Lavo roupa, lavo louça, dou uma geral na casa. Vou em banco também, também dirijo, mas para mim não tem uma delimitação assim, homem faz isso, mulher faz aquilo, e um não pode fazer o que o outro faz.”

No entanto quando você vai para a sua casa...

“É mais por comodidade, eu também aceito isso, mas aqui não tem como, aqui eu preciso fazer. Quando eu vou pra lá eu me deixo levar pela comodidade e não faço não. Mesmo porque nesse sentido o meu pai é super machista, ele não faz comida, não lava a roupa, então, fica mais fácil pra gente entrar na comodidade.”

Você teve alguma dificuldade em algo que eu te perguntei?

“Quando você me perguntou a definição de homem, assim, eu não, para mim é uma coisa tão incorporada, tão natural, que foi difícil eu pensar, acho que não ficou muito boa, não consegui expressar o que eu acho. Mas foi a única dificuldade que eu achei.”

Você quer tentar explicar o que você acha?

“Definição de homem. Que não é mulher, né. Para mim assim é uma pessoa heterossexual, mas isso também é um pouco de preconceito, né. Sei lá. Homem é aquela pessoa com idéias próprias, mas aí é a definição de ser humano, né. Com liberdade de expressão, que faz o que quer, o que gosta, tem sonhos a realizar.”

Você se sente esse homem?

“Eu me sinto. Eu sempre procuro realizar os meus sonhos e renovar os sonhos também. Eu acho muito bom quando eu tenho um sonho e consigo realizar, uma coisa que parecia quase impossível e depois eu vejo que não era impossível, vou atrás e consigo realizar. Eu adoro esportes e eu nunca pedalei e adorava as viagens que os amigos meus faziam. Mas como eu nunca pedalei, eu achava que não tinha um condicionamento físico adequado. Aí sempre que me convidavam, eu inventava uma desculpa e não ia. Agora em janeiro, fiz uma viagem de 20 dias pedalando e cada dia que passava era uma conquista, uma alegria, eu me sentia super bem, minhas espinhas melhoraram, tal.”

Por que você acha que melhoraram?

“Acho que era o estado de alegria constante, 24 horas por dia. A gente foi até a Bahia pedalando, eu consegui, sabe, me superei assim, meu condicionamento físico era assim um dos melhores do grupo, mesmo sem ter treinado antes. Um sonho que eu realizei, né, foi super maravilhoso. Contava a mesma história um monte de vezes.”

Sujeito 5 - 37 anos:

“Bom, é uma pergunta bem complexa, né? Ser homem, eu acredito que seja você viver integralmente a sua vida, né, ser homem é ... pra mim nesse momento, seria me realizar com uma companheira. Ser homem pra mim seria eu me realizar amorosamente nesse momento. Porque ser homem pra mim é ser uma pessoa honesta, é ter objetivos, conseguir alcançar metas, eu acho que não existe muita diferença nesse sentido entre ser homem e ser mulher. A não ser pela diferença na fisiologia, as duas pessoas estão aqui pra cumprir as suas funções, né.

“Pra mim seria conseguir ser feliz com uma outra pessoa e fazer essa pessoa feliz também.”

Sujeito 6 - 22 anos:

“O que é ser homem? Então, o meu conceito de ser homem, é diferente, ou eu acho ser diferente do que o pessoal acha ser machão ou ser machista. Eu adoto um conceito mais romântico de ser homem, né. Por exemplo de... não sei se ... é difícil eu conversar isso com outras pessoas, ah, eu gosto ter um lado de sair com pessoas, assim, namorada, passear, curtir a dois assim, do que ... ah, ter um lado mais de compreensão, de conversa do que esse lado de imposição que todo homem tem. Pelo menos como a gente vê na maioria, tipo decidi 'não, eu quero isso então é isso'”

imposição, eu acho que o homem não tem esse lado de impor muito. Eu não tenho. É como ter o poder, né, 'ah, eu posso mais do que o outro', meio de dominância, assim."

Como é o poder pra você?

"Então, eu acho até que eu sou um líder de grupo, olhando assim por fora. Mas eu vou nesse negócio assim de conversar, não de força física, de imposição, né. No meio do grupo feminino, você 'não, porque é isso, isso, isso', hoje não, mas antigamente acho que a mulher era mais criada pra obedecer os homens, acho que era mais por aí."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Ser homem? (Silêncio) Ser homem? (Silêncio) Ah, ser homem é ser homem, eu não sei como é que eu vou explicar isso. (Silêncio) Tá meio aberto demais."

Você diferencia o que é ser homem e o que é ser mulher hoje?

"Bom, socialmente acho que as diferenças já diminuíram bastante assim em termos de nível de obrigatoriedade de cada um, não obrigatoriedade, mas funções de cada um. Já não existe tanta diferença quanto antigamente, assim. A diferença... (Silêncio) Tem muita diferença, mas hoje em dia já não é tão separado, assim já não existe mais tantas funções masculinas, tantas femininas, já deu uma misturada mais, assim." (Silêncio)

Aonde tem diferença?

"Então, mas em que aspecto assim..."

Você me disse que tem muita diferença e que algumas já diminuíram bastante...

"Então, eu disse, meio que... lance profissional, assim pensando na vida que vai levar. Não tem mais, pelo menos eu enxergo assim, como antigamente, o homem tem uma preocupação maior na hora de arrumar um emprego pra sustentar a família, assim, pra mulher já existe essa preocupação bem maior do que tinha antigamente, assim..."

Então você está me dizendo que antigamente ser homem tinha essa função...

(Interrompe) "De ser o chefe da família..."

E hoje existe alguma coisa que caracterize o ser homem?

"É, não tem essa necessidade mas ainda fica essa imagem de controlar mais, assim, apesar de, não necessariamente, financeiramente ele tá mandando lá, mas é o homem da casa. Ainda fica um pouco. Tá diminuindo mas ainda fica um pouco."

Em termos pessoais, você acha que mudou?

"Não sei dizer..." (Silêncio)

Sexualmente, você acha que o homem mudou?

"Sexualmente? Acredito que sim. (Silêncio) Mas, aí eu não posso dizer que mudou porque eu não tenho claro essa visão, eu não tenho claro os conceitos que existiam, assim. Mas... (Silêncio) Bom, eu não creio que sexualmente tenha tido alguma mudança assim, não."

O que você pensou quando falou isso?

"Ah, a relação homem-mulher sexualmente falando, eu não sei se mudou muito, não, pelo menos de antigamente, assim."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 1:

Falar sobre o que é ser homem atualmente foi o tema de maior dificuldade entre os sujeitos.

“Uma pergunta bem complexa” (Sujeito 5), *“uma coisa tão incorporada, tão natural, que foi difícil pensar”* (Sujeito 4), *“é difícil eu conversar isso com outras pessoas”* (Sujeito 6), ou algo como *“ser homem é ser homem”* (Sujeito 7), como conseguir explicar isso?

Para a maior parte dos sujeitos *“não tem uma delimitação assim, homem faz isso, mulher faz aquilo, e um não pode fazer o que o outro faz”* (Sujeito 4), *“não existe muita diferença nesse sentido entre ser homem e ser mulher.”* (Sujeito 5), *“hoje em dia já não é tão separado, assim, já não existe tantas funções masculinas, tantas femininas, já deu uma misturada mais, assim”* (Sujeito 7). Nesse sentido, há uma **indeterminação** entre o que é ser homem e o que ser mulher hoje. Alguns citam as mudanças ao longo dos tempos: *“(...) antigamente acho que a mulher era mais criada pra obedecer os homens, acho que era mais por aí.”* (Sujeito 6), *“já não existe tanta diferença quanto antigamente”*; *“não tem mais, pelo menos eu enxergo assim, como antigamente, o homem tem uma preocupação maior na hora de arrumar um emprego pra sustentar a família, assim, pra mulher já existe essa preocupação bem maior do que tinha antigamente”* (Sujeito 7). Ao mesmo tempo há contradições: *“(...) Mas serviço doméstico eu não faço muito e minha mãe nunca... também não insiste, deixa para as minha irmãs, minhas irmãs aceitam isso e fazem.”* (Sujeito 4); *“Bom, eu não creio que sexualmente tenha tido alguma mudança assim, não”* (Sujeito 7). (As mudanças nos papéis homem-mulher será retomada na próxima unidade de significado: A Sexualidade da Mulher Hoje.)

Nolasco (1995) se refere às várias representações e possibilidades abertas para o homem sob os impactos de uma sociedade pós-industrial e altamente tecnológica que vivemos. Há várias indeterminações quanto ao próprio conceito de ser homem no contexto contemporâneo. Questionando as mudanças e indeterminações, o autor nos coloca:

Porém, é possível que um homem sustente uma destas indeterminações e mantenha-se incrédulo diante do que a cultura do Ocidente definiu como comportamento de homem? Para um homem, sustentar tal indeterminação é o mesmo que pôr em dúvida sua escolha sexual. No processo de socialização de um menino, surgem dúvidas que jamais se extinguem acerca do seu comportamento sexual, produzidas pela família e escola. Por meio dessa dúvida se estabelece o que é esperado de uma menino: virilidade, agressividade e determinação”³⁹

Assim, apesar das indeterminações atuais quanto aos papéis de homens e mulheres, os sujeitos colocam também a importância de se sentirem como homens e serem vistos desta forma por eles mesmos e pelos outros: *“Eu me senti muito homem por isso também. Pode alguém me falar: ‘pô, você se auto-agrediu’ pode eu ter me auto-agredido, mas por outro eu tava querendo provar quão homem eu era também. (...)”* (Sujeito 2). Sentir-se como homem e assim ser visto estava, nesse momento, acima do que isto poderia custar-lhe (agredir-lhe). O sujeito 3 fala sobre por que os homens retornam ao prostíbulo mesmo não sendo uma coisa *“muito legal”*: *“(...) Vão algumas vezes pra mostrar que é homem. Que eu já fiquei com pessoas, já transei com pessoas que eu falei: ‘vou transar senão vão falar que eu...’, entendeu? Pensando no que os outros vão pensar.”*

Aqui tocamos também em algo que parece ser crucial para os sujeitos na conceituação do que é ser homem: relacionar-se com mulheres, estar disponível sexualmente, ser heterossexual, realizar-se com uma mulher: *“Pra mim, assim, é uma pessoa heterossexual, mas isso também é um pouco de preconceito, né. Sei lá.”* (Sujeito 4); *“(...) ser homem é... pá mim nesse momento, seria me realizar com uma companheira. Ser homem pra mim seria eu me realizar amorosamente nesse momento.”* (Sujeito 5); *“Eu adoto um conceito mais romântico de ser homem, né.(...) Eu gosto de ter um lado de sair com pessoas, assim, namorada, passear, curtir a dois, assim (...)”* (Sujeito 6) e ainda o sujeito 1 fala sobre as dificuldades de se encontrar homem disponível hoje no “mercado” porque muitos estão assumindo sua homo ou bissexualidade e muitos, como ele, está mais seletivo por causa da AIDS: *“Acho que tá difícil encontrar homem hoje por 2 fatores. Um é a pseudo-*

³⁹Ibid., p. 18.

liberação sexual. O cara tá explodindo por dentro, se ele é homo ou bi, é o que tá saindo do mercado. Outro, sou eu. Eu não vou com qualquer uma. (...).” Nesta definição de ser homem relacionada à escolha sexual muitos fatores, às vezes contraditórios, contribuem para legitimar uma diferenciação: *“Definição de homem. Que não é mulher, né.”* (Sujeito 4); Ainda quanto à diferenciação anatômica mas citando funções a serem cumpridas: *“A não ser pela diferença na fisiologia, as duas pessoas estão aqui pra cumprir as suas funções, né.”* (Sujeito 5). A definição de ser homem pela negação, isto é, não ser mulher, nos leva a pensar que neste caso o conceito do que é ser mulher está introjetado de forma mais clara para o sujeito. Ser mulher aparece como algo que está definido a priori, incontestável.

Com relação às mulheres, a imagem de homem que tem sido muito divulgada e que foi um pouco comentada na Introdução deste trabalho, é daquele homem que, atualmente, deve se preocupar com o prazer da mulher. (Ver próxima unidade de significado). Assim, não proporcionar prazer à mulher gera muita insegurança: *“Bastante inseguro, veja eu me perdi como imagem de homem, né. Foi a única pessoa que tive que eu não consegui fazer ter prazer comigo”*. O quanto a imagem masculina fica ameaçada por não conseguir *“fazer ter prazer”*. Poderíamos também citar nesse momento o quanto o homem se sente desvalorizado ao perceber que a mulher está sexualmente com ele por outros interesses que não ele mesmo: *“(…) no lance da prostituta não era legal, porque no fundo nenhum homem gosta disso. (...) Porque se sente usado”*(Sujeito 3) e ainda uma fala do sujeito 5: *“Então eu percebi que ela tava interessada mesmo no dinheiro que eu ia pagar, tava me tratando como um garoto mesmo e não queria nem saber”*. Alberoni⁴⁰ ao se referir ao erotismo masculino fala das contradições presentes nos desejos eróticos dos homens. Fala-nos que os homens são particularmente sensíveis ao fascínio da mulher que sabe usar as artes da sedução, contudo, se sente usado e desconfiado quando percebe que ela age racionalmente, como num jogo.

⁴⁰Op. cit.

Outro fato paradoxal é que o homem, quando uma mulher a ele se entrega com muita facilidade e de modo desbrido, tem a impressão que ela o faz por cálculo, ou por um motivo, isto é, que age como uma prostituta. A expressão pejorativa "é uma puta" quer dizer, afinal, que finge, que engana, que usa a sua sexualidade com objetivos não eróticos. Não nos esqueçamos que, para o macho, o prazer sexual é um fim por si mesmo. A idéia de que é usado com outra finalidade o perturba. A idéia de que a excitação erótica possa ser simulada, o inquieta. Porque ele não pode fazer isso, porque nele a ereção é uma prova que não pode falsificar.⁴¹

De todo exposto, vimos o quão paradoxal é a conceituação dada pelos sujeitos do que é ser homem hoje. A indeterminação, quanto aos papéis desempenhados por homens e mulheres parece criar dificuldades quanto à construção pessoal dos sujeitos de serem algo diferente do outro sexo mas que podem desempenhar quase que as mesmas funções. A tradicional concepção de que tínhamos de gênero, definia o que homens e mulheres poderiam *fazer* e por meio disto sabíamos o que cada um poderia *ser*. Diante das indeterminações quanto aos papéis (*fazer*), parece que a própria identidade de ser algo, fica pulverizada, como algo pouco pensado, refletido ou mesmo conversado entre os homens.

Refletiremos mais sobre a construção da identidade masculina na discussão final deste trabalho. As descrições dos sujeitos nos conduzem a focalizar aspectos importantes para eles na vivência do que ser homem hoje. Relacionar-se com mulheres afetiva e, principalmente, sexualmente, parece ser a grande conquista de uma identidade reconhecidamente masculina. É importante também não só sentir-se como homem mas ser reconhecido como tal, daí a relevância das relações de amizade entre os homens e o contar realizações (o *fazer*) entre eles (ver fala do sujeito 4 quando relata como se sente como homem). Esse reconhecimento externo da própria identidade, que a criança busca desde muito cedo através do olhar assertivo dos pais, é o que nos referencia o que somos e, independente do que seja, será sempre o que há de mais crucial em nossas vidas. Fogel fala do *ser homem*: "Os homens, ao final das contas, têm de aspirar a serem homens, e,

⁴¹Id. Ibid., p. 72.

embora um homem possa ser muitas coisas diferentes, ser homem, *seja o que for* que isso signifique, parece sempre ser de importância decisiva.”⁴²

⁴²Op. cit., p. 19

2 - A SEXUALIDADE DA MULHER HOJE:

Sujeito 1 - 28 anos:

“Voltando às garotas, ela reclamam da camisinha, quando o mais incomodado sou eu, que me aperta. E você não vai dizer: ‘olha, você não foi boa na cama comigo’, nunca ouvi nem nunca falei, mas eu sei quem fez bem, quem fez mal. Eu acho que simplesmente que as mulheres entram em um lugar, deitam, abrem as pernas e ficam estáticas. No meu ponto de vista, acho legal quando se tem prazer junto.”

“A mulher tá muito liberada. Conheço mulheres que pensam: ‘ah, hoje à noite eu vou dar uma trepadinha’, mas daí, na cama, tem que ser a donzela. Se acham liberal, ‘dou a hora que tiver vontade, porque os homens tão na minha mão’. Enganam-se porque homem tá difícil. O homem se conscientizou mais da AIDS que a mulher. Hoje é fácil pra eu conseguir uma garota à noite, num bar.

“Mas eu acho que ter mais bissexuais e homossexuais se manifestando não tem a ver com a mulher, porque ela tá mais liberada. Mas, eu particularmente, não conseguiria ter um compromisso duradouro com uma pessoa que passou na mão de 200.000 pessoas. Até por eu me sentir assim; ‘será que eu tenho todo essa experiência?’. E também porque eu sou de carne e osso. É o tipo da coisa que vai minando e um dia sai briga.

“É ridículo isso, eu assumo, mas eu não sou o tipo de cara que fico ‘vomitando’ coisas e me sentindo outro.”

Sujeito 4 - 20 anos:

“Eu acho que tá mudando, tem umas amigas minhas que se comportam de uma maneira mais... como vou dizer assim, não ficam mais presas assim, esperando o homem tomar uma atitude assim ou alguma coisa assim. Várias meninas que já me relacionei, elas sempre esperam uma atitude minha, nunca elas tomaram uma atitude assim, ‘ah, eu gosto de você, eu quero ficar com você’, sempre foi ao contrário, eu sempre tomei as atitudes. Teve uma namorada minha que... mas foi um caso único. Então eu acho que tá mudando, tem amigas minhas que eu sei que no caso delas elas que tomam atitude, mas na maioria eu acho que não mudou. Eu sei de meninas que nem ficam com o rapaz que elas gostam porque eles não tomam atitude.”

Sujeito 5 - 37 anos:

(Silêncio) *“Bom, o que eu posso dizer sobre a sexualidade... Eu acho que continua como sempre foi. As mulheres hoje em dia passaram a ser mais exigentes, em termos de relações sexuais, eu acho. Elas querem realmente se satisfazer. Não é apenas ficar numa posição de submissão, ou talvez mais pra alegrar o companheiro, pra satisfazer o companheiro. Elas querem satisfazer e principalmente, serem satisfeitas. A mulher hoje é mais ativa sexualmente, mais ativa. Parece um pouco contraditório do que eu disse, né, como sempre foi, é que antes você tinha todo um sistema de castração, pela religião. A mudança da sociedade fez com que a mulher se libertasse mais, né. Nos últimos 30 anos você teve, praticamente, uma libertação sexual da mulher, né.”*

E como você vê isso?

“Eu vejo positivamente, eu acho que não tem problema nisso, não. É bom porque ajuda os homens a se descobrirem também, né.”

As mulheres têm ajudado os homens a se descobrirem?

“Sim, na medida que elas exigem mais. Algumas pessoas sentem medo, né, mas eu acho que não é por aí, não, eu acho que tudo está relacionado também com o carinho que a pessoa dá, com a convivência, com a cumplicidade, a amizade, o respeito pela outro.”

Você acha que então o importante pras mulheres é a condição financeira?

“Sim, sim, eu acho. É que existem mulheres que têm uma vida sexual fora do casamento, mas mantêm esse casamento, porque aquilo ali dá segurança, lhe dá conforto financeiramente e às vezes elas não se realizam sexualmente então procuram isso fora do casamento.”

Você está me dizendo que a parte financeira é tão importante pra mulher que ela prefere viver separadamente o prazer fora do casamento, se não o tem aí, pra não abrir mão dessa segurança que tem?

“Exato, é isso.”

E como é ser homem então?

“Não basta ser homem, você tem que ter uma realização monetária. A própria mídia exige muito isso, isso faz a cabeça das pessoas, né. A pessoa tem que ter uma boa formação pra não entrar nessa publicidade.”

Você estava me falando da prostituta que você tinha que pagar, não são parecidas as coisas?

“De certa forma sim, porque mesmo que a mulher cuide bem dos filhos, seja boa esposa, se ela se mantém no casamento com o marido por dinheiro, de certa forma ela acaba sendo uma prostituta.”

E essa que se atém no dinheiro pra continuar na relação?

“É. Na verdade a gente não pode condenar muito né. Porque a vida tá difícil pra todo mundo, então se elas... eu não sei como elas se sentem emocionalmente fazendo isso, né. Não deve ser uma situação boa, mas... muitas não trocam, não saem dessa situação.”

Sujeito 6 - 22 anos:

(Silêncio) *“Como assim a sexualidade da mulher?”*

Como você vê?

“Hoje eu acho que a mulher tá no mesmo nível do homem, acho que tanto pro homem quanto pra mulher a Sexualidade significa a mesma coisa.”

Significa o quê?

“Ah, vamos supor, ah, sei lá, o lado romântico, tanto do homem, quanto da mulher, o lado profissional, tanto do homem quanto da mulher, ah, eles vêem, têm uma mesma visão. Acho que antes a mulher ficava mais submissa ao homem e hoje não, tanto homem quanto mulher decidem juntos o que querem fazer da vida ou que querem fazer de uma relação sexual.”

E como você vê isso?

“Eu acho muito bom, muito bom, acho que tem de ter uma discussão, no caso do sexo só uma pessoa tomar a iniciativa, só uma pessoa tomar partido, eu acho que fica ruim. Acho que os dois têm que se interagir, né.”

Sujeito 7 - 21 anos:

“Bom, o que eu tenho lido assim é que existe mais uma luta, uma busca pelo prazer da mulher que era antes reprimida, assim. Então tem tipo uma maior, como eu vou expor?”

Reivindicação?

“É, talvez. Isso que eu vejo bastante.”

“Por consequência, o homem tem uma preocupação maior de satisfazer a mulher também. Deve ter aumentado sim essa preocupação.”

E no teu meio de relacionamentos, amigos, amigas, existe essa preocupação?

“Existe essa preocupação, sim. Porque uma pessoa quer satisfazer mais seu parceiro, parceira. Não que seja claramente reivindicada, mas que existe, existe bastante.”

E o homem com esta preocupação de satisfazer, como se sente hoje?

(Silêncio)

Você acha que essas reivindicações são boas, o caminho é esse ou outro?

“É, tem que se desenvolver ao ponto dos dois se relacionarem melhor possível, né. Eu acho que é uma etapa que tá passando, né. Que está evoluindo. São importantes, até pra eles se

conhecerem melhor, senão fica uma coisa muito mecânica assim, sem..., não tem tantos desafios pra melhorar, assim."

Essa reivindicação é um desafio para o homem?

"Muitas vezes é, dele estar melhorando."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 2:

Parece haver um consenso de que a mulher se modificou sexualmente nestes últimos anos: *“a mulher tá muito liberada”* (Sujeito 1); *“eu acho que tá mudando, tem umas amigas minhas que se comportam de uma maneira mais... como vou dizer assim, não ficam mais presas assim, esperando o homem tomar uma atitude(...)”* (Sujeito 4); *“as mulheres hoje em dia passaram a ser mais exigentes, em termos de relações sexuais”* (Sujeito 5); *“hoje eu acho que a mulher tá no mesmo nível do homem, acho que tanto pro homem quanto pra mulher a sexualidade significa a mesma coisa”* (Sujeito 6); *“(...) existe mais uma luta, uma busca pelo prazer da mulher que era antes reprimida”* (Sujeito 7). Contudo, há contradições quanto ao que alguns vivenciam com suas parceiras. Eles admitem as mudanças mas parece que as mulheres com quem se relacionam não se enquadram nisso: *“Eu acho simplesmente que as mulheres entram em um lugar, deitam, abrem as pernas e ficam estáticas.”* (Sujeito 1); *“(...)na minha adolescência e todas as experiências que eu tinha tido com meninas é sempre aquela coisa de você ir e ter que fazer o papel e ficar jogando os seus sinais, entende, parece que só você tem a responsabilidade da conquista, né”* (Sujeito 2); *“Várias meninas que já me relacionei, elas sempre esperam uma atitude minha, nunca elas tomaram uma atitude (...)”* (Sujeito 4); *“eu acho que continua como sempre foi”* (Sujeito 5).

O sujeito 5 relata ainda que considera que é importante para as mulheres a situação financeira do parceiro e que elas ficariam numa relação, mesmo que sexualmente não seja satisfatória, se o marido tem uma boa condição financeira. Os sentimentos do sujeito com relação a isso são bastante contraditórios pois parece querer se adequar à imagem de homem “bem sucedido” da mídia ao mesmo tempo que critica a própria mídia consumista e as mulheres, diz que hoje em dia está difícil pra todo mundo e temos que entendê-las. Acrescenta ainda com isso que para ser visto como homem hoje o indivíduo tem que *“ter uma realização monetária”*. É o que ele vem buscando atualmente pra si.

Os sentimentos dos sujeitos com relação às mudanças também são contraditórios. O sujeito 1 fala que, embora a mulher se considere liberada, ainda está presa à imagem de que tem que ser uma “donzela” na cama e parece se sentir muito incomodado com isso embora não converse sobre isso com elas. Sente-se, ainda, incapaz de ter um relacionamento mais duradouro com uma garota que teve muitos parceiros sexuais (“passou na mão de 200.000 pessoas”). Considera “ridículo” isso e o assume, contudo acha que isso “vai minando e um dia sai briga”. A fantasia que ele nos revela quanto à sua incapacidade de se relacionar com essa mulher é o fato dela ser mais experiente sexualmente que ele. Parece que isso o deixa inseguro com relação à sua própria capacidade de levar a relação adiante a ponto de considerar um fato decisivo para que a relação não continue.

No Capítulo IV citamos a fala do sujeito 2 ao falarmos das dificuldades encontradas com os sujeitos. Ele diz o quanto se sentiu inseguro, antes da entrevista, ao imaginar que a entrevistadora vivia toda uma sexualidade mais liberada e mais completa e ele se considerava tão “careta”. Podemos lembrar nesse momento o quanto a experiência sexual dos homens os colocou em posição de poder e domínio sobre as mulheres por tanto tempo. Há não muito tempo, as mulheres tinham que se casar virgens e inexperientes sexualmente, pois isto garantia que seria “honesta” e casta, atributos de uma boa mãe e esposa. As mulheres com alguma vivência sexual eram mal vistas, já tinham despertado em si o interesse por outros homens e uma vez “perdida” poderia facilmente se perder com qualquer um. Os homens portanto, tinham muitas parceiras sexuais, e deveriam ter, mas para se casar deveria escolher bem a moça que deveria ser “pura”.

De forma resumida, com as mudanças, principalmente após a chamada “Revolução Sexual” dos anos 60-70, as mulheres, podendo planejar a gravidez, planejavam também os prazeres. É a isto que os sujeitos se referem com “mais liberadas”. Mas, se exercer a sexualidade masculina era uma forma de poder, como ficam os homens após essas mudanças? As suas experiências sexuais garantiam um lugar seguro de onde não seriam questionados por mulheres inexperientes quanto ao seu desempenho. E agora? Eles dizem que realmente as mulheres estão mais exigentes e os homens

mais preocupados em satisfazê-las: “As mulheres hoje em dia passaram a ser mais exigentes, eu acho. Elas querem realmente se satisfazer. Não é apenas ficar numa posição de submissão (...) na medida que elas exigem mais. Algumas pessoas sentem medo, né (...)” (Sujeito 5); “Por consequência, o homem tem uma preocupação maior de satisfazer a mulher também.” (Sujeito 7).

Buscando uma compreensão mais dinâmica dessas inseguranças masculinas, vamos nos voltar ao processo de construção da identidade do homem. O menino, ao nascer, é cuidado, amparado e suprido em suas necessidades pela mãe. Poderíamos falar de um momento primitivo de feminilidade. A conquista da individualidade (diferente para meninos e meninas) se dará gradativamente com o processo de separação da mãe. Para Suplicy (1993), as mães percebem os meninos como diferentes delas próprias. Elas sabem que para a aquisição da identidade masculina eles terão que se separar dela, do amor primário. Isto acaba resultando numa divisão das capacidades psicológicas para seus filhos que os leva a perpetuar a divisão familiar e sexual. Os homens, portanto, são os que se sentem imunes ao controle das mulheres. Como Cooper (1989: 105) diz:

Pelo menos parte de vulto desse sentimento é, de modo inato, consequência do fato de todos os homens terem passado parte importante e formativa de suas vidas sob o cuidado de mulheres, que lhes limpavam os traseiros, alimentavam-lhes as bocas e os egos e seguravam-lhes as mãos sempre que surgia um perigo ou uma dificuldade. A prevalência das formas de comportamento machista pode ser geralmente destinada a neutralizar o medo interno de reversão a esse estado anterior.

Assim, a constituição da identidade masculina passa por um afastamento do feminino, até mesmo imposto pela família que sempre teme que o garoto seja homossexual. Podemos retomar a fala do sujeito 4 sobre o ser homem: “que não é mulher, né” lembrando-nos que realmente para o menino ‘não ser mulher’, como a mãe, o distancia do temor de não ser masculino.

Ser homem, portanto, é se aproximar de um outro universo, de ações e valores: o do pai, o mundo masculino. Universo no qual não se é mais subjugado pelo poder (de cuidar e acolher) da mãe, mas no qual se tem o poder sobre as mulheres, possuindo-as sexualmente. O paradoxo interno

e doloroso, é que, para a sociedade e o imaginário social, um homem só pode se aproximar de uma mulher se, inicialmente, afastou-se de tudo o que lhe dizia respeito.

Perdendo o lugar de domínio, pela experiência sexual, e reeditando sensações de ser dominado por uma mulher mais experiente, podemos admitir que a insegurança e o medo são os sentimentos mais potencialmente revividos como ameaça contra a própria identidade masculina.

Talvez possamos pensar que o modo de aplacar essa ameaça seja o de tomar o lugar do provedor, daquele que dá o prazer à mulher, recuperando assim, de alguma forma, um poder masculino perdido. A preocupação com o satisfazer as mulheres pode ter uma raiz mais profunda e aplacadora de ansiedades.

Contudo, alguns sujeitos consideram que as mudanças das mulheres são positivas pois desafiam os homens a melhorarem, a se descobrirem também. Parece representar uma possibilidade de reformulação de antigos papéis atualmente relativizados pelos homens, isto é, eles também não se sentem totalmente satisfeitos com o que viviam e uma possibilidade de mudança pode ser reveladora.

3 - SEXUALIDADE NA FAMÍLIA E PRIMEIRAS INFORMAÇÕES SEXUAIS:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Eu acho que o normal é um homem e uma mulher. Não sei se é normal, eu aprendi que é e é o que eu penso. Desde criancinha meu pai: 'não use camisa cor-de-rosa'. Eu cresci como sendo um macho. Hoje eu sou liberal. Eu sento numa mesa com veados, com lésbicas e tudo bem."

Sujeito 2 - 25 anos:

"Sei lá, eu acho que falar é difícil pra mim, eu tive uma formação até os 18 anos, católica, muito rígida, né, muito repressiva, a gente namorava mas nunca se tocava de um jeito mais... É, profundo, íntimo, né, tinha muita encucação com isso. Encucação com a masturbação porque achava que era pecado e depois tinha que confessar aquilo."

"Só que com relação ao sexo, tinham os encontros e tinham as palestras sobre sexo (na Igreja), e a gente ia e encucava muito com tudo. Era muito sensível com tudo, né, e acho que não só pela sensibilidade que eu tinha mas pelas palestras mesmo, sobre sexualidade, assim, era colocado como pecado mesmo. Eu me lembro que o certo era você gozar enquanto dormia, assim, ejaculação noturna era que era legal. E eu ficava: 'pô, como é isso?' Só isso podia, entendeu, não podia se masturbar porque era pecado. E... Nossa, foi muito violento, eu demorei pra descobrir também esse negócio de masturbação. Demorei pra descobrir, meu corpo já tava, assim, mais desenvolvido quando eu descobri. Não conversava, ficava um silêncio total sobre isso. Meu pai é silencioso totalmente quando se fala nisso, minha mãe também. É uma cultura do não falar, sabe."

"Eu me lembro que na TV existia esse negócio de Moddessa e a minha mãe foi me contar, né, acho que eu tinha 11 anos, eu fiquei satisfeito com o que ela falou mas também não queria saber mais, é... Eu tinha fantasias, mas também não sabia como era nascer criança, né. Então, chega uma hora que você começa a saber como funciona tudo, sabe, tudo que você lê também. Na escola se estuda anatomia, né, tudo, tal."

Sujeito 3 - 27 anos:

"Meu pai casou com minha mãe muito cedo, se separaram. Daí ele tava trabalhando em casa, acertou a firma, demorou muito acertou a firma, né, ele teve vários problemas com minha mãe, vários e conseguiram vencer. Mas não foi fácil, não. Quando a gente era criança e depois que crescemos, muitas brigas, muitas discussões."

"Acho que teve uma vez só que eles brigaram, brigaram mesmo, no termo da palavra. E daí se agrediram. Isso aí nunca tinha acontecido. Uma vez só. Lembro bem."

Se você fosse definir o relacionamento dos seus pais, fazendo um balanço de tudo, como seria pra você?

"Ah, muitos erros, muita falta de respeito, da parte do meu pai com a minha mãe. Desrespeitou muito ela como mulher, como pessoa. Eu acho super importante isso pra qualquer relação. E também um equilíbrio de respeito entre as pessoas. E ele nunca respeitou, não só minha mãe, como ninguém. Então por isso que eu falo ela... foi muito forte, uma falta de opressão muito forte (sic)."

"Vamos supor, se você corta o cabelo, a pessoa não fala nada, sabe, isso aí pega. E teve vários casos de infidelidade do meu pai que minha mãe ficou sabendo."
E vocês ficavam sabendo...

"Não, só vários anos depois. Quando a gente era criança não sabia de nada, não se comentava nada, imagina."
Como foi saber depois?

"Ah, normal, normal. No fundo eu imaginava, mas não... Quando descobri não foi uma surpresa. Não tinha... Agora não sei se no caso da minha mãe também. Também não sei como eu

reagiria... Acho que aceitaria. Teria todos esses anos que ela já sofreu, que ela passou e passa até hoje. Hoje eu acredito que meu pai não tenha mais esses casos. Mas quando era mais moço..."

E você acha que sua mãe tem casos por isso...

"Não só por isso, mas pela falta de atenção muito grande..." (Silêncio)

Como você definiria seu pai?

"Uma pessoa extremamente egoísta, teimosa, assim, burro mesmo, ele é muito burro. As coisas precisam dar errado pra ele perceber. Ele não tem assim, não tem um quê assim que ele possa interferir antes de acontecer. Tem que acontecer primeiro pra depois ele tomar uma atitude."

E tua mãe?

"Minha mãe é uma pessoa que veio da roça, né. Do sítio. Ela é muito bacana, muito espontânea. Mas tem um gênio difícil também, muito difícil. Uma pessoa que acostumou... que passou muita dificuldade. Mas é bastante egoísta também em determinados aspectos, pontos. Vamos supor, ela está assistindo televisão, tem que ser o canal que ela quer. Ela gosta muito de jogar baralho. Se ela perde, tá louco. Ela tem que ganhar, senão ela fica brava e xinga e ... é um barato. Já eu acho que minha mãe tem gênio melhor que meu pai. Meu pai tem gênio superior, assim, ele olha assim. O que ele faz é o melhor, a visão dele é mais longe das coisas, é melhor, enxerga mais longe."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Minha mãe sempre conversou comigo, me deu a primeira camisinha, o meu pai era mais travado assim, ele foi conversar comigo muito tempo depois, ele falou 'olha ...', aí quando ele falou isso eu dei risada porque era uma coisa já super discutida entre amigos e mãe e sei lá. Começou mais com amigos, depois a mãe, foi quase tudo na mesma época."

E entre seus irmãos...

"A gente falava, com a minha irmã mais velha a gente comenta assim, sobre a sexualidade dela, a minha. Às vezes minha mãe toca em alguma coisa assim, mas é pouca coisa, entre eles."

Como você definiria a relação deles?

"Brigar já brigaram bem mais mas agora acho que um começa a aceitar ... não é aceitar, é incorporar os defeitos do outro assim, que antes eles brigavam demais, né, agora minha mãe em vez de brigar fica ofendida, tal, eles não brigam e vice versa, meu pai também. Mas eles estão bem."

Você acha que agora eles falam menos sobre os problemas e acabam guardando...

"Exatamente. Mas a vida sexual deles continua ativa, existe aquela paixão, amor. Pelo convívio deles, minha mãe conversa às vezes comigo, meu pai não, mas ela me conta."

Você parece ser mais próximo da sua mãe do que do seu pai...

"Não mais próxima mas minha mãe sempre foi mais aberta para discutir sexualidade do que meu pai. Meu pai foi criado pela minha avó e pela minha tia, então nunca foi conversado com ele sobre isso, a formação dele também foi muito rígida, então ele acha que isso aí...sei lá ele sempre acha que eu aprendi, que eu...mas ele não comenta, minha mãe que sempre foi mais aberta."

E como é a manifestação de afeto e carinho em casa?

"Ah, existe eu sempre que vejo meu pai eu dou um abraço e beijo nele. Sempre houve na família inteira."

Sujeito 5 - 37 anos:

"Bom, eu sou órfão de pai desde os 6 anos, e com a minha mãe, eu tenho uma irmã também, nós nunca conversamos sobre a sexualidade, orientação sexual, nada. Eu aprendi mais foi lendo e conversando com amigos. Mais lendo, informação correta foi através de leituras mesmo. Na escola eu não tive orientação."

Como você tinha acesso a essas leituras?

"Eu comprava revistas, consultava biblioteca. Às vezes pedia informação pra pessoas que eu achava que tinham um bom nível cultural, social, que podiam me ajudar. Porque eu vivia num ambiente onde as pessoas eram bem, digamos assim, com pouca cultura, então eu achava que eles não poderiam me ajudar porque eles não sabiam muita coisa."

Eles quem?

"As pessoas com as quais eu convivia: os amigos, porque eu tinha amizades na escola e no bairro aonde eu morava. Então essa pessoa do bairro, por exemplo, não tinha condições de me ajudar. Essas pessoas não tinham."

E na sua casa por que não se comentava...

"Não sei dizer porque, eu acredito que eles também não tinham o hábito de conversar na família deles, minha mãe no caso."

Sujeito 6 - 22 anos:

"Sempre foi bastante escondido, né. Na minha casa, meu pai, minha mãe e minha irmã. Quando eu tinha uns 10 anos, minha mãe começou a conversar, mas também não foi pra frente, assim, na conversa. O que eu aprendi mesmo foi mais na rua. Só que na casa dos meus tios, irmã do meu pai e o marido dela, eles jogavam aberto com os filhos: 'é isso aqui, aquele outro', e como eu vivia muito na casa deles eu comecei a saber mais do assunto dentro da família através dos meus tios. Mas o que eu aprendi mesmo foi na rua, foi através de livros, através de revistas."

E o relacionamento dos seus pais?

"Eles se dão super bem, até hoje, pelo menos parece que eles se amam. Eles têm aquelas brigas, acho normal em todo casal, tipo dinheiro, ah "não quero sair hoje à noite", briga normal de todo casal, né, mas se dão muito bem. Mas a sexualidade até hoje não se comenta."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Na família? Entre pais e irmãos, assim? Ah, não era muito falado, não, era meio que escondido, quase nada se falava."

Você e seus irmãos (um mais velho e uma mais nova) perguntavam?

"Não, a gente nem perguntava, nem se falava nada, só quando a gente tava bem maior assim, tipo lá pelos 15 anos, quando o período crítico já tinha passado assim, das maiores curiosidades, tudo, eu senti que o meu pai soltava umas coisas mais à vontade assim, ele começou a tratar a gente de maneira diferente e mexer em certos pontos de sexualidade, essas coisas assim, e falar alguma coisa que ele não falava antes, mas ele esperou a gente já... tipo, aprender sozinho, ele não veio ensinar nada."

E com quem vocês aprenderam?

"Mais com amigos, né. Eu tinha um primo mais velho que me falava bastante coisa assim, mas foi mais amizade mesmo. Mais tarde um pouco, com meu irmão mais velho de falar alguma coisa assim, mas é com a molecada da escola, assim, geralmente."

Voltando um pouco à sua família, você falou que a sexualidade não é falada, e com relação a carinho, afeto, como é?

"Eu e os meus pais, eu comecei a conversar mesmo com eles não faz muito tempo. Quando eu era mais novo eu não trocava questões pessoais com eles. Eu tinha os problemas mas eu guardava pra mim mesmo. Comecei a conversar com eles depois que eu tava mais crescido, assim, na época que eu tava no Colegial. Hoje em dia eu converso bastante com eles."

E manifestação de carinho, afeto...

"Ah, a gente abraça bastante, tem bastante carinho, sim."

"Nos damos bem."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 3:

A frase do sujeito 2 *“é uma cultura do não falar”* reflete bem o que todos os sujeitos descreveram como sendo o modo de lidar com a sexualidade em suas famílias, desde a infância. O pouco que os sujeitos tiveram de informações ou conversas sobre a sexualidade dentro da família, sempre foi com as suas mães. Os pais aparecem sempre como ausentes ou omissos com relação à formação sexual dos filhos. Os sujeitos 4 e 7 tiveram pais que esperaram que os filhos estivessem bem maiores para começarem a comentar algo: *“quando o período crítico já tinha passado”* (Sujeito 7). Todos os sujeitos se referem a seus pais como distantes e silenciosos: *“Meu pai é silencioso totalmente quando se fala nisso”* (Sujeito 2); *“uma pessoa extremamente egoísta, teimosa, assim, burro mesmo, ele é muito burro”* (Sujeito 3); *“o meu pai era mais travado”* (Sujeito 4); *“ele esperou a gente já... tipo, aprender sozinho, ele não veio ensinar nada”* (Sujeito 7). Os sujeitos dizem que o que aprenderam foi mais na rua, com colegas, primos ou parentes mais próximos que comentavam. Em casa, como dizem os sujeitos: *“Sempre foi bastante escondido”* (Sujeito 6) e *“não era muito falado, não, era meio que escondido, quase nada se falava”* (Sujeito 7).

O sujeito 1 diz que foi criado *“como sendo um macho”* e isto significa atitudes como não usar *“camisa cor-de-rosa”* que é uma cor, na nossa cultura, predominantemente feminina. Retomando a idéia da unidade significativa do que é SER HOMEM HOJE e a SEXUALIDADE DA MULHER HOJE, podemos ainda citar o quão difundida e arraigada é a noção de que a masculinidade se constrói pela negação do feminino.

Focalizaremos o quão contraditória é a educação desses homens com relação à sexualidade. Eles têm que negar o feminino, afastar-se do mundo da mãe, mas, ao mesmo tempo, é ainda através dela o pouco que receberam de informações sexuais e as poucas conversas que tiveram sobre o assunto dentro da família.

Ao refletirmos sobre a constituição do Ser Homem através dos depoimentos dos sujeitos, deparamo-nos constantemente com as ambivalências das experiências vivenciadas na família desde tenra idade. O papel do pai parece sempre ocupar um lugar silencioso e/ou omissivo quando tratamos da sexualidade dos filhos. Corneau (1995: 45) faz uma reflexão sobre a masculinidade e a paternidade. Ele nos diz:

Quando falamos de identidade, surge logo um problema inevitável, a questão da sexualidade. Porque nascemos com corpo de homem ou de mulher, nossa identidade é sexual. Então, se falamos de identidade sexual, devemos dizer que o elemento fundador da identidade sexual para a criança é o genitor do mesmo sexo que ela.

O autor nos coloca que temos uma necessidade, a ser preenchida, de ser confirmado pelo genitor do mesmo sexo, e ninguém escapa disso. O pai inscreve a criança na sociedade através da fala social da repressão ou, poderíamos dizer, da castração⁴³. Nasio (1992: 37) fala da experiência da castração como elemento fundador de angústia:

Na concepção lacaniana, a castração não se define somente pela ameaça provocadora da angústia do menino, nem pela constatação de uma falta na origem da inveja do pênis na menina; ela se define, fundamentalmente, pela separação entre a mãe e a criança. Segundo Lacan, a castração é o corte produzido por um ato que cinde e dissocia o vínculo imaginário e narcísico entre a mãe e o filho.

Para Lacan, o ato castrador não incide sobre a criança como enunciou Freud, mas sobre o vínculo mãe-filho e o agente desse corte é o pai, ou simbolicamente, a fala paterna, que representa a realidade: da mãe como sendo mulher dele (do pai) e do filho, como sendo separado dela. É a lei

⁴³“Em psicanálise, o conceito de ‘castração’ não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica complexa, *inconscientemente* vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade, e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali, ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante, com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites, ou seja, aceitar que seu pênis de menino jamais permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe. Mas o complexo de castração, que apresentaremos como uma etapa na evolução da sexualidade infantil, não se reduz a um simples momento cronológico. Ao contrário, a experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo da toda a existência e particularmente recolocada em jogo na cura analítica do paciente adulto. Um dos objetivos da experiência analítica é, com efeito, possibilitar e reativar na vida adulta a experiência que atravessamos na infância: admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo.” (NASIO, Juan David. *Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

impessoal, imposta a todos, que “rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor ou identificado com uma onipotência imaginária.”⁴⁴

A lei da castração é imposta a todos os membros da família que estão sujeitos ao corte daquele vínculo imaginário e narcísico. O pai, ao representar a interdição à mãe e ao filho do eterno vínculo simbiótico, também está sujeito à lei da castração e revive, inconscientemente, sua própria castração a que está sujeito até os dias de hoje. Podemos imaginar quantas angústias não-verbais são revividas por meio de suas relações com seus filhos. Como relacionar-se com seus meninos através do que em si mesmos ainda não foi elaborado?

Se a independência, a identidade sexual, o vínculo com o prazer e o próprio corpo são constituídos com base nas angústias de castração, como os pais se sentem, como homens, para conversarem com seus filhos? Parece que temos aí um problema intransponível na fantasia de muitos pais. Talvez por isso se sintam mais à vontade para conversarem após “o período crítico” ter passado. Pode ser um período crítico também para esses pais, que possivelmente não tiveram, em suas casas, conversas sobre períodos críticos da sexualidade. Alguns sujeitos (4 e 5) justificam o silêncio dos seus pais pela formação que eles (pais) devem ter recebido dos seus próprios pais, avós dos sujeitos.

A ausência de uma fala, que não fosse silenciosa, parece ter sido o que criou muita dificuldade para os sujeitos de poderem elaborar verbalmente o que Ser Homem Hoje. Retomaremos o tema da castração em outras unidades significativas por fornecer-nos importante material para a compreensão das vivências masculinas, principalmente quanto à construção da identidade de gênero.

⁴⁴Id. Ibid., p. 38.

4 - PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS:

Sujeito 2 - 25 anos:

“Eu tive uma namorada com 15 anos, durou um mês, eu gostei demais, era muito platônico, a gente não se beijava, não se tocava do jeito que é bom, que podia se fazer. Depois eu fiquei muito mal quando ela não quis mais, assim, daí eu conheci uma menina que foi um troço mais especial. Mas, ela também, o pessoal circundava, ela também tinha a ver com o pessoal da Igreja, ela nunca tinha namorado ninguém, eu também nunca tinha estado mais próximo com ninguém. E tem que ver que a gente era de uma cidade pequena, né, outro universo, tipo de pessoas que você encontrava, tal. É por isso que vir para uma cidade grande depois, foi um troço meio chocante, assim, abriu mais”.

“Então era um namoro de adolescente, sabe, a gente tava sentado na sala e a mãe dela costurava na mesa da frente, de costas pra gente assim, e a gente ficava se beijando, se esfregando, se tocando, atrás da mãe dela, era bom mas não tinha como descarregar aquela energia, aquele troço, né. Ah, bom, ó, você vê, a gente tinha de confessar, né, toda hora tinha a confissão. Era horrível ter que confessar. Eu, eu, a gente confessava assim: ‘Padre, eu abusei do meu corpo’, né, eu não tinha palavra pra dizer aquilo. Isso significava masturbar, né. Gozado, você fixa num negócio, pra mim fixava muito na ejaculação, porque eu, não tinha como não ficar excitado, não ter ereção, não ficar com vontade, né. Daí, eu pensava: ‘e se eu for assim e conseguir segurar’ né, eu não tenho que confessar, então eu começava a criar mecanismos assim.

“Então esse foi um período muito filha da mãe, até que eu resolvi que não ia mais confessar aquilo. Mas, tipo assim, eu fiquei um ano, um ano e meio sem me masturbar. Então foi complicado.

“Aí quando eu tava namorando a A., eu comecei a ir para a cidade grande, pra estudar. Eu me lembro que uma vez... tinham umas coisas que aconteciam, assim, mas nunca chegava a consumir nada. O troço mais perto de uma relação sexual que eu tive foi um lance com uma menina dentro do ônibus, cara, de uma cidade a outra. Eu namorava a A., daí você deixa levar, a mão começa a se tocar, daí a gente quase transou dentro do ônibus mas eu nem sabia nem nunca soube o nome daquela mulher, assim, e me deu muita culpa depois, porque eu namorava a A., porque então eu tive uma ejaculação, foi um negócio de prazer.

“Aí depois dela (A.), tinha umas menininhas da minha cidade que me escreviam, eu tava a fins só de beijar, de tocar, de ficar e tava a fim de... Não tinha um compromisso espiritual, né, é a palavra, nenhum compromisso de intimidade de partilha intelectual que é uma coisa que eu gosto, me permite me entregar, né, não tinha. Então eu tava no meio dessas coisas assim quando eu conheci a M.. E ela foi a mulher com quem eu casei, a primeira mulher com quem eu transei, fiquei 6 anos com ela, nunca nem beijei outra mulher que não fosse ela...”

“Eu tive que falar pra ela que eu nunca tinha transado com ninguém e que eu não sabia o que fazer, né. Eu não sabia como ia ser, eu tinha tido todo um discurso sobre sexualidade com ela e sei lá, eu fiquei encucado com isso. Eu tinha 19 anos. Aí a gente transou. Mas hoje olhando, eu penso que poderia ter sido mais especial, sabe, podia ter cuidado melhor de mim.” (Risos)

“Ela foi tão passiva, tão... foi muito estranho, pra gente era a minha primeira vez, entendeu, e... (Silêncio). Foi lá na casa, assim, cheio de rituais, de toques tal, mas daí na hora da penetração assim, de mover pra poder chegar ao orgasmo, do coito, né, aí o troço foi simples, assim, eu gosto mais quando ela assume um papel ativo também. Sabe, eu gosto mais quando a gente troca os carinhos. Então, assim, nossa relação dali não mudou tanto também. Foi meu ruim assim, mas a gente tava preocupado: ‘foi bom pra você’ né, ‘será que eu fiz certo?’ né, ‘será que eu tou

cumprindo meu papel?’ e ela: ‘não, foi legal, tal’ só que hoje olhando pra trás eu sei que não foi muito legal(...).”

Sujeito 3 - 27 anos:

“A primeira pessoa que eu fiquei eu tinha 13 anos. Foi com uma prostituta. Meu pai me levou, entendeu?”

Como foi sua primeira experiência?

“Com 13 anos, eu não imaginava... porque hoje você tem acesso a vídeo, à revista, o mercado sexual... existiu uma abertura, mas na época que eu era moleque, não existia isso. Eu não tinha idéia de como era uma prostituta, nunca vi uma prostituta. Normal de conversa de moleque, a gente fala: ‘é assim, é assado’, entendeu? Então era totalmente...”

“Aí que alguns amigos, na época eles tinham 18, 19: ‘oh, vamo levar o cara lá, vamo que vamo’ e meu pai acabou indo junto. Então foi aquela farrá, né. Aí fizeram um concurso entre as moças, eu não escolhi nada, acabaram escolhendo para mim: ‘não, essa aqui ;é melhor, vai lá que vai ser legal pra você’. Eu fui.

“Demorei pra caramba, não sabia nem como é que era, teve que me ensinar na hora. Não tive problemas com isso aí.

“Depois que passou, aí minha mãe descobriu o que aconteceu. Eu tive uma espécie de repreensão. Então eu não gostava nem de entrar em casa: ‘imundo’, meteu a boca em mim. E eu evitava ficar perto dela, porque cada vez que ela me via, tocava no assunto, voltava no assunto.

“Mas a primeira experiência foi legal.”

“(...)E depois eu mesmo fiquei... no lance de prostituta não era muito legal. Porque no fundo nenhum homem gosta disso.” (Silêncio)

Por que?

“Porque se sente usado. (Silêncio). Não tem aquele lance de você usar ou ser usado. Se a gente tá a fim de fazer um negócio, tem que ser bom pros dois, né? E o lance de você pagar, de você saber que é porque você tá pagando, é um lance muito ruim.”

“(...)Que nem, às vezes que eu fui, nessa época aí, eu ia pra ficar mesmo com as pessoas. Mas, eu era moleque, né. E depois, vamos supor, não era eu que pagava. Mas, mesmo assim, eu sentia que faltava alguma coisa, entendeu?”

Sujeito 4 - 20 anos:

“Primeiro beijo, isso?”

“Quando eu descobri a masturbação eu me masturbava muito assim, devia ter uns doze, onze anos. Descobri com os amigos, conversando com uns amigos meus. É, que mais? Masturbação é isso. Agora o primeiro beijo assim, foi meio tarde, tarde assim, acompanhando meus amigos. Não, não foi. É que depois do primeiro demorou muito depois que veio o segundo. Eu beijei uma namoradinha minha, tinha onze anos, o pessoal falava ‘ah, sua namorada tal’ daí a gente também acreditava, tal, mas, sabe, sem entender direito tal, aí, depois assim foi com quatorze anos que eu fiquei com uma garota. Mas não foram muitas experiências, sempre os amigos meus ficavam com muitas garotas assim, eu ficava com menos garotas, tal. A primeira vez que eu transei com uma garota eu tinha 17 anos, é uma... Meu pai é amigo do pai dela, a gente foi para uma colônia de férias, a gente ficou uma semana junto lá e a gente transou. Ficou sendo depois minha namorada.”

E como foi?

“Foi bom, foi bom, não foi traumatizante pra nenhum dos dois. Eu acho, né. Assim, não deu nada errado, eu não fiquei pensando nisso também. A gente tava junto, tava assim gostando um do outro, a gente resolveu transar e foi super legal.”

Era a primeira vez dela?

“Não, não era a primeira vez dela. Ela tinha um namorado antes e já tinha transado com ele.”

Depois disso vocês ficaram namorando?

“Namoramos. Pouco tempo mas ficamos namorando. E morávamos em cidades diferentes, então... não nos encontrávamos muito.”

Sujeito 5 - 37 anos:

“As primeiras... não foram muito boas. Não foram muito boas, isso foi se aprimorando com o tempo, né. É você não conseguir uma realização como você imaginava que fosse, entendeu, de repente você fantasia demais e não é aquilo, né.”

O que você fantasiava?

“A minha imaginação é muito fértil. (Ri) Fantasiava muito e de repente, eu não conseguia manter relações com as minhas amigas ou namoradas, então a minha primeira relação foi com uma prostituta. Então, eu percebi que ela só tava interessada mesmo no dinheiro que ela ia pegar, tava me tratando como um garoto mesmo e não queria nem saber.”

Quantos anos?

“14 anos.”

Então você não conseguia com suas amigas e namoradas...

“Eu fazia as minhas tentativas, elas não queriam porque tinham os receios delas, entendo isso, né? Foi uma pessoa bem mais velha que me convidou, eu aceitei, aí não foi bom. Aí eu continuei a procurar outras prostitutas, aí foi melhorando, pelo menos eu consegui me realizar mais, né, em termos de satisfação. Aí que eu comecei com pessoas bem liberais, né, e quando eu tinha relacionamento com pessoas mais recatadas, eu também queria fazer as mesmas coisas, mas muitas vezes elas não aceitavam, por pudor ou por educação.”

Quais eram as mesmas coisas?

“Olha, sexualmente eu sou bem liberado. (Silêncio) E não é todo mundo que aceita fazer todas as suas fantasias, todos os seus desejos. Não é fantasia, é desejo mesmo. Por exemplo, sexo oral, esses tipos de coisa. Elas estranhavam porque não é uma coisa comum né, mas algumas depois de iniciar, realmente gostavam e não tinha problema nenhum. Eu acho que o relacionamento não mudava por causa disso.”

E como que era com uma que você paga, pode e com suas namoradas não...

“É um pouco frustrante, né. Porque na verdade você queria fazer com aquela que você tinha vontade de fazer, realizar a mesma coisa que fazia com a outra. É um pouco frustrante, então você acaba tentando procurar, encontrar alguém pra poder realizar aquilo que você não conseguiu com a anterior. Você tenta inicialmente quebrar esse bloqueio, com calma, com carinho, com paciência, vai progredindo aos poucos. Um dia você faz uma coisa, outro dia é mais devagar, depois volta, até que a pessoa vá se acostumando com aquele tipo de relacionamento. É também tentar conversar com ela, né.”

E aí dá certo?

“Às vezes sim, às vezes sim. Mas eu acho que esse tipo de realização vai muito de você estar gostando realmente da outra pessoa. Eu acho que está ligado ao amor, mesmo.”

Você me falou das prostitutas, você frequenta hoje?

“Não, não, faz mais de 10 anos, coisa assim.”

E com relação à masturbação, como foi?

“É, a descoberta é muito boa, né, prazerosa, muito prazeroso tanto é que os adolescentes se masturbam bastante, eu, na minha adolescência, me masturbava bastante. Era bom, era bom, mas quando eu conheci as mulheres, ficou... eu preferi as mulheres que era melhor. (Ri) É porque não é só aquele ato sexual mecânico, aquele ato sexual mecânico, tem muito mais coisas, tem as preliminares que são muito boas, o antes, o durante e o depois. (Ri)”

E você aprendeu com alguém, sozinho, como foi?

"Eu tenho a imaginação muito fértil, como eu falei, eu acabei descobrindo sozinho e também lia nos livros, figuras também, ajudavam bastante. Foi autodidata, a vida toda foi autodidata."

Sujeito 6 - 22 anos:

"Foram boas, foram, acho que..., não existia aquele negócio do pai levar o menino na zona pra ter a primeira relação sexual, pelo menos comigo não foi assim. Tenho amigos que ainda foram assim, mas eu tinha uma namorada, gostava muito dela e vive-versa, tanto é que namoramos bastante tempo depois., foi normal, um relacionamento super legal. Eu tinha 16 e ela 21. Namoramos 4 anos e meio."

Foi a primeira experiência dela também?

"Foi."

"Eu me masturbo desde os 11 anos, eu tive um amadurecimento sexual muito precoce, do meu grupo, dos meus amigos do colégio. Com 10 anos eu já apresentava pêlos pubianos e aumento do pênis, normal. Com 11 anos já tinha ejaculação."

"Eu acho que masturbação é a melhor coisa que inventaram, assim porque você tem relacionamento sexual com qualquer pessoa e de qualquer forma. (Ri) É a sua mente que fantasia. Eu acho uma jogada muito legal. É como digamos assim, todo mundo tem seus artistas prediletos que você nunca vai ver ou mesmo ter relacionamento, até social, com eles, e você, através da masturbação se relaciona sexualmente com ele."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Sexual mesmo? No começo eu tive alguns problemas, assim, muita ansiedade. Eu tive iniciação meio tardia, né, então ficava aquela, é... esperando pra ver como é que é ... esperando pra ver como é que era mesmo e ... o que seria pra ser minha primeira vez foi meio traumatizante, assim, não consegui, poderia dizer, assim. Fiquei nervoso, assim."

Tinha quantos anos?

"Tinha 18 anos. Já... A maioria dos meus amigos já tinha passado por isso, achavam que tinha passado da hora assim, aí quando eu tive oportunidade, assim, baixou tudo, assim, a ansiedade não deixou."

Com quem foi?

"Uma moça que eu tinha conhecido numa festa, assim. Eu tinha conhecido ela naquela noite mesmo, aí ela tinha me levado pra casa dela, aí não deu nada."

E como foi passar por isso?

"Então... Ah, foi horrível. Na noite mesmo eu vi que não ia ter jeito, fiquei, tipo, evitando, assim. Daí ela desconversava, assim, acabei dormindo. Aí no dia seguinte eu fui embora, mas nem fiquei falando nesse ponto aí. Mas aí fiquei encanado, né. Falei, tem um problema aí. Até que tive que ir no médico uns dias depois assim que eu tive uma reação assim, de tão encanado que eu fiquei eu não conseguia nem me masturbar depois, assim. Fiquei com uma tensão, assim, falei, ah, tou com problema sério. Passou 4 dias, falei pro meu pai que eu tava com problema, não expliquei porque eu não sabia o que era isso, né. Aí disse que tava com problema ele me levou no médico. Aí o médico urologista examinou disse que foi alguma coisa que aconteceu... psicológica, de fundo psicológico, de uma... de uma tensão que tava que refletiu lá. Até que o meu pai tava perto assim, ele ficava me olhando assim, eu disse: 'ah, não, acho que foi problema, não tem nada a ver'. Mas eu nem falei com o meu pai disso daí. Daí passou Ele tinha me dado até um remédio, calmante, assim. E aí passou. Aí depois disso a outra experiência que eu fui ter foi aqui em Campinas, já, com uma menina que eu comecei a namorar, mas daí nas primeiras vezes que estava quase acontecendo eu pensava naquilo aí eu falava: 'deixa eu disfarçar assim e esperar', até o dia que eu fui, assim,

eu tive que esperar um dia sem problemas, que eu não tava com tanta pressa assim, controlei a ansiedade.”

Como foi o seu contato com a masturbação, foi bom, era bom?

“Começou... Eu tinha curiosidade assim, sabia que existia alguma coisa pra fazer, eu não sabia, não conseguia fazer, mas eu ouvia conversa de colega mais velho, eles falavam bastante e eu ficava encanado, o que é isso, como é que é? Tentava descobrir assim, né. Na verdade, eu aprendi com um primo meu, esse primo que eu citei aí. Ele só falava desse assunto, só falava disso, não sei o quê, aí um dia ele chegou e me explicou. Tinha uns 11 ou 12 anos. Aí, o começo é aquela loucura, né. Exagerando, assim, todo o dia. (Silêncio).”

E hoje...

“A masturbação hoje? Ah, é bem menos, né. Enquanto adolescente é todo dia, várias vezes por dia, hoje em dia, normal uma vez por semana, quando vai, porque às vezes não me importo com isso.”

COMPREENSÃO DA UNIDADE 4:

As primeiras experiências sexuais dos sujeitos se deram de forma variada. Os dois sujeitos que se relacionaram com prostitutas (Sujeitos 3 e 5) relatam que tinham 13 e 14 anos respectivamente e que foram levados por pessoas mais velhas. Para o sujeito 3, que diz que nem imaginava como seria e que a prostituta teve que ensinar na hora, a experiência foi "legal". Ele diz que não escolheu nada e que os amigos e o pai acabaram escolhendo pra ele. Para o sujeito 5 as primeiras experiências não foram satisfatórias (mais tarde ele vai se referir em DIFICULDADES SEXUAIS E AFETIVAS sobre a ejaculação precoce nessa época), ele não conseguiu a realização que imaginava. Para esses dois sujeitos podemos considerar que a iniciação sexual deles era importante para os amigos, mais velhos, que acabaram por convidá-los e mesmo escolheram a parceira. Como diz o sujeito 3: "Então foi aquela farra, né."

Para os dois sujeitos que se iniciaram com prostitutas, este tipo de experiência depois "não era muito legal" (Sujeito 3). Como discutimos na compreensão da unidade SER HOMEM HOJE, eles se sentiram usados ao perceberem que elas estavam apenas interessada no dinheiro e não na relação ou neles mesmos. Esta percepção e, poderíamos dizer, desilusão com as prostitutas parece ter despertado uma necessidade maior de vivenciarem relacionamentos com outras parceiras.

Para alguns sujeitos a falta de informações sobre a sexualidade, a repressão e os valores morais dificultaram um contato mais prazeroso com suas primeiras experiências sexuais. Para o sujeito 2 e 3 as vivências iniciais foram permeadas por muita culpa. Para o sujeito 2 os valores religiosos, compartilhados com a família e os amigos, condenavam o prazer sexual obrigando-o a criar mecanismos para não se sentir tão culpado com as manifestações de excitação do próprio corpo. Para o sujeito 3 a reação da mãe ao saber de seu contato com a prostituta o marcou muito, a ponto de ter que evitar se encontrar com ela e ouvir sua desaprovação. Veremos mais tarde

(FIDELIDADE) que de alguma forma essa desaprovação da mãe foi importante para o processo de culpa e mal-estar ao se relacionar sexualmente com outras mulheres.

O sujeito 7 relata as suas dificuldades quando de sua primeira tentativa de manter uma relação sexual. Ele reconhece que a ansiedade e o nervosismo não permitiram que ele conseguisse uma relação. Sua primeira vez *“foi meio traumatizante”*. Isto fez com que ele ficasse *“tão encanado”* que precisou pedir ao pai que o levasse ao médico pois estava com *“problema sério”*. Mesmo nesse momento, entre ele e o pai não houve qualquer diálogo sobre a sexualidade e quando o médico aponta, na frente de seu pai, para algo emocional que deveria ter ocorrido, ele diz que *“não tem nada a ver.”*

Lembremos de como se deu as informações sexuais na família do sujeito 7 e como seu pai esperou que ele aprendesse sozinho e o *“período crítico”* tivesse passado. Podemos imaginar o quão angustiante para o sujeito foi vivenciar essas dificuldades sem entender o que estava acontecendo (*“não sabia o que era isso, né”*) e ao perceber que poderia ser um *“problema sério”*. Além do que assumir uma dificuldade de fundo psicológico e/ou emocional perante o pai pode representar uma fraqueza sinônimo, muitas vezes, de falha da masculinidade (ser homem) o que ameaçaria sua própria identidade sexual perante o pai.

O sujeito consegue depois superar sua ansiedade ao começar namorar outra garota, embora no início evitava os contatos sexuais por medo de fracassar novamente. Com mais tempo de relacionamento ele consegue controlar sua ansiedade e, sem pressa, consegue manter sua primeira relação sexual. Contudo, veremos que essa dificuldade associada à ansiedade de desempenho retorna ao tentar se relacionar pela primeira vez com outras garotas. Parece que quando há um envolvimento emocional maior o sujeito se sente menos cobrado e então consegue se soltar e controlar sua ansiedade.

Kusnetzoff (1987: 84) fala do medo da *“primeira vez”*:

As primeiras experiências deixam, po vezes, uma marca decisiva.No ato sexual inicial, o homem pode inibir-se, sentir-se pressionado, exigido... Muitíssimos

seres humanos, especialmente os homens, estão prisioneiros do compromisso de que já "tinham que saber". A isso se acrescentam a solidão e a falta de comunicação e as condições nada favoráveis em nossa sociedade para falar com alguém compreensivo e tolerante.

Esse estado é passageiro numa grande quantidade de casos. Mas, em muitos outros, o autotortimento, a dúvida, o sentir-se "pouco macho" e o temor de fracassar podem fazer de um jovem um indivíduo tímido, convencido de ter uma falha grave. Muitos desses homens, tempos depois e com grande esforço, conseguem reiniciar sua vida sexual, com êxito. Mas, como lembrança daquelas primeiras vezes angustiantes, também nas primeiras vezes com qualquer mulher costumam estar inibidos. À medida que o tempo passa e a mulher ou o ato sexual já não constitui um ameaçador teste para sua virilidade, a ereção e a ejaculação recuperam a função de outorgar o prazer.

Existindo uma certa intimidade e cumplicidade, como ocorreu com os sujeitos que tiveram suas primeiras relações com namoradas, essas dificuldades ansiogênicas cedem espaço para o prazer. Os sujeitos 4 e 6 não apresentaram dificuldades, durante e depois de seus contatos sexuais, quando permaneceram afetivamente ligados (namorando) por um tempo com as garotas. A ansiedade de ser adequado e ter desempenhado bem suas funções é relatada pelo sujeito 2: "*Será que eu fiz certo? Será que eu tou cumprindo o meu papel?*" Ele reconhece que desde a primeira vez não tinha sido legal que a namorada tivesse um papel passivo e que assim foi depois durante todo o relacionamento posterior com ela. Veremos em DIFICULDADES SEXUAIS E AFETIVAS como a passividade das mulheres é colocada como algo que dificulta os contatos sexuais dos homens.

Quanto à masturbação os sujeitos relataram que foi algo bastante praticado na adolescência, algo prazeroso, embora não se referiam atualmente a ela. Para o sujeito 6 a masturbação "*é a melhor coisa que inventaram, assim, porque você tem relacionamento sexual com qualquer pessoa e de qualquer forma*" sendo um componente importante para as fantasias, inclusive aquelas com pessoas inacessíveis.

5 - RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS:

Sujeito 1 - 28 anos:

“Um lado positivo. Eu tive uma namorada na Alemanha, que corria tudo perfeitamente, não tinha tabus. Ela era ativa na cama, fazendo sexo. Ela era ativa no dia-a-dia, no carinho, me colocando na vida dela. Tava quase tudo legal, só que sem a coisa toda do sul-americano, do Brasil, aquela coisa do calor: ‘olha, você é minha vida, eu sou a sua vida’. A gente sente falta disso quando você passa a viver num país ‘frio’, como a Alemanha, um povo frio daqueles, você começa a perceber quando as pessoas são mais quentes.

“Um outro caso foi aqui no Brasil. Até hoje ela é a mulher da minha vida. Essa pessoa morreu, de acidente de carro, mas foi bom ter sexo com ela, foi bom tê-la na condição que eu tive. Ninguém assumiu um namoro, talvez por ela morar numa outra cidade. Mas a gente tinha uma cumplicidade de ‘olha, eu arrumei um emprego, tô fazendo isso, vou tentar te ajudar’ e ela por sua vez também ligando ‘olha, troquei o pneu do meu carro, pus um que é legal, você tinha razão’. Mas ela morreu.

“Vai demorar um tempo pra eu me envolver com alguém agora.

“Essas experiências positivas eu resgataria de bom gosto.”

Sujeito 2 - 25 anos:

“Então, eu vou te falar desse negócio de experiência sexual de ficar com uma mulher, agora é mais fácil falar, porque eu tive 3 pessoas que já tiveram comigo até hoje. a A. foi importante porque ela me fez me ver como alguém que pode ser amado por alguém, né, foi um troço adolescente assim mas foi muito bom e hoje eu lembro dela de um outro jeito do que aquele da menina que eu não entendi, que era muito bobinha, eu lembro de um outro jeito. Ela casou, teve filho, tal, nunca mais conversei com ela, mas hoje eu lembro dela assim como a pessoa que me fez enxergar nos olhos dela de um jeito que eu não enxerguei na M., por exemplo. (Silêncio)

“A M. foi foda né, foi assim, a gente se conheceu e ela me quis muito, pelo menos ela disse que quis muito e eu acho que quis mesmo. Ela me via, me olhava, vinha no RU (restaurante universitário) me olhava, tal. Então com a M. foi muito louco porque ela me quis muito e isso me fascinou demais, sabe, de alguém tomar o papel ativo, assim, porque na minha adolescência e todas as experiências que eu tinha tido com meninas é sempre aquela coisa de você ir e ter que fazer o papel e ficar jogando os seus sinais, entende, parece que só você tem a responsabilidade da conquista, né.(...)”

“E agora eu tou ficando com uma menina que me faz bem, que tem um lance de enamoramento, de olhar, que me completa muito sexualmente, o jeito especial, depois vou te dizer por quê.”

“E agora o lance de todo esse envolvimento com essa menina, a N., eu tou apaixonado. E ela tá tão entregue, tão inteira comigo, e isso me faz tão bem, eu também tou tão inteiro com ela que eu não tou a fim de deixar de estar inteiro, sabe. Deixar de ser transparente. E daí eu tenho medo. Tenho medo de ficar com alguém e ter que falar pra ela, sei lá, e daí como é que eu vou ficar, eu não vou estar tão inteiro, eu não vou gozar tanto.”

“O acordo que eu tenho com a N. É uma coisa de estar sempre renegociando. Hoje está junto, se amanhã vai estar a gente vai ver de novo isso. Mas acho que existe a expectativa dos dois lados, dela e minha. Foi muito bom ter ficado junto, o jeito que ela gosta de mim, eu nunca tinha tido essa experiência com a M. Ela é bonita, mais do que a M., eu gosto disso. Ela é divertida, eu

gosto. E ela mostra que está apaixonada e isto me fascina. É o lance de olhar, de olhar. E o beijo. (Silêncio) E pô, ter orgasmo pelo beijo. Sabe, meu corpo pra ela faz bem, é uma coisa de narcisismo isso. Então, não sei, eu ando meio flutuando. É mais ou menos isso.” (Ri)

Sujeito 3 - 27 anos:

“Estou com uma namorada. Tá bem. No começo foi muito ruim. Nós brigamos muito, durante uns 3, 4 meses. Estou com ela há 04 anos. E depois, acho que ocorreu um amadurecimento da parte dela, meu, e da minha parte também e hoje a gente se dá bem, super bem. Quase a gente não briga. Briga, sim, mas brigas normais. Não tem nenhum problema sexual, eu me dou super bem com ela.”

“(…)Tive um bom relacionamento até os 21. Um relacionamento turbulento, com problemas de família, né. Mas, eu me descobri com essa pessoa. Nós ficamos muito tempo juntos, nós éramos crianças, né, quando começamos. Foi muito bom, super. Mas, não deu certo. E hoje eu estou com outra pessoa. Foram duas, foram mais, mas duradouros só essas duas.

“O primeiro relacionamento teve coisas que marcaram muito. Acho que se aprende muito com a primeira experiência. Essas coisas que com o tempo não se erra mais.

“Acho que tudo foi bom.”

“Depois, a primeira pessoa que eu fiquei mesmo foi essa pessoa do meu primeiro relacionamento. E demorou muito pra gente ficar junto. E quando aconteceu, ahhh...(silêncio). eu nunca esperava que fosse daquele jeito. Eu esperava, depois, o que eu fosse sentir, entendeu? Eu nunca. Imaginava que fosse mais ou menos igual.”

Igual com a prostituta?

“É, mais ou menos, né. E foi diferente. Foi super diferente. E depois, vamos supor, nesse meu primeiro relacionamento, ela era muito quente, entendeu? Então, em casa, a gente ficava junto, mas só quando não tinha ninguém, porque ela gritava bem alto, mesmo, entendeu? Quando a gente ia acampar, tinha problema. Porque onde a gente armava a barraca, no dia seguinte, os caras olhavam e ficavam..., sabia? Porque não tinha jeito mesmo. Era da pessoa isso aí.

Quando você diz que foi diferente com ela, o que foi diferente?

“Veja bem. Nós éramos um casal reprimido. Reprimido, mesmo. Até pra ir ao cinema tinha que levar a irmã dela. Era uma coisa, uma família medíocre. Hoje eu analiso e falo: ‘era uma família medíocre, com falsos valores’.

“A primeira vez, que fala assim, primeira, né. Porque o nosso relacionamento, a gente namorava na sala, e tinha duas salas. Eles assistiam televisão na outra sala. Então as coisas aconteciam, assim, umas coisas bem fortes ali na sala. Mas era aquele negócio reprimido, a família dela tá aí, a gente não se soltava legal. E a segunda vez que nós ficamos, nós ficamos na casa dela com a família dela toda lá. E pintou, aconteceu. Nós acabamos transando na sala e eu senti uma coisa por dentro, esquentou meu corpo inteiro, entendeu, me deu tremedeira e por alguns instantes eu não enxerguei nada. Coisas assim.

“Depois, eu comecei a sentir uma dependência dela, eu fiquei dependente a ela, entendeu? Já era dependente afetivamente, mas isso aí me deixou muito, muito dependente. Mesmo. Como se ela fosse parte do meu corpo. Entendeu? Até hoje falando, eu nunca senti nada igual com outra pessoa, nem sexo, nem nada. (Silêncio)

“É diferente. Eu te falo, assim o que senti, acho que nunca mais. Às vezes eu me lembro. Hoje eu me lembro de coisas que se passaram muito tempo atrás. Às vezes eu tou falando com alguém, me vem alguma coisa na cabeça.” (Silêncio)

"No caso fui eu quem terminei o relacionamento. No caso, muitas cobranças, família em cima da gente, eu não agüentei. Eu não tinha mais nenhum tipo de vida pessoal. Porque de qualquer forma, você tem que ter algum tipo de vida pessoal, entendeu, ter amigos pra relacionar. Não é porque você tá com a pessoa, tem que ficar grudado com a pessoa. E ela já não achava isso. Achava que eu tinha de viver pra ela. Isso era o mais importante.

"Na época, eu não queria casar. Quando terminei, já não era mais aquelas coisas. Gostava mais dela pelo que ela foi, não pelo que ela era."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Depois eu namorei uma garota francesa que também não era daqui, a gente ficou um mês juntos, eu gostei bastante dela. Ai depois ela voltou pra França, a gente se correspondeu poucas vezes e depois eu nunca mais vi ela. É... aqui na Unicamp eu namorei uma garota, a gente ficou bastante tempo juntos. Na minha cidade também eu namorei uma garota. Na praia também, agora recentemente, nas férias, a gente ficou junto, tal. Achei ela super legal, achei que a gente ia dar super certo, mas também ela era de outra cidade e daí não...A gente tá se correspondendo mas vai acabar, né."

Das relações que você me contou, o que é mais importante, o que mais te marcou? Qual foi mais importante?

"Ah., o sexo na relação é super legal. Nossas conversas assim também. Precisa, né, a gente tem que se identificar em alguma coisa, gostar de conversar com a pessoa, de estar com ela. Nesse sentido, das que eu te falei, foram super legais."

A conversa, o contato...

"O carinho, o abraço, o toque."

Sujeito 5 - 37 anos:

E nesses relacionamentos, o que foi mais significativo?

"Com certeza não foi, assim, o sexo. Eu diria que com nenhuma delas."

Por que?

"Não sei, algumas não... Talvez não participassem como eu participava da relação, em termos de ser ativas."

Embora você tenha dito que hoje a mulher está mais ativa...

"Hoje é mais ativa. Não sei o que aconteceu nesse tempo pra que elas se tornassem mais ativas, né. Acho que vale a pena estudar pra saber o que houve."

Então você me disse que não foi o sexo...

"Eu acho que foi mesmo o carinho, a cumplicidade, a amizade, o respeito pelo outro."

Por que os relacionamentos não deram certo?

"Francamente eu não sei. Eu acho que entrou um pouco a questão financeira nesses casos. É você não ter dinheiro, capital suficiente pra iniciar uma vida em comum. Comprar uma casa, ter um salário decente pra poder viver razoavelmente, né."

Os relacionamentos acabavam porque não podiam continuar...

"Não de minha parte, foi sempre do outro lado."

Você acha que por não poder financeiramente assumir uma série de coisas elas terminavam a relação?

"Exatamente. Pelo menos é isso que eu penso."

Elas queriam que a relação fosse contínua, casar, morar junto e como não era possível, rompiam?

"Isso mesmo, acabavam rompendo. Isso confesso que é bem frustrante, é uma coisa ruim. Faz com que você, às vezes, deixe de manter novos relacionamentos pensando nisso. Atualmente eu estou pensando: primeiro eu tenho que me estabilizar financeiramente, profissionalmente, porque aí quando eu estiver me relacionando com uma pessoa, eu sei que o sexo não vai ser problema, parte de carinho, respeito, fidelidade, também não, então, a única coisa que pode impedir é o

financeiro, então eu... nas outras partes eu fico tranqüilo, nessa parte eu me preocupo. Seria assim, um tipo de trauma de outros relacionamentos, né. Você às vezes gosta muito de uma pessoa, gostou muito de uma pessoa, perdeu uma, perdeu duas, aí você, poxa, isso vai ser ruim se acontecer de novo, né.

Atualmente você está namorando?

"Não, não estou."

O último namoro....

"Terminou faz uns dois anos. Ainda não surgiu a pessoa ainda que eu estou esperando, ou que... bom, vai aparecer, uma hora ou outra vai aparecer."

Você quer falar mais alguma coisa que não perguntei e você acha importante...

"Acho que você deveria ter perguntado se virgindade é importante, esse tipo de coisas, se experiências, variadas experiências é importante. Eu acho que sim, antes que você encontre a pessoa que você vai ... Você tem que tentar né."

O que é importante...

"Virgindade eu não acho importante, não tem importância nenhuma isso pra mim, agora importante é que a pessoa tenha tido relacionamentos anteriores antes de resolver se ... juntar com uma pessoa, ou manter um... porque isso faz parte, porque a maior parte das pessoas acaba se frustrando com isso. Porque ela conhece outros lados, conhece outras pessoas, as outras maneiras de..."

"Com essa pessoa que aconteceu esse caso comigo, eu não cheguei a manter relacionamento sexual, não tive relacionamento sexual com ela."

E por que vocês não se relacionaram?

"Ela não quis, achou que não era ocasião ainda."

Quanto tempo vocês ficaram juntos?

Um ano a gente ficou junto.

Ela era virgem?

"Era."

Você acha que se ela tivesse tido outras experiências...

"Não posso afirmar mas eu acredito nisso, ela poderia ter escolhido melhor."

Como era o relacionamento de vocês?

"A gente gostava de muitas coisas em comum, bem igual um monte coisas, era muito bom, era muito legal. Tanto é que algumas vezes que ela tem me ligado ela tem reclamado do relacionamento, do relacionamento sexual com o marido dela. Ela não está bem nessa parte com ele. Ela mesma me disse isso algumas vezes que ela gostaria de ter tido outros relacionamentos, ela me falou que talvez não estivesse sofrendo tanto se tivesse conhecido outros homens antes, tivesse tido outros relacionamentos."

Por que ela não teve?

"Não sei, acho que pela educação dela, tal. Estudou em colégio de freiras tal, muito castramento, né."

E a sexualidade...

"Eu acho que o relacionamento carinhoso, amoroso da gente não demonstrava tanta necessidade. Acabava suprimindo, era bastante afetivo, gostava muito, então não tinha tanta necessidade disso, isso seria um complemento, né. Mas não era uma coisa que a gente se visse forçado a fazer, obrigado a fazer."

Hoje como você sente isso?

"Eu acho que teria balançado bastante se tivesse acontecido, teria uma ligação maior, talvez fosse um fator decisivo pra que ... na opção dela, né. Faltou. (Ri) Eu tentei. Várias vezes, mas não foi possível."

Sujeito 6 - 22 anos:

"Então, eu tava comentando há um tempo atrás, é engraçado, o que marcou muito assim, digamos o relacionamento, de troca, de troca de mulher assim, socialmente, fora o sexo, foi esse de 4 anos e meio, até por ter sido um tempo extenso e ... a gente trabalhava junto. Então tava 8 horas por dia, de segunda a sábado, juntos, digamos trabalhando, e depois de final de semana, ficava menos tempo, quer dizer não conseguia mais ver, né. Assim, mas eu acho que foi o mais importante, o que houve mais trocas de conhecimento um do outro, assim. Agora, sexualmente houveram outros relacionamentos que daí, assim, sexo de várias formas, em vários locais, com outra pessoa que também marcou muito sexualmente. Por coisas loucas, tipo: ter relação sexual no meio do pasto, ou ter relação sexual andando a cavalo, ou ter relação sexual viajando num carro, de carro a 130 por hora, ou ter relação sexual, sei lá, no quarto ao lado dos pais, onde a menina estava dormindo, relações de tensão, onde você fica um pouco preocupado. Isso me estimula sexualmente. Relações de perigo."

Atualmente você está namorando?

"Mais ou menos. É uma coisa que é assim, a gente namorou, no primeiro ano da Faculdade, aí a gente brigou e se afastou, daí eu tive esse relacionamento com essa pessoa que foi muito jóia e daí terminou porque ela é de outra cidade, não é do estado de SP, então a cada 15 dias a gente viajava e acho que também por isso que era bom, porque não dava tempo da gente brigar, né. Cada 15 dias que você via, então era muito jóia, daí brigamos, não brigamos, mas daí ela brigou e a gente resolveu terminar e daí tava sozinho e essa menina que eu tou hoje começou a forçar a barra: 'vamo ficar junto, vamo ficar junto', a gente acabou ficando junto e eu tou nesse lance deixa como tá pra ver como fica. Tem até um certo compromisso, mas eu não tou com aquela vontade de ficar junto com a pessoa, com aquele, digamos aquele tesão no relacionamento."

E por que está..

"Tá por tá, não tem motivo."

E quando o outro relacionamento terminou, como estava a relação?

"Então, é engraçado, a gente terminou há 4 meses, daí o mês passado, ela fugiu da casa dela(...). Ela pegou e fugiu de casa, mas fugiu de casa e me ligou, da pista, dentro do carro, 'oh, tou em tal cidade, daqui 2 horas eu tou aí em Campinas'. E fugiu pra cá e daí voltou todo o relacionamento, a gente ficou junto de novo, rolou muita coisa de novo, e daí ela, acendeu muita coisa que tinham se esquecido desde que terminamos, ou pelo menos não achava que novamente fosse aparecer, pelo menos tão cedo. E eu já estava com essa outra garota daqui, não a gente só estava conversando, não tinha ficado junto ainda. Daí eu acho que o relacionamento com essa pessoa é um ciclo que ainda não se fechou, porque ela me liga toda semana, até 2 vezes a gente se fala e é um ciclo que tá meio aberto, a gente tá programando uma viagem em julho pro exterior, a gente vai junto e ela tá forçando a barra porque ela quer que eu vá, que eu vá logo, 'não, eu pago muita coisa', eu não sei o que significa isso."

E como é estar nesse momento com essas garotas pra você?

"Então, não sei se é uma coisa de... minha mãe tenta me falar, 'ah é uma coisa do seu signo, tal, que você nunca consegue ficar... quando você vai comprar uma camisa, sempre, nunca consegue comprar uma camiseta, tem que comprar duas camisetas. Ou uma camiseta e um shorts ou uma camiseta e outra coisa'. Eu sou de gêmeos e ela fala que existe muita duplicidade em gêmeos. Ela lê muito astrologia e mexe muito com essas coisas e realmente, eu fico ... eu gosto de ter duas coisas, dois movimentos ou mesmo não tendo um relacionamento firme e forte com essa

peessoa daqui, eu acho gostoso estar sempre conversando, entrar em contato, me sinto bem, assim, não entro em conflito comigo mesmo essa duplicidade, me satisfaz."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Aí foi bem, namorei com ela um ano, um ano e um mês e daí foi tranqüilo, eu me dava bem com ela. Morei junto com ela, no apartamento dela."

Por que acabou?

"Foi meio que por minha parte, eu tava me sentindo meio aprisionado, me deu um desespero, assim. É porque ela começou a achar ruim de muita coisa assim, não quer que eu viaje que faça muita coisa, aí eu dei uma estressada. Mas o relacionamento era bom, não tinha briga, não tinha nada assim, eu só me cansava de exigências dela. Eu ficava a semana toda aqui com ela e no fim de semana ela queria que eu fosse pra cidade dela com ela ou ficasse com ela aqui e eu queria ir pra minha cidade, minha casa, pra dar um espaço mesmo, aí não deixava, então, sempre arrumava uma briga assim: 'ah, deixa eu ir só esse final de semana', tinha que ficar dando explicação, tinha que arrumar um motivo pra ir. Mas não que eu não quisesse ficar com ela, eu queria ir pra minha cidade, dar uma sossegada, e voltava a semana seguinte, mas sem problemas sérios assim, aí depois de um tempo deu uma estressada. Eu terminei com ela, o namoro, no meio do ano passado."

Agora você está namorando?

"Tou namorando, uma menina de outra cidade. Aí eu encontro com ela todo fim de semana ou em minha cidade ou eu vou pra cidade dela. Ela veio uma vez aqui pra Campinas no meu apartamento."

E como está o relacionamento de vocês?

"Tou achando ótimo assim. Porque eu tava meio traumatizado de ficar grudado o tempo inteiro e como agora a gente se vê nos fins de semana, eu não tou cansando dela, a gente não se vê, eu fico com saudades e quando eu vejo ela é bom, é pouco tempo e a gente aproveita bem. Aí já... Eu tou gostando, não tem tanta exigência também porque não dá, também, né. É diferente, é outra coisa."

Estão há quanto tempo?

"Comecei a namorar, a sair com ela, viajar depois do Carnaval, aí a gente começou a se ver todo fim de semana. Faz uns dois meses e pouquinho."

Fora esses relacionamentos você teve outros?

"Assim que eu tinha terminado com minha ex, eu comecei a sair com uma de São Paulo. Mas foi... durou pouco tempo, ela até queria um namoro, assim, mas fiquei um mês e pouco com ela e desisti também, ela era meio problemática. Tinha 18 anos e tinha um filhinho já. Em casa já tinha rolado uma pressão, eu falei: "tá muito complicado isso". Na minha casa, quando souberam que ela tinha um filho, "de jeito nenhum". Não proibiram, né, mas mudaram completamente o jeito de tratar ela, sabe."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 5:

Várias foram as experiências relatadas como importantes ou significativas pelos sujeitos. Os aspectos mais presentes foram as vivências de se sentirem amados, queridos e correspondidos. Outros aspectos importantes nos relacionamentos foram as experiências sexuais (exceto sujeito 5) a cumplicidade, as identificações de gostos, o carinho, a amizade e o respeito mútuo.

O sujeito 1 fala de uma perda muito importante: *“até hoje ela é a mulher da minha vida”*. A elaboração dessa perda e a reestruturação para um novo relacionamento é, para ele, algo que ainda *“vai demorar um tempo”*.

As experiências do sujeito 2 em seu casamento são muito fortes e importantes para a sua vida. Muitos aspectos poderíamos extrair de sua extensa fala (ver anexo) mas consideramos importante quando diz do quanto se sentiu querido pela namorada que o fez se enxergar nos olhos dela de um jeito diferente. A forma como a ex-esposa o fascinou demais, por tomar um papel ativo na conquista, e o enamoramento (*“eu tou apaixonado”*) que sente no relacionamento atual são outros aspectos que marcaram muito suas experiências. Temos de olhar como um todo para seu casamento e todas as dificuldades que vivenciou para buscarmos compreender a complexidade e a intensidade dos prazeres e das dores vividos pelo sujeito, inclusive seu medo e insegurança com relação aos seus relacionamentos atuais.

O sujeito 3 fala de sensações que vivenciou com uma namorada que o fez se descobrir, apesar dos problemas. Foram *“coisas que marcaram muito”*, que até hoje ele se lembra *“de coisas que se passaram muito tempo atrás.”* Ao se referir à relação ele diz: *“(…) eu nunca senti nada igual com outra pessoa, nem sexo, nem nada.”* Ele relata que o fato dela ter se casado 6 meses após terem terminado o namoro foi algo muito difícil pra ele, principalmente imaginar que ela pudesse estar traindo-o antes: *“(…) Eu não esperava isso. E aí foi um choque pra mim. Depois disso aí, eu passei a esperar tudo das pessoas, entendeu? Talvez se acontecer uma coisa pra mim hoje, eu não vou me*

abalar tanto.” Parece que a decepção o abalou tanto a ponto de modificar sua concepção das pessoas como um todo.

Para os sujeitos 4 e 6, as experiências sexuais e as trocas emocionais foram os aspectos que mais marcaram suas relações: “*O sexo na relação é super legal. (...) O carinho, o abraço, o toque*” (Sujeito 4); “*sexo de várias formas, em vários locais, com outra pessoa que também marcou muito sexualmente*” (Sujeito 6).

O sujeito 5 já se refere que as experiências sexuais não foram os aspectos mais importantes, pois gostaria que as mulheres participassem mais ativamente das relações. Fala de aspectos emocionais e do respeito. Atualmente ainda não surgiu a pessoa que ele está esperando, mas teve um relacionamento muito significativo há um tempo atrás e se sente emocionalmente ligado a esta pessoa até hoje. Pensa em se estabilizar financeiramente pois acredita que as dificuldades monetárias influenciam negativamente no seu relacionamento com as mulheres.

Farrell⁴⁵ questiona por que os homens se preocupam tanto com sexo e sucesso e fala da mensagem masculina recebida socialmente de que devem pagar pela sexualidade feminina.

Ambos os sexos têm uma coisa em comum: o desejo de receber atenção. Para o homem, a primeira vivência de desigualdade se dá na adolescência: o homem percebe que a mulher tem de fazer muito menos para chamar a atenção sobre si. O grande hiato começa quando ele percebe, subconscientemente, que o homem e a mulher querem atenção por razões diferentes - para satisfazer duas fantasias primárias diversas. As garotas querem receber atenção para marcar “encontros”, ter relacionamento fixo, ganhar presentes e outros símbolos de sua fantasia primária. Os garotos querem receber atenção das garotas atraentes por outro motivo - a intimidade física.

A fantasia primária dos garotos - a troca de intimidades físicas - é de graça, nada custa para ambos os sexos. Já a fantasia primária feminina custa dinheiro ao homem - jantar fora, anel de noivado, casa e jardim etc.⁴⁶

O autor nos coloca que :”esse “pagamento” pela sexualidade da mulher é simbólico: indica até que ponto os homens são capazes de atender-lhe a fantasia primária”⁴⁷. Talvez por este motivo o

⁴⁵Op. cit.

⁴⁶Id. Ibid., p. 129.

⁴⁷Ibid., p. 133.

sujeito 5 ao se referir às mulheres que tanto valorizam a parte financeira diga: *Na verdade a gente não pode condenar muito, né.*” E tem lutado atualmente para se estabilizar financeiramente antes de iniciar uma relação mais duradoura.

O sujeito 7 passou por uma intensa experiência afetiva com uma namorada que morou junto. Relata que *“cansava as exigências dela”*: *“Eu tava me sentindo meo aprisionado, me deu um desespero, assim. É porque ela começou a achar ruim de muita coisa, assim, não quer que eu viaje, que eu faça muita coisa, aí eu dei uma estressada”*. Atualmente está namorando uma garota de outra cidade e considera ideal essa relação onde se vêem pouco: *“eu não tou cansando dela, a gente não se vê, eu fico com saudades e quando eu vejo ela é bom, é pouco tempo e a gente aproveita bem.”* Essa sensação de aprisionamento referida ao “ficar o tempo todo junto” é citada também pelos sujeitos 2 e 6.

Como vimos, as experiências são bastante variadas e motivadas por vários aspectos diferentes. Vamos considerar alguns pontos para buscar uma compreensão maior das experiências vividas: o sexo e a proximidade ou o “ficar junto o tempo todo”.

O sexo é um aspecto bastante importante, senão o mais importante, para os homens em seus relacionamentos com mulheres. Hite⁴⁸ diz que os homens querem sempre o intercuro sexual encorajados pela cultura que diz que é assim que os “homens” se comportam. Por outro lado, eles têm poucas outras formas de envolvimento e intimidade que não o ato sexual. Eles são separados de outros homens (de seus pais e depois de outros homens no sentido de falarem de seu íntimo e demonstrar afeição), então precisam ter um relacionamento íntimo com as mulheres. Na intimidade sexual o homem pode vivenciar suas emoções. “Isso, combinado à necessidade que todos temos de contato corporal íntimo e caloroso, pode fazer de um relacionamento sexual com uma mulher a necessidade mais importante de um homem.”⁴⁹

⁴⁸Op. cit.

⁴⁹Id. Ibid., p. 569

Podemos dizer também que é através do sexo que os homens se sentem aceitos e aprovados pelas mulheres. A vivência da intimidade sexual pode representar, para os homens, uma vitória sobre todas as dificuldades íntimas não-expressadas. Retomando as vivências com as prostitutas, sentem-se “usados” pois entregam-se sexualmente, não podem menti-lo, e as profissionais, não, apenas os utilizam como um meio para o que querem: o dinheiro.

Estamos novamente diante do paradoxo em que os homens desejam a intimidade sexual com as mulheres e ao mesmo tempo se sentem aprisionados se esta intimidade for contínua. Os sujeitos se referem à “falta de espaço” para si, a um “desespero”, a um “não aguentar mais”. A intimidade contínua parece ser tão ameaçadora quanto à sua falta. Como o sujeito 7 diz, ele queria se afastar não porque “*não quisesse ficar com ela*” mas para “*dar uma sossegada*”. O “ficar sempre junto” começa a mobilizar sentimentos e emoções de aprisionamento, desejos de fuga, tormentos que precisam se afastar para “*dar uma sossegada*”.

Retornar a um estado fusional primitivamente experienciado no seio materno e do qual tiveram que se afastar, pode representar uma ameaça à masculinidade constituída como negação do feminino primordial. Ser homem significa manter uma distância aceitável do mundo feminino e que garantiria assim uma pacífica convivência com os aspectos ambivalentes da identidade masculina sem se tornar ameaçadora.

6 - HOMOSSEXUALIDADE:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Se um sujeito faz sexo com outro homem e uma garota com outra, isso não é da minha conta. Eu tenho duas primas que são lésbicas. Eu tenho uma prima que se casou com outra. Eu encaro isso numa boa. Eu tenho um pai liberal, uma mãe liberal. Tenho um nível de informação e freqüente lugares que as pessoas tem um nível de informação igual ou superior a mim.

"Eu acho que por estarem quebrando mais os tabus, várias pessoas estão assumindo: 'olha, eu não sou veado, sou bi' ou 'não sou isso, sou aquilo', estão se definindo.

"Agora, é espantoso o número de 'enrustidos'. É aquele cara que dentro do banheiro faz coisas que ele não pode fazer nem na frente do espelho. Com um outro parceiro é mais difícil. Talvez em viagens, mas, masturbação anal, que eu pessoalmente fico imaginando sobre algumas pessoas, nunca me disseram nada. Mas, pelos comentários dessas pessoas, atitudes, tal, dá pra você sacar.

"Por exemplo, quando incomoda o cara usar brinco. Eu usei quando tinha cabelo comprido. Acho esteticamente uma coisa legal. Agora acho que eu tou ficando careca, não fica bonito. Mas, eles se incomodavam tal, até que um dia eles colocavam brinco e vinham dizendo: 'mas eu não sou bicha'.

"Dá pra desconfiar. Não te sugere? O cara fica se explicando demais, né? Eu vejo isso e Campinas faz jus à fama. É em discotecas, sambaterias, que você vê os caras soltam as 'frangas' deliberadamente, porque bebeu ou porque estão excitados dançando.

"Eu acho que isso é causa, é o panorama geral que envolve, que cria essa situação. Hoje todo mundo em geral, as pessoas ganham mal, trabalham demais, não têm opção de lazer. Pra algumas pessoas, a opção de lazer é comprar um CD a cada dia ou sair uma noite toda semana, ou é uma vez por semana viajar. Então você vai entediando, entediando, preocupações e tal. A ponto até de o cara falar: 'não vou ter uma namorada, não vou ter um cara, porque ganho uma merda, eu não agüento nem comigo, como vou bancar alguém?'. Eu próprio pensei isso quando vim da Alemanha. Mas acho que é a pressão que a gente tá vivendo. Eu, você, seu pai, sua mãe,... Aliás, tudo que é moralmente proibido tem um outro gosto.

"Não acho que é por causa da liberação das mulheres que os homens buscam outro, mas pelo stress que o país tá passando, pela monotonia, você não tem o que fazer se não está espiritualmente saudável hoje. Eu me sinto assim. Não 100%, mas estou trabalhando pra isso. E também experiências. Eu tenho que falar de mim porque eu não sei dos outros. O que eu disse até agora eu deduzo. Mas, eu vi parte do mundo, vi pessoas demais, diferentes tipos, drogados, intelectuais, homo, hetero... você vai caroneando pela Europa e encarando cada uma. Automaticamente comparando, você tira resultados. E acho também que amadurecimento, a maneira de amadurecer.

"A gente costuma dizer, os meus amigos que têm o mesmo ponto de vista, que os caras no primeiro semestre da PUCC chegam todos arrumadinhos. Na primeira festa, tão sem camisa; no segundo mês de aula tão liberadão, roupa solta; no segundo semestre já estão usando brinco; no final do ano já tão dando a bunda. Os caras pensam que aqui é liberado. Não penso assim. 'Aqui é liberado porque tou fora da minha cidade, não vou aparecer'. É o que acontece em Amsterdã, com drogas, a parafernália toda.

"O proibido tem um gosto melhor. Mas eu não vou dar a bunda porque é proibido. Eu tenho uma coisa formada em mim que é a minha sexualidade. Eu tenho certeza disso e não acredito que as pessoas mudem de idéia como tem acontecido. Um sujeito de 50 anos se separa da mulher pra virar de lado. Ele não passou a ser com 51 anos e 03 meses, ele mudou de sexo, não. Ele reprimia isso."

Sujeito 2 - 25 anos:

Você teve relacionamento homossexual?

"Tive, tive. Agora recente. Olha eu tive um lance assim. Eu sempre tive curiosidade, sabe, de como é que é chupar um pau, por exemplo. No meu eu não alcanço. (Ri) É mais ou menos assim. E como é que é dá a bunda. Como é que é?"

Você não tinha tido nenhuma experiência quando criança ou adolescente?

"Nunca, nunca. Vich! Ah, uma vez eu tive um troço parecido com isso, com um amigão meu assim, que era bem mais velho, mas a gente ficava conversando muito sobre mulher e quando eu tinha assim uma namoradinha. E um dia a gente foi dormir na casa de alguém pra cuidar, onde a gente morava tinha isso, quando alguém viajava. E aí a gente aproveita que tem revista, videogame esse troço, então é um acontecimento assim de adolescente, cuidar da casa de alguém, e numa dessa com alguém mais velho foi o mais próximo que eu tive foi... a gente conversava sobre mulher e ele ficava me contando, eu nunca tinha transado com ninguém, e como é que seria e tal e daí ele falava assim: 'ó, eu tou de pau duro só de falar nisso' e eu também, né. E um mostrava pro outro, né. Eu sei que numa dessa, de noite eu pensando naquilo, aquela energia, né, mas tinha aquele lance de adolescente católico, aquele estilo, né. Aí não sei se dormindo ou acordado, na cabeça dele ele tava dormindo, ele pegou em mim. Aí foi um troço que bastou ele pegar pra eu... pchiiii, ejacular assim. E eu encuquei bastante com aquilo, né. 'Ah, eu tenho que me confessar agora mesmo' (Ri). Não mas não fui." (Ri)

"Então, eu tenho curiosidade de... nunca transei com um homem, né. E daí, um dia com um amigo, assim, amigão mesmo, entendeu. E ele também muito cheio disso. Ele também é muito cheio das curiosidades, né, de achar que vale tudo, que vale com todo mundo, de querer transar grupal, de transar com a prima, com a irmã da mulher dele, e não chegou a cumprir, esse é um cara também que...daí eu falei, 'ah, eu acho que nós vamos acabar transando nós dois', né e a gente tava meio aéreo de tomar cerveja, e a gente tinha fumado também um tanto, e eu tava empapuçado aquela noite, aí, a gente foi e tal.

"Ele não gostou muito, mas, o que a gente fez? A gente se beijou, mas ela machucava assim, a barba assim, não foi um troço muito gostoso. E eu chupei o pau dele, até ele gozar na minha boca. E foi o que foi. Depois... só que daí a troca, daí quando chegou a minha vez, daí ele não quis. Daí eu falei: 'sei lá, não encuca' eu tava mais a fins, tinha mais curiosidade de eu fazer um lance passivo do que eu ativo, porque com mulher o ativo é muito melhor, não sei." Você queria que ele fosse ativo com você e não aconteceu...

"É, depois eu me masturbei no carro. Eu era a fim dele me penetrar, eu tenho uma sensibilidade no ânus que é um troço, mas ele não quis. Com mulher eu gosto muito e a gente encuca, você fala isso assim, ela fala: 'é, mas tá acostumado, se gosta né'. Pô, mas se gostar... Só que é racional. Muito racional, o discurso. Faz tempo que eu falo o que quero, o que penso, que transar homossexualmente pode ser um troço bom, que não tem nada a ver. Agora fazer é outra coisa. Só que não foi um troço de peso pra mim, não sei se foi um troço de peso. Ele ficou todo assim, alugado, tal, ficou muito, muito encucado, 'porque agora eu vou passar a me vestir de mulher e me chamar Lola', não sei o quê, 'já tenho um nome de guerra'. O que será isso, né? 'porque ele tinha muito medo de gostar, tal.

"O que será isso, será que é um negócio que vai mudar, tal. E eu já tava usando brinco nessa época. Sei lá, também pra mim fazia um tempão que eu não transava com ninguém e energia assim, e me excitava saber que era diferente, excitava ter que transgredir porque era o amigo, mas não voltou a transar mais, né. Nem chegou a ser transa. Só que então ficou assim, eu me masturbei. Só que na hora que eu gozei na frente dele me masturbando, ficou um vazio assim, um troço... aí ele falou: 'não sei, não fez muito a minha cabeça, tal'. Mas também não sei, não sei. Ele também nunca tinha experimentado, não sei. (...)

"Aí eu achei legal o lance assim, do jogo, porque qual é a gente diz que faz tudo, que topa tudo, mas tem algumas coisas que não rompe de jeito nenhum, né. Então é isso, eu tou... é complicado. É complicado. Tem gente que falou pra mim: 'não tente romper com isso que você vai entrar em psicose' porque eu fiquei com uns negócios aí e 'porque você não é esse homem que você quer ser, é um lance muito perigoso, então veja, não sei o quê'. Essa moça que me falou faz até psicanálise sabe, é esse negócio de ser estruturado e não conseguir sair muito disso. E eu não sei, não sei qual é a minha. Me assusta, eu sei que não é fácil, que não é resolvido, eu tenho muito claro que eu não sou um cara resolvido, eu tenho muito claro que não sou resolvido sexualmente e tal. Que eu não vou atingir um patamar de tranquilidade onde eu vou estar seguro com relação a mulher ou homem ou qualquer relação. Que eu vou estar inseguro mesmo. Que eu vou estar adolescente mesmo.

"Isso está muito forte, mas esse negócio de fronteira, de você extrapolar ter que quebrar e não conseguir voltar eu não... não existe isso. Você vê esse negócio de eu ter transado com um amigo, não me impediu de estar transando com a N. depois, né. Não me impediu de me apaixonar por ela. Não me impediu de continuar gostando dele demais. E tem um lance com ele que é muito legal, assim, de irmão, de gostar de estar ali, de gostar que o outro esteja bem, não tem uma cobrança.

"Você vê, é um treco esquisito, não é uma paixão por ele, de casar com ele, de namorar, o que aconteceu foi um lance muito lúdico, na minha cabeça foi muito lúdico assim, de transgredir e tal. Quase uma extensão de tudo ali, de fumar e estar fazendo uma coisa proibida."

Tem algo que você gostaria de ter sentido?

"Sim, sim, só que isso concorre comigo, concorre.(...) O lance de loucura com meu amigo também foi uma coisa assim... foi... ele nem fala mais nisso, tal, isso é um troço que eu queria falar, eu penso muito nos meus pais, tal (ri), sei lá, eu não quero que saibam disso, não quero mesmo."

Sujeito 3 - 27 anos:

"Nunca tive. Aconteceu com um amigo. E quando eu tinha uns 15 anos ele... pra mim ele é homossexual. Não é assumido totalmente, ele é casado, tem filhos, entendeu?"

E ele vinha e pegava nas pessoas. E uma vez eu tava dormindo em casa, tem duas salas, e eu estava dormindo e acordei com o cara pegando em mim. Bati nele, dei um tapão nele. Eu não aceito. Tenho amigos homossexuais, normalmente. Mas eu convivo, mas não aceito. Não consigo."
Quando você era garoto...

"Acontecia, mas eu nunca participei. É, às vezes na roda, vamos supor, todo mundo na rua. Ia dois num cantinho e é normal acontecer isso com adolescente, né. Mas eu nunca me dei bem com isso aí. Eu nunca admiti brincadeiras, nunca admiti ninguém por a mão em mim." (Fala muito baixo, não dá pra ouvir a gravação)

Sujeito 4 - 20 anos:

"Eu nunca tive."

Na época da adolescência...

"Quando eu era criança, quando ainda nem sabia o que era, um amigo meu me falou: 'vamo fazer um troca-troca', eu falei; 'nem sei o que isso aí', ele explicou, eu falei não. Mas eu era muito criança, eu morava em Piracicaba, eu tinha 06 anos, eu acho, nem sei 05 ou 06 anos, aí a gente não fez nada. Essa foi a única experiência homossexual."

Depois disso você não teve mais nenhum contato, troca-troca...

"Não, a gente não fez nem naquela época. Nem naquela época a gente fez. Depois eu descobri o que era: 'ah, é isso aí', mas também nunca tive uma relação homossexual. Tive vários amigos homossexuais, mas eu nunca tive experiência homossexual."

Sujeito 5 - 37 anos:

Você já teve contatos homossexuais?

"Não"

E na infância, adolescência, troca-troca...

"Não, não."

Tem curiosidade, vontade?

"Não, eu gosto mesmo é das mulheres. (Ri)

Sujeito 6 - 22 anos:

"Nenhuma, não. Existe, eu tava comentando com um colega meu na Faculdade, existe um relacionamento até, eu parei pra pensar, será que seria homossexual? Ou não? Uma satisfação homossexual ou de brincadeiras homossexuais? Tipo ah, chegar e apertar o bumbum um do outro ou dar um peteleco no peito do outro ou se abraçar, ou um beijo no rosto. Seria relacionamento homossexual? Eu até falei assim: "ah, acho que seria um relacionamento homossexual", mas que pra mim num... num... termina aí, entendeu? Ah, eu acho que é amizade, amizade muito grande assim, abraçar porque... e beijar pessoas que a gente gosta, eu gosto de nutrir, abraçar e beijar pessoas que eu gosto. Só que assim, seria relacionamento homossexual? Eu não sei até que ponto, ou relacionamento homossexual seria a partir de que um homem sente desejo sexual por outro homem, entendeu, isso eu nunca senti. Agora, eu gosto de chegar e abraçar amigos."

E quando você está conversando com seu amigo (...)

(Interrompe) "Então, e se fosse, acho, um amigo com outro amigo, até seria, mas é o grupo da Faculdade que age dessa forma. De repente eu parei pra pensar: será que é característica desse grupo quebrar limites, quebrar preconceitos, como é a característica da Educação Física em relação à Engenharia, em relação ao Instituto de Física que o pessoal parece mais machão, mais homem e mulher e não se tocam e na Educação Física existe mais o contato corporal? Entre homem com homem, mulher com mulher e homem com mulher? Por ser uma área limite entre Humanas e Biológicas? Eu não soube chegar a uma conclusão. Eu até pensei nisso: o que é, né?" Isso te incomoda?

"Não, não. É, eu faço o que dá na minha cabeça e tou a fim de fazer."

Você acha que os rapazes da Educação Física têm maior facilidade de lidar com a sexualidade, com a homossexualidade?

"Eu acho que sim, acho que bem mais. Acho que o relacionamento até entre pessoas se estabelece melhor com essa perda de preconceito entre corpo."

Você acha que as pessoas são assim ou a formação na Faculdade que favorece?

"Então, há pessoas que sem preconceito nenhum entram no primeiro ano, há pessoas muito preconceituosas corporalmente que também entram como calouros, né. Só que no decorrer da Faculdade, existem disciplinas que estimulam o toque entre pessoas. Um relaxamento, uma massagem e um ajuda... por exemplo na ginástica olímpica você sempre tem que tá ajudando a outra pessoa, se você não tocar, não segurar a outra pessoa, não tem como você segurar ela, não é por poder da mente que a pessoa não vai cair. Sem querer, você resvala, resvala em partes genitais, tanto homem quanto mulher, devido a própria atividade e isso vai quebrando, vai diminuindo, o preconceito entre as pessoas porque a pessoa que foi tocado, ele 'ah, mas não foi uma coisa que ele fez de propósito', entendeu? Isso vai quebrando certos tabus e aí o papo flui melhor, entre as disciplinas, flui melhor sobre esses aspectos."

Acho que fica mais claro o que é sexualidade e o que não é sexualidade dentro da Educação Física, porque não tem tanto tabu, é...: 'será que se eu relar no seio de uma menina ela vai sentir vontade sexual, ou não, ou vai sentir dor ou não?' Porque você já relou sem querer dentro da Educação Física e já obteve o resultado dela que quer dizer não teve prazer ali porque está sendo

uma coisa profissional. Agora, num relacionamento sexual entre homem e mulher até pode haver, tem mulheres que sentem prazer e tem mulheres que não sentem prazer.”

Existe o toque mas não é sexualizado e a pessoa não sente prazer...

“Não é sexualizado, então a pessoa não sente prazer, vamos supor se eu relar no seio de uma mulher, profissionalmente, acho que pra ela não vai significar nada. Agora, se for num relacionamento sexual, pra ela significa alguma coisa, ou estimula sexualmente essa pessoa.”

Sujeito 7 - 21 anos:

“Nunca tive. Pra mim é uma coisa que não bate curiosidade nenhuma, não gosto, não. Não gostaria nem de ver assim, não tenho vontade, não.”

COMPREENSÃO DA UNIDADE 6:

Somente um dos sujeitos relata que teve relacionamento homossexual (Sujeito 2). O sujeito 3 relata um “assédio” quando pequeno e demonstra até hoje uma inaceitação muito grande da homossexualidade dos conhecidos. Os sujeitos 4, 5, 6 e 7 nunca tiveram contatos sexuais com o mesmo sexo.

Os sujeitos têm concepções pessoais diferentes quanto aos contatos homossexuais. O sujeito 5 decarta as possibilidades e mesmo curiosidades de ter esses contatos porque “gosta mesmo é das mulheres”. Vemos assim como sua preferência sexual pelas mulheres elimina, para o sujeito, as possibilidades de desejar contatos com os homens.

Para os sujeitos 3 e 7 há uma rejeição total quanto a tudo que se refira a contatos com o mesmo sexo.

O sujeito 1 discorre longamente sobre a homossexualidade dos outros e coloca-se numa posição encarar “*numa boa*”, de não se importar com isso. Contudo, sente-se lesado pelos bissexuais que podem transmitir a AIDS para as mulheres que ele virtualmente transaria também. O sujeito tem fantasias quanto à homossexualidade dos outros: “*eu pessoalmente fico imaginando sobre algumas pessoas*” e desconfia dos homens que justificam demais sua masculinidade. Ele considera que os homens estão buscando outros homens “pelo stress que o país tá passando, pela monotonia”, mas não é muito claro em suas idéias sobre esses motivos. Ele admite que os homens tendem a reprimir sua homossexualidade e muitas vezes só a assumem depois de muito tempo ou permanecem “enrustidos”.

O sujeito 2 relata sobre suas experiências homossexuais da adolescência e recentemente. Do primeiro contato com um amigo na adolescência ele “encucou” muito, sentiu-se culpado por seus princípios religiosos. Ele conta que sempre teve curiosidades de saber como é se relacionar com um homem. Da experiência recente que relata com um amigo, muitas significações ficaram confusas em sua cabeça. Embora o ato de ser passivo na relação não tenha acontecido, os sentimentos

despertados pelo contato com o amigo parecem ter complicado suas concepções pessoais pois não excluiu seus sentimentos e desejos com relação à namorada e, ao mesmo tempo, mantém seu sentimento pelo amigo. Essas coisas concorrem com ele, que gostaria de falar mais com o amigo sobre isso e ao mesmo tempo pensa (muito) em seus pais, como se os tivesse traído e não gostaria que eles soubessem desse seu lado.

Para o sujeito 6 há um questionamento quanto ao que é a homossexualidade. Questiona se os contatos de amizade que tem com os amigos da Faculdade são "*uma satisfação homossexual*" ou "*brincadeiras homossexuais*". Ele acha que "*seria um relacionamento homossexual*" e diz não se importar com isso pois o importante é fazer o que "*tá a fim de fazer*". Contudo, há uma preocupação em tematizar esses comportamentos, pois o próprio sujeito diz que estava conversando sobre isso com um amigo. Se entre eles estão tendo comportamentos não muito comuns entre homens, o que é isso? "*Seria relacionamento homossexual?*"

Como podemos ver, há muitas questões em torno da homossexualidade masculina para os sujeitos. Existe uma certa tendência a negar e mesmo refutar contatos com o mesmo sexo. Há uma dificuldade explícita de se lidar com o assunto. São complicadas as questões que envolvem desejos ou contatos com o mesmo sexo, parece muito ameaçadora a idéia de se desejar ou mesmo ter curiosidades homossexuais, daí o sujeito 5 expressar de modo defensivo: "*eu gosto mesmo é das mulheres*". Admitir curiosidades e dúvidas é viver as angústias, os medos e as indefinições que relata o sujeito 2 ao tentar "extrapolar".

Se o processo de ascensão à uma identidade masculina é feito através de conceituações tão rígidas quanto à heterossexualidade e cheio de "fronteiras" (as quais se refere o sujeito 2) quanto aos desejos aceitáveis, claro que qualquer prenúncio de quebra dessas ideologias é ameaçador à estrutura identificatória como um todo. Daí a rigidez, assim como a ortodoxia, são necessárias para sustentar um sistema frágil (que tem que se apresentar com muitas certezas), fadado muitas vezes pela própria estrutura a se romper, como parece ter sido o ocorrido com o sujeito 2 que sempre teve

as suas “curiosidades”, mas sempre esteve muito delimitado pelas concepções religiosas e pelos pais. Daí, ao colocar-se diante de situações “ameaçadoras” quanto à sua heterossexualidade, entra em grande conflito interno com seus pais (claro, também internalizados, como se eles pudessem saber de seus contatos homossexuais se voltasse a tê-los, decepcionando-os assim quanto à imagem que possivelmente os pais desejaram dele).

Como vimos, a própria constituição rígida da masculinidade impede que os homens lidem de maneira mais autêntica e menos ameaçadora com a sua sexualidade como um todo. Ficando certos aspectos “proibidos”, como se refere o sujeito 1 e intocáveis, criam-se fragilidades e incertezas quanto à verdadeira escolha de objeto sexual. A imposição da heterossexualidade para a imagem de “masculino” não possibilita escolhas, aprisiona o desejo para um determinado fim, as mulheres. Poderíamos extrapolar aqui algumas razões de ódio e rancor pelas mulheres que são tão comuns nos homens, principalmente conhecidos como “serial lover”, contudo deixaremos esses aspectos para a discussão final.

Compartilhamos da idéia de enfoque psicanalítico, mas revolucionária de Jurandir Freire Costa quanto à nomenclatura e ao vocabulário de preconceito que classifica publicamente pessoas pelas suas preferências eróticas.

O heterossexual e o homossexual foram figuras morais normativas encarregadas de distribuir poderes e deveres sociais entre homens e mulheres, de um lado, e entre os bons e maus homens e mulheres, de outro. O vocabulário da bissexualidade nasceu comprometido com a discriminação. Foi constitutivo da repartição entre indivíduos moralmente aprovados e desaprovados. Nunca houve, na história conceitual da sexualidade, isenção descritiva ou neutralidade valorativa no uso de palavras como heterossexual e homossexual, como se pretende. Nunca se tratou, (...) de classificar o sexo das pessoas como se classificam, por exemplo, seus pesos ou alturas. A sexualidade foi classificada em tipos e sub-tipos porque já havia sido moralmente repartida entre o que deve e o que não deve ser; entre o desejável e o condenável.⁵⁰

⁵⁰Id. A Face e o Verso. Estudos sobre o homoerotismo II, São Paulo: Escuta, 1995, p. 290.

7 - FANTASIAS SEXUAIS E EXCITAÇÃO:

Sujeito 2 - 26 anos:

"(...) Mas, pra mim, sei lá, foi ficando, durante algum tempo que me excita alguém que tome um papel ativo, né, uma pessoa que tome o papel ativo, que te deseje, ver que alguém te deseje."

"Porque eu pensava tipo... que a gente ia ser amantes, sabe. (Ri) E isso era emocionante, era excitante."

"Olha, eu não sei, é isso aí mesmo, ser amante da própria mulher, e curtir com isso, não sei se foi pra mim uma tentativa desesperada porque foi a única pessoa que eu realmente tive pra mim, se foi uma tentativa de romper com esse lance de modelo de família mesmo, não tem como avaliar, tentei já. Rolava na minha cabeça o negócio do jogo, de jogar uma carta que pode servir."

"Porque o peito dela estava preenchido pelo sentimento por outra pessoa e ela não podia me tocar. E eu não só achava que podia como me excitava tudo isso. (Ri e fala alto) Me excitava muito de estar com ela, de ser proibido e poder estar. Eu queria aquilo de um jeito... algumas pessoas me disseram: 'pô, isso é radical', outros disseram: 'pô isso é doentio' eu acho que é as duas coisas." (Ri)

"Eu acho que esse negócio de ficar lidando com as palavras... acho que eu tenho fixação oral. É, eu adoro isso de beber, fumar, sexo oral, falar, comer, nossa eu sou voraz. Mas tem uma coisa com isso, não sei. Acho que nunca se esgota a explicação. Eu tenho necessidade de falar, sabe, às vezes eu me dou mal com isso. Acho que é mais o jogo das palavras, jogar com as palavras me excita."

"(...)E ela falava de brincadeira, no jeito de falar, sabe, e isso pra mim é um puta desafio, um puta fascínio. Esse jogo de conquista me fascina, me excita, e é poético, são as palavras que estão em jogo e ao mesmo tempo ela me achava bonito e tal, 'use isso' eu dizia pra ela depois, 'pense no quanto de prazer você pode ter comigo, não no tanto de prazer que você pode me dar' né, isso é muito machista e muito religioso ao mesmo tempo, né. 'Pense que você pode ser feliz' eu falava. Da rigidez do meu corpo que ela gosta, né, da musculatura, da rigidez do meu corpo e da flexibilidade do meu pensamento, da mobilidade da minha pélvis e da firmeza do meu caráter, né, 'pense em tudo que te faz bem em mim', por que não 'se quiser, faz de conta que eu sou menino, me leva pela mão, me conduz, me põe aonde você quer, aonde você deseja, brinque comigo, se quiser faz de conta que eu sou adulto, brinca de fazer aquilo que eu quero também'. Acho que eu tentei, né." (Chora muito)

"Tem um lance pra mim assim, no sexo que eu não sei se todo homem é assim, mas eu tenho muito, muito prazer de ver ela tendo prazer. Assim me excita e faz um bem danado. Sabe, que tanto é que no fim eu nem ligava, acabava não ligando muito que ela fosse tão ativa porque, quando eu via que ela tava excitada, eu ficava tão excitado, o corpo fica assim meio elétrico de ver que ela tava excitada. Então tem o lance do verbal, tem o lance do visual também. Que me faz bem, me excita.

(Silêncio) Então me fazia bem e isso na masturbação não existe."

"No fim das contas pra mim não sei se foi legal. E a gente brincou muito. Tinha muita coisa que achava legal, que eu fantasiava com uma mulher. De falar bobagem quando transa, de falar bobagem, palavrão mesmo, e vibrar muito assim, sabe, de falar, fiz tudo que me vinha na cabeça, só que não era uma pessoa que pra mim tinha um fascínio intelectual, como a M. tinha pra mim.

Foi muito carinho, foi muito bom, muito carinhosa comigo, muito querida assim com o corpo todo mas não era o tipo de transa que faz tão bem, sabe."

"Assim tipo, a gente sempre fantasia de transar nós dois com uma mulher, eu e ele, né. Eu nunca fiz. Ele já fez alguma coisa parecida com isso. Foi o que rompeu com o casamento dele. Só que o que ele conta é se alternando com a menina, e eu não sei se é assim mesmo. Então, sei lá. Me dá vontade, mas tudo me dá vontade. Tudo é possível na imaginação e daí pra concretizar? É por aí que eu tenho receio, é querer e também ter vontade de tomar cuidado. É querer e também não se expor, porque também se a gente se expõe demais... O que eu vou fazer com isso, né?"

"Mas a gente é pansexual mesmo, não é? Eu não sei, agora falar é uma coisa, fazer é outra."

Sujeito 3 - 27 anos:

"(...)Na cama era ótimo, era uma coisa assim, eu nunca tive uma experiência igual, porque era totalmente diferente, nunca era a mesma coisa.

"Às vezes, eu sentia que ela gostava, eu sentia que aquele momento para ela era o clímax, entendeu? Quando ela ia sentir orgasmo, eu sabia que ela ia sentir orgasmo, porque ela não fazia questão de esconder isso, entendeu? Gostava mesmo, sabe? Talvez até eu me sentisse melhor, coisa que hoje não é assim.(...)"

Sujeito 4 - 20 anos:

"Fantasias sexuais? Ah, não sei. Se tem alguma fantasia sexual, né? Não evidente que eu saiba, assim, se você me pergunta eu respondo na hora. Talvez, assim, alguma situação que me contaram, assim, transar diferente, sexo oral, alguma coisa assim, aí, mas é de momento assim, não que eu fique pensando assim: 'algum dia eu vou fazer isso'.

"Ah, não sei se eu tou com uma garota, os dois estão excitados, a gente não tá num quarto, numa sala, a gente transar fora, assim, mas nunca aconteceu."

Quais são as situações que mais te excitam?

"Uma coisa que me excita assim, é a garota estar... a excitação dela me deixa bastante excitado."(Silêncio)

Sujeito 5 - 37 anos:

"As minhas fantasias só seriam com pessoas. Com determinadas pessoas. Porque eu acho que eu já realizei quase todas as fantasias que eu queria realizar."

E como é com determinadas pessoas?

"Com determinadas pessoas que você acha que seria bom. A gente é muito influenciado pelos meios de comunicação, né. Eu acho que todo mundo tem alguém com quem gostaria de se relacionar, né, ter um bom relacionamento. Uma pessoa bonita, uma pessoa com o visual muito legal, uma pessoa sexy, assim."

Como por exemplo...

"Eu acho injusto eu falar de uma pessoa sem ela estar sabendo disso, eu acho que não deve citar nomes."

Talvez possa ajudar a elucidar o que pra você é ser bonita, sexy, qual o personagem que se encaixa melhor na sua fantasia?

"É a gente está relacionado com as pessoas do meio artístico, geralmente as fantasias são criadas, né, mas é mais em função da mídia, né. Às vezes você acaba olhando e achando realmente... porque elas são escolhidas também por pessoas que a enxergaram como símbolo sexual, como pessoas sexys. E isso se você botar uma pessoa no lugar e perguntar pras pessoas que estão passando: "essa é uma pessoa sexy?", e essa pessoa for de um meio artístico, de um meio televisivo, que saem em revistas, a grande maioria vai concordar que é bonita, que é sexy."

O que é sexy?

“Sexy é aquela pessoa que você olha... eu acho que a pessoa sexy é sexy naturalmente. É que a gente falou padrões de beleza, né.”

Se você vê uma mulher quando você pensa, fala, sente que ela sexy?

“Tá, quando ela tem ... um rosto bonito e um corpo bonito. E usa isso.”

Usa isso...

“Usa no sentido de despertar o desejo em outras pessoas. Tem várias, na verdade. Isso depende de você olhar e geralmente coincide com as pessoas que estão do teu lado.”

“Eu acho que é a pessoa mesmo, independente do lugar... de preferência em contato com a natureza, né. Ao ar livre, um lugar bonito. Onde eu pudesse ficar bem à vontade mesmo.”

Sujeito 6 - 22 anos:

“Como? Assim, de usar materiais alternativos, essas coisas? Nunca tive, até tenho curiosidade de entrar num sex shop de ver o que tem nesses sex shops, nunca entrei, morro de curiosidade. Todo mundo fala: “ah, tem chicotinho, tem não sei quê”, até gostaria de ver, mas nunca vi um. Mas, assim, as fantasias é mais em locais exóticos, digamos, dentro do rio, no meio do campo, em cima de uma montanha, numa praia, dentro do carro, em motel, em ... assim, em lugares diferentes e posições diferentes. Muito perigo...excitação e sexo.”

Sujeito 7 - 21 anos:

“As pessoas falam de fantasias assim, ter uma fantasia, eu não tenho nenhuma fantasia assim que eu fale ‘um dia tenho que fazer isso’. É uma determinada assim. Não tenho não.”

O que é excitante pra você?

“Ah, situação, assim? Acontece, eu não fico imaginando se seria legal tal coisa. Eu deixo acontecer assim, eu não fico pensando em ir a tal lugar assim, não me preocupo mesmo. Às vezes dá a louca, eu tou com ela, “vamos não sei aonde assim, vamos no mar”, mas é coisa que vem na hora, não fico pensando nisso, não tenho fantasia, não fico pensando nisso.”

COMPREENSÃO DA UNIDADE 7:

Tomar conhecimento das fantasias sexuais que povoam a mente de nossos sujeitos nos fornece importante e rico fundamento para compreendermos mais profundamente aspectos da sexualidade vivenciados por estes homens. Com exceção do sujeito 2, pareceu-nos que os sujeitos se sentiram pouco à vontade em expor suas fantasias sexuais e aspectos que os excitam. Os aspectos transferenciais já analisados anteriormente (ver Capítulo IV) podem ter influenciado nos depoimentos desses sujeitos. Contudo, procuraremos significados nas falas aqui apresentadas e procuraremos compreender os aspectos subjacentes quando possível.

Os sujeitos 2, 3, 4 e 6 relatam que a excitação da mulher, o prazer que ela demonstra (Sujeito 2 e 3) os excitam bastante: *"Eu tenho muito, muito prazer de ver ela tendo prazer. (...) quando eu via que ela tava excitada, eu ficava tão excitado, o corpo fica assim meio elétrico de ver que ela tava excitada."* (Sujeito 2); *"Nunca tive uma experiência igual.(...) Às vezes eu sentia que ela gostava (...) Eu sabia que ela ia sentir orgasmo, porque não fazia questão de esconder isso."* (Sujeito 3); *"A excitação dela me deixa bastante excitado"* (Sujeito 4); *"Muito perigo... excitação e sexo"* (Sujeito 6).

A imagem da mulher excitada, pronta e disponível para um contato sexual é muito explorada e valorizada em filmes, revistas e materiais pornográficos. O imaginário erótico masculino é povoado por facilidades quanto aos desejos femininos. Person (1989: 75) faz uma análise de dois temas das fantasias sexuais masculinas sendo um deles o da mulher onidisponível. Ela diz que *"muitas fantasias sexuais masculinas são, essencialmente, concertos mágicos dos medos sexuais dos homens"*.

*As fantasias da mulher onidisponível são tranquilizantes na medida em que garantem a disponibilidade e a aprovação sexuais femininas, estado de coisas um pouco diferente da experiência real do Homem Médio.
(...)E tais mulheres estão prontas a serem sexualmente satisfeitas. Através de sua excitabilidade fácil, elas fomentam a excitação do macho e apaziguam-lhe as*

*próprias dúvidas sexuais. Por serem tão fáceis de agradar e experimentarem grande prazer, tais mulheres não são vistas como castradoras potenciais.*⁵¹

Por refletirem desejos, essas fantasias aplacam as ansiedades masculinas de serem rejeitados ou não aceitos. Veremos mais adiante as dificuldades de alguns sujeitos em abordar as garotas por medo de serem rejeitados. Segundo Farrell⁵² a vulnerabilidade masculina que deixa o homem exposto à rejeição e fragilizado perante uma mulher, gera defesas. A primeira defesa apontada pelo autor é que o homem transforma a mulher em objeto sexual porque dói muito menos ser rejeitado por um objeto do que por um ser humano em sua totalidade. Podemos questionar essa visão bastante simplista apresentada, contudo, faz sentido imaginarmos que se o homem encarar as mulheres como objetos de prazer fica mais fácil lidar com aquelas que o rejeitam. Objetos são permutáveis, pessoas não.

Para Person⁵³ a ansiedade de castração⁵⁴ não constitui categoria suficientemente ampla para explicar todos os temores que se percebe nos homens adultos. Existem outras fontes que contribuem para as preocupações ansiosas que podem, inclusive, intensificarem a ansiedade de castração.

*“O medo ao pai e a ameaça de castração (às mãos daquele) não constituem os únicos fatores na renúncia do menino à mãe. Como Freud (1920) sugere, o menino também retira da mãe o seu investimento libidinal porque sente não possuir a dotação genital necessária para competir com o pai”*⁵⁵

O menino se sente assim, inferiorizado quanto à sua insuficiência genital e isto o marca profundamente. Para muitos homens, nunca se recobram dessa importante ferida narcísica. A frequente indisponibilidade feminina vivenciada pelos garotos na adolescência, pode reavivar essa ferida. Podemos ter então episódios de franca ansiedade de serem rejeitados, de não conseguirem

⁵¹Id. Ibid., p. 76

⁵²Op. cit.

⁵³Op. cit.

⁵⁴Ver nota de rodapé nº 43 à pág. 58

⁵⁵Id. Ibid., p. 78

manter nunca um contato sexual com uma parceira, de falharem ao tentarem se relacionar sexualmente e tantos outros medos que permeiam as fantasias dos adolescentes.

As fantasias e o desejo de mulheres sexualmente disponíveis pode apaziguar os temores de insucesso com as mulheres sem que ameacem a identidade de homem construída com referencial de conquistar e relacionar-se com mulheres.

Podemos pensar que para os sujeitos, perceberem a excitação de suas parceiras é o primeiro sinal verde para serem aceitos sexualmente e como homens. Há uma grande excitação e desejo quando não se sentem mais à prova, mas foram aprovados na prova de conseguirem despertar o interesse das mulheres.

Outras fantasias excitantes são mencionadas pelos sujeitos como: *“Porque eu pensava tipo... que a gente ia ser amantes, sabe. E isso era emocionante, era excitante.”*; *“me excitava muito de estar com ela, de ser proibido e poder estar”*; *“a gente sempre fantasia de transar nós dois com uma mulher, eu e ele.”* (Sujeito 2); *“transar diferente, sexo oral,(...), transar fora”* (Sujeito 4); *“as minhas fantasias só seriam com pessoas.”*; *“onde pudesse ficar bem à vontade mesmo”* (Sujeito 5); *“em locais exóticos, dentro do rio, no meio do campo, em cima de uma montanha, numa praia, dentro do carro, em motel, em... lugares diferentes e posições diferentes.”* (Sujeito 6).

8 - DIFICULDADES SEXUAIS E AFETIVAS:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Tive um tropeço na minha vida, logo que eu voltei da Alemanha. Me apaixonei por uma pessoa que esteticamente tá longe de ser aquilo que eu pense, que eu almejo. Apesar disso não ser a coisa mais importante para mim. Foi um namoro bem conturbado. Eu não atribuo toda a culpa na garota, apesar de ter um Q.I. inferior, até onde eu pude perceber. Sexualmente era uma boneca inflável.

"Acho que a parte negativa de uma experiência é porque, em geral, a minha parceira deitava na cama, abria as pernas e ficava imóvel. Como se a coisa fosse boa só pra uma pessoa.

"Eu espero mais de uma mulher quando vou pra cama com ela, eu não me sinto satisfeito com isso. Acho que isso deve ser atribuído ao tabu, ou ao modo como a sociedade trata a mulher, ou vem tratando.

"Acho que elas não têm consciência: 'ah, que legal, eu vou convidar aquele cara pra ir pra cama e eu vou ficar por cima'. Em geral, acontece assim. Isso pra não falar que em geral elas reclamam que eu use camisinha, que eu faça sexo com camisinha."

Sujeito 2 - 25 anos:

"Eu sei que foi chegando numa época que o troço foi ficando difícil e só que, pô, ela era a única mulher que eu tinha tido, né, e foi durante um bom tempo e ela 'você tem desejo, mas mulher não tem tanto desejo assim, e tal, não é igual ao homem' aí a gente falou assim: 'será o negócio do lugar, o que será que a gente não tá se dando bem sexualmente?'

E fora isso, tinha uns outros lances com certeza, tinham umas cobranças entre nós, pintava umas neuras cotidianas, que já não era mais aquela paixão inicial, né, não era tão bonito mais e tal e tinha o lance da família que almoço de domingo e eu tava sempre lá e, tipo, desde a primeira vez que a gente foi tinha o lance: 'olha, veja lá a sujeira que vocês vão fazer aí' a gente tava fazendo um bolo e eu falei: 'não, a gente limpa depois', tal e assim a coisa mais normal do mundo e aquilo silenciou assim porque não podia dar uma contra-palavra à mãe ou ao pessoal de lá. Depois eu descobri isso, e foi muito doído, porque eu sou um cara de falar muito, gosto de falar minhas coisas e não havia lugar que fosse mais quieto que no meio daquela família."

"Bom, daí a gente se casou. (...) E fomos nós dois morar num apartamento, pra gente ter mais intimidade, tal... Sabe, nesse tempo já tinha briga, já tinha briga por causa desse negócio de sexo, 'ah, porque você não me trata bem, aí depois quer transar comigo' né, 'você quer me prostituir, você me trata igual o meu pai trata a minha mãe', ela falando.

Parece que o compromisso de deixar ela excitada era meu, ao mesmo tempo que eu sempre dediquei muito tempo no encontro, nos toques pro sexo, no erotismo, no fim parece que a criatividade tem que ser minha, no jeito de tocar tem que ser meu, até ela ficar legal, assim"

"Era muito assim... Ufa... Faz o ritual todo, de toque, de carne, de língua, de tocar os seios, de tocar as costas, de fazer massagem, de pegar o cabelo, de beijar os olhos, de... tudo, daí penetração e o meu corpo não, sabe. Assim, digo: 'puxa como eu gosto que você me toque, de beijo, que você coloque a boca no meu pênis, sei lá', eu gosto disso, mas ela: 'ah, mas não é legal'. Eu dizia: 'como eu gosto de você, que a gente converse transando, que a gente fale'. Eu achava legal também, ela achava que tudo era tipo histeria, assim, né, que gemer, falar, conversar, tudo era fetiche, sabe, que quem transa bem não precisa disso(...)"

"(...)Ela não conseguiu amamentar, e o cotidiano, aquele troço, a gente transava uma vez por semana, e eu não agüentava isso aí. Daí eu saía, ficava olhando muita gente, que me olhava também. (...)" (Chora muito e fica um tempo em silêncio)

"Então a gente tava vendo, antes eu ia viajar, ou ela ia viajar, quando a gente voltava, tinha um calor de voltar, de vontade de querer abraçar, um troço que eu senti que já tava amortecendo, da última vez e a gente começava a ficar muito irritado."

"(...)Foi cair num troço assim: 'desde a primeira vez que eu te beijei já ... tinha alguma coisa que já não era assim' não sei alguma coisa que não bateu pra ela. (...) 'desde a primeira vez que eu te vi te achava e te acho bonito, te acho inteligente, gosto do teu corpo, acho teu corpo... só que tem uma coisa'.

"Eu falava: 'poxa! Será que você ficou sabendo disso há tanto tempo assim, né. Será que...' aí vira um lance pessoal, né. E eu acho que isso existe, né. Quando você beija uma pessoa, isso tem um significado, né. É muito de sentir aquela pessoa, eu não consigo dizer da minha cabeça o que é, sabe, acho que é o cheiro, o gosto, é mal hálito? Não é mal hálito. É a temperatura da boca? Não é a temperatura da boca."

Alguma coisa que pra ela não acontecia...

"E não acontece, nunca aconteceu. Só que por eu ser uma pessoa muito significativa pra ela, ela achava que tinha como ficar, que ela ia resolver isso. Daí, pô! Daí destruiu tudo pra mim. Tipo dominó, assim (faz um barulho). Foi refazendo o sentido pra cada transa mal feita, pra cada toque rejeitado sabe, chegava no seio dela ela tirava, sabe. De acordar de manhã, querer se tocar e ver que de manhã não, porque tá muito sonolento. De tentar se tocar à noite, de dizer que 'não, que tou cansada' de tentar se tocar à tarde 'não porque o neném tá acordado' e sabe, tudo, tudo pra mim virou, porra, eu o que é que eu faço com isso aí, né. Tem alguma coisa no meu corpo que eu não posso mudar."

"Foi como se ela tivesse destruído todo o encanto e destruiu mesmo. (Silêncio)

"Só que depois que eu vi o que foi essa destruição, o significado, assim. Ó o troço foi tão violento que ela passou uma noite acordada comigo, quando eu quero conversar eu falava 'eu preciso falar, eu preciso conversar', e ela dorme, ela dorme. 'Eu já não tou te entendendo mais de tanto sono, eu vou começar a falar bobagem, é melhor eu dormir'.

"E daí essa noite que ela falou isso prá mim, eu não consegui dormir, eu tive que sair correr, que eu gosto de correr, eu fui correr, corri. Eu tava exausto e não conseguia dormir, aquilo ficava aqui (mostra o peito), de dentro prá fora, puxava. Vontade de vomitar (chora) vontade de vomitar de lembrar de cada transa. E foi. Daí eu escrevi e mostrei prá ela o que eu tinha escrito. Ela chorou muito, falou: 'não é isso, olhe prá mim não é isso, eu tou confusa, você não pegue uma coisa que eu tou falando no meio de um troço que eu tou confusa, você vai estragar tudo que foi uma família' só que eu tava machucado, eu não queria acreditar."

"Eu cheguei a pensar em suicídio, muito forte. E ela não queria conversar comigo, não queria conversar. Sabe, eu tava frágil, frágil, frágil, frágil, de chorar, me bater, me unhar, nunca era eu mesmo. Sabe, de não agüentar e sair pra rua quatro horas da manhã, atrás de qualquer coisa, de me masturbar no meio da rua, no meio da rua. Parece que tinha uma energia assim, sabe..."

"(...)Com a M. foi isso o tempo todo. De ficar excitado, o troço não vai pra frente e daí querer subir pelas paredes, daí, de repente, a gente se masturba e não satisfaz, não se satisfaz. Uma, duas, três vezes no dia e não se satisfaz. Isso não me deixava mais relaxado."

Sujeito 3 - 27 anos:

"Depois que terminei meu primeiro relacionamento, eu tinha dificuldade de sentir orgasmo, não sentia orgasmo. Demorou um tempo para eu conseguir novamente. Então eu tinha relação normal, mas não sentia orgasmo."

"Fui em médicos, ninguém conseguiu descobrir o que era. Tecnicamente tava tudo normal. Essa fase durou 08 meses. Sentir orgasmo era muito difícil, demorava muito."

E com a masturbação?

"Às vezes, sim, às vezes. Também eu não pratico muito, né. Mas demorava bastante e isso me incomodava bastante."

E quando você acha que voltou ao normal?

"Bom, teve uma época que eu bebia muito, assim, toda noite, eu saía em barzinho, tomava cerveja. Hoje eu não bebo mais. Talvez isso aí tenha influenciado bastante."

E isso foi depois que você se separou?

"Não, antes eu bebia também. Mas depois eu acho que você fica livre."

O que você chama de beber muito?

"Ah, tomar das 22 à uma da manhã, tomando cerveja. Vamos tirar segunda e terça, de quarta em diante. Às vezes chegava domingo eu aumentava bastante."

"Droga também nunca usei, nenhum tipo. Mas acho que o álcool me influenciava bastante."

"Esse foi o único problema que eu tive. Depois acho que fui esquecendo o problema, fui convivendo e passou."

Como passou?

"Nem sei direito. Eu continuei a beber e o problema sumiu. Mas eu acredito que nessa época o álcool tenha me influenciado bastante."

E...

"O fator psicológico. Acho que alguma coisa, porque o meu primeiro relacionamento era uma coisa assim, muito quente, entendeu. Vamos supor, estava com a pessoa, eu topava qualquer coisa."

"No caso fui eu quem terminei o relacionamento. No caso, muitas cobranças, família em cima da gente, eu não agüentei. Eu não tinha mais nenhum tipo de vida pessoal. Porque de qualquer forma, você tem que ter algum tipo de vida pessoal, entendeu, ter amigos prá relacionar. Não é porque você tá com a pessoa, tem que ficar grudado com a pessoa. E ela já não achava isso. Achava que eu tinha de viver prá ela. Isso era o mais importante."

"Na época, eu não queria casar. Quando terminei, já não era mais aquelas coisas. Gostava mais dela pelo que ela foi, não pelo que ela era."

"Bom, tem uma coisa que eu quero falar também. Tem uma moça que eu tive relacionamento com ela e com ela que começou esse problema aí de não sentir orgasmo. É uma pessoa extremamente... eu nunca fiquei com uma pessoa desse jeito... vamos supor... (silêncio)"

"(...) Nem essa prostituta era tão fria quanto essa moça, entendeu? Tinha uma mente fria, assim, não consigo explicar. Talvez ela tenha desencadeado esse problema, entendeu? De orgasmo."

Como ela era?

"Vamos supor, tava com ela, ela falava assim: 'oh, vai logo você tá demorando'. Como surgiu isso? Como é... como é que... não sei... entendeu? Então eu me sentia contra a parede com isso aí."

Você namorou com ela?

"Não. Saí um mês com ela. Não chegamos... e ela era mais velha. Eu tinha 23 e ela tinha 27. Não que isso seja uma diferença enorme, mas..."

E depois dela, o problema...

"Continuou. Vamos supor, nesse período depois que eu terminei o relacionamento, às vezes eu ficava com uma pessoa, eu sentia raiva da pessoa. Vamos supor, transava com uma pessoa, depois sentia raiva da pessoa. A pessoa falava comigo e eu: 'ãhn, beleza, tá tudo ótimo, eu queria, não imaginava que fosse assim', entendeu? Acontecia, esfriava depois. E também não sei por quê. Antes de transar com a pessoa eu queria transar, entendeu? 'Não, eu tô super a fim, tal' e

acontecida que eu sentia um bloqueio depois. Às vezes a pessoa começava a falar comigo... é depois. Não é só na hora de imediato. É depois que você pôs a roupa, saiu, foi dar uma volta."

"A minha noiva hoje é uma pessoa que ...(Silêncio). Eu não sinto falta de outra pessoa, entendeu? Mas também, às vezes eu fico em dúvida, acho que é dúvida dos medos normais que as pessoas têm. É ... até quanto você gosta da outra pessoa, como a outra parte também gosta de você. Até quanto o relacionamento é duradouro, até quanto é um relacionamento homem-mulher ou é um relacionamento de amizade. Então eu acho que é normal acontecer isso com as pessoas. Às vezes, vamos supor, eu procuro..." (Silêncio).

Não entendi...

"Às vezes você procura a pessoa sexualmente falando. E a pessoa, você nota, não tá a fim, tá meio... entendeu?"

"Ou às vezes fica junto, fica uma vez, quer ficar duas e a pessoa vira pra lá e dorme. Então você sente alguma coisa. Meio inseguro. Também não sei se eu passo segurança."

E sexualmente...

"Bom, já falei. Às vezes eu me sinto inseguro."

"Sexualmente... às vezes é esse lance que eu falei pra você. Tenho vontade de ficar duas vezes com a pessoa ou até mais. E eu não falo. Eu acho que tem que ser espontâneo. E ela também nunca me procurou, eu sempre que tenho que procurar. E eu não gosto disso, já falei pra ela. Mas também não fico insistindo, eu falo uma vez só. Acho que tem que falar uma vez só. Não tem que ficar cobrando a pessoa."

"No meu primeiro relacionamento, eu era muito cobrado. Vamos supor, quando eu ficava junto... mulher eu acho que é diferente do homem, porque gosta de ficar abraçada, gosta de ficar conversando, falando. E o homem é diferente porque acabou, acabou. O que eu sinto: eu não tenho saco de ficar agradando, beijando. Porque depois é o próprio corpo, não consigo, entendeu, ficar abraçado, assim. Eu quero me distrair um pouco, ou levantar, tomar banho, entendeu? E eu era muito cobrado. E às vezes, eu acabava fazendo isso, por um lado me dava nos nervos mesmo, eu me sentia contrariado. Então eu me sentia muito cobrado. Ela me cobrava muito isso aí. Hoje eu não tenho esse tipo de problema."

Ela não cobra?

"Mas já cobrou e eu expliquei o que eu tou te falando agora. Às vezes eu não sinto, então, tem esse problema, tem afetividade. Ela não fala nada hoje, ela não cobra isso."

"Vamos supor, às vezes, eu não tinha vontade de ficar e ela (a outra namorada) era uma pessoa muito quente, então me cobrava mesmo, eu me sentia pressionado. Porque era difícil a gente ficar uma vez, entende, ficava 3, 4 vezes, toda vez. E isso aí, não posso dizer que me enjoava, mas eu sentia, nessa época eu sentia falta de outras pessoas. Procurava às vezes sair com outras pessoas. Mas diferente do que era, muito diferente. Depois, isso... me dava uma vontade de chorar, me dá um troço entende, incontrolável. Depois, na hora que acaba, então, queria ir embora. Podia estar aonde for que eu queria ir embora. Não sei por quê. Eu me sentia culpado. Muito culpado."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Dificuldade sexual não, mas dificuldade de me aproximar de uma garota assim, eu acho que eu tive e tenho ainda um pouco."

Uma dificuldade afetiva?

"Uma dificuldade assim mais de rejeição. Não trabalho muito bem esse lance de rejeição com uma garota."

É um temor de ser rejeitado?

"É. Eu acho que é o único problema que eu tenho consciência que eu tenho. O bloqueio é ir fazer a abordagem."

É. Foi um trabalho longo, assim, eu tive que me sentir muito seguro, sabe, ter muita certeza de que ela estava a fim de mim para mim... (silêncio)

Para você demonstrar o interesse?

“É. Tipo assim, amigos falando, irmã. Eu perceber ela se insinuando, sabe, ter muita certeza para mim.”

Muitos sinais?

“É, muitos sinais.”

E com seus amigos? Você acha que eles também têm essa dificuldade ou você acha que é uma dificuldade mais sua?

“Olha, eu nunca conversei com um amigo meu sobre isso. Mas... assim... alguns amigos que eu estou me relacionando agora, eles não têm essa dificuldade, eu acho, né. Eu tava conversando com um amigo a semana passada, ele me contando, tal, super natural. Talvez por isso agora eu esteja trabalhando mais isso e tentando... não esperar tanto, né, perceber tantos sinais assim para tomar iniciativa.”

Você disse que talvez por ‘isso’ você esteja trabalhando a sua dificuldade. ‘Isso’ o quê?

“A motivação, meus amigos não têm nenhuma dificuldade.”

O fato de perceber que seus amigos não têm tanta dificuldade você percebeu que tem que trabalhar a sua dificuldade?

“É.”

E como você tem trabalhado?

“Ah, eu não tenho trabalhado ainda, né. Eu procuro, eu vou procurar, assim, se eu tiver a fim de uma garota, eu vou falar com ela, não vou esperar tanto. Porque se elas estão a fim elas não falam e eu não vou esperar tanto tempo para falar.”

E o que seria melhor que as garotas sinalizassem mais ou tomassem a iniciativa?

“Ah, seria cômodo dizer que elas tomassem a iniciativa, mas eu quero vencer isso e conseguir.”

Você me contou que conheceu uma garota que tomou a iniciativa, né?

“Ah, foi, foi. Eu não me senti mal, foi tranquilo. A gente tava dançando, tal, aí ela me deu um beijo. Eu me senti bem. Ela até comentou depois que eu tava muito devagar, tal, eu não falei nada. Eu disse que ela que tava muito apressada, mas ela tinha razão, né. Eu disse para me defender, né, eu não conhecia direito ela.”

Para não mostrar a sua dificuldade?

“Exatamente.”

Sujeito 5 - 37 anos:

“O que me inquietou nessa fase das prostitutas foi a ejaculação precoce. Quer dizer fica com muita ansiedade, entendeu, acaba não se realizando... É uma coisa muito rápido, né. Mas o jovem tem muito mais potência, pode ir uma vez daí pouco tempo vai de novo, e tudo bem, né. Hoje em dia, você se relacionar sexualmente uma vez, uma noite, se for bem feito é suficiente, né. Você não tem aquela necessidade de mais.”

Hoje em dia você tem ejaculação precoce?

“Não.”

Como foi aconteceu essa passagem para o que é hoje?

“Bom, foi primeiro conhecendo mesmo o aparelho sexual masculino e lendo alguma coisa, aprendendo técnicas de você dominar a ere..., a ejaculação, fui buscar como tentar controlar isso.”

Você procurou e surtiu efeito?

“É autodidata, surtiu, caminha a passos lentos mas você acaba conseguindo né. E a satisfação é grande, quando a primeira vez você consegue dominar. (silêncio) É como se fosse uma vitória, uma coisa assim, né. Hoje em dia as mulheres exigem muito isso, um tempo maior de

relação, então as pessoas que têm ejaculação precoce hoje, tem que procurar sanar esse problema, né."

E em termos afetivos, você me falou da dificuldade que teve nesse seu último relacionamento...

"É a dificuldade é que ela continua gostando de mim, continuo gostando dela, mas eu não quero atrapalhar a felicidade dela, entendeu? Se eu ficar pressionando, ficar dando em cima dela, ela não vai conseguir ficar se relacionando lá e nem comigo, ela vai ficar nesse meio, e ela é uma pessoa bastante instável emocionalmente, é até indecisa, eu diria."

Ela casou?

"Casou, mas continua, às vezes ela telefona, tal, mas eu, eu não quero dar seqüência a isso, entendeu?"

Você não se encontrou mais com ela?

"Eu evito, evito. Já encontrei algumas vezes mas eu evito."

Vocês não se relacionaram mais?

"Só assim em termos de amizade."

E como é lidar com esse sentimento?

"É isso é uma coisa que vai e volta, isso volta. Isso existe dos dois lados."

Você sofre por isso?

"Eu acho que sim, eu acho que atualmente a coisa tá... então, eu acho que atualmente isso está me impedindo de manter relacionamento com outras pessoas, né. Eu poderia estar me libertando, tá feliz com outra pessoa, mas isso está me amarrando."

"Bom, é você quando você passa por experiências fortes como eu passei desde criança, tal, sempre lutando pra sobreviver, você acaba adquirindo uma certa força interior, né, você vai buscar em Deus algumas coisas também, na fé, né."

Você é religioso?

"Sim, católico, freqüente a Igreja, vou à missa."

Isso tem ajudado você?

"Ajuda, você sempre fica com uma esperança de... de encontrar alguém, ou mesmo ... tem tempos que eu fico bem tranqüilo, tem tempos também que a coisa vai e volta. Você sabe que não é nada relacionado a você, não é nada com a maneira de você tratar a pessoa, de você colaborar com a pessoa, de você ..."

Você vê que eu acabei acusando ela, não era bem por aí, né, eu não queria acusar, mas acabei acusando sim. (Ri)"

Você disse que sofre por isso, sente ódio também?

"É, o amor e o ódio estão intimamente relacionados. (Ri) Eu acho que eu amo e odeio da mesma forma (ri), com a mesma intensidade. Mas eu acho que vou sair dessa logo, pelo menos eu tou tentando, né."

Sujeito 6 - 22 anos:

"Afetiva não, eu sou uma pessoa muito dada, me relaciono bem com as pessoas, até depois que eu entrei na Faculdade, porque antes eu era meio, meio envergonhado, coisas que dentro da Educação Física eu perdi vergonhas. Eu nunca estaria conversando de um assunto desses até a oitava série, entendeu, até o final do terceiro colegial, entendeu? Eu era muito introspectivo, muito tímido. Depois que eu entrei na Faculdade é uma coisa que mudou. Tinha vergonha de dançar porque achava que não sabia dançar, depois que eu entrei na Faculdade, não, eu danço do jeito que eu quero, não importa muito o jeito de dançar. Assim, afetivamente eu não tenho problemas, hoje."

Como você superou essa timidez?

"Por esse clima dentro da Educação Física de cada um ... não tem que ter vergonha de seu próprio corpo ou ter vergonha do que sabe ou não sabe fazer. Ou pelo menos na Educação Física,

o que importa é a vivência motora, no caso de uma dança. Ou a sua vivência enquanto pessoa e eu não tinha essa visão até entrar na Faculdade.

E sexualmente?

"Nunca tive problemas assim, tipo, só quando você não tem estímulo nenhum por uma pessoa, quando você não sente tesão por essa pessoa. Acho que é normal, agora nunca tive problema. Não sei se é problema, mas eu gosto muito de sexo, assim, gosto pelo menos... eu não tenho relacionamento sexual todo dia, mas eu já tive relacionamento que tinha relação sexual todo dia."

Você acha que isso é um problema pra você?

"Não, eu acho que tem pessoas que não conseguem ter e tem pessoas que têm, acho que varia de pessoa pra pessoa. Não chamo de problema mas não é pelo menos o que a gente conversa no grupo, que acontece."

Você considera que sente mais desejo que as outras pessoas?

"Sim, sinto, acho que está acima da média."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Eu tive, Quando eu terminei com a minha namorada, aí eu comecei a sair com uma outra em São Paulo. E aconteceu tudo muito rápido, assim e daí eu voltei... Não sei se eu tava muito acostumado com aquela outra, que eu tava mais de um ano junto, muito tempo só tendo relação com ela, só ficando com ela, quando eu me vi com outra assim, bateu de novo aquela... as primeiras duas vezes foi... tive problemas assim. Mas daí com ela eu tinha falado já, ela foi compreensiva assim, superou, aguardou até acalmar mais, acho que foi o fato de ter mudado assim, tava muito acostumado com uma e de repente veio outra assim, mas foi só algumas vezes, depois foi tranquilo, com essa aí e com a minha namorada foi tranquilo desde o começo."

E dificuldade afetiva?

"Não sei se encaixa aí mas uma característica que eu tenho e que eu acho que devo melhorar assim é, aconteceu muito no meu primeiro namoro, acontecia muito as coisas assim que eu não gostava que acontecesse e eu engolia, eu tinha uma dificuldade de expor esse problema e pra falar porque eu não queria que entendesse mal, não queria briga, queria tentar uma explica...é, que ela entendesse o meu ponto de vista assim mas..." (Silêncio)

Sem precisar explicar?

"Isso, é bem assim, mas aí quando não acontecia, eu engolia isso. Tanto que quando eu terminei com ela, ela achou que foi um negócio absurdo, que foi de repente. Porque como eu não brigava com ela, fui acumulando muita coisa até eu explodir, né. Até que foi muito difícil terminar, porque ela achou que foi uma coisa da noite pro dia, pra mim não foi mas pra ela foi porque... os problemas, eu fui falando um monte de coisas assim e ela falou que não sabia que eu tinha essas coisas assim, daí foi... É um problema mesmo, que eu não tava sabendo me expressar, me mostrava satisfeito com coisa que eu não tava satisfeito."

E hoje?

"Mudou, mas ainda tem isso. O relacionamento que eu tou tendo agora ainda é cedo, num aconteceu nada que eu tive que passar por isso. Mas eu acho que tá mudando sim, eu espero que sim. Eu queria saber um jeito certo de mudar, de não ser radical porque tem muita gente que tem isso e vai... eu não sou de brigar, não brigo assim, eu queria ter um jeito assim que eu espero descobrir um dia, pra conversar as coisas delicadas."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 8:

Alguns aspectos já analisados anteriormente são mais claramente expressos pelos sujeitos ao relatarem sobre suas dificuldades sexuais e afetivas. O sujeito 4 fala sobre o temor de ser rejeitado:

“Não trabalho muito bem esse lance de rejeição com uma garota” e reconhece que sente necessidade de se modificar embora não saiba ao certo como superar sua dificuldade de se aproximar das garotas.

Analisamos em FANTASIAS SEXUAIS E EXCITAÇÃO como as ansiedades mais primitivas, associadas à insuficiência primordial em ser objeto de satisfação materna e ao temor da castração, são revividas (principalmente na adolescência) nas tentativas de abordagens sexuais masculinas. A possibilidade de ser rejeitado pela parceira escolhida é, para o homem, tão ameaçador (à sua identidade masculina e à auto-percepção associada ao ser desejável) quanto paralisante. Podemos esclarecer melhor nossa compreensão das dificuldades do sujeito 4 juntamente com sua fala em AUTO-PERCEPÇÃO mais adiante: *“Eu acho que essa insegurança de chegar a uma garota é relacionada às minhas espinhas. (...) eu me sinto feio.(...) A garota vai ver e não vai querer ficar comigo.”*

Sabemos o quanto é importante, ao nos relacionarmos com os outros, a imagem que temos construída de nós mesmos. Como nos apresentamos ao mundo pela aparência, em primeiro plano (e a mídia e as indústrias, principalmente de beleza, exploram muito isso para vender todos os produtos), estar esteticamente de acordo com o desejável culturalmente é algo muito importante para sermos aceitos, valorizados, desejados e apreciados. Claro que os valores internos, a riqueza de pensamento, tudo aquilo que nos constitui enquanto pessoa, poderia, e deveria, ser melhor valorizado culturalmente (talvez muitos se sentissem menos escravos dos padrões estéticos). Mas, não é assim que aprendemos desde muito cedo. A indústria de beleza: Academias, cremes, clínicas de estética e cirurgia plástica, roupas, etc. Estão aí com um faturamento que não nos deixa mentir que muitos gostariam de ser belos, atraentes, joviais e desejáveis na aparência.

Deixando à parte o mito de que somente as mulheres se preocupam com a aparência, vemos que para o jovem que está lutando com seus conflitos e ansiedades quanto à sua sexualidade, que é cobrado socialmente para ser ativo em suas investidas sexuais com as mulheres e ao mesmo tempo teme se expor à rejeição, é muito complexo o processo de viver todas as angústias. Ainda por cima, se não tem de si mesmo uma visão positiva, a sensação é sempre de : *"Vão ver, vão achar feio"* (Sujeito 4). Para o jovem que gosta de si, que introjetou positivamente sua imagem corporal, há todas as ansiedades a serem enfrentadas na adolescência e com o início da atividade sexual isto se agrava. Para o jovem que tem dificuldades em se aceitar, tudo pode ficar extremamente complicado.

O sujeito 7 diz que sua dificuldade eretiva do primeiro contato sexual acontece novamente quando começa a sair com uma nova garota. Vimos em PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS que quando o indivíduo se sente pressionado e atemorizado frente um encontro sexual, a ansiedade, na maioria das vezes, se torna a protagonista e o medo de fracassar geralmente é confirmado. O desejo de agradar e o medo de ser rejeitado por um fracasso impede a entrega total sempre que se encontrar frente a situações inéditas no qual se sente à prova.

O sujeito 5 fala de seu problema, já superado, de ejaculação precoce em seus primeiros contatos sexuais: *"fica com muita ansiedade, entendeu, acaba não se realizando"*. O sujeito 3 também se refere à uma dificuldade sexual em sentir orgasmo após terminar seu primeiro relacionamento mais duradouro. Sente-se pressionado e cobrado pela primeira pessoa que fica após esse rompimento (*"eu me sentia contra a parede"*) e a partir daí os fracassos se repetem.

Mas o sujeito 7 traz uma outra dificuldade que, embora ele seja o único a colocá-la, expressa o que muitos homens sentem. Ele diz que tem dificuldade de expor para sua parceira as coisas que não gosta. Tem receio que ela entenda mal, não gostaria que houvessem brigas. Ele espera descobrir um dia um jeito pra *"conversar as coisas delicadas"* sem brigar. Claro que todos nós gostaríamos de encontrar essa adequação para expor nossas desavenças com nossos parceiros, mas o que

queremos analisar no momento é como essa dificuldade pode se cristalizar ainda mais para os homens.

Os padrões sociais de masculinidade aprovam e reforçam a agressividade dos meninos como modo de constituí-los mais instigantes, mais objetivos e ativos profissionalmente e em todos os setores de suas vidas. Não analisaremos nossas heranças arcaicas e arquetípicas do que é ser macho e fêmea. Importante se faz notar que, a constituição da identidade é também e, sobretudo, cultural e que os padrões são construídos e desmontados através dos tempos por aquilo que é socialmente reconhecido como sendo adequado e tendo sucesso em determinada época.

Sabemos que há uma verdadeira ausência, na educação dos seres reconhecidamente masculinos, de vocabulário para expressar emoções e significar sentimentos. Existem atos, para os homens, que são culturalmente reconhecidos como demonstração de afeto e carinho: o dar presentes, comprar o que as crianças ou a parceira deseja, não deixar faltar nada em casa, proporcionar uma viagem de férias, etc. Contudo, quando o homem é chamado a se expressar, a falar do que sente, há uma lacuna, um espaço em branco aberto a significações. Mantivemos, assinalados no próprio texto, os silêncios (bem como os risos e choros) das entrevistas dos sujeitos pois consideramos importante essas pausas. As paradas no fluxo de idéias muitas vezes indicam incompletudes, há espaços para palavras não preenchidos.

O próprio silêncio dos sujeitos que não compareceram às entrevistas agendadas (ver Capítulo IV) é significativo para compreendermos as dificuldades dos homens em expressarem o que sentem.

Se falar de afetos e sentimentos é algo quase que ausente das matérias para ser homem, fica difícil expressar “adequadamente” a agressividade. Claro que não podemos deixar de considerar as fantasias destruidoras presentes nos sentimentos agressivos de que, ao falar, “destruirá” o outro e a relação. Contudo, o modo como o sujeito vivenciou internamente seus sentimentos agressivos e o modo como o ambiente acolheu e respondeu a eles é restrito à sua história de vida, não analisada

aqui. Podemos disso aprofundar a importância da agressividade, como expressão de sentimentos internos conflitivos (rivalidade com o pai e os irmãos, ódio da mãe, etc) e que, para os homens tem uma relevância ainda maior se considerarmos a ausência de expressões verbais para expressá-la.

Outra dificuldade apresentada pelos sujeitos foram as diferenças em apetências sexuais entre eles e suas parceiras. O sujeito 1 se refere à mulher que é passiva na cama. Tem várias queixas com relação às mulheres e como se comportam sexualmente com ele. O sujeitos 2 e 3 dizem que as parceiras não parecem sentir desejo sexual por eles e isso dificulta muito os contatos além de fazer com que o sujeito 2 se sinta muito inseguro.

O sujeito 2 faz um relato bastante emocionado das dificuldades que vivenciou em seu casamento, principalmente sexuais e de como o cotidiano e os problemas contribuíram para que a relação ficasse cada vez mais difícil. Seu relato é bastante rico e, por vezes, angustiante. As dificuldades sexuais vividas com a esposa, e que estavam relacionadas principalmente às diferenças das apetências sexuais, deixam profundas marcas no sujeito, em sua própria visão de si e sua autoconfiança. A revolução interna instaurada pelas crises busca, após o desenlace físico com a esposa, modos desesperados de expressão (ver FANTASIAS, HOMOSSEXUALIDADE e entrevista em anexo).

Não podemos deixar de considerar o quão importante para o homem é se sentir aceito e desejado sexualmente por sua parceira. O quanto sua sexualidade está relacionada à própria imagem que tem si: corporal, social e como homem realizado. Assinalamos ainda que se faz necessário olhar para sua sexualidade como o campo onde vivencia suas emoções e sentimentos mais profundos, onde elabora seus dilemas íntimos através da intimidade corporal com quem se sente ligado afetivamente.

Uma última dificuldade que gostaríamos de apontar foi a que o sujeito 3 se refere quando diz que após ter terminado o seu relacionamento de vários anos, quando ficava com alguém sexualmente depois sentia raiva da pessoa. Embora desejasse o relacionamento sexual antes, após a

relação "*sentia um bloqueio depois*". Claro que muitos são os fatores envolvidos para a reação negativa do sujeito após se relacionar sexualmente com essas parceiras. Vimos em RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS, o quão importante foi para o sujeito esse relacionamento de vários anos e como se sentiu tocado depois quando a ex se casa após 6 meses apenas. Mas o que queremos retomar aqui são as experiências negativas que o sujeito vivenciou com a mãe após ter transado com uma prostituta e ela ficar sabendo. O "*imundo*" pronunciado pela mãe todas as vezes que o via pode ter "bloqueando" expressões de sua sexualidade quando em situações de não envolvimento emocional, como eram as com as prostitutas. Veremos em FIDELIDADE o modo como o sujeito 3 vivencia relações extra-conjugais e o termo "bloqueado" volta a exprimir como se sente.

Veremos, na próxima unidade de significado como os sentimentos de raiva e hostilidade podem se voltar para relações como casamento.

9 - CASAMENTO E FILHOS:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Meu problema não é engravidar. Eu assumiria qualquer criança. Sou contra o aborto. Isso é uma opinião muito pessoal. Tenho uma visão espírita da coisa e assumiria qualquer criança. Mas eu assumiria qualquer criança. Casamento que eu não assumo. Porque acho que envolve uma experiência de alguns anos até ter certeza que é aquela pessoa e eu não faço isso pra ninguém. Eu vou viver com alguém, casamento eu acho uma coisa ridícula. Pra mim casamento é morar com alguém.

"Se eu tiver apaixonado, eu vou fazer papel de palhaço e entrar numa igreja, num altar e mostrar pra todo mundo que eu vou casar? Acho isso desnecessário, caro e uma coisa que não é pra mim, eu não aprovo. Mas, se eu tenho vontade, sinto falta de uma pessoa que eu gostaria de ver pelo menos na hora do meu café da manhã, o jeito é morar junto."

Sujeito 2 - 25 anos:

"Então essas coisas foram se misturando tudo, mas só que aí, ela era muito a fim de casar, e achava que a gente casava, tal, que ia ter um lugar nosso, e eu achava que talvez fosse uma boa porque talvez a gente começasse a namorar mais. Então depois de dois anos que a gente tava namorando, a gente se casou. Casou no papel e tudo. Na Igreja não, porque eu achava que ia ser um desrespeito com meus pais... praticar um ato que pra eles é sagrado mas numa atitude de formalismo, eu não queria fazer um troço como formalismo.

Eu não entendi...

"Eu não casei na Igreja por respeito a eles. Porque a gente sempre acreditou, quando eu participava da Igreja, que esse sacramento não era convenção social, sabe, que quem vai fazer tem que acreditar naquilo. E eu não acredito mais nesse rito, que aquilo nos une, que vai nos unir pra sempre, que eu preciso da benção de Deus pra estar junto. Eu não acreditava mais que casamento tivesse que ser eterno, tudo, e a M., muito menos, porque a vivência deles de catolicismo era outra, bem da cidade deles assim, formal e olha lá, ritual e olha lá, depois nunca mais iam pra Igreja e nem tavam a fim. Então eu achava que a gente ia acabar fazendo um teatro."

"(...)Mas pra mim foi um lance que ela quis, ela quis morar junto comigo, tal, sair da casa da mãe dela, e eu não tava querendo casar, institucionalizar, no papel e tudo. Mas, ao mesmo tempo, por ela eu achava que valia a pena, e acabei cedendo.

"Eu achava que ela era a mulher da minha vida. E a gente se casou. Um mês depois ela tava grávida. Um mês depois ... Ela não tomava anticoncepcional, ou também depois que casou a gente relaxou, ou eu também, eu ficava com a tabelinha dela na minha carteira pra saber ela achava que eu devia estar sabendo que não era só responsabilidade dela, ao mesmo tempo acabava rodando eu deixava na mão dela. A gente não usava sempre camisinha. Usava no período fértil."

A decisão de não usar anticoncepcional era dos dois?

"Não. Era mais dela, ela achava que era hormônio que tava colocando no corpo, eu respeitava, porque ela não queria agredir o corpo e podia também tomar o papel ativo que era estar usando camisinha, então era aquela história, não vamos ser machista e tal, mas fiquei encasquetado, né.

"Éramos os dois porque eu aceitava, mas era iniciativa dela porque ela achava que era o lance do hormônio e tal, que ia engordar muito, tal.(...)"

"Daí a gente se casou, e em um mês ela tava grávida. Aí a gravidez foi difícil, ela tinha muito enjôo. Aí teve um lance de um tio meu que ficou doente teve que ficar internado em Hospital Psiquiátrico e não sei por qual instituição que ela andou e ele pegou sarna, e lá em casa a gente acabou pegando também, e aquilo era um saco, porque você tem que passar a roupa, tudo, sabe, no

meio da gravidez ela tava com aquilo então tinha um monte de somatização, sabe. Ah, bom, ela tem um fungo, um troço, uma coceira, um corrimento, que parece que nunca sara, que nunca acaba, nunca sara, aquilo nunca sarava. Eu não lembro quando ela começou a ter isso, quando a gente começou a namorar eu não lembro disso, ela disse que tinha tido antes. Depois teve um troço assim, teve uma época mais pra cá, acho que foi em 94, 95, ela começou a ter um troço, psoríase que chama, mas no seio, uma mancha assim, rosa. E depois fica pelo corpo todo. No seio era um troço que era simbólico, porque era o lugar que eu achava mais bonito no corpo dela, que me dava mais tesão, assim, sabe."

Foi depois da gravidez?

"Não, depois da gravidez... Aí que tá, teve a gravidez, só que a gravidez era mais um motivo pra não transar, era mais uma justificativa pra não transar, sabe. Daí nasceu o menino, foi traumático também porque ela teve parto normal e nasceu rápido, ligeiro, saudável, tudo, só que ele era muito grande e rompeu alguma coisa na ... tipo, tem que fazer um corte, só que esse corte se estendeu e fez comunicação com o reto, com o ânus e daí deu uma infecção."

Sujeito 3 - 27 anos:

"Por exemplo, filhos. Eu tenho pavor de ter filhos. Eu não consigo me imaginar pai, não gostaria de ser pai. Não sei, não tenho a menor intimidade com crianças. Não que... eu tenho sobrinhos, entendeu, eu brinco com eles, adoro os sobrinhos, mas a responsabilidade de ser pai não me atrai. O compromisso que você faz, eu não me dou bem com isso. Não me sinto preparado." E se tua companheira engravidasse?

"Ah, eu... sou contra o aborto. Totalmente contra. Eu assumiria, né. Ia ser uma coisa, mais uma coisa que aconteceu na minha vida. Não que eu quis. No caso, seria o destino mesmo." (Silêncio)

Sujeito 4 - 20 anos:

"Eu não pretendo casar muito cedo, não. Não sei nem por quê. Talvez se eu gostar muito de uma garota, estiver namorando bastante tempo com ela a gente possa ir morar junto, se vier um filho na nossa relação, eu ia adorar, eu não tenho... eu sempre me preocupo em tomar as providências, usar camisinha, mas, se um dia eu transar com uma garota e vier um filho, vai ser legal porque eu, eu procuro transar com garotas que eu sinta alguma coisa com ela, não fico assim transando com qualquer uma que tiver a fim de transar, não."

Sujeito 5 - 37 anos:

"Eu encaro como uma coisa importante na vida do homem, eu acho que faz parte da realização do homem também. O que é ser homem? Você perguntou no início, né. Ser homem pra mim também é você ter uma esposa, uma companheira e você ter filhos, por que não? Desejo isso, me vejo realizado dessa forma. Enquanto pras outras pessoas a realização está no financeiro, no profissional, no sucesso, a minha realização está por aí. Eu acho que conseguindo isso, eu consigo as outras coisas também. Eu acho que isso faz parte da realização. Como tem pessoas que se realizam, querem se realizar sozinhas por exemplo. Seguir seu caminho sem companheirismo, sem apoio, sem compartilhamento. Eu me vejo com alguém mesmo."

Sujeito 6 - 22 anos:

"Então, eu adoraria, até já recebi proposta de casamento. E foi com essa pessoa que eu namorei 9 meses e a gente se via a cada 15 dias. Mas, assim, eu pretendo casar, ter filhos, adoro filhos, adoro casamento, adoro... gostaria muito de casar, ter um relacionamento fixo e viver felizes para sempre. Mas primeiro eu quero ter uma estabilidade econômica. Quero... Pretendo casar depois dos 30, assim, muito depois dos 30. Porque até pra estar digamos, mais velho, as pessoas

falam "ah, vai curtir menos os filhos", mas acho que aí que eu vou ter uma estabilidade econômica e até uma maturidade social e de saber distinguir certas coisas."

Saber distinguir...

"Como até essa duplicidade, eu não sei se vai continuar ou não ou 'ah, é dessa mulher que eu gosto, então eu vou ficar com ela'. Não que hoje seja uma decisão fixa, casou e não descasa mais, mas eu tenho esse lado romântico de casar e viver feliz para sempre, não de casa, separa, não deu certo, você junta com outra, depois junta com um. Porque daí eu fico como eu tou não preciso casar."

Então você acha que com a idade você vai alcançar maturidade pra saber...

(Interrompe) "Eu nem sei se é maturidade, entendeu. Mas uma coisa mais estável, mais... lenta, né, num ritmo mais lento de vida."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Bom, desde que no momento certo, não tem a maior... acho que tem que ter sim. Casamento e filho. Eu sou contra precoce assim, tipo minha namorada falava da gente se formar e casar já. Eu ouvia isso e já ficava, 'ah meu Deus do céu, não sei tenho que...', eu acho que pra passar por essa fase tem que estar já acertado assim financeiramente, tem que estar bem já, tem que esperar bastante."

Como você vê isso pra você?

"Pra mim é um negócio que tá tão distante, tá distante demais. Mas no relacionamento que eu tinha em São Paulo que ela tinha um filhinho, de um ano e meio, até passava na minha cabeça, vai que dá certo de ficar com ela, de ficar com a criança aí mas eu via que é um negócio que... assim, no momento que eu tava passando... é que... tem que ter um filho assim, mas bem pra frente, é isso mesmo que eu falei, no momento que a gente tava é uma coisa que atrapalha muito, porque a gente fazia muitas coisas e a criança não se dava tão bem assim, é um tipo de negócio que eu dispensei mesmo."

COMPREENSÃO DA UNIDADE 9:

As opiniões com relação ao casamento e filhos são bastante diversas. Os sujeitos 1 e 2 questionam a instituição casamento. Para os sujeitos 1, 2 e 4 prefeririam morar junto com as parceiras do que formalizar uma situação. Já para os sujeitos 5, 6 e 7 o casamento tem que existir, após estarem estabilizados financeiramente.

Percebemos nas falas dos sujeitos 1 e 2 certa aversão à instituição formalizada que é o casamento: *“uma coisa ridícula”* (Sujeito 1) ; *“eu achava que a gente ia acabar fazendo um teatro”*; *“eu não acredito mais nesse rito”* (Sujeito 2). Hite⁵⁶ em seu relatório sobre a sexualidade masculina diz que há em várias respostas muita agressividade subjacente dirigida às esposas, à instituição do casamento e ao papel tradicionalmente delegado ao homem no matrimônio. “Parece claro que a maioria dos homens frequentemente têm sentimentos dúbios e algumas vezes hostis com relação às mulheres ou, talvez mais corretamente, quanto ao seu próprio papel tal como foi definido em relação à mulher, seja no casamento tradicional ou não”⁵⁷. A hostilidade contra a instituição, estaria assim, relacionada aos sentimentos hostis contra a imagem de papéis institucionalmente definidos dentro do casamento. O “morar juntos”, embora represente, na prática (e com a nova lei do concubinato ainda mais), a mesma coisa, não carrega em si o peso de se adequar a normas e regras socialmente definidas dentro da instituição. O peso da instituição enquanto compromisso é o que o sujeito 3 sente com relação a ter filhos. Ele não se sente preparado para assumir um filho, que representa tamanho compromisso.

Os outros sujeitos, com exceção do sujeito 2 que tem um filho mas não se refere a ele, gostariam de ter filhos. O sujeito 5 só se vê realizado como homem tendo uma esposa e filhos. O sujeito 7, ao ter contato com o filho de uma de suas parceiras percebeu que a criança pode atrapalhar muito e que seria algo que pensaria em ter só depois de muito tempo.

⁵⁶Op. cit.

⁵⁷Id. Ibid., p. 278

O sujeito 2 fala de seu casamento e das dificuldades que passaram desde o início. A gravidez logo em seguida intensificou ainda mais os problemas sexuais que já vinham passando, mais as doenças, as somatizações da esposa e o nascimento traumático do bebê foram fatos muito marcantes na relação dos dois. Durante toda a entrevista (ver anexo) o sujeito quase não se refere ao filho. Todos os problemas sexuais e emocionais com a esposa parecem ter restringido suas energias para o que poderíamos chamar sua paternagem. As vivências sexuais frustradas, a castração constante de seu desejo e ainda a presença de um terceiro na relação tão intensamente investida de energias conflitivas, são muitas adversidades para serem elaboradas dentro de um casamento tão fragilizado.

10 - FIDELIDADE:

Sujeito 2 - 25 anos:

"(...)E ela foi a mulher com quem eu casei, a primeira mulher com quem eu transei, fiquei 6 anos com ela, nunca nem beijei outra mulher que não fosse ela..."

"(...)Daí a gente quase transou dentro do ônibus mas eu nem sabia nem nunca soube o nome daquela mulher, assim, e me deu muita culpa depois, porque eu namorava a A., porque então eu tive uma ejaculação, foi um negócio de prazer."

"Teve uma vez que a gente tava indo prá minha cidade, no ônibus, a gente começou a conversar ela disse: 'acho bom você ir prá Campinas, começar a conhecer gente diferente, acho que parece que nossa relação não tá assim, a gente vai poder colocar em prática isso que a gente tem'. Até aí tá ótimo, esse negócio de abrir a relação, 'você pode ficar com alguém que não tem problema, só que você não me conte logo, prá não me agredir', tal, sempre falava, eu ia viajar, colocava camisinha na minha bolsa. Isso tudo era teórico, teatral, sei lá, com o pessoal em conversa de bar, o pessoal olhava assim, ficavam pensando como é que era isso, né."

"(...)Ó, a gente tava dizendo que tinha se separado mesmo porque a gente tentava conseguir um outro tipo de relação, sabe, não tinha o que voltar mais, não tinha o que voltar. Mesmo porque eu devia estar muito agressivo, tal. Agora o que foi pior, eu acho, foi porque eu quis inventar... porra, não sei porque eu fui inventar isso, 'pô, você quer ficar com ele, permite também ficar comigo, não é bom? Existe o que era, que é bom, ela dizia que toda vez que ficava comigo que foi melhor do que foi com o outro cara, o sexo, né."

"Eu só sei que no meio depois ela disse que não era bem aquilo, que ela queria uma pessoa prá ficar do lado dela e que ela queria me ver também assim como eu propus prá ela, porque ela tava a fim de mim também. E eu fiquei excitado que ela contasse prá mim, o que ia rolar, tal, mas só que não foi legal, porque à noite a gente foi dormir, nós transamos, tal e a gente ficou encucado de achar que ela estava traindo o cara, e estava mesmo porque o cara não tinha estrutura prá saber disso, suportar isso, e não podia romper, sei lá. Que não tinha condições, tal, se ele soubesse, ele dava um chute nela, tinha que ser um troço de muito segredo, nem meu filho..."

"Daí a gente transou mas ela; 'ninguém vai saber' aí na semana seguinte ela não me ligou, tinha ficado de ligar, e eu tava nessa de não querer entender mesmo, de saber lidar com a situação e daí isso me excita, só que também excitação demais eu morro, eu me destruo, isso eu escrevi prá ela queria te mostrar, uma homenagem a essa oscilação."

"Só que depois disso a gente não se viu mais e eu comecei a pensar: 'eu preciso me valorizar mais', eu não quero que... ah, sei lá. (Silêncio)."

"Ficou muito fácil o troço prá vida dela assim, aí de repente senti uma carência... me senti usado, senti usado. Porque durante o enamoramento dela com o cara ela também não me dizia nada, eu tive de descobrir tudo assim. Porque a gente tinha esse trato, tal, se você ficar com alguém é só eu não saber, pô eu tinha de saber, ela estava apaixonada pelo cara, ela tava investindo(...)"

"E agora o lance de todo esse envolvimento com essa menina, a N., eu tou apaixonado. E ela tá tão entregue, tão inteira comigo, e isso me faz tão bem, eu também tou tão inteiro com ela que eu não tou a fim de deixar de estar inteiro, sabe. Deixar de estar transparente. E daí eu tenho medo. Tenho medo de ficar com alguém e ter que falar prá ela, sei lá, e daí como é que eu vou ficar, eu não vou estar tão inteiro, eu não vou gozar tanto."

Sujeito 3 - 27 anos:

Quando você estava com ela, relacionou-se com outras mulheres?

"Algumas vezes. Não foi legal, normalmente eu tava bêbado. Depois a dor na consciência me matava. O tempo resolvia prá mim. Aí eu me sentia legal. Bom, também, eu não consigo sentir até hoje. Eu não sei porque isso aí. Todos os meus amigos 'escapavam' e me diziam: 'ó, você é uma pessoa diferente da gente'. Eu não sei se é alguma diferença mesmo."

Qual é a diferença?

"Ah, eles tentavam sempre, com namoradas, tem uns que têm esposas que têm outras também. Eu não consigo ter outra. Já tive experiências, mas não foram satisfatórias. Não me relacionou bem. Nem na hora, nem depois também. Sexualmente. Tipo um peso na consciência, uma culpa muito grande."

E o interesse?

"É. Eu me interessava, mas não consigo te explicar. Vai até um ponto só. Até uma primeira impressão, de ver, de conversar. Normalmente acaba. Eu bloqueio. Não sei por quê. Não tem uma explicação. Eu não consigo me relacionar assim."

"Vamos supor, às vezes, eu não tinha vontade de ficar e ela era uma pessoa muito quente, então me cobrava mesmo, eu me sentia pressionado. Porque era difícil a gente ficar uma vez, entende, ficava 3, 4 vezes, toda vez. E isso aí, não posso dizer que me enjoava, mas eu sentia, nessa época eu sentia falta de outras pessoas. Procurava às vezes sair com outras pessoas. Mas diferente do que era, muito diferente. Depois, isso... me dava uma vontade de chorar, me dá um troço entende, incontrolável. Depois, na hora que acaba, então, queria ir embora. Podia estar aonde for que eu queria ir embora. Não sei por quê. Eu me sentia culpado. Muito culpado."

"E depois que eu terminei esse relacionamento eu fiquei um período, diria, sozinho, entendeu? E aí, não dava nada, não tinha culpa, ficava com duas pessoas diferentes na mesma semana."

"E, inclusive, às vezes, você tem um amigo que você comenta as coisas com ele e... eu tenho amigo que tem namorada, a pessoa sabe que ele é casado, tudo, e ele leva esse relacionamento numa boa. Eu não consigo, não consigo me imaginar nessa, entendeu? Sou totalmente travado."

"Uma coisa que me deixou meio assim na época, é que assim que nós terminamos, ela começou a namorar uma outra pessoa e casou. Assim, num espaço de 06 meses. Então eu tomei um choque. Não que ... quando eu larguei dela, estava resolvido mesmo. Não foi uma coisa assim, falar: 'vou largar pra depois voltar'. Eu pensei muito, e assumi, falei: 'não vai dar certo, eu quero parar agora'. Mas eu não esperava isso. E aí foi um choque pra mim. Depois disso aí, eu passei a esperar tudo das pessoas, entendeu? Talvez se acontecer uma coisa pra mim hoje, eu não vou me abalar tanto."

"Foi uma coisa que eu não esperava. Fiquei 06 anos junto e em 06 meses ela casou... (Silêncio). Na minha cabeça..."

"Porque eu tive uma época muito boa com ela e uma época muito ruim, entendeu? Então a época ruim foi muito ruim mesmo e a boa, muito boa. Então da época boa, eu sinto saudades. E depois o fato dela casar, entendeu? Muito rápido, o jeito que aconteceu, isso aí me deu uma insegurança. Não sei, me deu uma insegurança muito grande. Com relação assim, à traição, por exemplo. Eu não acho que ela tenha me traído, mas não descarto a possibilidade. No meu íntimo, eu não acho. Mas, pode ser que..., às vezes, olhava e prestava atenção a outras pessoas, isso é normal, isso. Mas pra você aceitar isso é difícil. (Silêncio)."

"Pra mim foi difícil aceitar isso. 'Oh, você me traiu'. Entendeu? Eu não, eu sou, o tipo de coisa que não passava pela minha cabeça. (Silêncio)."

"Normalmente, eu não sinto falta de outra. É lógico, às vezes, você fica atraído por uma outra pessoa. Mas, vamos supor, chegar a sair com uma outra pessoa, isso não acontece.

"Talvez pelo tipo de vida que eu levo. Vamos supor, eu saio do trabalho, eu pratico esporte, eu vou prá academia, todo dia, depois eu vou prá casa. É uma rotina que você acaba acostumando. Você acaba não sentindo falta de outras coisas. (Silêncio)

"Como as outras pessoas, não. Um pouco se sente. Mas, como as outras pessoas, não."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Esse também é um dos motivos pelo qual acabou a minha relação. Desconfiança um do outro, né. Eu nunca fiquei com outra garota estando com uma em uma cidade, né. Talvez, eu tinha até vontade, mas nunca fiquei."

Por que?

"Ah, justamente pela fidelidade, né."

É importante fidelidade?

"Eu acho."

E você é ciumento?

"Não, eu não sou ciumento, mas se acontecer assim, eu não sei se eu continuo, sabe? Aconteceu, tudo bem, tranqüilo. Se ela ficar com outro cara enquanto estiver comigo, fica com ele, mas não fica com os dois."

E se ela não quisesse ficar com o outro?

"Eu não entenderia porque ela ficou com o outro cara, então. Porque se eu ficasse, eu não voltaria de novo para ela. Ou se a gente estivesse mal, tivesse uma relação e tivesse brigado, tal, aí é uma outra situação."

Para você ficar com uma pessoa é ter algum sentimento relacionado?

"Não. Não quer dizer que se eu transar com uma garota eu vou ficar namorando com ela, mas se eu estiver namorando uma garota, eu não ficaria com outra. Agora se eu estiver sozinho, não estiver namorando, se ficar com várias garotas, normal. Enquanto eu não estiver namorando fixo com algumas delas..."

Quando se tem um compromisso...

"A partir do momento que os dois assumem um compromisso, eu acho que ...aí é fidelidade."

Sujeito 5 - 37 anos:

Quando você estava namorando, como se relacionava com outras mulheres? Você tinha outras? Desejava?

"Desejava, mas nunca concretizava o desejo, nem tentava concretizar. Eu acho que eu devia uma certa fidelidade a esta pessoa com quem eu estava me relacionando. Como eu acho importante pra mim eu acho importante você também manter essa fidelidade. Da mesma forma que eu sou eu acho importante que ela seja. No momento que não tiver mais este tipo de fidelidade acho que o relacionamento acabou, não tem mais condição de se manter."

E o desejo...

"Você tem que arrumar uma pessoa com quem você realize os seus desejos. Totalmente, eu acredito. O mesmo pra ela também."

Você é ciumento?

"Sim, acredito que sim. O meu ciúmes seria de que a pessoa com quem estou viesse a gostar de outra pessoa, sem que ma comunicasse antes, sem me avisar."

Já aconteceu?

"Já, já aconteceu. Não é uma experiência boa, né. Ninguém gosta de ser trocado por outra pessoa quando você está se esforçando pra agradar, pra fazer o melhor, dar o melhor de si... você ser trocado por outra pessoa."

Como foi?

"Olha, a pessoa chegou e falou: tá acontecendo isso, isso... eu acabei liberando a pessoa. Olha, você que vai decidir, você tem que ou ficar comigo, tem que ter certeza que gosta de mim realmente, isso é a tua felicidade, é a tua vida, você que vai decidir. Então ela acabou optando pelo outro lado, aí eu não sei, eu acredito que seja pela condição financeira, por isso que eu toquei nesse ponto. A outra pessoa tinha uma condição muito melhor."

E como foi pra você?

"É, não é bom, né, não é bom. Mas, a gente acaba aceitando. Foi melhor assim, do que se viesse acontecer uma frustração maior depois."

Sujeito 6 - 22 anos:

E você se relaciona com outras garotas quando está com ela (namorada daqui)?

"Não, sexualmente, não, mas, sempre conversando, batendo papo."

E quando você estava com aquela sua namorada de 4 anos e meio existia essa necessidade de outros contatos?

"Então, eu sempre tive outros contatos. Nunca fui uma pessoa de estar com uma única pessoa. Até assim, quando eu tou realmente apaixonado, quando eu tou realmente a fim dessa pessoa, eu fico só com ela, não consigo ficar com outras pessoas, não consigo olhar pras outras meninas mesmo. Mas, tanto é que quando eu estava com essa garota de fora, foram 9 meses, eu só fiquei com ela. A gente só ficou junto, não houve extras, relacionamentos extras, por eu estar realmente apaixonado, realmente a fim. Agora, quando já tá perdendo vontade, já tá perdendo estímulo, aí eu começo a olhar, acho natural, pras outras pessoas. O que eu acho que não é natural é não terminar o relacionamento que já está, eu penso assim."

O relacionamento que já está...

(Interrompe) *"O que tá ruim, né."*

Você não termina o relacionamento, acaba levando os dois e não termina, é isso?

"Hum, Hum."

E por que perde a vontade, o estímulo?

"Ah, porque digamos, vai caindo na rotina, né. Coisa que, vamos supor, ah, toda vez, sai e faz a mesma coisa. Eu gosto de ... tenho espírito aventureiro, eu gosto muito de viajar, eu tou viajando sempre e gosto muito de fazer coisas novas, e quero encontrar uma pessoa assim também, né. Só que o que encontro é 'ah, gosto mais de ficar em casa, gosto de sair mas só de sair à noite na cidade mesmo, não gosto de viajar, de estar descobrindo coisas novas', e por isso acho que acaba."

"Porque falta estímulo, falta coisas novas, falta descobrir mais, entendeu, falta a pessoa, ou eu, não sei, a pessoa estar tentando descobrir é... esconder mais de si pra ir descobrindo de pouquinho em pouquinho, entendeu? Daí, hoje descobrir isso dessa pessoa, que jóia. E daí uma outra vez descobrir tal coisa diferente nessa mesma pessoa, entendeu? Que sua personalidade vá tirando os véus de pouco em pouco, se pode chamar assim."

"Aí eu não sei se interessa pra sua pesquisa mas eu sempre namorei meninas mais velhas, sempre os relacionamentos que mais me marcaram sempre foram pessoas mais velhas e só esse relacionamento meu é com pessoa mais nova. Agora, né. Mas todos foram pelo menos um ano mais velha do que eu."

Por que?

"Não sei. Eu acho, ähnn..., muito infantil pessoas mais novas do que eu, meninas mais novas do que eu, muito infantil mesmo, em relação a tudo."

Você falou das suas fantasias de viver coisas novas...

(Interrompe) *“É, pode ser, pessoas mais novas, mais inexperientes, que não tem nada a ver, mas, pode ser inconsciente. É mas a primeira namorada minha não tinha tido nenhuma experiência anterior e foi a que mais durou, apesar de ter sido mais velha, quer dizer eu não posso chamá-la de experiente.”*

Sujeito 7 - 21 anos:

E quando você estava namorando, quando ficou um ano e agora há 2 meses, você se relacionou, se relaciona com outras mulheres?

“Quando eu tava no meu primeiro namoro, tava morando junto, aquela coisa de ficar grudado sempre, chegou uma hora que eu comecei a encanar que eu precisava variar um pouco, sabe, que eu tava muito junto com ela. Não que eu tenha traído ela, aconteceu uma vez, assim, numa festa, uma coisa rápida assim, tinha bebido, tudo, mas não teve nada de significativo, mas principalmente quando tava no fim do namoro, eu fiquei encanado com essa coisa assim. Não com uma menina determinada assim, mas o fato de ficar só com ela, isso começou a mexer comigo. Acho que deu tipo uma enjoada, fiquei meio de saco cheio dela. Mas não sei. No momento agora que eu tou passando, eu nem penso em outras, eu tou tão bem com ela, não penso nisso, não trairia ela.”

COMPREENSÃO DA UNIDADE 10:

Para todos os sujeitos a fidelidade é algo importante. A maior parte se sente muito culpada em manter um relacionamento extra-conjugal quando está com algum compromisso. Sentem-se livres e sem culpa para se relacionarem com várias parceiras quando não estão envolvidos afetivamente com ninguém ou quando não estão namorando.

Mesmo para o sujeito 6 que diz: "*Nunca fui uma pessoa de estar com uma única pessoa*" ele admite: "*Quando eu tou realmente apaixonado, quando eu tou realmente a fim dessa pessoa, eu fico só com ela, não consigo ficar com outras pessoas, não consigo olhar pras outras meninas mesmo*". Apesar de se sentirem atraídos por outras pessoas às vezes, os sujeitos acham que o mais importante é permanecer com o relacionamento anterior, seja porque bloqueiam o que sentem, como o sujeito 3; seja porque fidelidade é importante como para o sujeito 4; seja porque não tentam concretizar o desejo que sentem, como o sujeito 5; seja porque mantêm os dois relacionamentos, como o sujeito 6 ou porque nem pensam nisso como o sujeito 7.

Os sujeitos 2, 3 e 5 vivenciaram as experiências das parceiras se envolverem com outras pessoas. Para o sujeito 3 foi muito difícil depois dele terminar um namoro de 6 anos imaginar que a ex pudesse estar se relacionando com outra pessoa quando estava com ele, isto o marcou muito. Já para o sujeito 5 que acabou "liberando" a pessoa foi uma frustração ser trocado por outro depois de ter se esforçado tanto "*pra agradar, pra fazer o melhor, dar o melhor de si.*" Ha uma tristeza muito grande nos sujeitos ao relatarem essas experiências. É como se tivessem vivenciado algo pelo qual nunca se imaginavam preparados e tiveram que encontrar, de repente, meios para elaborar as perdas.

O sujeito 2 relata suas tentativas de reconstruir uma relação com a esposa, mesmo sabendo que ela está se envolvendo emocionalmente com outra pessoa. Eles vivem coisas muito contraditórias, muitas oscilações, muita excitação e muita dor (ver entrevista em anexo), tentam encontrar uma nova forma de estarem juntos, meio desesperada, como o próprio sujeito se sente, mas tentam romper com padrões do que seria um casamento convencional. Poderíamos analisar as

fantasias envolvidas nessa relação que acabaram por eclodir na crise dessa relação (ver FANTASIAS). Contudo, independente do que algumas pessoas disseram ao sujeito na época: “*isso é radical, outros disseram: ‘isso é doentio’*” e dele achar que poderiam ser as duas coisas, ele arriscou. Ele tentou viver algo diferente dentro de sua relação, tentou até chegar ao seu limite, sentir-se usado e de alguma forma romper para viver então novos relacionamentos. Ele tentou viver “as coisas novas”, de que fala o sujeito 6, para que a relação não perdesse de todo o estímulo.

Talvez o sujeito 2 tenha tentado sair do ideal que fala o sujeito 5: “*Você tem que arrumar uma pessoa com quem você realize os seus desejos. Totalmente, eu acredito. O mesmo pra ela também*”. O sujeito 2 parece ter descoberto que é muito difícil ter alguém que realize todos os desejos e sofreu muito por isso, rompeu com coisas importantes dentro de si e que estavam cristalizadas por tanto tempo. Mas ele tentou viver algo diferente. Pode não ter conseguido, mas o que seria vitória aqui? Sua descoberta e o libertar-se de algumas amarras não foi vitoriosa?

11 - REALIZAÇÃO AFETIVA:

Sujeito 2 - 25 anos:

"Isso joga, eu vou te falar uma coisa. A dança que a gente é, que a minha cabeça está. É que eu quis romper um pouco o ciclo da minha sexualidade agora. Por um lado tem essa coisa de eu me ver, desejo, excitação, de jogar com todos os papéis, e com várias pessoas e tal e outra tem um lado também, existe uma coisa dentro de mim, que é o meu desejo de alguém pleno, prá quem eu seja a pessoa mais importante. Por mais que não seja um, mas prá quem eu seja o principal, sabe. Então prá ser sincero realmente, quando eu digo prá você que eu não tou resolvido, isso faz parte de mim, eu quero ser muito importante para alguém. E essas coisas, elas concorrem em mim. Pela minha sexualidade, né. E eu vou ficar um tempão com isso, na minha cabeça, não sei, hoje eu gasto muita energia com tudo isso."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Realização afetiva? É estar com uma garota bastante tempo, a gente sempre tá consciente do sentimento um do outro, sabe, continuar aquela coisa gostosa que era no começo, não ir desgastando a relação, ter sempre coisas novas, novas que eu falo é não chegar a garota, eu ficar com ela e ficar os dois parados assim, entendeu? Eu acho que isso é uma realização afetiva."
Seria uma reedição sempre da paixão inicial?

"Não, porque daí você não sairia da paixão inicial, né. Mas você ir descobrindo cada momento, cada dia junto, né, motivos para continuar juntos, né. Ir descobrindo, cada vez, coisas novas na pessoa, todo dia, que você se interessa, que admira."

Sujeito 5 - 37 anos:

"Eu acho que ser amado por uma pessoa e ... não ser trocado por outra pessoa, eu acho. Acho que isso me daria bastante segurança. Porque eu vou me esforçar ao máximo pra fazer tudo pra essa pessoa ser feliz, ser um companheiro dela, ser ... compreender, entender, dá apoio, cumplicidade, todas essas coisas que eu acho que as pessoas deviam ter com as outras. Então em contrapartida o que eu exigiria era... (Silêncio) Que essa pessoa mantivesse esse relacionamento. Acho que a segurança está por aí."

Que ela não te deixasse?

"Eu acho que sim."

Como ter essa segurança?

"É, na verdade, isso não existe, porque no momento ... que a pessoa passar ... a não existir mais, porque isso pode ser quebrado, não é uma coisa eterna, por isso que existe tanta separação, não é uma coisa eterna. Chega uma hora que... mas eu acho que deve ser comunicado à outra pessoa, antes, tal, 'tá acontecendo isso, isso'."

Antes...

"Antes de trocar por outra pessoa."

Antes de te deixar...

"Eu acho que sim, sim avisar, falar: 'olha, eu tou...' Ir conversando antes, né, porque deve ter acontecido alguma coisa. Porque nenhum relacionamento se rompe assim, de uma hora pra outra. É um somatório de coisas que vêm acontecendo com o tempo, né, e as pessoas normalmente não se conversam, deveriam se conversar, o tempo todo. Dar oportunidade ao outro de dialogar mesmo, de falar, conversar sobre tudo, o tempo todo. Vai brigar junto mas depois vai compartilhar os bons momentos junto também. Eu acho que quando um expõe o ponto de vista pro outro, o outro vai tentar entender o seu ponto de vista, né, e vai tentar modificar também, eu acho que se a pessoa quer que dê certo, quer continuar, vai tentar modificar um pouco, um cede um pouquinho aqui, outro cede um pouquinho ali, e no fim acaba se entendendo."

Sujeito 6 - 22 anos:

O que seria ideal para você viver?

“Então, é como eu falei no começo, de essas pessoas também tomar decisões, de inventar coisas novas e eu também inventar coisas novas, e os dois realizarem juntos essas coisas, de coisas novas.”

“Afetivamente eu acho que tou realizado, tou feliz, tou de bem com a vida, não tenho problemas de: ‘ah, sou carente, fulana não gosta de mim’, até não me gabando, eu sou bastante assediado e isto alimenta seu ego, né. Te coloca em um pedestal de vidro ali. Mas, eu acho que não tenho problemas afetivos.”

Você se sente realizado afetivamente?

“Sim.”

E como você é com os outros?

“Então, eu sempre me relaciono muito bem, adoro abraçar, adoro beijar, adoro fazer carinho, então eu acho que passo muito de meus sentimentos para os outros. Adoro deitar no colo de uma menina e fazer carinho nela, mesmo sem ser seu namorado e sem estar com segundas intenções. Só por mostrar o tanto que eu gosto como amigo dela. É importante pra mim demonstrar que eu gosto das pessoas.”

Sujeito 7 - 21 anos:

“Realização afetiva? (Silêncio). Uma coisa importante entre homem e mulher é eles gostarem um do outro mas na mesma intensidade. Eles terem necessidades parecidas de se completarem, porque eu sinto que no meu primeiro namoro, ela tinha uma necessidade muito maior de ficar junto comigo do que eu dela, era diferente a necessidade que um tinha do outro, então isso foi criando problema. Se fosse igual assim, se cada um se satisfizesse com pouco e desse pra balancear bem, é... eu acho importante ter esse equilíbrio assim, uma pessoa gostar da outra na mesma proporção. E respeitar sempre a outra. Acho que isso importante. Mas agora, realização afetiva? (Silêncio)

“Olha, é importante você se sentir amado, sabe. Bastante.”

E como é se sentir amado?

“Você percebe, né, no relacionamento, percebe. (Silêncio) Você se sentir importante, não só assim só pra... importância pra... continuar vivendo bem, tipo sustentando porque tem o dinheiro, mas a companhia ser importante. Que você se sentir bem junto da pessoa e a pessoa se sentir bem junto de você.”

COMPREENSÃO DA UNIDADE 11:

Os sujeitos relataram que o mais importante para se realizarem afetivamente com outras pessoas é se sentirem amados, sentirem que são importantes e que isto seja recíproco: *"O meu desejo de alguém pleno, pra quem eu seja a pessoa mais importante.(...) Eu quero ser muito importante para alguém."* (Sujeito 1); *"a gente sempre tá consciente do sentimento um do outro"* (Sujeito 4); *"eu acho que ser amado por uma pessoa"* (Sujeito 5); *"olha, o importante é você se sentir amado, sabe. Bastante"* (Sujeito 7).

Os sujeitos 4 e 6 falaram ainda da importância de renovação na relação, que não se desgaste com o tempo: *"continuar aquela coisa gostosa que era no começo, não ir desgastando a relação, ter sempre coisas novas."* (Sujeito 4); *"de inventar coisas novas e eu também inventar coisas novas e os dois realizarem juntos essas coisas, de coisas novas"* (Sujeito 6). E como seria não desgastar a relação? Os sujeitos têm suas sugestões: *"Você ir descobrindo cada momento, cada dia junto, né, motivos para continuar juntos, né. Ir descobrindo, cada vez, coisas novas na pessoa, todo dia, que você se interessa, que admira."* (Sujeito 4); *"esconder mais de si pra ir descobrindo de pouquinho em pouquinho, entendeu? Daí hoje descobrir isso dessa pessoa, que jóia. E daí uma outra vez descobrir tal coisa diferente nessa mesma pessoa, entendeu? Que sua personalidade vá tirando os véus de pouco em pouco"* (Sujeito 6 - ver depoimento em FIDELIDADE).

É como se os sujeitos reconhecessem que para que o desejo continue ao longo do tempo eles necessitam descobrir coisas novas na parceira, que tudo não seja revelado, mas que sempre permaneçam "véus", coisas a se desvelar e para admirar a cada dia. Um espaço encoberto que despertaria sempre o desejo de conhecê-lo.

Para o sujeito 5, o sentir-se amado se soma à necessidade de se sentir seguro em *"não ser trocado por outra pessoa"*. Embora ele admita que esta segurança (de não ser "trocado") não existe, ele acha que deve ser avisado antes da pessoa o deixar para que juntos possam ver o que aconteceu e se entenderem. A experiência negativa "de ser trocado", vivida pelo sujeito (ver FIDELIDADE)

deixou marcas importantes quanto à sua segurança emocional. Não podemos deixar de considerar que esse “abandono” ou separação brusca mais atual não é a única registrada em seus sentimentos. A morte do pai quando era ainda bastante criança (6 anos), pode ter deixado registro de uma falta importante (“*sou órfão de pai desde os 6 anos*”) que não é percebida até hoje (“*não foi uma experiência boa, mas eu era novo e não dava pra questionar muito isso não*”). Contudo, sua orfandade (psíquica) parece estar sendo reeditada através de suas perdas ao longo da vida e isto tem deixado uma marca de insegurança importante que só poderia ser aplacada, pelo menos na fantasia do sujeito, se tivesse uma relação que lhe desse a segurança de não ser trocado ou abandonado (de novo).

12 - AUTO-PERCEPÇÃO:

Sujeito 1 - 28 anos:

"Eu não posso falar muito de bissexualidade ou homossexualismo porque eu tenho convicção com 28 anos de idade que eu sou hetero. Não tenho mais aquela coisa de ver 2 homens se beijando e ficar com nojo. Eu acho que todo o mundo tem o direito e o dever de levar sua sexualidade da melhor maneira possível, ainda que prá conseguir prazer seja com animais, com objetos. Eu realmente não censuro."

"Muitas pessoas acham que por eu ter morado na Alemanha, usar esse anel que o meu pai me deu e coisas assim, acho que por 'dor-de-cotovelo' de algumas pessoas, elas acham que eu tenho a pinta de 'bicha'. Você percebe comentários atrás, coisa e tal. É uma pena prá eles porque tem muita gente usando 'chapéu-de-couro', sendo corno, enquanto acham que eu sou veado.

Bom, eu acho que devo ter alguma pinta, porque se eu entro em algum lugar, se tiver duas bichas, elas vêm atrás de mim. E eu trato bem: 'como vai?'. "

Sujeito 2 - 25 anos:

"Agora assim, mesmo numa relação com uma mulher eu me sinto muito feminino. Eu me sinto bastante feminino. Não sei como explicar a palavra, porque eu gosto de fazer as vezes, sabe, não que quero ser mulher, né. De ser feminino, de ter muito carinho, de ir muito devagar, de tocar de leve, de ir brincando, de beijar de leve, assim, sei lá, de gemer mesmo, de ficar, de falar, de suspirar, sei lá, de gingar. Não sei se é a palavra certa isso, mas eu gosto, é o meu jeito de transar. Com a M. eu era muito assim, muito mulher prá ela, assim."

"E eu não sei, não sei qual é a minha. Me assusta, eu sei que não é fácil, que não é resolvido, eu tenho muito claro que eu não sou um cara resolvido, eu tenho muito claro que não sou resolvido sexualmente e tal. Que eu não vou atingir um patamar de tranqüilidade onde eu vou estar seguro com relação a mulher ou homem ou qualquer relação. Que eu vou estar inseguro mesmo. Que eu vou estar adolescente mesmo."

Sujeito 3 - 27 anos:

"Sou uma pessoa... não sei se é conformista. Vamos supor. Tá bom do jeito que tá, vou levando. (Fala muito baixo, não dá prá ouvir a gravação)

"Acho que eu acredito nisso, eu sou assim. Porque tudo o que você faz esforçado, é ruim. Então as coisas na minha vida não costumam ser muito esforçadas. O bom, acontece." (Silêncio)

"Bom, eu comecei a trabalhar muito cedo. Tive boas oportunidades que eu não aproveitei. Isso aí que... até que hoje nem tanto, mas já me pegou muito mal. E... tive várias oportunidades que eu já perdi. Que eu deixei de pegar. E... isso aí até um certo ponto importava. Eu não acreditava em mim."

"Sou uma pessoa, acho que feliz. Não tenho tudo o que quero. Acho que não é esse meu objetivo, morrer trabalhando com meus pais... Tenho um perspectiva boa de ter um negócio novamente, tentar novamente. Pratico esporte, hoje já não bebo mais, já bebi bastante. Uma pessoa totalmente diferente, da minha parte, do que eu sou hoje. Não posso falar prá você que eu era um alcoólatra, era uma pessoa compulsiva."

"Eu já fui uma pessoa muito difícil, um cara muito infeliz. Trabalhava com a parte de eletrônica, não gostava disso, não sabia que não gostava. Porque não tinha feito outra coisa na vida. E hoje sou uma pessoa bem, sou bem resolvido."

O que é bem resolvido?

"Que não tem muitos problemas. Eu quase não tenho problemas. Os problemas que eu tenho, eu resolvo rápido, entendeu?"

Quais são?

(Silêncio) "Vamos supor se eu tenho alguma coisa prá fazer. Um exame médico, eu vou e faço. Se eu tenho que conversar com uma pessoa, eu vou e converso. Se eu tenho que trabalhar até mais tarde, eu fico e trabalho, encaro numa boa, entendeu? Se eu tiver que mudar radicalmente na vida, amanhã, eu sei que vou conseguir fazer isso. Tenho força prá conseguir fazer isso, nesse sentido."

"Vamos supor, se falava: 'tem que fazer isso'. (Silêncio) Sabe, eu não andava, as coisas eram travadas prá mim."

O que mudou? Quando?

"Não sei. Não sei quando mudou, talvez depois que tenha fechado aquela firma que eu tenho, né?..."

Aí você foi trabalhar com seu pai...

"É, eu fechei a minha firma e ele me convidou prá trabalhar com ele..."

"Eu me dei super bem. Aí foi uma grande coisa que aconteceu na minha vida..."

"Eu digo em termos de realização. Então eu sou, eu consegui me estabilizar, até então era muito difícil, muito difícil. Me sinto realizado."

Sujeito 4 - 20 anos:

"Sabe, eu acho que essa insegurança de chegar a uma garota, é relacionada às minhas espinhas. Eu sempre tive, desde os 14 anos. Então, às vezes, eu me vejo assim, eu me sinto feio, porque eu tenho espinhas no rosto, nas coxas e nas costas. Então quando eu era menor eu tinha vergonha de tirar a camisa. Agora, às vezes... não, agora, não tenho, quando eu quero tirar, me dá calor., eu tiro. Mas eu sempre tive essa coisa assim: 'vão ver, vão achar feio', 'a garota vai ver e não vai querer ficar comigo'. Mas eu sou satisfeito com o meu corpo. Fora as espinhas, eu sou muito satisfeito."

Você faz algum tratamento?

"Ah, já fiz vários tratamentos, nunca deu certo."

"Não melhorar, né. Talvez seja pessoal também. Minha mãe é professora de Yoga, tal, e ela sempre quis fazer Psicologia, então ela se interessa pelo assunto e sempre me fala que é uma não aceitação minha pra mim, né. Assim, ela fala para eu sempre repetir assim, repete sempre que você se ama. Talvez quando eu começar a repetir, melhore, é que eu não acredito muito não."

Não acredita no que ela fala?

"Que é uma rejeição pessoal minha. Ainda não acredito, né, talvez ainda acredite. Por tentativa e erro, em tantos médicos que eu já fui, tantas coisas que eu já fiz, talvez seja isso."

Você já procurou auxílio terapêutico que pudesse te ajudar com relação a isso?

"Não. Não me interessa. Minha mãe teve muitas espinhas, ela tem o rosto marcado, tal, genético pode ser. Essa explicação que eu me dou para não melhorar, né. Mesmo porque nessa idade minha, esses sinais já deveriam ter sumido."

Sujeito 5 - 37 anos:

"Acho que isso varia muito com as circunstâncias. Tem ocasiões que eu me vejo muito bem e tem ocasiões que eu não me vejo tão bem assim. Depende muito dos fatos que tão relacionados. Normalmente eu gosto de mim, eu acho que sou inteligente, eu acho que eu sou esforçado, eu acho que eu tenho uma série de coisas e atributos. Às vezes eu acho que em muitas coisas eu sou melhor do que as outras pessoas e em outras ocasiões eu acho que não. Depende muito."

E quando você está bem?

"Depende da situação. Com as realizações mesmo, as conquistas de todas as maneiras. Tanto intelectual, quanto profissional, quanto financeiro, como amorosa, do círculo de amizades, monetariamente, isso varia também."

E fisicamente?

"Eu gosto. Me sinto bem, eu acho que tenho um físico legal, tenho bastante disposição física."

Se você pudesse mudar algo...

"Aí talvez se eu não fosse tão... eu não queria ser tão emotivo, tão emocional. Porque às vezes eu digo coisas que acabam magoando as pessoas naquela hora, às vezes eu digo coisas que eu não quero dizer. Isso vem naturalmente. Talvez eu tenha muita garra, muita vontade de fazer as coisas direito, de fazer as coisas certas. Uma maneira de extravasar alguma frustração também, uma coisa assim, né."

"A maior parte do tempo eu sou uma pessoa tímida, mais fechada. Eu tenho que conhecer as pessoas primeiro, depois que eu... eu tenho que ter um contato, conhecer um pouco mais, aí depois é tranquilo. As pessoas geralmente gostam de mim, acabo me dando bem com elas, tal. As pessoas confiam em mim. Eu acho isso importante."

Sujeito 7 - 21 anos:

"Normal. Eu gosto de mim em geral, assim. Eu me preocupo com o meu corpo para não engordar, eu faço atividade física sempre, mas não tenho nenhuma encanação assim. Sempre gostei de fazer esporte assim, mas não com a intenção de ficar em forma, mas porque sempre eu gostei mesmo. Ultimamente que eu, tem aparecido uma barriguinha eu falei 'vamos manear', eu tomo muitos cuidados assim, mas nada assim de neuras, nunca fiz regime assim, tudo numa boa. "

COMPREENSÃO DA UNIDADE 12:

O sujeito 1 vê-se, com convicção, como heterossexual e não censura o modo como as pessoas obtêm prazer. Contudo, ele acha que deve *“ter alguma pinta”* de *“bicha”*, pois as pessoas o vêem assim. Há uma discordância entre o modo como ele próprio se vê e o modo como ele pensa que os outros o vêem.

Já o sujeito 2 se sente *“muito feminino”*, mesmo quando se relaciona com mulheres, gosta de *“fazer as vezes”* de mulher: *“de ser feminino, de ter muito carinho, de ir muito devagar, de tocar de leve, de ir brincando, de beijar de leve, (...), de gemer mesmo, de ficar, de falar, de suspirar, de gingar”*. É como se o sujeito tivesse introjetado que certas maneiras de agir fossem femininas e como gosta e age desta forma, nomeia-se como feminino: *“não sei se é a palavra certa isso, mas eu gosto, é o meu jeito se transar.”* Essa indeterminação quanto ao seu papel sexual e a relação homossexual vivenciada recentemente (ver HOMOSSEXUALIDADE), essas indeterminações o têm assustado, ele tem muito claro que não é resolvido sexualmente e não sente que vai estar seguro se escolher homem ou mulher para se relacionar. Sente-se adolescente.

Contudo, as angústias do sujeito parecem forçá-lo a uma definição, sente-se assustado e com medo, não gostaria que seus pais soubessem de seu envolvimento com o amigo e, quando diz que as coisas *“concorrem”* com ele, fica claro um conflito de desejos que parece angustiá-lo ainda mais.

O sujeito 3 se apresenta como uma pessoa conformista. Parece não se importar muito em como conduzir as coisas, *“o bom acontece”*. Achava-se muito inseguro, compulsivo (com a bebida) e infeliz antes de ir trabalhar com os pais. Hoje, considera-se *“bem resolvido”*, conseguiu se estabilizar e se sente realizado. Antes não conseguia resolver as coisas, eram *“travadas”*.

Parece que o sujeito 3 só conseguiu se encontrar como profissional e se estabilizar ao fechar seu negócio particular e aceitar o convite para ir trabalhar com o pai. Lembremos que o sujeito tem muitas dificuldades no relacionamento com o pai e o considera de forma muito negativa. Contudo, o acolhimento do pai *“foi uma grande coisa que aconteceu na sua vida. Até então era muito difícil,*

muito difícil". O sujeito, então, consegue se estabilizar e se sentir seguro para enfrentar as adversidades da vida.

As adversidades, que impõem um limite ao gozo, que simbolicamente representam e efetuam a castração a que todos estamos submetidos, podem ser atemorizadoras para o desenvolvimento (em todos os níveis) de alguns, ou muitos, indivíduos. Para o sujeito, que teve introjetado um pai autoritário e distante (ver SEXUALIDADE NA FAMÍLIA), que como ele não interfere nas coisas para que elas não dêem erradas, isto é, é "conformista", parece ter sido muito doloroso tentar construir suas coisas, perder várias oportunidades, estando sozinho, sem orientação, afastado do acolhimento da família. Quando o pai o chama, ele aceita, refaz um pacto (anteriormente destruído) com o pai e parece recobrar ou descobrir forças para enfrentar as adversidades, para superar as perdas e enfrentar a castração simbólica.

Segundo Lacan, o agente das castração é a efetuação, em todas as suas variações, dessa lei impessoal, estruturada como uma linguagem e completamente inconsciente. Uma experiência por atravessar, um obstáculo a superar, uma decisão a tomar, um exame a passar, etc., todos são desafios da vida cotidiana que reatualizam, sem o conhecimento do sujeito e ao preço de uma perda, a força separadora de um limite simbólico. Compreendemos assim o sentido da formulação lacaniana: a castração é simbólica, e seu objeto, imaginário.⁵⁸

O sujeito só pôde enfrentar a castração simbólica ao perceber que todos os seus possíveis ataques e agressividade fantasiados contra o pai, que tanto fez sua mãe sofrer (ver SEXUALIDADE NA FAMÍLIA) não o destruiu na realidade e quando o pai o acolhe de volta, recobra a possibilidade de vincular-se e lidar com seus sentimentos hostis.

O sujeito 4 se sente inseguro por ter muitas espinhas e teme não ser aceito pelas garotas. Os vários tratamentos que já fez não deram nunca resultados e recusa-se a acreditar na sua mãe que lhe diz ser algo de sua aceitação pessoal. Mostra-se bastante resistente em procurar uma ajuda terapêutica e se dá uma explicação genética para seu problema. Apesar de toda a sua insatisfação

⁵⁸NASIO, Juan David, op. cit., p. 37-8.

com as espinhas por tantos anos, o sujeito não quer, não se interessa, não acredita que possa melhorar com algum tratamento psicológico. Parece haver um receio de tocar nesses aspectos mais profundos.

As doenças psicossomáticas, os sintomas, normalmente surgem como uma resposta a conflitos internos que não encontraram uma outra forma de expressão e que estão, na maior parte das vezes, inconscientemente reprimidos. Alguns trabalhos analíticos têm muito cuidado em tratar esses casos pois é reconhecido que a retirada do sintoma pode significar o surgimento da doença psíquica, a eclosão da dificuldade às custas reprimida.

Talvez o sujeito tenha uma vaga intuição de que poderia mexer em inseguranças mais profundas e dolorosas do que as justificadas pelas espinhas e hereditariedade e prefira mantê-las como estão, apesar das angústias.

O sujeito 5 encontrou uma forma pra "*extravazar alguma frustração*" que também não o satisfaz muito. Preferiria não dizer coisas que magoam as pessoas quando se sente mais "*emotivo*" e "*emocional*". A forma como se vê é algo muito oscilante e depende muito das situações que vive. É importante para ele que as pessoas gostem e confiem nele e tem muita preocupação em fazer as coisas certas. Sua necessidade em ser aceito e "*direito*" pode estar criando uma tensão interna, onde as frustrações não são elaboradas e expressas e acaba por forçá-lo a dizer, "*naturalmente*", coisas que ele não quer dizer, o que magoa as pessoas.

CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO:

Podemos apreender muitos significados do fenômeno enfocado - sexualidade masculina - através dos discursos dos sujeitos. Apresentaremos aqui uma síntese das compreensões e interpretações das unidades significativas e faremos uma ampliação do fenômeno na abordagem psicanalítica. Colocamo-nos numa postura interpretativa para focalizar o fenômeno que se apresenta como uma das possíveis formas de abordá-lo. Não pretendemos com isso esgotar suas significações ou fechar os diversos sentidos simbólicos presentes na sexualidade masculina.

Revelou-se uma indeterminação quanto aos papéis sociais de gênero. Não há uma delimitação clara entre o que é ser homem ou mulher hoje. Apesar disto, há uma tendência a se definir esse masculino pelo fazer e realizar coisas, uma concepção de homem que passaria pelo ato como forma de nomear o ser. Assim, ser homem é realizar algo que o identifica como tal perante os outros. Esse referencial do outro, que reconhece a masculinidade é muito importante para compreendermos a constituição interna desse conceito para os sujeitos desse estudo.

Ser homem não se auto-denomina em si; é através de um realizar e fazer que se constitui esse ser que precisa ser confirmado enquanto tal. É o que podemos ver, socialmente, nas conversas e reuniões de homens, que são momentos de relatar as realizações ou proezas de cada um: “o bom não é o contato, é o contar...”⁵⁹

Mas, se o contar é tão importante, é porque aí temos algo que se revela: uma resposta a uma questão. Claro, esta resposta pode não ser esclarecedora, nem suficiente. Parece mesmo não o ser, do contrário, os homens relatariam aos seus amigos apenas uma vez os seus *fazeres* e se sentiriam satisfeitos. Sabemos que o exato oposto é o que se repete, a necessidade de participar desse “contar” masculino se retro-alimenta. Então o contar não é a resposta suficiente à questão, talvez em si o

⁵⁹RIBEIRO, Marcos. Op. cit., p. 36

contar não seja nada, mas o que ele representa e desperta no outro pode ser mais esclarecedor: a resposta ao contar. Qual seja, um olhar, uma confirmação, uma palavra ou um silêncio, mas com certeza requer uma presença, o(s) outro(s), alvo(s) do contar. E a questão?

Qual é a questão interna, motivadora nos homens, dessa necessidade do outro? O que sabemos dela é que espera uma resposta que nunca a esgota, mas a reafirma através do outro. O que leva os homens à buscarem esse outro? Outro que não é *qualquer* outro, mas um semelhante que acolha seus dizeres sobre seus atos. O mesmo discurso com as mulheres, por exemplo, pode não ser bem visto ou valorizado. Podemos dizer que há (e deve haver) um reconhecimento no outro e pelo outro. Mais do que isto, há uma *identificação*, como Lacan a situa e conceitua, num duplo reviramento do esquema tradicional de Freud:

Não apenas a identificação é inconsciente, não apenas significa engendramento, mas ainda e sobretudo, o sentido do processo é invertido. Em vez de A se transformar em B - como era o caso em Freud -, é B que produz A. A identificação significa que a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja, o papel ativo anteriormetne desempenhado pelo eu é, no momento, garantido pelo objeto. Sem abandonar o léxico freudiano, resumiremos numa palavra o desafio lacaniano: o agente da identificação é o objeto, e não mais o eu.⁶⁰

Este conceito pode ser muito esclarecedor para compreendermos o que se passa entre a questão e a resposta masculinas que colocamos anteriormente. Para Lacan, o eu se define como “uma estratificação incessante de imagens continuamente inscritas em nosso inconsciente”⁶¹. Essas imagens, não são imagens quaisquer, o eu só se identifica com as imagens pregnantes em que se reconhece e o que “prende, atrai e aliena o eu na imagem do outro é justamente aquilo que não se percebe na imagem, a saber, a parte sexual desse outro.”⁶²

⁶⁰NASIO, Juan David. Op. cit., p. 101-102.

⁶¹Id. Ibid., p. 116

⁶²Id. Ibid., p. 117

O que amplia nosso foco de compreensão segundo essa visão lacaniana, é que os homens se *identificam* uns com os outros no contar, e, uma das respostas que podem estar procurando, é justamente essa *identificação*, ou seja, o próprio “eu imaginário” que “só se forma nas imagens pregnantes que lhe permitem, de perto ou de longe, voltar-se sobre si mesmo e confirmar sua natureza imaginária de ser sexual.”⁶³ Dissemos anteriormente que o sujeito se reconhece e se reconfirma pelo outro através do contar. Podemos agora acrescentar que a importância disso é remetê-lo ao ser sexual que ele é e a necessidade desta confirmação sempre se renova, visto estar associada ao fazer e não ao ser.

Quando nos referimos a esse modo de focalizar o “ser sexual” masculino, percebemos que as indeterminações, antes referidas, ficam mais pulverizadas. Isto porque através das descrições aqui apresentadas pelos sujeitos, podemos perceber uma *imagem masculina* (imaginária do “ser sexual”) que emerge ao longo das unidades de significado. Este homem aqui descrito, que realiza coisas, que *faz*, é ativo e tem uma diretividade quanto à sua escolha sexual: ele é heterossexual. Vamos analisar esses dois conceitos separadamente.

Freud (1905) em *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, ao referir-se à definição dos conceitos “masculino” e “feminino” faz um esclarecimento em nota de rodapé que apresentamos em parte:

*É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando se estabelece para si um alvo passivo.*⁶⁴

⁶³Id. *Ibid.*, p. 117-118

⁶⁴Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 2. ed., Vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 207

Freud faz uma correlação entre “masculino” e atividade. Claro que devemos resguardar o cuidado do próprio autor ao não se referir ao “ser homem” mas às pulsões que são sempre “masculinas”. Contudo ele faz essa citação dentro do subtítulo “diferenciação entre o homem e a mulher” (p. 206) e, claro, dentro do contexto cultural sexista em que estava inserido na época vitoriana. Contudo, Freud nos lega uma importante definição quanto à pulsão, aquilo que nos leva a agir, como sendo “masculina”, isto é, ativa. O que isto se relaciona com a atual concepção de homem?

A pulsão é ativa, claro, é o que nos leva a fazer algo, a agir. O homem, impulsionado, age para alcançar seu objetivo, conquista. O que de ideológico temos aí ao longo de nossa história de sexismos, é que o homem-masculino é aquele que faz, sempre. E no campo da sexualidade é aquele que, de acordo com sua pulsão (que deve estar sempre pronta a incitá-lo)⁶⁵, deve fazer sempre o papel *ativo*, na conquista e nas ações.

Um papel aliás, relativizado e criticado atualmente com a emergência de mulheres mais “ativas”, embora a totalidade da prática negue o discurso. Poucas são as mulheres que realmente sustentam essa postura no cotidiano e as mudanças são, na realidade, tímidas comparadas aos discursos da mídia. Mesmo porque se as mulheres estão sendo mais ativas, parece haver no meio masculino uma cobrança para que os homens sejam mais ativos ainda, como que assegurando seu lugar “masculino”. Alguns homens se sentem ameaçados e inseguros diante da eminente perda desse lugar ativo; alguns sentem-se ainda mais cobrados e outros aliviados, o que nos leva a considerar esse lugar como importante referencial masculino e que hoje pode estar se tornando uma possibilidade de lugar-comum reformulável aos gêneros. Não obstante, como os homens se situam atualmente perante esse conceito?

⁶⁵Até hoje podemos ouvir de algumas pessoas que os homens têm maior necessidade de sexo do que as mulheres, devido às pulsões de sua natureza.

Para Richard Parker⁶⁶ essa noção de atividade e passividade na cultura sexual brasileira são categorias importantes que organizam as experiências sexuais dos indivíduos. “A mulher é associada ao papel passivo e o homem ao ativo - mesmo que ele esteja sendo ativo com uma pessoa do mesmo sexo.”⁶⁷ Ele diz que há uma distinção entre a *identidade*, o *comportamento* e o *desejo* sexual. Uma pessoa pode ter o desejo sem ter o comportamento e ter o comportamento sem criar a identidade. O papel *ativo* do macho heterossexual na nossa sociedade seria então o que conquista, o que penetra, não importando qual seja o sexo do outro. Isto pode ser importante para analisarmos o outro conceito, no qual o ser homem vincula-se a ser *heterossexual*. Vamos considerar aqui que os sujeitos se referiram à heterossexualidade enquanto a expressão dessa *atividade* não importando o objeto, mas, sobretudo, vamos considerar que eles estavam se referindo ao relacionamento com as mulheres.

A heterossexualidade emerge ao longo das descrições como o referencial mais unânime de ser homem. O relacionamento sexual com as mulheres se mostra como o acesso à essa identidade masculina. Ser homem é relacionar-se sexualmente com o feminino, o que nos leva a uma ampliação conceitual possível de que a proximidade sexual com as mulheres é o que asseguraria a *distância* necessária para não ser feminino, ou seja, é pertencer ao mundo dos homens e *identificar-se* com ele.

A heterossexualidade pode se apresentar, então, como um jogo de proximidade-afastamento, onde, paradoxalmente, o ato de se aproximar das mulheres é impulsionado pelo desejo e necessidade inconscientes, de realizar o seu oposto, ou seja, afastar-se delas para não se identificar com esse mundo e não ser ameaçado em sua identidade. Essa focalização heterossexual da identidade masculina pode esclarecer alguns aspectos emocionais dos homens que sentem desejo e

⁶⁶Op. cit..

⁶⁷Id. Ibid., p. 64

rancor pelas mulheres e das dificuldades de alguns de se envolverem emocionalmente com elas e de serem monogâmicos.

Num primeiro instante, poderíamos citar a ameaça da monogamia ou da intimidade contínua como representando o aprisionamento do desejo na heterossexualidade e na unicidade de parceira sexual. A proximidade contínua com um único objeto de satisfação, talvez pudesse ser menos ameaçadora se este objeto não representasse tudo o que deve ser negado para a constituição da identidade masculina. O afastamento e/ou a troca contínua de parceiras asseguraria, pela diversidade, a não-identificação (que é sexual) com o feminino, e a consolidação do masculino através da distância ideal das mulheres representada pela relação erótica sem envolvimento, que testa o sucesso da virilidade e seu poder de penetração.

Os sentimentos aversivos de ódio e rancor pelas mulheres, pouco falados mas comumente expressos nas ações e piadas masculinas que visam a desvalorização feminina, podem possuir motivações intrapsíquicas esclarecedoras do paradoxo proximidade-afastamento que nos referimos anteriormente. Podemos até aproximar esses sentimentos daquela “resposta” que os homens buscam nas conversas com outros homens., que comumente, também, são momentos para anedotas e queixas conjugais. Mas, para analisarmos esses fatores intrapsíquicos de aversão-afastamento, vamos primeiramente analisar a necessidade de proximidade.

Hite⁶⁸ em seu Relatório sobre a Sexualidade Masculina questionou por que os homens gostam do intercurso sexual e o desejam com frequência. As razões dadas pelos sujeitos foram surpreendentes para a pesquisadora: Prazer físico; razões emocionais e psicológicas (sentir-se amado e aceito) e razões ideológicas e culturais (validação da masculinidade, poder). O prazer físico é o que mais comumente ouvimos de todas pessoas como a principal razão para os homens desejarem o intercurso, contudo, as outras razões apresentadas por Hite podem nos ajudar na

⁶⁸Op. cit.

compreensão da necessidade masculina de proximidade erótica com as mulheres. Estamos colocando em termos de *necessidade de proximidade* e não *desejo de proximidade* é importante esclarecermos o que queremos significar.

O termo *necessidade* é adequado como referencial à idéia de *identidade* calcada no paradoxo proximidade-afastamento. Assim, a *necessidade* masculina de proximidade erótica feminina refere-se à necessidade do homem, traduzida em desejo, de se constituir como ser sexual, portador de uma identidade que o nomeia e que o diferencia das mulheres. Além disso, outros fatores apontam para isso, como Hite evidenciou em seu relatório:

*De fato, em muitas das respostas, tem-se a impressão de que os homens não gostam tanto do intercurso quanto precisam dele, às vezes desesperadamente. Algumas vezes tem-se a impressão de que as implicações do ato, combinadas com a afeição, a carícia com as mãos, soma-se a uma espécie de aceitação, de afirmação e até mesmo de benção que quase transcende as palavras.*⁶⁹

Temos, então, as razões emocionais relacionadas à aceitação e à afirmação, através do sentimento de ser amado, como importante fator para a necessidade de proximidade. O relacionamento íntimo possibilitaria o contato afetivo, respondendo à necessidade psicológica de ser aceito e aprovado. Contudo, temos outras razões, que a autora intitula de ideológicas e culturais.

Essas outras razões que validam a masculinidade através dos simbolismos presentes no intercurso, como o poder masculino que conquista e é dominante, parecem já conterem o paradoxo entre os desejos, conscientes e inconscientes de proximidade e aversão-afastamento. Podemos falar ainda de uma *necessidade de proximidade*, que estaria a serviço da necessidade de poder dos homens *sobre* as mulheres. É a proximidade que tem por objetivo mostrar a *distância* entre os sexos, onde um é superior e domina e o outro é o inferior dominado. É o que vemos em relacionamentos onde o amor co-existe com o rancor numa relação de poder e dominação.

⁶⁹Ibid., p. 401.

É o que vimos ao longo da história de dominação masculina sobre as mulheres. A cultura patriarcal teve que manter, durante muitos anos, o feminino, numa espécie de escravidão e privação social que, as rígidas repressões, delatavam o temor e rancor que os homens sentiam das mulheres, sempre ameaçadoras. Mas o que elas ameaçavam? O poder dos homens, que elas tomassem esse poder? Pode ser, contudo, esse temor externo só poderia ter a força que teve ao longo da história se se constituísse também internamente uma ameaça. Aliás, a própria necessidade de poder só se manteve ao longo desses séculos porque era e é uma expressão válida de necessidades internas nos indivíduos, como as ideologias e as leis universais.

Poderíamos aventar a hipótese de que uma das causas dessa ameaça é o poder feminino de se tornar objeto de identificação masculino o que, imaginariamente, faria desaparecer o gênero masculino. Vamos analisar a constituição da identidade masculina para esclarecermos os aspectos até então colocados sobre o ser homem: O paradoxo proximidade-afastamento; a atividade e a heterossexualidade; a necessidade de poder e a ameaça representada pelo feminino como *identificante* ou seja, a ameaça da feminilização.

Antes e logo após o nascimento do menino, ele vive uma relação de completa simbiose com a mãe, que é o agente que supre todas suas necessidades fisiológicas e psíquicas. A mãe, por sua vez, tem uma grande expectativa com relação ao filho que a supre em suas necessidades psíquicas de ser completa. Coloca-o, então, no lugar do *falo imaginário*, isto é, aquilo que a preencherá em todos os sentidos sua falta contitucional (vemos isto na dedicação integral das mães nos primeiros meses de vida do bebê). O filho identifica-se com esse lugar, tornando-se para ela o falo desejado que preencherá o vazio faltoso da mãe. Temos então a consolidação de uma relação imaginária completa.

O falo simbólico a que nos referimos como desejo da mãe, seria o representante de sua falta constitucional que ela completaria com o filho,

*significa e lembra que todo desejo do homem é um desejo sexual, isto é, não um desejo genital, mas um desejo tão insatisfeito quanto o desejo incestuoso a que o ser humano teve que renunciar. Afirmar com Lacan que o falo é o significante do desejo (...) equivale a dizer que todo desejo é sexual e que todo desejo, em última instância, é insatisfeito. (...) O significante fálico é o limite que separa o mundo da sexualidade sempre insatisfeita do mundo do gozo supostamente absoluto.*⁷⁰

Como já esclarecemos anteriormente, a castração é o ato que vai se incidir sobre esta relação de completude entre a mãe e o filho, lembrando-os da incompletude, isto é, que o filho não é o falo da mãe e a mãe não pode tê-lo dessa forma ou mesmo reintegrá-lo ao útero. É uma castração dupla realizada pelo *outro* dessa relação, que daremos o nome de pai, e que representa a realidade através da lei de proibição do incesto.

Mas esse rival que representa a lei, também é o salvador da angústia da criança de corresponder ao falo imaginário da mãe, ou seja, de liberá-la “de ter que preencher o vazio incompreensível do Outro materno.”⁷¹ Incompreensível porque os

*primeiros sons ouvidos pela criança lhe são incompreensíveis e não lhe dizem nada, exceto que ela precisa responder-lhes. O bebê é por eles convocado para além de tudo o que é capaz de captar, e é conclamado a se alojar e a crescer na vacuidade comportada pelo chamamento desses sons. As palavras pronunciadas pela mãe aplainam à frente dela um vazio que é também um apelo.*⁷²

Deste apelo nasce a primeira angústia que concerne à *castração materna* e que procede da linguagem - primeira etapa do complexo de castração. O seu objeto é representado pelo corpo em sua totalidade, que deve responder àquele desejo da mãe, que erotiza o filho pela sua **proximidade** corporal. Posteriormente, com o surgimento da percepção do rival, que é aquele eleito pela mãe e que a **afasta** do imaginário de completude com o filho (que a afasta do berço), a criança é privada

⁷⁰NASIO, Juan David., op. cit., p. 36

⁷¹POMMIER, Gérard. *A Ordem Sexual*. Perversão, desejo e gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 72

⁷²Id. Ibid., p. 71

do gozo materno e a inserção na luta contra esse rival “traz um alívio da angústia de emasculação que acompanhara o erotismo materno. A guerra, nessa medida é alegre.”⁷³ O amor pelo pai é paradoxal pois é dirigido a um rival e a um salvador ao mesmo tempo - segunda etapa do complexo de castração. O pai desejado, isto é, portador do falo, é o que livra a criança do estrangulamento do erotismo materno que a convoca a se identificar com um falo indecifrável, impossível, vazio como a morte, e, portanto, angustiante. Poderíamos falar de um amor pela castração nutrido por aquele que alivia a criança da demanda materna.

*Nessa contingência, a escolha sexual se impõe. Antes desse momento, tanto o menino como a menina se achavam igualmente falicizados, e seu erotismo era similarmente incestuoso. A partir daí, o amor pelo pai falóforo impõe uma escolha. Quando a menina opta por reconhecer seu amor por esse pai sexuado, ela envereda pelo caminho de sua feminilidade. E, quando o menino quer seguir a mesma via, também ele é feminilizado. O amor pelo pai é salvador, mas efemina inخورavelmente. Obriga a viver na dependência de uma imagem viril.*⁷⁴

A feminilização do menino, no sentido de submissão constante a um homem, é necessária para ficar do lado masculino. “Assim, poderíamos dizer que se trata de uma feminilização viril, e aliás, quem se submete a ela costuma estar, na maioria das vezes, no campo dos heterossexuais.”⁷⁵ Como isto se configura?

A terceira etapa do complexo de castração é o dom patronímico. O pai doador do nome que o transmite à criança, reconhece sua finitude. O nome permite a simbolização do sexo masculino e o menino aspira possuir um falo, participando assim de uma “espécie de transmissão lingüística da potência viril.”⁷⁶ Contudo, não é suficiente receber o nome patronímico, mas assumi-lo e portá-lo como símbolo de sua masculinidade. “O nome é assumido e sustentado pelos atos, que, por serem

⁷³Id. Ibid., p. 75

⁷⁴Id. Ibid., p. 76.

⁷⁵Id. Ibid.

⁷⁶Id. Ibid., p. 77.

assinados, provam essa assunção do nome. Assim começa a atividade incessante em que os homens ingressam quando querem evitar a feminilização. O masculino, nesse aspecto equivale ao **ativo**.”⁷⁷

*A modalização do nome no complexo de castração explica em que sentido Freud afirmou que a única tradução inconsciente do masculino e do feminino era a oposição ativo/passivo. Os homens são lançados numa atividade constante porque o ato comprova a eficácia de seu nome e o fato de que o carregam. As mulheres, ao contrário, podem contornar o nome de um homem, menos para assegurar seu direito a um nome do qual não têm a mesma necessidade do que para sustentar sua relação com o falo.*⁷⁸

Assim, pela ação, o sujeito paga a dívida da rivalidade com o pai, confirma-se na masculinidade e age contra a feminilização. Daí a necessidade do fazer, realizar sempre e ser confirmado e reconhecido pelo outro. As obras que reconfirmam a masculinidade perante os outros nunca são anônimas, mas assinadas para reconhecimento e admiração de seu autor - são as conversas masculinas.

Vimos, então, que o afastamento provocado pelo complexo de castração em suas etapas, é angustiante e salvador ao mesmo tempo e possibilita a aquisição de uma identidade pessoal masculina. Através do fazer realiza-se e confirma-se o nome próprio, patronímico, que nomeia e reafirma os atos viris. Assim, ele é reconhecido em seu valor fálico, por suas proezas e não pelo ser.

No processo de castração a que o menino se submete, podemos destilar o quão complexa é a constituição da identidade masculina e o acesso à uma heterossexualidade. “A homossexualidade parece ser o caminho obrigatório para a heterossexualidade, já que é preciso, primeiro, estar no amor pelo pai e reconhecê-lo em seu lugar para possuir o poder fálico.”⁷⁹ O menino está sujeito à uma feminilização que o leva a assumir o nome do pai (imitando-o) para ter o poder fálico. O

⁷⁷Id. Ibid., p. 79.

⁷⁸Id. ibid.

⁷⁹Id. Ibid., p. 143

menino só adquire esse poder quando já perdeu, como objeto de desejo, a mãe, pela qual o levou a querer ter o falo e competir com o pai. “Ele adquire esse poder, portanto, como pura perda,”⁸⁰ sob a condição de não utilizá-lo para aquilo que se destina, isto é, não ter consequências sexuais.

Temos, assim, os “atos viris” (jogo, trabalho, conquista) que acumulam potência fálica que nunca é descarregada por não alcançar sua destinação originária, que está perdida. No lugar dessa potência acumulada surge o interesse pelo que é diferente, a heterossexualidade, que “é a matriz de um amor generalizado pela mulher.”⁸¹ O amor por uma mulher específica acontece quando a potência produzida inutilmente, fica justificada pela crença do encontro de um traço originário nesse ser feminino. Contudo, esse encontro do traço originário que justificaria a potência produzida é paradoxal, pois no momento que isso acontece, o interesse pelo diferente se esvai e a mulher que o encarnava é rejeitada e censurada por não ser ou possuir a função que o homem anteriormente lhe atribuiu e que garantia o seu amor. O ódio pode tomar o cenário da desilusão.

Quando dá a entender que é depositária daquilo que é buscado (uma potência à qual o mistério e a fuga convém perfeitamente), quando simplesmente manifesta a positividade de seu desejo ao amante, ela corre o risco de ser imediatamente acusada, simplesmente por ter-se deixado confundir com o que lhe era demandado.⁸²

Poderíamos nesse momento focalizar na sexualidade masculina, essa dialética do desejo que, ao realizar-se, esvazia-se de tudo o que o impulsionava e se retrai. O amor pelo heteros, pela diferença que impulsiona os homens na busca pelas mulheres, não pode encontrar um traço que o estabilize, que o afirme, pois isto o anula ou regride. Os sujeitos desse estudo se referiram à uma necessidade de “algo novo” na relação para que continuassem desejando a mesma mulher, que ela

⁸⁰Id. Ibid..

⁸¹Id. Ibid., p. 144

⁸²Id. Ibid., p. 149.

não retirasse de todo o “véu”, mas que a cada dia eles pudessem descobrir coisas diferentes para admirarem. É a distância ideal que nos referimos anteriormente.

Disto temos a dificuldade masculina de eleição de uma única mulher. O amor masculino está, assim, sob o signo do impasse.

Seu tormento é proporcional ao amor; ele procura a mulher única, mas, quando a encontra, ela continua aquém do lugar que o homem lhe reservou. Quer essa mulher se faça sempre distante - e por isso se deixe amar -, quer dê ensejo à decepção e à censura, existe um sofrimento heterossexual, um sentimento de ter que suportar, com maior ou menor dignidade, uma inadequação inevitável, já que o amor heteros só fica a sua própria altura ao ser desiludido.⁸³

Há, portanto, uma falta que representa o próprio desejo masculino. Quando um homem deseja uma mulher ele está revelando essa vulnerabilidade masculina, essa falta que representa seu próprio processo de castração pelo qual passou ao longo de sua vida. Ser rejeitado em seu desejo, isto é, naquilo que representa seu ser homem, pode ser tão ameaçador e doloroso quanto foi sua ascensão à heterossexualidade.

Vimos que, através da ação, os homens retificam a dívida com o pai; contudo, a dívida primeira com a mãe fica sem pagamento, pois a moeda que a esgotaria é desconhecida simbolicamente, visto ter se iniciado num período não inscrito lingüisticamente. Assim, a castração materna que incide sobre todo o corpo e não apenas sobre um órgão, como é representado depois pelo pênis nas castrações seguintes, é angustiante para o sujeito que não encontra um modo de responder à demanda ininteligível materna. Ao ser rejeitado pelas mulheres posteriormente, os homens podem reviver a angústia de não conseguirem desvendar àquele desejo feminino e se sentirem incapazes de conquistar o que desejam, mas, não entendem.

⁸³Id. Ibid., p. 152.

Satisfazer a mulher sexualmente pode representar um sucesso para o homem que tem a sensação de responder ao desejo feminino, apacando, assim, sua ansiedade de ser reconhecido como possuidor do poder fálico. É muito importante para o homem ter essa confirmação de sua virilidade: pois isto pode apaciar seu temor de ser rejeitado; justificar a exposição de sua vulnerabilidade e falta; apaziguar internamente sua dívida materna e colocá-lo em dia, pela atividade, com o pagamento de sua dívida paterna. Além disso, afasta-o da feminilidade tão ameaçadora à sua imagem de ser homem.

A feminilização, associada ao homossexualismo, é tema difícil de ser discutido pelos homens. Nesse estudo tivemos respostas bastante reticentes e pudemos ver o quão ameaçadora pode ser, para a estrutura egóica, os contatos homossexuais de um indivíduo heterossexual. Talvez por representarem a concretização das fantasias presentes no momento de *feminilização*, quando da castração paterna

Falamos da homossexualidade como até mesmo uma condição para a heterossexualidade nos meninos. Sabemos que os contatos homossexuais na infância e adolescência não sugerem a diretividade sexual do adulto e funcionam até mesmo como uma forma de descoberta do próprio corpo e uma preparação para os contatos heterossexuais. A masturbação, solitária ou em grupo, representa essa descoberta e apazigua as ansiedades quanto à capacidade eretiva, ou potência, tão importantes como atos representativos da masculinidade.

Do exposto acima, podemos depreender vários caminhos que levariam à homossexualidade ou mesmo a permanência na posição feminilizante inicial que descrevemos. Contudo, nossas reticências são quanto à condição de patologia que a psicanálise atribui à homossexualidade, que ao nosso ver, precisa ser reformulada. As tentativas vêm sendo realizadas, não sabemos com que sucesso. O novo Código Internacional de Doenças, o CID 10, é revolucionário no sentido de que a homossexualidade não é mais classificada como doença, mas sim às distonias e dificuldades que

podem estar presentes como em qualquer orientação sexual. Aspiramos para que um dia as pessoas deixem se ser classificadas segundo suas preferências sexuais. Acreditamos que assim os estudos possam realmente ser mais esclarecedores da sexualidade das pessoas para compreendê-las, não para modificá-las.

A psicanálise coloca a homossexualidade como uma perversão do desejo, colocando, por sua vez, a heterossexualidade como a normatividade. Vamos utilizar um aforismo de Lacan para esboçar rapidamente nossa posição quanto ao desejo homossexual: A homossexualidade seria uma *père-version*, ou seja, a "versão do pai" que, a nosso ver, pode ter dupla significação. A primeira é classificatória, ou seja, é o "pai" que classifica, estigmatiza e nomeia a homossexualidade como perversão; porque ele representa a lei e esta é implacável quanto à normatividade. Esse "pai", para nós, é aquele que está inserido nas grades da heterossexualidade-machista e odeia as mulheres (têm de se afastar delas), pois aprisionam seu desejo e o ameaçam na sua falicidade e poder. Vivenciam sua necessidade de dominância pelas diversas conquistas sexuais que o reafirmam enquanto macho.

A segunda significação é que a homossexualidade é mesmo a "versão do pai", ou seja, é ter uma diretividade masculina, assim como o pai, e ser o agente da castração bem como participar dela. E o que isto significa para nós?

Ser homossexual, simbolicamente, é suportar as adversidades de uma sociedade que não permite a expressão de seu desejo, é ser discriminado, tachado e repudiado. É ser castrado pela sociedade. Mas, também é representar a própria castração de todos nós: que nosso desejo jamais se realiza totalmente, que vivemos a ilusão de completude ao nos submeter às instituições sociais (como o casamento), e que somos feitos de faltas. Nesse sentido, ser homossexual é aquele que, em sua vivência, mostra a castração social. Ele vive assim a "versão do pai", e isto não é valorativo, não o coloca abaixo nem acima dos heterossexuais; isto apenas sinaliza uma opção de sentir e viver, como a preferência dos extrovertidos por tons avermelhados.

Para finalizar, gostaríamos de retomar as descrições dos sujeitos de como eles se sentiriam realizados afetivamente. Para eles, o importante é se sentirem amados e terem alguém para compartilhar momentos. Acreditamos que a sensação de sermos amados abastece em nós o sentimento de que valeu a pena iniciarmos o caminho em direção a nós mesmos, ou seja, aventurarmo-nos a viver.

ANEXO 1 - ENTREVISTA

Sujeito 2, 26 anos, Professor, formado em Psicologia.

O importante para mim é estar falando, sabe. É um medo danado, assim, eu acho que é uma etapa para mim, depois das coisas que eu tenho vivido, de uns tempos pá cá tenho vivido de forma muito, muito louca. Tenho me desestruturado, me refeito tento olhar as coisas de uma forma diferente, tenho mexido com a minha sensibilidade, na minha postura corporal, sabe.

Então, tenho vivido umas coisas que eu tenho procurado falar com as pessoas, dar um jeito, sabe. E eu acho que me deixa totalmente nu, chega a desnudar o ser, sabe, você é Psicóloga, por ser esse assunto... Sei lá, eu acho que falar é difícil pá mim, eu tive uma formação até os 18 anos, católica, muito rígida, né muito repressiva, a gente namorava mas nunca se tocava de um jeito mais, ..., é, profundo, íntimo, né, tinha muita encucação com isso. Encucação com a masturbação porque achava que era pecado e depois tinha que confessar aquilo.

Seus pais eram muito católicos?

Não, mas a Igreja... Eu era mais católico que eles, a Igreja era um lance assim: no começo era conveniente, né. Eu acho importante falar disso porque ajuda a entender um pouco porque a gente é assim, né. E então... a Igreja primeiro era um lance de conveniência, vamos supor, a gente vai porque tinha de fazer a primeira comunhão. Mas daí, aquela instituição era bem organizada, de interior, começavam a surgir as comunidades de base naquela época, nos anos 80. Era um lugar de poder falar, de poder trabalhar, de poder simbolizar, na adolescência. Na escola não tinha. Então como era organizada a instituição a gente começou a entrar e ficar. De repente, deixava de ter valor os marcos, assim, os acontecimentos sociais simbólicos e virtuais e tinha valor estar ali, conversando, falando, todas as semanas tinha grupos de discussão. Então foi como foi sendo a minha vida, né, um lugar de trabalhar o mental, o espaço simbólico, de elaboração.

Só que com relação ao sexo, tinham os encontros e tinham as palestras sobre sexo, e a gente ia e encucava muito com tudo. Era muito sensível com tudo, né, e acho que não só pela sensibilidade que eu tinha mas pelas palestras mesmo, sobre sexualidade, assim, era colocado como pecado mesmo. Eu me lembro que o certo era você gozar enquanto dormia, assim, ejaculação noturna era que era legal. E eu ficava: 'pô, como é isso?' Só isso podia, entendeu, não podia se masturbar porque era pecado. E... Nossa, foi muito violento, eu demorei prá descobrir também esse negócio de masturbação. Demorei pá descobrir, meu corpo já tava, assim, mais desenvolvido quando eu descobri. Não conversava, ficava um silêncio total sobre isso. Meu pai é silencioso totalmente quando se fala nisso, minha mãe também. É uma cultura de não falar, sabe.

Eu me lembro que na TV existia esse negócio de Moddessa e a minha mãe foi me contar, né, acho que eu tinha 11 anos, eu fiquei satisfeito com o que ela falou mas também não queria saber mais, é ... eu tinha fantasias, mas também não sabia como era nascer criança, né. Então, chega uma hora que você começa a saber como funciona tudo, sabe, tudo que você lê também. Na escola se estuda anatomia, né, tudo, tal.

Eu tive uma namorada com 15 anos, durou um mês, eu gostei demais, era muito platônico, a gente não se beijava, não se tocava do jeito que é bom, que podia se fazer. Depois eu fiquei muito mal quando ela não quis mais, assim, daí eu conheci uma menina que foi um troço mais especial, mas, ela também, o pessoal circundava, ela também tinha a ver com o pessoal da Igreja, ela nunca tinha namorado ninguém, eu também nunca tinha estado mais próximo com ninguém. E tem que ver que a gente era de uma cidade pequena, né, outro universo, tipo de pessoas que você encontrava, tal. É por isso que vir para uma cidade grande depois, foi um troço meio chocante, assim, abriu mais. Mais eu quero voltar quero falar um pouco do namoro com a Andréa.

Então era um namoro de adolescente, sabe, a gente tava sentado na sala e a mãe dela costurava na mesa da frente, de costas pá gente assim, e a gente ficava se beijando, se esfregando, se tocando,

atrás da mãe dela, era bom mas não tinha como descarregar aquela energia, aquele troço, né. Ah, bom, ó, você vê, a gente tinha de confessar, né, toda hora tinha a confissão. Era horrível ter que confessar, eu, eu, a gente confessava assim: 'Padre, eu abusei do meu corpo', né, eu não tinha palavra prá dizer aquilo. Isso significava masturbar, né. Gozado, você fixa num negócio, prá mim fixava muito na ejaculação, porque eu, não tinha como não ficar excitado, não ter ereção, não ficar com vontade, né. Daí, eu pensava: 'e se eu for assim e conseguir segurar' né, eu não tenho que confessar, então eu começava a criar mecanismos assim.

Então esse foi um período muito filha da mãe, até que eu resolvi que não ia mais confessar aquilo, mas tipo assim eu fiquei um ano, um ano e meio se me masturbar. Então foi complicado.

Aí quando eu tava namorando a Andréa, eu comecei a ir para a cidade grande, prá estudar, eu me lembro que uma vez... tinham umas coisas que aconteciam assim mas nunca chegava a consumir nada. O troço mais perto de uma relação sexual que eu tive foi um lance com uma menina dentro do ônibus, cara, de uma cidade a outra, eu namorava a Andréa, daí você deixa levar, a mão começa a se tocar, daí a gente quase transou dentro do ônibus mas eu nem sabia nem nunca soube o nome daquela mulher, assim, e me deu muita culpa depois, porque eu namorava a Andréa, porque então eu tive uma ejaculação, foi um negócio de prazer.

Bom, quando eu fui prá outra cidade foi um troço muito violento, simbolicamente prá mim, porque eu conheci o Carlos, né, na Faculdade, eu já não tava mais freqüentando a igreja, eu não gostava da igreja de lá porque era um lance muito, muito, de convenção social, que nem, eu tinha falado desse negócio de práxis na minha cidade, o negócio da sexualidade não se pensava mas o econômico, o sócio-político se pensava, e então isso não existia lá.

Então foi um troço muito violento simbolicamente prá mim lá, primeiro esse negócio de morrer Deus, né. A Igreja que tinha lá não era a que eu queria, por outro lado tinha um povo que era meu amigo, que era próximo de mim que fazia bem prá mim que, pelos quais Deus não importava, né. Sabe, eram pessoas importantes que eu conheci, tinha imagem bacana deles, de engajamento, de relação, não é, eu conheci uns caras do PT que eram legais mesmo, assim não, eles já tinham passado por outra experiência que não aquela... Sei lá, não é radical falar assim, sectária, quadradinha, né, maniqueísta não, eram uns caras que tinham uma vivência bacana. Então, os caras também conheciam Reich, que já antes da faculdade conheciam, né que tinham tido uma experiência na vida, Mas isso aparecia muito nos discursos, da faculdade, era tudo muito teórico só, tudo muito verbal.

Então, lá foi um troço difícil prá mim, porque eu não me sentia mais na minha cidade e lá também não era minha, tipo: 'essas calçadas não são minhas' né. Eu andava pelos lugares, assim, e estranhava, 'eu não sou daqui, não sou daqui' e chegava em minha cidade e também não era de lá. Eu entrava muito nessas crises assim até que eu fui elaborando, foi mudando muito de cima prá baixo, um lance intelectual, sabe. A superestrutura de pensamento assim dialético, marxista, materialista, e o lance do divino com o sagrado foi assim... simplesmente mudou prá caramba, deixou de ter um valor. Eu comecei a enfrentar a idéia de morte com outros olhos.

Quais?

Primeiro que eu já não achava que essa idéia de entidade Deus, eu achava que não dava mais prá suportar, né, eu preferia acreditar em alguma coisa como energia, assim, que é impossível que dessa energia a gente deixe de participar totalmente e que isso vai compor com outra coisa, né. De repente eu achava isso, se existe uma consciência cósmica, eu não sou livre, né.

Eu já tinha lido Sartre, com 18 anos eu tinha lido "O Existencialismo é um Humanismo" eu gostei muito daquilo, eu achava que não tem o que justifique os meus atos, eu tenho que estar ali, isso é importante, isso radicaliza tudo o que o cara fez até agora, isso começa a montar a consciência, colocar na mão do homem a sua história, então...

Depois, eu percebi que o sagrado é o corpo, é a vida. Não tem que ficar se preocupando com a morte. Então o troço foi indo assim, perdeu, foi sofrido, esse negócio durou um ano ou dois com

isso, tinha um lance econômico também que estava me ferindo, porque eu não trabalhava, então tava difícil, o curso era período integral, os meus pais não podiam, eles eram pobres, eles me mandavam dinheiro, e o aluguel, começava a subir cada vez mais, a gente dividia apartamento com os amigos, e daí eu consegui ficar numa "casa de estudante" foi o ano que aliviou mais, eu estudei mais, tinha as melhores médias, e eu tentando organizar minha vida econômica lá, e esse negócio de Deus, tava uma puta crise.

E eu tinha terminado com a Andréa porque tinha uma defasagem tão grande da gente pensar as coisas, que eu não suportava mais, tinha muito tesão tudo, a gente ficava junto, mas tinha uma defasagem tão grande que eu já não suportava, culminou que um Ano-Novo, tinha o avô de um grande amigo meu que se suicidou, e a gente passou o Ano-Novo com esse amigo lá, eu passei né, e foi muito foda assim os fogos de Ano-Novo e no meio do velório assim e eu achei que era a coisa mais certa do mundo tá junto daquele menino, tal. E a Adriana rompeu, assim foi o golpe simbólico dela ficar muito puta de eu não passar o Ano-Novo com ela e eu de tentar explicar o que era. Puta, uma pessoa cujo avô se suicidou no Ano-Novo, fogos de artifício, tudo mundo chorando, era um troço que... puta, né. Aí eu não agüentei, tinha vontade de ficar mas não dava mais.

Aí depois dela, tinha umas menininhas da minha cidade que me escreviam, eu tava a fins só de beijar, de tocar, de ficar e tava a fim de não tinha um compromisso espiritual, né, é a palavra, nenhum compromisso de intimidade de partilha intelectual que é uma coisa que eu gosto, me permite me entregar, né, não tinha, então eu tava no meio dessas coisas assim quando eu conheci a Márcia. E ela foi a mulher com quem eu casei, a primeira mulher com quem eu transei, fiquei 6 anos com ela, nunca nem beijei outra mulher que não fosse ela...

Isso foi, foi complicado também, a gente se separou agora. Depois que a gente se separou eu tive com mais uma moça que foi importante prá mim porque era outra a possibilidade de ter prazer era outra muito além do que eu imaginava e podia ter com a Márcia e ... só que era um troço muito de prazer, foi um mês que eu fiquei com essa moça e só que não era bem o que eu tava a fim. E quando eu terminei com a Márcia eu tava a fim agora eu quero explodir esse lance da sexualidade, não quero mais ficar fixando com alguém, esse troço assim.

E agora eu tou ficando com uma menina que me faz bem, que tem um lance de enamoramento, de olhar, que me completa muito sexualmente, o jeito especial, depois vou te dizer por que. Vamos voltar prá Márcia que foi um troço assim mais...

Então, eu vou te falar desse negócio de experiência sexual de ficar com uma mulher, agora é mais fácil falar, porque eu tive 3 pessoas que já tiveram comigo até hoje. a Andréa foi importante porque ela me fez me ver como alguém que pode ser amado por alguém, né, foi um troço adolescente assim mas foi muito bom e hoje eu lembro dela de um outro jeito do que aquele da menina que eu não entendi, que era muito bobinha, eu lembro de um outro jeito, ela casou, teve filho, tal, nunca mais conversei com ela, mas hoje eu lembro dela assim como a pessoa que me fez enxergar nos olhos dela de um jeito que eu não enxerguei na Márcia por exemplo. (Silêncio)

A Márcia foi foda né, foi assim a gente se conheceu e ela me quis muito, pelo menos ela disse que quis muito e eu acho que quis mesmo. Ela me via, me olhava, vinha no RU (restaurante universitário) me olhava, tal. Então com a Márcia foi muito louco porque ela me quis muito e isso me fascinou demais, sabe, de alguém tomar o papel ativo, assim, porque na minha adolescência e todas as experiências que eu tinha tido com meninas é sempre aquela coisa de você ir e ter que fazer o papel e ficar jogando os seus sinais, entende, parece que só você tem a responsabilidade da conquista, né. E, claro que tem um legal nisso tudo, mas prá mim sei lá foi ficando durante algum tempo que me excita alguém que tome um papel ativo, né, uma pessoa que tome o papel ativo, que te deseje, ver que alguém te deseje.

Aí aquela mulher, né, toda chegada, A Mulher, né, e ela foi muito feliz no jogo de conquista todo, tal, ela tinha me visto e você vê, eu já tinha até visto, sensorialmente tinha olhado prá ela num dia numa festa que teve numa casa que a gente morava, que é uma casa de estudante que é uma instituição, então tem as festas quando elege diretoria, a gente que faz tudo, a gente se vira lá, a casa

é da Igreja Luterana, mas não tem luterano lá não, é a gente que controla, só rapazes. Inclusive tem todo um Estatuto prá quando mulher vai visitar, de não ficar com a porta aberta, etc. Só que isso é só pró-forma então tem o estatuto real e o formal. Então todo mundo sabia que se podia transar lá dentro, tal, não tinha isso, era só combinar os horários, mas não era um troço muito agradável não.

Eu tinha falado da conquista, que é importante porque depois ajudou a me machucar muito, ajudou a me machucar muito o que aconteceu. Então ela tinha me visto, tal, então ela fez acontecer um concerto de violão lá na casa, eu quase não fui, nunca tinha dinheiro, né, eles cobravam um cachezinho, eu entrei no meu quarto, sério, eu tava saindo na varanda, ela fez um teatro concerto e 'não, eu pago, eu te pago' e fui no concerto e ela ficou tocando, mas ela não tava mais estudando assim, ela queria ter ido lá prá me ver, né, até ela não conseguiu terminar todas as peças que ela tinha ensaiado daí ela parou, fez um gesto assim (demonstra com o braço) daí eu comecei a olhar prá ela e no final a gente foi conversar e trocamos olhares e no final ela convidou prá ir comer com eles e eu falei "o que tá acontecendo" né, eu nunca tinha nem visto aquela mulher nem ela me visto. (Ela é dois anos mais velha)

Então ficou um troço meio de fascínio né, ao mesmo tempo com o pé atrás, sei lá o que vai dar isso aí, ao mesmo tempo eu tinha que ir logo prá minha cidade (era férias) e queria pegar o endereço dela prá poder mandar um cartão e a irmã dela era a namorada do cara que morava do lado de casa.

Ela era da cidade onde você estudava?

Ela é de lá, a família lá. O estilo de afeto da casa dos pais dela é típico da cidade, seco, Não como no interior onde a gente fica bravo, beija os pais, as irmãs, ali não são todos formais, diferente lá de casa onde todos se abraçam, tanto que ela quando ia lá em casa estranhava, se sentia meio invadida. A coisa da sexualidade nesse ponto também era um negócio meio esquisito, assim, eu acho.

Mas, e daí, a gente trocou carta nas férias. Daí eu vendi minha bicicleta prá vir prá cidade onde estudava. Antes, não, qualquer festa eu tinha de estar na minha cidade, tudo eu tinha de voltar prá lá, né, um lugar onde eu podia ancorar.

Só que antes de eu ir ela foi lá colocar uns cartazes lá e daí ela me deu um livro de Garcia Marquez, primeira vez que eu li Garcia Marquez, tal, então começou a me fascinar muito. Mas de adolescente a gente tinha um troço meio machista assim de ficar avaliando: 'será que ela é bonita?' assim, de ficar com alguém que fosse padrão, assim, o estilo de beleza padrão, tal, e a Márcia não era não, não é. Assim, eu me apaixonei muito por ela, uma pessoa muito linda, uma mulher bonita mesmo, independente de ter mais aqui ou menos ali, mas não era e no começo eu relutei um pouco, mas foi construído com a relação, foi construído um significado com o corpo dela prá mim, assim um jeito de andar, de encaixar, de se tocar que era muito bom prá mim.

Então, a gente não começou um lance de pele, a gente começou com troca de livro, tal, o máximo que a gente fez foi a gente se abraçou prá se despedir, tal, e eu não sabia o que era aquilo, depois da primeira vez que a gente se viu, eu já me expus assim e ela não, e a gente se escreveu no mesmo dia e as cartas chegaram um pro outro no mesmo dia, assim sem ninguém ter respondido a carta um do outro, sabe. E eu tinha mandado um troço de Dostoievsky que eu tinha lido onde a personagem diz porque os homens têm sempre que se fazer mais intratáveis do que realmente são? Por que não ver logo o que vai no peito, algo assim né. Foi um trecho que eu achei muito legal, apaixonante mesmo. E ela não.

Depois que ela recebeu a minha carta a gente falou 'mas como a gente é bobo'. Até que ela me ligou no Natal, aí eu voltei prá cidade a gente foi ficando junto, ficando, ficando. Eu tive que falar prá ela que eu nunca tinha transado com ninguém e que eu não sabia o que fazer, né. Eu não sabia como ia ser, eu tinha tido todo um discurso sobre sexualidade com ela e sei lá, eu fiquei encucado com isso. Eu tinha 19 anos. Aí a gente transou. Mas hoje olhando, eu penso que poderia ter sido mais especial, sabe, podia ter cuidado melhor de mim (risos)

Como assim?

Ela foi tão passiva, tão... foi muito estranho, prá gente era a minha primeira vez, entendeu, e... (silêncio) Foi lá na casa, assim, cheio de rituais, de toques tal, mas daí na hora da penetração assim, de mover prá poder chegar ao orgasmo, do coito, né, aí o troço foi simples, assim, eu gosto mais quando ela assume um papel ativo também sabe, eu gosto mais quando a gente troca os carinhos, então assim nossa relação dali não mudou tanto também, foi meu ruim assim, mas a gente tava preocupado; 'foi bom prá você' né, 'será que eu fiz certo?' né, 'será que eu tou cumprindo meu papel' e ela: 'não foi legal, tal' só que hoje olhando prá trás eu sei que não foi muito legal, mas isso não é nada, você vai ver que isso não é nada.

Daí a gente foi ficando junto, tá. E, bom, aí a gente foi prá praia, transava todo dia, transava, não, ah, bom, até que a gente descobrir e se permitir usar camisinha demorou, porque ela nunca tomou anticoncepcional, tomava, não sei acho que continua não tomando, não tenho conversado mais sobre a vida dela pessoal, me agride um pouco, também tem me agredido.

Daí a gente só transava quando tava no período possível, assim, né. O que hoje eu acho que era um lance que dificultava a gente ficar mais próximo, tinha muita coisa que dificultava a gente ficar mais próximo, tinha o lance de não ter um lugar nosso, a gente ficava ali podia ter alguém batendo na porta e a gente ficava encucado, né. Quando a gente foi prá praia a primeira vez a gente fazia tudo menos a penetração, quer dizer não sei se tudo, né, pintava um lance oral, a gente se tocava, a gente tinha encucação que se penetrar tinha o líquido que ficava ali no canal mesmo antes de ejacular, até que a gente começou a usar camisinha.

Daí, começou, eu não sei, detalhe assim eu não sei se adianta mas o principal é que foi chegando um tempo, não sei se foi um ano se foi dois, acho que no primeiro ano já que a gente já não se transava tanto mais, eu tinha muito desejo e ela já não tinha vontade mais, ela dizia que era porque não tinha um lugar nosso. Ah, bom, aconteceu um troço meio brabo aí no meio do caminho, foi que uma vez a gente tava, eu ia sempre dormir na casa dela, a gente transava na casa dela, dos pais dela, escondido assim mesmo, assim super perigoso, tal, lá o pessoal tem todo um clima de fazer de conta que isso não existia, prá família dela tinha muito de fazer de conta que isso não existia, de transar. A gente ia prá praia, eu e meu amigo dormíamos num quarto e as duas meninas dormiam no outro, né. Eles tinham essa idéia.

E uma vez assim eu me lembro que de manhã eu fui escondido no quarto dela e a gente começou a se tocar a se beijar e a gente não ouviu que tocou o telefone e era prá ela e a mãe dela subiu e pegou a gente, e aí foi um troço ruim né prá cabeça da Márcia. Prá mim foi também mas não era a minha mãe e bem assim ... a gente tinha passado por um lance que a Márcia tava num lance oral ali comigo e daí ela ficou: 'o que será que minha mãe viu? Será que ela viu?' E a mãe dela chorou aquele dia e a mãe dela nunca chora, nunca chora, aí ela começou: 'mãe,...' entrar numa de querer explicar, eu falei: 'Márcia, ela tá certa', tipo, 'sua mãe tá certa, não fale nada, só escute'.

Isso foi uma das coisas que pintou no meio da coisa, mas não sei se foi isso, agora eu sei que não foi, né. Eu sei que foi chegando numa época que o troço foi ficando difícil e só que, pô, ela era a única mulher que eu tinha tido, né, e foi durante um bom tempo e ela 'você tem desejo, mas mulher não tem tanto desejo assim, e tal não é igual ao homem' aí a gente falou assim 'será o negócio do lugar, o que será que a gente não tá se dando bem sexualmente?'

E fora isso, tinha uns outros lances com certeza, tinham umas cobranças entre nós, pintava umas neuras cotidianas, que já não era mais aquela paixão inicial, né, não era tão bonito mais e tal e tinha o lance da família que almoço de domingo e eu tava sempre lá e tipo desde a primeira vez que a gente foi tinha o lance: 'olha veja lá a sujeira que vocês vão fazer aí' a gente tava fazendo um bolo e eu falei; 'não, a gente limpa depois', tal e assim a coisa mais normal do mundo e aquilo silenciou assim porque não podia dar uma contra-palavra à mãe ou ao pessoal de lá. Depois eu descobri isso, e foi muito doído, porque eu sou um cara de falar muito, gosto de falar minhas coisas e não havia lugar que fosse mais quieto que no meio daquela família.

Até uma colega minha do meu trabalho foi num aniversário de uma prima que também trabalha com a gente e disse; 'mas o que acontece com você que está tão quieto assim?' 'não é que eu sou assim mesmo'. Sabe o que é você não ter muito valor com suas coisas, com o que você diz.

Então essas coisas foram se misturando tudo, mas só que aí, ela era muito a fim de casar, e achava que a gente casava, tal, que ia ter um lugar nosso, e eu achava que talvez fosse uma boa porque talvez a gente começasse a namorar mais. Então depois de dois anos que a gente tava namorando, a gente se casou. Casou no papel e tudo. Na Igreja não porque eu achava que ia ser um desrespeito com meus pais... praticar um ato que prá eles é sagrado mas numa atitude de formalismo, eu não queria fazer um troço como formalismo.

Eu não entendi...

Eu não casei na Igreja por respeito a eles. Porque a gente sempre acreditou, quando eu participava da Igreja, que esse sacramento não era convenção social, sabe, que quem vai fazer tem que acreditar naquilo. E eu não acredito mais nesse rito, que aquilo nos une, que vai nos unir prá sempre, que eu preciso da benção de Deus prá estar junto. Eu não acreditava mais que casamento tivesse que ser eterno, tudo, e a Márcia, muito menos, porque a vivência deles de catolicismo era outra, bem da cidade deles assim, formal e olha lá, ritual e olha lá, depois nunca mais iam prá Igreja e nem tavam a fim. Então eu achava que a gente ia acabar fazendo um teatro.

E a família dela não se importava?

Não, a família dela nem aí. Agora, a minha se importava, a minha mãe dizia assim: 'eu respeito o que você decidiu, só acho também que você não precisa casar no civil por causa da gente porque prá nós vai ser a mesma coisa que você morar junto com ela'. Nem por isso a minha mãe deixou de tratar bem a Márcia, ou a mim ou a nosso filho, não batizei meu filho também e isso foi, deve ter sido prá minha mãe... eu não ouvi nenhuma palavra dela sobre isso e... enfim, também não tava na mesma cidade, não tinha gente enchendo o saco, é bem mais fácil de lidar e eu comecei a me aproximar do meu povo lá quando mudei de lá, porque ficava mais fácil lidar, sabe, é outra coisa, não tem tanta cobrança.

Bom, daí a gente se casou. Eu não tinha terminado a Faculdade, estava estudando mas também tava fazendo um estágio que me dava 02 salários mínimos por mês, já trabalhava já numa escola fazia tempo, dava aula, e fomos nós dois morar num apartamento, prá gente ter mais intimidade, tal. Sabe, nesse tempo já tinha briga, já tinha briga por causa desse negócio de sexo, 'ah, porque você não me trata bem, aí depois quer transar comigo' né, 'você quer me prostituir, você me trata igual o meu pai trata a minha mãe' ela falando.

Parece que o compromisso de deixar ela excitada era meu, ao mesmo tempo que eu sempre dediquei muito tempo no encontro, nos toques pro sexo, no erotismo, no fim parece que a criatividade tem que ser minha, no jeito de tocar tem que ser meu, até ela ficar legal, assim. É um troço que não foi legal, não é legal, depois foi tão diferente das outras pessoas que eu fiquei e eu gostei tanto de ter ficado porque tinha correspondência, você toca a outra pessoa te toca também, com ela não tinha isso. Era muito assim... Ufa... Faz o ritual todo, de toque, de carne, de língua, de tocar os seios, de tocar as costas, de fazer massagem, de pegar o cabelo, de beijar os olhos, de... tudo, daí penetração e o meu corpo não, sabe, assim digo, "puxa como eu gosto que você me toque, de beijo, que você coloque a boca no meu pênis, sei lá", eu gosto disso, mas ela: "ah, mas não é legal" eu dizia: "como eu gosto de você, que a gente converse transando, que a gente fale". Eu achava legal também, ela achava que tudo era tipo histeria, assim, né, que gemer, falar, conversar, tudo era fetiche, sabe, que quem transa bem não precisa disso, se bem que ela mudou depois no meio do caminho e ...

Onde é que eu tava? Ah, onde a gente tinha casado. A gente casou e já brigava por isso nessa época, sabe? Daí, ... e eu gostava muito dela, ela queria casar e eu dizia que não, que eu achava que não era o momento, tinha o lance econômico e tudo, eu precisava ir morar num lugar meu, e não mais morar na casa do estudante porque naquilo ali a gente ficava meio incomodado, não tinha como a gente tá junto, tal, mas só que eu achava também que não era legal ela vir morar comigo já.

Agora, só que eu também tava com pouca grana prá alugar um apartamento, se ela topava, daí ela disse: “mas eu topo te ajudar, daí também eu posso tá junto sempre”, só que não é o mesmo lance de ter o compromisso, de estar tudo institucionalizado, né. “Eu também preciso ter um lugar aonde eu vou prá estudar”, eu não sei, não sei se foi um erro, mas eu fui mal interpretado na época, eu sempre achava assim, eu sentia uma dependência econômica do outro e ...

Acabou por determinar?

É ... Não sei se determinando, mas prá mim foi um lance que ela quis, ela quis morar junto comigo, tal, sair da casa da mãe dela, e eu não tava querendo casar, institucionalizar, no papel e tudo mas ao mesmo tempo por ela eu achava que valia a pena, e acabei cedendo.

Eu achava que ela era a mulher da minha vida. E a gente se casou. Um mês depois ela tava grávida. Um mês depois ... Ela não tomava anticoncepcional, ou também depois que casou a gente relaxou, ou eu também, eu ficava com a tabelinha dela na minha carteira prá saber ela achava que eu devia estar sabendo que não era só responsabilidade dela, ao mesmo tempo acabava rodando eu deixava na mão dela. A gente não usava sempre camisinha. Usava no período fértil.

A decisão de não usar anticoncepcional era dos dois?

Não. Era mais dela, ela achava que era hormônio que tava colocando no corpo, eu respeitava, porque ela não queria agredir o corpo e podia também tomar o papel ativo que era estar usando camisinha, então era aquela história, não vamos ser machista e tal, mas fiquei encasquetado, né.

Éramos os dois porque eu aceitava, mas era iniciativa dela porque ela achava que era o lance do hormônio e tal, que ia engordar muito, tal. Ela já tem um problema, tem uma barriga assim, (mostra), e tal, ela se acha gordinha e não é gorda, é um troço localizado. É um troço assim ... não sei dizer, falar sobre o corpo dela (...). Então eu acho que ela tava muito encouraçada, sabe, a barriga dela desce, assim, e isso aqui sobe assim, sabe (mostra nele), sobe, sabe e ela não tem bunda, é reta assim ... Eu também sou cheio de couraça, porque você pega aqui em mim, é rígido, eu fazia Vôlei, esse tipo de coisa, muito forte, qualquer músculo do meu corpo é rígido, qualquer lugar, minha postura também e tal. Mas ela tinha um lance assim localizado, sabe, parece que descia isso, então ela não era gorda, mas tem uma barriga.

E ela era encucada com isso?

.. Isso nunca atrapalhou, acho que nunca foi isso que atrapalhou a gente transar, eu acho que esse tempo com ela fora muito gostosos prá mim foram muito legais, de soltar a voz mesmo tal. Só que era assim, ela tinha um orgasmo e pronto. E eu sabia que podia não ser assim. A gente nunca deu mais que uma, sabe como? A não ser depois numa noite, quando a gente tava entrando em crise mesmo, e daí de repente a gente voltou a estar junto e ela... porque não aconteceu, nessa minha exposição eu não te falei o que mais me marcou na minha relação com ela. Ufa...Fogo.

Daí a gente se casou, e em um mês ela tava grávida. Aí a gravidez foi difícil, ela tinha muito enjôo. Eu tive um lance de um tio meu que ficou doente teve que ficar internado em Hospital Psiquiátrico não sei por qual instituição que ela andou e ele pegou sarna, e lá em casa a gente acabou pegando também, e aquilo era um saco, porque você tem que passar a roupa, tudo, sabe, no meio da gravidez a tava com aquilo então tinha um monte de somatização, sabe. Ah, bom, ela tem um fungo, um troço, uma coceira, um corrimento, que parece que nunca sara, que nunca acaba, nunca sara, aquilo nunca sarava. Eu não lembro quando ela começou a ter isso, quando a gente começou a namorar eu não lembro disso, ela disse que tinha tido antes. Depois teve um troço assim, teve uma época mais rá cá, acho que foi em 94, 96, ela começou a ter um troço, psoríase que chama, mas no seio, uma mancha assim, rosa. E depois fica pelo corpo todo. No seio era um troço que era simbólico, porque a o lugar que eu achava mais bonito no corpo dela, que me dava mais tesão, assim, sabe.

Foi depois da gravidez?

Não, depois da gravidez... Aí que tá, teve a gravidez, só que a gravidez era mais um motivo prá não transar, era mais uma justificativa prá não transar, sabe. Daí nasceu o menino, foi traumático também porque ela teve parto normal e nasceu rápido, ligeiro, saudável, tudo, só que ele era muito grande e rompeu alguma coisa na ... tipo, tem que fazer um corte, só que esse corte se estendeu e fez comunicação com o reto, com o ânus e daí deu uma infecção.

Mas não foi corrigido?

Foi, direitinho. Só que imagina o povo lá fez um escarcel "é, porque é um médico, não sei o que" fizeram super bem só que aconteceu assim, Virgínia, a dor toda de parto normal, e todas as conseqüências de uma cesariana porque ela teve parto normal e teve que tomar anestesia rack e o frio que dá nas pernas, a tremedeira, aquele negócio, tudo que tem da anestesia ela teve, então ela teve dor de parto normal e dor de cesárea. Então teve esse clima todo, né. Ela não conseguiu amamentar, e o cotidiano, aquele troço, a gente transava uma vez por semana, e eu não agüentava isso aí. Daí eu saía ficava olhando muita gente, que me olhava também... Prá encurtar a conversa, agora em dezembro que... você não se importa se eu chorar né?

(Chora muito e fica um tempo em silêncio)

Dezembro, né. Eu tinha passado na UNICAMP e ela tinha feito projeto de vir, ela tinha feito o projeto de vir mesmo, ela tem apresentação artística mas ela também trabalha com música mesmo, como educadora, tal, ela é regente de coral infantil. Eles têm um trabalho muito bonito lá com crianças e música brasileira. E a gente tava vendo que o lance dela no trabalho, o caminho que ela tinha, não tinha a ver deixar o caminho que ela tinha no trabalho por causa de vir prá Campinas. E eu tava achando também, 'quem sabe é uma boa oportunidade prá gente voltar a namorar', quebrar um pouco o nosso cotidiano, que tava ficando cada vez mais pesado, tal, ..., quem sabe a gente concilia, né.

Então a gente tava vendo, antes eu ia viajar, ou ela ia viajar, quando a gente voltava, tinha um calor de voltar, de vontade de querer abraçar, um troço que eu senti que já tava amortecendo, da última vez e a gente começava a ficar muito irritado.

Teve uma vez que a gente tava indo prá minha cidade, no ônibus, a gente começou a conversar ela disse: 'acho bom você ir prá Campinas, começar a conhecer gente diferente, acho que parece que nossa relação não tá assim, a gente vai poder colocar em prática isso que a gente tem'. Até aí tá ótimo, esse negócio de abrir a relação, você pode ficar com alguém que não tem problema, só que você não me conte logo, prá não me agredir, tal, sempre falava, eu ia viajar, colocava camisinha na minha bolsa. Isso tudo era teórico, teatral, sei lá, com o pessoal em conversa de bar, o pessoal olhava assim, ficavam pensando como é que era isso, né.

Aí, bom, enfim, começou esse papo, tipo: 'porque você é uma pessoa muito boa, você é muito bom, eu não sou tão boa quanto você', eu dizia prá ela: 'veja o que você está falando. Quer dizer que eu tou levando um fora, né?' Aí em tom de brincadeira tudo, assim, aí foi sorrindo e tal 'tenho uma coisa a te dizer' daí eu perguntei prá ela: 'tem alguém prá você?' daí, 'não, não tem ninguém, mas tem não tem' e ela estava se enamorando de alguém, né, só que não era um lance ainda de toque, demorou muito prá ela ficar com o cara. O toque, esse lance de conquista demorou. Só que no meio da conversa, Virgínia, daí... Então era o seguinte: 'como é bom tá com alguém que não esteja tão preocupado com o por quê das coisas'. 'Como é que é bom uma relação mais leve, como isso fascina' e tal, só que... foi cair num troço assim... 'desde a primeira vez que eu te beijei já ... tinha alguma coisa que já não era assim' não sei alguma coisa que não bateu prá ela. (...) 'desde a primeira vez que eu te vi te achava e te acho bonito, te acho inteligente, gosto do teu corpo, acho teu corpo... só que tem uma coisa'.

Eu falava: 'poxa! Será que você ficou sabendo disso há tanto tempo assim, né. Será que...' aí vira um lance pessoal, né. E eu acho que isso existe né. Quando você beija uma pessoa, isso tem um

significado, né. É muito de sentir aquela pessoa, eu não consigo dizer da minha cabeça o que é, sabe, acho que é o cheiro, o gosto, é mal hálito? Não é mal hálito. É a temperatura da boca? Não é a temperatura da boca.

Alguma coisa que pra ela não acontecia...

E não acontece, nunca aconteceu. Só que por eu ser uma pessoa muito significativa pra ela, ela achava que tinha como ficar, que ela ia resolver isso. Daí, pô! Daí destruiu tudo pra mim. Tipo dominó, assim (faz um barulho). Foi refazendo o sentido pra cada transa mal feita, pra cada toque rejeitado sabe, chegava no seio dela ela tirava, sabe. De acordar de manhã, querer se tocar e ver que de manhã não porque tá muito sonolento. De tentar se tocar à noite, de dizer que 'não, que tou cansada' de tentar se tocar à tarde 'não porque o neném tá acordado' e sabe, tudo, tudo pra mim virou, porra, eu o que é que eu faço com isso aí, né. Tem alguma coisa no meu corpo que eu não posso mudar.

Parece que ela tocou num ponto que não mais dependia de você...

É ... e eu queria que tivesse um jeito de modificar. Só que foi foda, porque não foi um lance definitivo, sabe, eu falei: 'não pode ficar assim, eu não agüento, de querer te tocar e não poder, sabe. Me faz mal. Eu tenho tesão por você, eu gosto, eu olho teu seio, eu olho teu seio, a tua pele, o teu cheiro, o que significa pra mim' sabe, daí 'por que você fez isso, de dizer que não queria porque eu tava parecendo teu pai, porque eu tava te agredindo, nunca foi assim', e daí, ah!

Daí ela dizia o lance do Cinema Paradiso tem a cena do beijo, né. É aquele que cortavam das fitas todas as cenas que tinham beijo. Daí ele foi guardando, o cara só guardava, e o Totó, o cineasta, ele assiste uma coisa emendada dos beijos. Ela disse que chorava de ver aquilo (...) (silêncio).

Porque às vezes as pessoas que não são tão legais, nem tão bonitas, tal, tinham isso. (Fala muito baixo, não dá pra entender).

Foi como se ela tivesse destruído todo o encanto e destruiu mesmo. (Silêncio)

Só que depois que eu vi o que foi essa destruição, o significado, assim. Ó o troço foi tão violento que ela passou uma noite acordada comigo, quando eu quero conversar eu falava 'eu preciso falar, eu preciso conversar', e ela dorme, ela dorme. 'Eu já não tou te entendendo mais de tanto sono, eu vou começar a falar bobagem, é melhor eu dormir'.

E daí essa noite que ela falou isso pra mim, eu não consegui dormir, eu tive que sair correr, que eu gosto de correr, eu fui correr, corri. Eu tava exausto e não conseguia dormir, aquilo ficava aqui (mostra o peito), de dentro pra fora, puxava. Vontade de vomitar (chora) vontade de vomitar de lembrar de cada transa. E foi. Daí eu escrevi e mostrei pra ela o que eu tinha escrito. Ela chorou muito, falou: 'não é isso, olhe pra mim não é isso, eu tou confusa, você não pegue uma coisa que eu tou falando no meio de um troço que eu tou confusa, você vai estragar tudo que foi uma família' só que eu tava machucado, eu não queria acreditar.

(...) Só que no Natal a gente transou e depois transou de novo na mesma noite. Fazia muito tempo que a gente não... e transou bem, foi gostoso assim, sei lá, ela sentiu algumas coisas... só que tinha o lance dessa pessoa que ela tava a fim e que continuou a rolar e continuou rolando até que ela ficou com essa pessoa.

E vocês estavam juntos ...

A gente teve junto. Mas antes dela transar com esse cara, eu já não tava mais com ela. Porque ela não era de ficar com duas pessoas.

Então vocês se separaram...

É. Ó, a gente tava dizendo que tinha se separado mesmo porque a gente tentava conseguir um outro tipo de relação, sabe, não tinha o que voltar mais, não tinha o que voltar. Mesmo porque eu devia estar muito agressivo, tal. Agora o que foi pior, eu acho, foi porque eu quis inventar... porra, não sei

porque eu fui inventar isso, 'pô, você quer ficar com ele, permite também ficar comigo, não é bom? Existe o que era, que é bom, ela dizia que toda vez que ficava comigo que foi melhor do que foi com o outro cara, o sexo, né.

Ela dizia que o sexo com você era melhor, e anteriormente você me falou que ela dizia que não tinha mais vontade de transar porque algo entre vocês não existia, nunca existiu ...

Não sei. Ela dizia que com esse cara, a química também não tinha. Coisa que ela o achava feio.

E essa química...

Eu não sei até agora, Virgínia, não sei até agora, porque eu tenho a impressão que ó, depois que ela transou com esse namorado dela, ela me chamou, e aí a gente transou. Porque no começo ela me dizia 'você traiu ele', o cara, se ela ficasse comigo. Porque o peito dela estava preenchido pelo sentimento por outra pessoa e ela não podia me tocar. E eu não só achava que podia como me excitava tudo isso (ri e fala alto). Me excitava muito de estar com ela, de ser proibido e poder estar. Eu queria aquilo de um jeito... algumas pessoas me disseram: 'pô, isso é radical', outros disseram: 'pô isso é doentio' eu acho que é as duas coisas.(ri)

e o que mais te excitava?

Mais excitava...Mas, pulando tem aquele negócio da química... não vem me dizendo pois, 'pô você me completa intelectualmente, o cara, eu fico com o cara, mas esse cara, é uma cara grandão, desajeitado', dizia ela, né, 'ele é gordo, também tem uma barriga', entendeu, é difícil falar, 'você é muito mais homem do que ele, mas qualquer merda que ele faça eu fico ligada. Você toca, o jeito que você, tua língua, o seio, o toque, oralidade', só que qualquer coisa, o cara qualquer merda que ele faça, ela fica bem.

Ela se excita...

Se excita, agora aprendeu o que é múltiplos orgasmos, tal. Nunca, eu sempre quis transar anal, ela não quis né, e com o cara ela transa anal, tal

Isso tudo ela contou pra você?

É e eu ouvia, né. Parece que de certa forma eu queria...

Você queria ouvir...

É parece que sim, acho que sim. Agora parece que você tira, tira, ah, bom, outra coisa é que ela nunca conseguiu gozar ao mesmo tempo, tá, e ela sentia falta disso, e aconteceu uma vez só que pô... é...(silêncio). Aí só que é assim, se você for tirando, da fala dela, a pessoa que mais se dedicou a ela, na vida dela, fui eu. Que mais gostou, que mais amou, coisa e tal.

Esse cara, eu tenho 26 ele tem 29, né, parece que ele nunca tinha ficado com alguém, assim, no sentido de carinho, de sentir, tal. Na minha cabeça era um cara que tava preocupado com bimbar, ir pra motel, não tava preocupado com resolver família, porque eu tinha problema, sei lá, porque também não desiste também, sei lá, mas... pra ela, ela chegou a falar pra mim que parece um ursão de pelúcia, um ursão fofo, assim, queridão, tal. Porque quando a gente teve junto e ela tava enamorada desse cara, não tinha pintado nada de toque assim, isso que você falou, quando a gente se separou assim definitivo, foi quando com o lance da conquista, ela não suportava mais ficar comigo perto dela. Eu queria ficar e ela não suportava mais e daí sabe 'eu acho melhor que a gente não se veja, não quero ser machista mas eu prefiro que a gente não converse mais, e não quero te ver, eu preciso não te ver porque eu te desejo e te deixo muito mal, tal' (silêncio).

Foi no Carnaval, isso, daí a gente não se conversou mais por um bom tempo, até que ela me ligou, e aí, foi, foi, eu queria muito, nisso eu já tinha transado com outra pessoa, só que tinha sido esquisito.

Ah, bom esse cara não era assim do tipo... o filme preferido dele era "Os Caça-Fantasmas" ela falou pra mim, ela cagou na cabeça do cara também, não sei que prazer isso tinha pra ela, falar que ela era desajeitado, grandão, sabe, que tem um pau desse tamanho, tal, só que sai dela, entende, ai, é ruim ficar falando disso.

Aí ela contou que tava com esse cara...

É ela contou só que tipo assim, ela tinha esse troços com ele, só que não era tão forte como comigo, a intensidade, mas só que não era só isso que ela tava me chamando, pra estar junto comigo, ela tava precisando de alguém, de um afeto, tal, de estar junto. Que o cara não dava isso, o cara nunca dorme com ela, lá, passa uma noite com ela, que ele tem que voltar pra casa, pra casa da mãe dele, ela tem uma mãe lá, ele não dorme fora de casa.

Então o cara não tá muito a fim de assumir uma coisa com ela assim e ela tava muito a fim desse cara que ele assumisse alguma coisa com ela. Eu me lembro quando ela me falou, que ela cortou definitivo comigo, 'por que eu preciso saber o que você sente, tal', ela falou: 'eu quero assumir, porque eu gosto dele, eu não gosto de você, eu quero ficar com ele, eu gosto dele como eu nunca gostei'.

Isso foi...

No Carnaval, né, ela queria cortar, disse que gostava dele. A gente foi no cinema ver um filme de um lance de toque, o cara queria provar que ele podia não tocar, porque a filha dele tinha sido assassinada, tinha sido estuprada, o filme nunca diz que ela tinha sido estuprada, fica subentendido, talvez fosse ele porque ele tinha descoberto que a menina não era filha dele mesmo, foi cogitado, é um lance muito bem armado, o visual, muito sensual, os recortes psicológicos. Então a gente foi ver esse filme e no cinema eu tentava tocar a mão dela, e ela se esquivava. Ela queria até se casar de novo, ela dizia: 'não é a questão de que eu quero transar com muita gente, (fala muito baixo)

Eu só sei que no meio depois ela disse que não era bem aquilo, que ela queria uma pessoa pra ficar do lado dela e que ela queria me ver também assim como eu propus pra ela, porque ela tava a fim de mim também. E eu fiquei excitado que ela contasse pra mim, o que ia rolar, tal, mas só que não foi legal, porque à noite a gente foi dormir, nós transamos, tal e a gente ficou encucado de achar que ela estava traindo o cara, e estava mesmo porque o cara não tinha estrutura pra saber disso, suportar isso, e não podia romper, sei lá. Que não tinha condições, tal, se ele soubesse, ele dava um chute nela, tinha que ser um troço de muito segredo, nem meu filho...

Você vê, a gente no pretexto da gente ir pra casa, ela levou o nosso filho, o menino dormiu, eu falei pra ela: 'a gente tá junto, nossa casa, o nosso filho' e a gente ficou junto, né, ela não conseguia, aí de manhã a gente transou porque eu joguei muito com o verbal, com as palavras, assim. Comecei brincar com as palavras assim. Daí a gente transou mas ela; 'ninguém vai saber' aí na semana seguinte ela não me ligou, tinha ficado de ligar, e eu tava nessa de não querer entender mesmo, de saber lidar com a situação e daí isso me excita, só que também excitação demais eu morro, eu me destruo, isso eu escrevi pra ela queria te mostrar, uma homenagem a essa oscilação.

Só que depois disso a gente não se viu mais e eu comecei a pensar: 'eu preciso me valorizar mais', eu não quero que... ah, sei lá. (Silêncio).

Ficou muito fácil o troço pra vida dela assim, aí de repente senti uma carência... me senti usado, senti usado. Porque durante o enamoramento dela com o cara ela também não me dizia nada, eu tive de descobrir tudo assim. Porque a gente tinha esse trato, tal, se você ficar com alguém é só eu não saber, pô eu tinha de saber, ela estava apaixonada pelo cara, ela tava investindo, tipo assim, é... eu... ela dizia que a apresentação do coro não ia tá legal, que não valia a pena eu ir ver, mas não era isso. Ela tava a fim de ficar com alguém e eu achava que não precisava disso só diz, é suficiente pra saber de tudo, pra não atrapalhar mesmo sabe. Porque e se de repente eu fosse, ela não ia... porque de repente eu era até a fim de fazer uma surpresa pra ela, estar ali, tal, do lado.

Na primeira apresentação da Oficina de MPB eu fui, daí eu fui: ‘parabéns, foi bom, tal’ daí ela veio me deu um beijo e ficou sentada lá longe de mim, porque ela não queria que o cara visse que ela tava comigo, tal. Eu podia tá sabendo, que ela tava a fim de ficar com o cara. Porque você vê do jeito que ela me falou antes, era mais simples um troço assim que não tinha nada a ver, o cara era feio, tal. Depois até eu vi e não era feio não, Depois até eu discuti com ela: “pra que ficar dizendo que o cara era feio? Pra que ficar falando que o cara é isso ou aquilo? Você fala isso pra ele? É só pra mim que você fala? É pra você? Pra quê?”

Um troço culminante assim, foi que ela me chamou e disse que eu tinha um lugar na vida dela que nunca ia deixar de ter e eu assim, hoje, eu não sei qual o meu lugar na vida dela. O que foi bom pra mim, foi ter ficado depois com alguém, a primeira pessoa que eu fiquei depois dela, foi doido porque a gente ficou a noite toda transando, ficava conversando. Só que eu tive ereção, fiquei excitado assim, mas não consegui ter orgasmo. Foi meio cagada porque ela tava menstruada, aquele sangue pra lá e pra cá, aí eu, parece que era simbólico se eu ejaculasse dentro dela, assim, parece que eu ficava me segurando pra não, sabe. Parece que eu não queria ejacular dentro dela. Não sei o que deu essa noite assim, eu sentia que ela tinha orgasmo e tudo e a gente tava ficando e amanheceu, ‘olha passou tão rápido’ assim, mas não tinha orgasmo assim.

No fim das contas pra mim não sei se foi legal. E a gente brincou muito. Tinha muita coisa que achava legal, que eu fantasiava com uma mulher. De falar bobagem quando transa, de falar bobagem, palavirão mesmo, e vibrar muito assim, sabe, de falar, fiz tudo que me vinha na cabeça, só que não era uma pessoa que pra mim tinha um fascínio intelectual, como a Márcia tinha pra mim. Foi muito carinho, foi muito bom, muito carinhosa comigo, muito querida assim com o corpo todo mas não era o tipo de transa que faz tão bem, sabe. Ou será que ficou só naquilo que eu acho também. Eu sei que o beijo com ela não era como o beijo que tenho com a Nilva.

Isso foi em que época?

Foi no Carnaval. Depois da separação mais definitiva. Nesse meio tempo eu tinha deixado de estar em casa, eu fui dormir na casa de um amigo. Ela dizia: ‘podemos ficar junto, veja eu não tenho compromisso com o cara’, mas eu também via que eu ficava pra ela uma garantia afetiva, porque ela também não tinha certeza que o cara ia ficar junto com ela, então quanto mais ele se aproximava dela eu ficava menos na vida dela, menos importância,. Depois eu mandava carta, mandava carta e tal, deixava bilhetes, deixava sinais, e não vinha troca assim sabe. E tipo... pô ela me deixou sem cheque, sem dinheiro, porque ela tava trabalhando a semana inteira e eu tava cuidando do filho e da casa, sendo que não precisava ter acontecido isso porque eu podia ter continuado na minha cidade e eu falei pra ela: ‘vem pra cá, viva as coisas que você... né, precisa, você tá falando pros seus amigos como é bom ampliar, que não pode só ficar junto’ mas ela: ‘mas eu me sinto muito sozinha’ ‘mas você vai estar com seus amigos’ ‘mas você não me conhece’.

Ela pediu pra que eu ficasse durante a oficina de MPB, e todos os dias da Oficina ela ficou com o cara. E ela chegava em casa uma hora da manhã e tal, ‘ah, porque eu tou trabalhando’ ela dizia assim e eu ficava chateado porque ‘eu tou aqui, né, quero te ver, eu tava com saudades’, não foi um troço machista: ‘não, não vai trabalhar ou o caramba’ não precisa trabalhar porque vai ter um show, show é trabalho porque pra ela música é, mas é prazer também, ‘mas eu também tenho vontade de te ver’. Daí tudo bem. Aí chegava final de semana, ela queria jantar e almoçar na casa da mãe dela. Eu dizia; ‘ah, não, eu não vou’, né, a gente já tá se separando e uma das coisas que eu quero é não ter a obrigação de ficar tendo que ir lá domingo, tal. E foi assim, foi indo gradual, eu não precisava estar lá.

Eu sabia de certa forma que ela tava se enamorando de alguém, não sabia que era a mesma pessoa que ela tinha me falado, mas depois eu dizia: ‘você tá gostando de alguém, né?’ ela dizia: ‘não tou’ e eu dizia; ‘você tá’ e ficava quieto até que ela abriu o jogo, chegou um dia chorando porque tava enamorada do cara e não sabia o que ia acontecer e tal, daí eu falei: ‘pô’ aí eu me compadeci, né, porque tinha e tenho um carinho por ela, ‘o que te acontece, me conta que isso vai te aliviar’ ‘ah, é

assim, assim, eu tou gostando dessa pessoa e eu não sei, tenho medo' e olha uma, duas, três vezes que a gente falou 'vamos separar' fui eu, e cada vez que eu falava ela chorava. Então eu fiquei muito confuso, sabe, com essas coisas. Muito confuso. De mostrar pra ela que gostar é um negócio que passa, é de pela mas que passa também. Só que depois eu não tinha mais significado na vida dela, depois.

Ah, e... bom. No Carnaval, voltou o argumento químico. Então tinha sido uma coisa que ela tinha que desfazer comigo, né, pra dizer que não foi daquele jeito que eu escrevi, mas ao mesmo no Carnaval, voltou aquilo 'não a gente não fica junto porque tem alguma coisa que não...' só que a esta altura ela não tinha nem beijado o cara. Mas a atração, talvez o cheiro, sei lá, qual era a explicação que ela me dava. Em última instância, hoje, a gente não tá junto porque.... do cheiro do meu corpo e do gosto da minha boca. (Silêncio)

Pelo que você me disse a decisão de não se ver mais foi tua...

É. Foi até essa última que daí ela 'eu não sei eu não tou preparada, vamos viver as coisas'. Porque eu pensava tipo... que a gente ia ser amantes, sabe (ri). E isso era emocionante, era excitante. Ao mesmo tempo eu não tava só encanado na relação sexual com ela, porque eu já tinha descoberto outro tipo que era com a Ana tal, e eu tava vivendo... só que de repente a Ana se apaixonou por mim, e aí eu não consegui mais ficar com ela porque ela me pediu em namoro, assim, quase, né, e (ri) me pressionou pra ficar e eu não tava a fim daquilo e daí a gente deixou.

Você não queria o compromisso...

É. E ainda não tou muito. Agora tem a terceira etapa que foi a Nilva que foi um troço muito doido na minha vida. Foi mais doido que qualquer coisa na minha vida.

Eu tenho contado algumas coisas pros meus amigos.

Eu acho que esse negócio de ficar lidando com as palavras...acho que eu tenho fixação oral. É eu adoro isso de beber, fumar, sexo oral, falar, comer, nossa eu sou voraz, mas tem uma coisa com isso, não sei. Acho que nunca se esgota a explicação. Eu tenho necessidade de falar, sabe, às vezes eu me dou mal com isso. Acho que é mais o jogo das palavras, jogar com as palavras me excita.

Aí o lance todo com a Márcia foi isso. Aí chegou um dia que eu tive lá, antes de conhecer a Nilva, pô também a Nilva eu conheço faz uma semana. Estamos namorando, pode se dizer (ri). Não sei mais o que é isso.

Mas com a Márcia, logo depois que a gente transou, aquela manhã, aí ficou aquele clima assim de cumplicidade, tal, um troço que eu gostei, daí eu escrevi uma carta, né. Fiquei dois dias escrevendo uma carta. E liguei pra ela na semana posterior, só que ela ficou de me ligar, não ligou, fiquei esperando que ela ligasse, tenso pra caramba e eu liguei e quando liguei ela tava com o namorado lá, e daí a gente ficou fingindo que era uma outra... fazendo uma conversa assim. Daí por um lado me excitou mas por outro senti: 'pô, mas que bosta, né.' Aí ela disse eu te ligo em Campinas, daí nessa noite eu tive um pesadelo. Sonhei assim que tava eu com ela esperando no terminal de ônibus e que chegou o ônibus, e que a gente tinha ficado entrado no ônibus e que tinham dois lugares vazios no ônibus, e quando vi ela não tinha entrado, e tinha gente sentando nos lugares, daí o ônibus começa a andar e eu falava pro cara assim: 'pô, minha mulher ficou, né, minha mulher ficou' mulher, eu já não falo, já não chamo assim ela de mulher, só aí eu chorava.

E na rua tinha um lance, a gente tava no terminal e não se podia andar de mão dadas, na rua, do jeito que a gente tava inventando de fazer não tinha jeito assim, tava muito ruim, tipo assim ia ser um lance muito, muito proibido, ninguém ia poder saber, nem o nosso filho, enfim...não ia poder se tocar, ia ter que ficar inventando estórias, porque se alguém soubesse ela não ia estar segura pra estar fazendo aquilo e daí eu não ia conseguir o que eu queria que era tá fazendo aquilo com ela, eu também... só que eu contei pra um amigo meu que eu tinha um maior convívio, não tinha como não contar. (Silêncio)

Só voltando um pouco ao sonho, a sensação é que os lugares tinham sido tomados e ela ficou...
Só que a sensação mais forte do sonho é a de que eu saio, quando eu parar, eu volto pro terminal e ela pode não estar mais ali, não tem um telefone pra trocar, a gente não...Ah...

Por isso você chamou de pesadelo?

Por causa disso, eu acordei chorando, 'eu não vou encontrar mais, não vou encontrar mais e não tenho segurança de que ela vai estar ali, vou chegar ali e ela pode ter pego outro ônibus', e mais ou menos isso que acontecia porque eu não sabia se ela tinha me ligado na casa do meu amigo, enquanto eu não tava lá, aí ligou e eu não tava, eu tentava ligar e não a encontrava, porque foi uma semana que o pessoal saiu pra viajar, nosso filho foi pra praia com a família, seria uma boa oportunidade da gente tá junto mas daí ela opta por ficar com o cara. E aí isso me agrediu bastante e aí eu disse; 'agora chega'

E você me disse antes que tinha tido um pesadelo nessa noite. Tem a ver com isso?

Ah, é. Deixa eu me lembrar. Foi, foi. Sonhei com a Nilva, então que as coisas que eu tinha sentido, porque daí eu entrei numas assim de, puta merda, eu preciso saber se dá química, né. Eu preciso saber, porque daí eu tenho de dizer pra pessoa: 'não, não fique comigo se você não gostar de estar comigo', mas foi diferente a Nilva tem orgasmo só da gente se beijar. A coisa mais linda do mundo. Dela dizer; 'poxa, você tá tão presente no teu beijo que eu penso que posso ter um orgasmo só da gente tá se beijando' a gente foi se beijando, se beijando, ficando legal, ficando legal, e gozou só me beijando, cara, daí eu, puta, eu fui pra outra galáxia assim, não sou eu ter orgasmo, mas só de estar na presença daquela mulher, inteira assim ali, foi pra mim um troço tão doido...

Parece que com a Márcia você se sentia inseguro...

Bastante inseguro, veja eu me perdi como imagem de homem, né. Foi a única pessoa que tive, que eu não consegui fazer ter prazer comigo.

Ao mesmo tempo você disse que ela falava que nunca teve prazer como com você...

É muito contraditório. Porque você veja, ó o tesão que me dá. Porque ela é uma mulher com todas as suas repressões, tá, com toda a educação que tem onde as pessoas mal se beijam, que teve de romper um monte pra poder tá se separando de mim e estar ficando com o cara, eu respeito isso nela, como mulher, sinceramente, eu já falei isso pra ela, se você acha que minha boca no teu seio vai te agredir, eu não vou te tocar, mas deita aqui que eu te cuido.

Uma vez ela chegou em casa às cinco da manhã que ela tinha ficado conversando com o cara até às cinco, daí ela foi pra casa porque ela achava que podia estar melhor acolhida comigo do que se ela fosse pra casa da mãe dela, que não ia entender ela chegar e eu ia entender, eu me senti muito homem por isso também. Pode alguém me falar: 'pô, você se auto-agrediu' pode eu ter me auto-agredido, mas por outro eu tava querendo provar quão homem eu era também. E ela tentar e ficar pra conversar. Só que por outro eu queria dizer também: 'veja como eu sou, veja como vale a pena ficar comigo também, né. Também posso ser um troço legal pra você, porque eu quero ficar com você'. Então também eu não queria ser só amigo, eu queria mais. Agora, eu fui capaz, eu fui capaz de ser carinhoso com ela nesse momento e de certa forma apoiar; 'viva, você não tem que se preocupar com a sua família, você é mulher, a gente tá aqui nessa terra é pra ter prazer mesmo', agora, por que não ter prazer comigo também, né. Foi talvez uma tentativa desesperada, mas também me ajudou a crescer.

Só que daí, veja bem como que me excita e me deixa muito maluco de mulher dessas ter a coragem de me chamar pra dormir na cama dela, pô tem algum, eu tenho algum lugar aqui. Que não é qualquer um.

E ela falava de brincadeira, no jeito de falar, sabe, e isso pra mim é um puta desafio, um puta fascínio. Esse jogo de conquista me fascina, me excita, e é poético, são as palavras que estão em

jogo e ao mesmo tempo ela me achava bonito e tal, 'use isso' eu dizia pra ela depois, 'pense no quanto de prazer você pode ter comigo, não no tanto de prazer que você pode me dar' né, isso é muito machista e muito religioso ao mesmo tempo, né. 'Pense que você pode ser feliz' eu falava. Da rigidez do meu corpo que ela gosta, né, da musculatura, da rigidez do meu corpo e da flexibilidade do meu pensamento, da mobilidade da minha pélvis e da firmeza do meu caráter, né, 'pense em tudo que te faz bem em mim', por que não 'se quiser, faz de conta que eu sou menino, me leva pela mão, me conduz, me põe aonde você quer, aonde você deseje, brinque comigo, se quiser faz de conta que eu sou adulto, brinca de fazer aquilo que eu quero também'. Acho que eu tentei, né. *(Chora muito)*

Parece que essas palavras que você dizia tinham um significado muito grande pra você mesmo...

É, é isso. Tanto é que ela é muito seletiva naquilo que ela ouve e o que eu falo, muito seletiva. Então fica uns sinais, volta e meia ela me devolve uns sinais 'pô, você não é o tipo que menospreza'.

Ah, eu não te contei o que eu fiz depois do Carnaval, ela pensou que eu tava pirando, porque eu peguei tudo o que eu tinha mandado pra ela, tava lá numa caixa, aquilo que eu mandei, eu falei: 'pô, não existe mais isso, não quero que fique como troféu', rasguei tudo, tudo, tudo, fiz um bonecão de papel assim em cima da cama, do meu tamanho, assim Um troço significativo. A única coisa que eu deixei inteiro foi aquele trecho de Dostoiévsky, "por que as pessoas se fazem de intratáveis". E escrevi atrás assim: 'por que as pessoas demoram tanto pra dizer mais do que as verdades dos corações. E que ódio eu tenho de mim' e manchei de sangue.

Foi um troço maluco, (ri), mas foi maluco mesmo.

Eu cheguei a pensar em suicídio, muito forte. E ela não queria conversar comigo, não queria conversar. Sabe, eu tava frágil, frágil, frágil, frágil, chorar, me bater, me unhar, nunca era eu mesmo. Sabe, de não agüentar e sair pra rua quatro horas da manhã, atrás de qualquer coisa, de me masturbar no meio da rua, no meio da rua. Parece que tinha uma energia assim, sabe...

Tanto que na noite em que eu fiquei com ela, fazia muito tempo que a gente não ficava junto(silêncio), essa noite eu chorei muito, era da música entendeu, tocava Chico, coisa e tal.

Então, ela não conseguiu transar, transar mesmo, me fez um carinho, assim, mas ela me fez o carinho e eu continuava excitado com aquilo daí ela dormiu e eu fui me masturbar de novo na cama, eu tava excitado e daí no outro dia de manhã a gente transou. Parece que tinha que descarregar uma energia corporal, sabe. Com a Márcia foi isso o tempo todo. De ficar excitado, daí o troço não vai pra frente e daí querer subir pelas paredes, daí de repente a gente se masturba e não satisfaz, não se satisfaz. Uma, duas, três vezes no dia e não se satisfaz. Isso não me deixava mais relaxado.

Tem um lance pra mim assim, no sexo que eu não sei se todo homem é assim, mas eu tenho muito, muito prazer de ver ela tendo prazer. Assim me excita e faz um bem danado. Sabe, que tanto é que no fim eu nem ligava, acabava não ligando muito que ela fosse tão ativa porque, quando eu via que ela tava excitada, eu ficava tão excitado, o corpo fica assim meio elétrico de ver que ela tava excitada. Então tem o lance do verbal, tem o lance do visual também. Que me faz bem, me excita. (Silêncio) Então me fazia bem e isso na masturbação existe.

Um dia desses antes de eu conhecer a Nilva, então, eu tive lá na casa dela, e eu já tinha ligado pra ela e dito que não que achava melhor que cada um sentisse as suas faltas, suas perdas e cada um que lidasse com isso, daí bom 'você me faz falta' então, por que não te ter também por que não, você também faz falta por que não ficar com você, né.

Olha, eu não sei, é isso aí mesmo, ser amante da própria mulher, e curtir com isso, não sei se foi pra mim uma tentativa desesperada porque foi a única pessoa que eu realmente tive pra mim, se foi uma tentativa de romper com esse lance de modelo de família mesmo, não tem como avaliar, tentei já. Rolava na minha cabeça o negócio do jogo, de jogar uma carta que pode servir.

E agora eu quero ser isso, sabe. De uns tempos pra cá eu tive muito isso, agora eu quero transar com todo mundo, com homem e com mulher, entendeu e ... e.... não mato ninguém mas transar com quem der e por enquanto só teoria, né, só vontade mesmo. Até fiquei assim, muito angustiado

mesmo, muito cheio de falar de mulher, de sentir, achando que tinha mais é que lutar por tudo isso mesmo e não sei se é.

Você teve relacionamento homossexual?

Tive, tive. Agora recente. Olha eu tive um lance assim. Eu sempre tive curiosidade, sabe, de como é que é chupar um pau por exemplo. No meu eu não alcanço (ri). É mais ou menos assim. E como é que é dá a bunda. Como é que é?

Você não tinha tido nenhuma experiência quando criança ou adolescente?

Nunca, nunca. Vich! Ah, uma vez eu tive um troço parecido com isso, com um amigão meu assim, que era bem mais velho, mas a gente ficava conversando muito sobre mulher e quando eu tinha assim uma namoradinha. E um dia a gente foi dormir na casa de alguém pra cuidar, onde a gente morava tinha isso, quando alguém viajava. E aí a gente aproveita que tem revista, vídeo-game esse troço, então é um acontecimento assim de adolescente, cuidar da casa de alguém, e numa dessa com alguém mais velho foi o mais próximo que eu tive foi... a gente conversava sobre mulher e ele ficava me contando, eu nunca tinha transado com ninguém, e como é que seria e tal e daí ele falava assim: 'ó, eu tou de pau duro só de falar nisso' e eu também, né. E um mostrava pro outro, né. Eu sei que numa dessa, de noite eu pensando naquilo, aquela energia, né, mas tinha aquele lance de adolescente católico, aquele estilo, né. Aí não sei se dormindo ou acordado, na cabeça dele ele tava dormindo, ele pegou em mim. Aí foi um troço que bastou ele pegar pra eu... pchiiii, ejacular assim. E eu encuquei bastante com aquilo, né. Ah, eu tenho que me confessar agora mesmo (ri). Não mas não fui (ri).

Agora assim, mesmo numa relação com uma mulher eu me sinto muito feminino. Eu me sinto bastante feminino. Não sei como explicar a palavra, porque eu gosto de fazer as vezes, sabe, não que quer ser mulher, né de ser feminino, de ter muito carinho, de ir muito devagar, de tocar de leve, de ir brincando, de beijar de leve, assim, sei lá, de gemer mesmo, de ficar, de falar, de suspirar, sei lá, de gingar. Não sei se é a palavra certa isso, mas eu gosto, é o meu jeito de transar. Com a Márcia eu era muito assim, muito mulher pra ela, assim. Então eu tenho curiosidade de nunca transei com um homem, né. E daí, um dia com um amigo, assim, amigão mesmo, entendeu. E ele também muito cheio disso. Ele também é muito cheio das curiosidades, né, de achar que vale tudo, que vale com todo mundo, de querer transar grupal, de transar com a prima, com a irmã da mulher dele, e não chegou a cumprir, esse é um cara também que...daí eu falei, 'ah, eu acho que nós vamos acabar transando nós dois', né e a gente tava meio aéreo de tomar cerveja, e a gente tinha fumado também um tanto, e eu tava empapuçado aquela noite, aí, a gente foi e tal.

Ele não gostou muito, mas, o que a gente fez? A gente se beijou, mas era machucava assim, a barba assim, não foi um troço muito gostoso. E eu chupei o pau dele, até ele gozar na minha boca. E foi o que foi. Depois... só que daí a troca, daí quando chegou a minha vez, daí ele não quis daí eu falei: 'sei lá', não encuca' eu tava mais a fins, tinha mais curiosidade de eu fazer um lance passivo do que eu ativo, porque com mulher o ativo é muito melhor, não sei.

Você queria que ele fosse ativo com você e não aconteceu...

É, Depois eu me masturbei no carro. Eu era a fim dele me penetrar, eu tenho uma sensibilidade no ânus que é um troço, mas ele não quis. Com mulher eu gosto muito e a gente encuca você fala isso assim, fala: 'é mas tá acostumado, se gosta né', pô mas se gostar... Só que é racional. Muito racional, o discurso. Faz tempo que eu falo o que quero, o que penso, que transar homossexualmente pode ser um troço bom, que não tem nada a ver. Agora fazer é outra coisa. Só que não foi um troço de peso pra mim, não sei se foi um troço de peso. Ele ficou todo assim, alugado, tal, ficou muito, muito encucado, 'porque agora eu vou passar a me vestir de mulher e me chamar Lola', não sei o que, 'já tenho um nome de guerra'. O que será isso, né? Porque ele tinha muito medo de gostar, tal.

O que será isso, será que é um negócio que vai mudar, tal. E eu já tava usando brinco nessa época. Sei lá, também pra mim fazia um tempão que eu não transava com ninguém e energia assim, e me excitava saber que era diferente, excitava ter que transgredir porque era o amigo, mas não voltou a transar mais, né. Nem chegou a ser transa. Só que então ficou assim, eu me masturbei. Só que na hora que eu gozei na frente dele me masturbando, ficou um vazio assim, um troço... aí ele falou: 'não sei, não fez muito a minha cabeça, tal'. Mas também não sei, não sei. Ele também nunca tinha experimentado, não sei.

E depois disso foi com a Nilva, né.

Aí eu achei legal o lance assim, do jogo, porque qual é a gente diz que faz tudo, que topa tudo, mas tem algumas coisas que não rompe de jeito nenhum, né. Então é isso, eu tou... é complicado. É complicado. Tem gente que falou pra mim: 'não tente romper com isso que você vai entrar em psicose' porque eu fiquei com uns negócios aí e 'porque você não é esse homem que você quer ser, é um lance muito perigoso, então veja, não sei o que'. Essa moça que me falou faz até psicanálise sabe, é esse negócio de ser estruturado e não conseguir sair muito disso. E eu não sei, não sei qual é a minha. Me assusta, eu sei que não é fácil, que não é resolvido, eu tenho muito claro que eu não sou um cara resolvido, eu tenho muito claro que não sou resolvido sexualmente e tal. Que eu não vou atingir um patamar de tranquilidade onde eu vou estar seguro com relação a mulher ou homem ou qualquer relação. Que eu vou estar inseguro mesmo. Que eu vou estar adolescente mesmo.

Isso está muito forte, mas esse negócio de fronteira, de você extrapolar tem que quebrar e não conseguir voltar eu não... não existe isso. Você vê esse negócio de eu ter transado com um amigo, não me impediu de estar transando com a Nilva depois, né. Não me impediu de me apaixonar por ela. Não me impediu de continuar gostando dele demais. E tem um lance com ele que é muito legal, assim, de irmão, de gostar de estar ali, de gostar que o outro esteja bem, não tem uma cobrança.

Você vê, e um treco esquisito, não é uma paixão por ele, de casar com ele, de namorar, o que aconteceu foi um lance muito lúdico, na minha cabeça foi muito lúdico assim, de transgredir e tal. Quase uma extensão de tudo ali, de fumar e estar fazendo uma coisa proibida.

Tem algo que você gostaria de ter sentido?

Sim, sim, só que isso concorre comigo, concorre. Assim tipo, a gente sempre fantasia de transar nós dois com uma mulher, eu e ele, né. Eu nunca fiz. Ele já fez alguma coisa parecida com isso. Foi o que rompeu com o casamento dele. Só que o que ele conta é se alternando com a menina, e eu não sei se é assim mesmo. Então, sei lá. Me dá vontade, mas tudo me dá vontade. Tudo é possível na imaginação e daí pra concretizar? É por aí que eu tenho receio, é querer e também ter vontade de tomar cuidado. É querer e também não se expor, porque também se a gente se expõe demais... O que eu vou fazer com isso, né?

Mas a gente é pansexual mesmo, não é? Eu não sei, agora falar é uma coisa, fazer é outra. Enquanto eu fiquei com a Ana eu não fiquei com ninguém. O lance de loucura com meu amigo também foi uma coisa assim... foi... ele nem fala mais nisso, tal, isso é um troço que eu queria falar, eu penso muito nos meus pais, tal (ri), sei lá, eu não quero que saibam disso, não quero mesmo.

E agora o lance de todo esse envolvimento com essa menina, a Nilva, eu tou apaixonado. E ela tá tão entregue, tão inteira comigo, e isso me faz tão bem, eu também tou tão inteiro com ela que eu não tou a fim de deixar de estar inteiro, sabe. Deixar de estar transparente. E daí eu tenho medo. Tenho medo de ficar com alguém e ter que falar pra ela, sei lá, e daí como é que eu vou ficar, eu não vou estar tão inteiro, eu não vou gozar tanto.

Isso joga, eu vou te falar uma coisa. A dança que a gente é, que a minha cabeça está é que eu quis romper um pouco o ciclo da minha sexualidade agora. Por um lado tem essa coisa de eu me ver, desejo, excitação, de jogar com todos os papéis, e com várias pessoas e tal e outra tem um lado também, existe uma coisa dentro de mim, que é o meu desejo de alguém, pleno, pra quem eu seja a pessoa mais importante. Por mais que não seja um, mas pra quem eu seja o principal, sabe.

Então pra ser sincero realmente, quando eu digo pra você que eu não tou resolvido, isso faz parte de mim, eu quero ser muito importante para alguém. E essas coisas, elas concorrem em mim. Pela minha sexualidade, né. E eu vou ficar um tempão com isso, na minha cabeça, não sei, hoje eu gasto muita energia com tudo isso.

O acordo que eu tenho com a Nilva, é uma coisa de estar sempre renegociando. Hoje está junto, se amanhã vai estar a gente vai ver de novo isso. Mas acho que existe a expectativa dos dois lados, dela e minha. Foi muito bom ter ficado junto, o jeito que ela gosta de mim, eu nunca tinha tido essa experiência com a Márcia. Ela é bonita, mais do que a Márcia, eu gosto disso. Ela é divertida, eu gosto. E ela mostra que está apaixonada e isto me fascina. É o lance de olhar, de olhar. E o beijo. (Silêncio) e pô, ter orgasmo pelo beijo... sabe, meu corpo pra ela faz bem, é uma coisa de narcisismo isso. Então, não sei, eu ando meio flutuando. É mais ou menos isso (ri).

Tem mais alguma coisa que você queria falar?

Eu fiquei imaginando como seria essa entrevista. Eu falei: 'pô, uma mulher que trabalha com isso, ela deve viver também uma sexualidade toda, assim... mais liberada, mais completa e tal, eu sou tão careta, sou tão... as coisas que a gente vive são tão reprimidas, né. E dá uma puta insegurança de te ver, de se ver e mostrar o homem que você é, que nem sempre é o homem que as pessoas imaginam que você é, tá. E perante alguém que não vai estar se mostrando também, né, que faz parte. E uma coisa assim de ficar nu mesmo. É uma coisa que te deixa assim, tenso. Mas no decorrer foi muito bem, no fim eu acho que as coisas que eu tenho pra dizer tem alguma coisa pra contribuir, que faz bem. E de eu crescer. Até esse negócio de eu te enfrentar (ri), né? Porque de repente tem uma figura de mulher que você representa pra mim, não é uma figura qualquer, é uma figura importante de mulher, e isso me faz bem como homem.

BIBLIOGRAFIA

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. 2. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. Introd. à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1988.

ARIÈS, Philipe, DUBY, Georges, **História da Vida Privada**. Da Europa feudal à Renascença Vol. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BEAINI, Thais Curi. **À Escuta do Silêncio**: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

BERNARDI, Marcello. **A Deseducação Sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2.ed. São Paulo: Moraes, 1974.

BRUNS, Maria Alves de Toledo, GRASSI, Maria Virgínia Filomena Cremasco. A Face Oculta da Sexualidade Masculina. **Revista Viver Psicologia**, São Paulo, ano 3, nº 26, p.20-21, out./nov. 1994.

_____, _____. Mulher e Sexualidade: o desejo da continuidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, vol. 4, nº 1, p.88-103, jan./jun. 1993a.

_____, _____. A Liberdade Sexual Feminina: o fardo e a leveza. **Revista Viver Psicologia**, São Paulo, ano 1, nº 11, p.25-27, jun. 1993b.

_____, _____. Sexualidade: Discurso do Corpo? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, vol. 2, nº 1, p. 79-92, jan./jun. 1991.

_____, _____, FRANÇA, Carlos Alberto Vidal. Educação Sexual numa visão mais abrangente. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, vol. 6, nº 1, p. 60-66, jan./jun. 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**. Essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORNEAU, Guy. Paternidade e Masculinidade in NOLASCO, Sócrates (Org.) **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

COOPER, Arnold M. O que os homens temem: a fachada da ansiedade de castração in FOGEL, Gerald I. et et al. **Psicologia Masculina**. Novas perspectivas psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

COSTA, Jurandir Freire. **A Face e o Verso**. Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

DARTIGUES, André Dartigues. **O que é Fenomenologia?**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda. A Psicologia em Husserl - Um Caminho para uma Psicologia Transcendental. in FORGHIERI, Yolanda Cintrão (Org.). **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984. P.123-130.

FARRELL, Warren. **Por Que os Homens São Como São**. A Dinâmica Masculino/Feminina Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

FRANÇA, Carlos Alberto Vidal. **Psicologia Fenomenológica: Uma das maneiras de se fazer**. Campinas - SP: Unicamp, 1989.

FOGEL, Gerald I. et al. **Psicologia Masculina: novas perspectivas psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund (1905, 1912). **Obras Psicológicas: antologia organizada e comentada por Peter Gay**. Vol VII e XII, Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GIORGI, Amedeo (Org.). **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

_____. **A Psicologia como Ciência Humana**. Uma abordagem de base fenomenológica. Trad. de Riva S. Schwartzman. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

_____, FISHER, F., VON ECKARTSBERG, R.. **Dusquene Studies in Phenomenological Psychology**. Vol. I, Pittsburgh: Duquesne University, 1971.

GRASSI, Maria Virgínia Filomena Cremasco. As perspectivas do relacionamento conjugal. **Revista Viver Psicologia**, São Paulo, ano 4, nº 44, p. 11-13, jul./ 1996

- _____, BRUNS, Maria Alves de Toledo. Sexualidade Masculina: Misterioso Silêncio. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, vol. 6, nº 2, p. 243-257, jul./dez. 1995.
- HIGHWATER, J. **Mito e Sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- HITE, Shere. **O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina**. 4 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. **O Homem Sexualmente Feliz**. Do mito à verdade científica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LYOTARD, Jean-François. **A Fenomenologia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- MARTINS, Joel. Contribuições da Fenomenologia à Psicologia Clínica - Imaginação e Fantasia. In: FORGHIERI, Yolanda Cintrão (Org.). **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984. P.131-143.
- _____, BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. Fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, EDUC, 1989.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- NOLASCO, Sócrates (org.) **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético**. Filosofia e Poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986.
- PARKER, Richard. A Sexualidade do Brasileiro é Ambígua. *Revista Marie Claire*. Rio de Janeiro: Globo, nº 37, p.64-65, ab./ 94.
- PERSON, Ethel S. A Mulher Onidisponível e Sexo Lésbico: dois temas de fantasias e o relacionamentos deles com a experiência evolutiva masculina in FOGEL, Gerald I. et al. **Psicologia Masculina**. Novas perspectivas psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- POMMIER, Gérard. **A Ordem Sexual**. Perversão, desejo e gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

- RADICE, Março Lombardo (Org.). **O Último Homem**: confissões sobre a crise do papel masculino. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RIBEIRO, Marcos. Conversando sobre Sexualidade Masculina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, vol. 2, nº 1, p. 35-37, jan./jun. 1991.
- ROUSSELE, Aline A. S. **Pornéia**. Sexualidade e Amor no Mundo Antigo. Trad. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RUBEN, Guillermo Raúl. Feminismo empurrou a um repensar da identidade masculina. **Jornal Correio Popular**. Campinas, 22 de agosto de 1993. Caderno Estilo, seção Toque, p.2.
- SAYÃO, Rosely. Não existe garota fria, existe garota mal-esquentada. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 de maio de 1996. 5º Caderno, Folha Teen, p. 5-1 e 5-3.
- SUPLICY, Marta. Como se forma a identidade de gênero? in Org. ABC das Sociedades e Grupos de Estudos Psicanalíticos. **Em Busca do Feminino**. Ensaios psicanalíticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VALLE, Ronald S., HALLING, Steen. **Existential-Phenomenological Perspectives in Psychology**. Exploring the Breadth of Human Experience. New York: Prenum Press, 1989.